

RUTH LEFTEL

**A Comunidade Sefaradita Egípcia
de São Paulo**

Tese de doutoramento apresentada
à Área de História Social do
Departamento de História da
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Nachman Falbel

São Paulo, maio de 1.997

Introdução	1
Os Primórdios da Comunidade Judaica no Egito	11
O Passado Glorioso	38
Antecedentes Políticos do Êxodo Contemporâneo do Egito	65
O Êxodo em Massa - A Imigração a São Paulo	97
Os Primeiros Anos na Nova Pátria	116
O Renascimento de uma Comunidade	130
Integração e Aculturação	142
Os Sefaraditas Egípcios: Diversidades Culturais	164
Sefaraditas ou Judeus Orientais?	183
Conclusão	188
Apêndice Documental	199
Fontes Primárias: Manuscritas, Periódicos e Orais	230
Referências Bibliográficas	
- Periódicos	234
- Livros, Artigos e Teses	236

AGRADECIMENTOS

Nenhum agradecimento seria suficiente para saldar minha dívida para com o Prof. Dr. Nachman Falbel, meu orientador, pelos sábios conselhos, por seu interesse humano sincero no meu trabalho, pelo rigor intelectual e pelas correções e pela compreensão e encorajamento, ao longo de cada etapa da elaboração deste trabalho. Sua orientação e sugestões úteis foram inestimáveis para a elaboração do mesmo.

Estou particularmente grata à Prof^ª. Dr^ª. Rifka Berezin. Meu débito intelectual para com ela, acumulado ao longo dos anos é incalculável. Sem seu infatigável incentivo e generoso apoio moral (quando sentia-me incapacitada de escrever como gostaria), certamente não completaria este trabalho.

Quero também apresentar meu agradecimento à minha colega e amiga de muitos anos, Nancy Rozenchan, pelo impagável estímulo e pelo caloroso feedback que tem me reservado e também a Eliana Langer e Ana Spitzkowski pelo carinho e úteis sugestões.

Tive a felicidade de contar com o nobre auxílio da Congregação Mekor Haim, na pessoa de seus então Presidente e Vice-Presidente Srs. Cláudio Leon e Ibram Salama que gentilmente convidaram-me a participar da

Décima Terceira Plenária da FESELA (Federação Sefaradita Latino Americana) em Buenos Aires, onde pude entrar em contato com estudiosos do "sefaradismo" e obter suas publicações sobre o tema.

Desejo agradecer à Sra. Midory Kimura Figuti, Diretora do Departamento de Amparo e Integração Social e do Centro Histórico do Imigrante, da Secretaria do Trabalho e da Promoção Social do Estado de São Paulo, pelo paciente auxílio e gentil e interessada cooperação.

Estou também imensamente grata ao Prof. Dr. Abraham Pack, Diretor do "American Jewish Archives" de Cincinnati - Ohio e a seus assistentes e ao pessoal da "Klau Library" do Hebrew Union College (que é a mais completa biblioteca judaica dos Estados Unidos) pelo paciente auxílio, destacando a pessoa da Sra. Aida Cohen Selavan, por seu interesse especial. E ainda meu reconhecimento aos muitos membros anônimos, do pessoal da Butler Library e Teachers Library da Columbia University e da Public Library, de Nova Iorque.

Fico comovida ao pensar no tanto que devo aos meus imigrantes - entrevistados, os quais, em abrindo seus corações e suas mentes para mim, proporcionaram-me a alegria que gratificou-me nestes anos de pesquisa. Devo agradecimentos especiais ao Sr. Ibram Salama que repartiu sua longa vida comigo, recordando por vezes episódios dolorosos e ao Prof. Dr. Jacques Marcovici, Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária

da Universidade de São Paulo, que encontrou tempo e paciência para responder amavelmente as muitas questões que lhe apresentei, surpreendendo-me com seu entusiasmo que tornou as entrevistas mais gratificantes. E ainda ao Dr. Israel Klabin, ex-Prefeito do Rio de Janeiro e ex-Presidente do BANERJ que teve importante atuação, junto ao Presidente Jucelino Kubitschek, à época da imigração e que forneceu-me gentilmente dados indispensáveis do período.

Devo muito à amiga Fathia Nordon de Gouveia que trabalhou incansavelmente e sempre de bom humor e disposição, para colocar meu incompreensível manuscrito nos disquetes e para repassá-lo pelas revisões.

Os débitos nos quais incorro, no curso da minha pesquisa são intelectuais e morais, mas tenho um débito financeiro para com a FUNDUSP, pela bolsa BID (sandwich) que possibilitou minha viagem aos Estados Unidos, para pesquisar nos arquivos e Bibliotecas que menciono nas fontes, a seguir.

Por último, minha gratidão a meus filhos: Meir, Talli e Tamy e ao meu companheiro Guaraci, está além da possibilidade das palavras, por seu constante encorajamento, interesse e respaldo, em momentos difíceis.

Estou feliz em poder concluir este trabalho, cuja temática merecia ser estudada e conhecida e com satisfação submeto-o à ponderação e ao julgamento de minha banca examinadora.

INTRODUÇÃO

Para conhecermos a comunidade sefaradita egípcia de São Paulo, teremos que examiná-la primeiro no contexto das modificações que ocorreram no Egito, principalmente durante o século passado e o presente, quando ocorrem na região importantes modificações sociais, políticas e econômicas.

As comunidades judaicas do Oriente Médio, “eram” (porque quase não existem mais). os mais antigos estabelecimentos judaicos contínuos no mundo. Por mais de 2.000 anos, judeus habitavam continuamente na área que se estende do norte da África até a antiga Pérsia. Durante todos estes séculos eles adquiriram certas características étnicas e modelos sociais que os mantiveram distantes de seus correligionários asquenazitas¹. Eles

¹ Em gen 10:3, temos como filhos de Gomer (que é filho de Jafe): Asquenaz, Rifat e Togorma; e em I Cr. 1:6 consta exatamente o mesmo. Asquenaz seria um povo e um país beirando o Alto Eufrates e a Armênia. O nome Asquenaz (Aškenaz) aparece também, uma vez apenas, em Jer. 51:27, convocando os reinos de “Ararat, Meni e Asquenaz” para destruir a Babilônia. O fato de Asquenaz estar mencionado entre os reinos de Ararat (ou Uratru) na Armênia e Meni, ao redor do lago de Van, na mesma região, sugere que no período bíblico, Asquenaz também, situava-se na mesma região. O elo do nome com a região que representaria, perdeu-se e na literatura rabínica medieval o nome foi usado para designar a Alemanha. Era a denominação da primeira área de povoamento relativamente compacto de judeus no Noroeste da Europa, inicialmente às margens do Reno. O termo denotava em seu sentido mais restrito a Alemanha, o judaísmo alemão e os judeus alemães (asquenazitas). O termo no entanto, desenvolveu uma conotação mais ampla, indicando todo o complexo cultural judaico asquenazita que emanando da Alemanha e norte da França, expandiu-se para a Polônia-Lituânia e modernamente, abarcando todos os estabelecimentos judaicos do mundo, cujos membros compartilham suas idéias, modo de vida, costumes e instituições sociais.

desenvolveram sua comida judaica própria, sua música e sua maneira de estudar a Torá² e a Halakha³. Naquele meio forjaram os mecanismos legais para a sobrevivência judaica e projetaram um complexo de instituições comunais e sociais que simulariam a "nacionalidade" judaica, muito tempo após a destruição de seu território nacional.

A belicosidade e a polêmica entre os países árabes e Israel (a partir do final da primeira metade do atual século) não deve permitir que se ignore, ou distorça, quase um milênio e meio de contato direto e enriquecimento mútuo entre judeus e muçulmanos. Os aspectos positivos e negativos deste encontro, são importantes no que se refere aos que emigraram da região citada.

O longo capítulo da História Judaica sob o Islão, era praticamente desconhecido para o judaísmo ocidental e ainda hoje falta muito a ser revelado. Por que os judeus asquenazitas descobriram repentinamente, seus correligionários orientais a partir de 1948?

No século XX fomos testemunhas da maior emigração em massa dos países do mundo árabe. Foi uma transferência maciça de populações por razões políticas religiosas e sócio-econômicas. A extinção da vida judaica naquele mundo, ocorreu sim, embora não por aniquilação física (como

² Torá = Pentateuco, em hebraico.

³ Halakha = a parte legislativa do Talmud.

aconteceu com os judeus da Europa no Holocausto), mas por emigração em massa. E este êxodo maciço requer uma explicação.

Analizamos no trabalho como e porque, o encontro dos árabes e dos judeus com a modernidade, culminou com o colapso rápido e a dissolução da comunidade judaica do Egito. Como de uma comunidade de aproximadamente 75.000 pessoas, nas décadas de 30 e 40 do atual século (veja estatísticas no capítulo: O Êxodo em Massa), restaram apenas 300 ou 400 judeus, em sua maioria idosos, em Cairo e Alexandria na década de 80?⁴ Em que medida contribuíram estas comunidades no desenvolvimento econômico, social e cultural de seu país?

Decidimos fazer nos primeiros 3 capítulos, um estudo da História Judaica no Egito, desde seus primórdios, até 1956, quando a maioria dos judeus abandonou o país e nos 6 capítulos seguintes, a partir de documentos (citados nestes capítulos), histórias de vida e depoimentos pessoais, mostrar o reflexo dos 3 primeiros: as conseqüências do êxodo, a imigração da maioria dos imigrantes, afora Israel, a São Paulo, a reconstrução de sua vida aqui, a adaptação e a integração.

O fator que mais influenciou nosso trabalho, foi o da urgência de

⁴ Nos países islâmicos do Oriente Médio viviam na década de 40, aproximadamente 800.000 judeus, dos quais restaram alguns milhares na década de 80, segundo Norman Stillman em "Jews of Arab Lands in Modern Times" pag. XXI; Gudrun Kramer em: "The Jews in Modern Egypt 1914-1952"; pag. 4; Maurice Roumani em "The Case of the Jews from Arab Countries: A Neglected Issue", pag. 1.

preservar. Estávamos conscientes do fato de escrevermos sobre uma comunidade que não está mais em seu habitat original e que portanto, pode nas próximas gerações “não existir” mais, ou existir sem as tradições culturais e as recordações do seu passado. Sentimos a obrigação de “captar” sua imagem, antes que desapareça, junto com a memória dos que participaram da experiência, pois seus netos(e em parte até filhos) não sabem quase nada sobre o passado de seus avôs (e pais).

Devemos confessar que tivemos dificuldade de redigir, alguns trechos do trabalho, pois os eventos e o desfecho da História recente dos judeus nos países islâmicos, originaram considerável paixão e são muitas vezes distorcidos, por partidários de um, ou outro lado do conflito no Oriente Médio. Neste sentido, antes da pesquisa sobre a imigração propriamente dita e a reconstituição da vida dos imigrantes em São Paulo, tivemos que refletir cuidadosa e desapassionadamente, sobre o período anterior à imigração. E o que dizer dos seis capítulos seguintes que até medo inflingiram-nos, pela falta de material organizado sobre a imigração e pela ausência de fontes sobre a vida dos imigrantes e seus descendentes em São Paulo⁵. Não foi difícil analisar os documentos com senso escrupuloso

⁵ No Centro Histórico do Imigrante, por exemplo, as fichas de todos que migraram a São Paulo do exterior, independentemente de nacionalidade, ou ano de imigração, estavam no mesmo imenso arquivo (milhares de italianos, gregos, alemães, franceses, apátridas, etc...). Material que parecia inalcançável para os pesquisadores. E no Arquivo Judaico Brasileiro, o material, na época de nossa pesquisa, estava ainda encaixotado, contendo vários assuntos, incluindo imigração judaica de todo o mundo.

de objetividade, mas foi árduo tentar ser o “canal” que interpreta estas fontes.

Como para a primeira parte do trabalho, o material existente (como já nos referimos), geralmente carrega subjetividade (e afetividade) e carece, portanto do rigor que impõe a metodologia científica e para a outra (e maior) parte do trabalho, tivemos literalmente que “abrir as portas”, decidimos colher na fonte os sabores, os aromas e os sons do judaísmo egípcio: captar o seu passado, inicialmente até mesmo, pelos sentidos: a amargura de alguns, o sentimento de perda e esperança no futuro de outros que apesar do sofrimento, causado pelo desarraigamento, mantém uma atitude otimista diante da vida. E ainda entrar em suas residências, em muitas das quais, ainda é possível notar, um misto de cultura européia, tradições judaicas e costumes orientais. Ou seja, optamos por resgatar e reinterpretar seu passado, também a partir de narrativas orais que por sua natureza e diversidade de testemunhos, auxiliariam a contar uma História ainda não contada.

Quem ouve as histórias de vida e os depoimentos pessoais (nas fitas gravadas), ouve as vozes dos que fizeram esta História e ao interpretá-los e compará-los com outras evidências (do Centro Histórico do Imigrante, do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, de informações de revistas e jornais da

época, etc...), pudemos constatar, quão cru é o material do qual se escreve a História.

As dimensões da tarefa não nos escaparam, porém numa cultura que prestigia aqueles que ensinam e que tem algo para dar, fomos afortunados com a boa vontade de muitas pessoas que queriam auxiliar-nos e que forneceram informações que serviram de pistas para "perseguir" acontecimentos mais importantes que deveriam ser questionados minuciosamente. Evidentemente, estas pessoas não nos contaram exatamente o que queríamos saber, por não saberem como e por certamente, não serem capazes de teorizar sobre sua cultura e sua história. Tentaram, no entanto, ilustrá-la da maneira que podiam. Coube a nós animá-los a relatar para restituir-lhes sua "memória coletiva".

Desde o início de nossa pesquisa, pareceu-nos que seria interessante e produtivo, inicialmente penetrar na rigidez da estrutura comunitária dos sefaraditas egípcios, ouvindo pessoas que são ativas na comunidade. Uma aproximação destas mostraria as mudanças e suas conseqüências, compreendidas e correspondidas pelas pessoas mais diretamente ligadas às mesmas e que são responsáveis pela adaptação das demais. Seus relatos, mesmo sendo julgamentos de pessoas de relevância em sua comunidade, tinham que ser, é claro, avaliados por sua vez, em relação a

sua posição na comunidade estudada, seu envolvimento nas ações em questão e aos depoimentos de outros membros da comunidade⁶.

Estes relatos forneceram-nos a perspectiva "interior" que somente membros da comunidade poderiam ter, sejam eles da liderança comunitária, ou não. Imaginávamos que dentro da estrutura social da comunidade em questão, encontraríamos uma ordem comum de valores ou normas, a posição social (de certos membros) de prestígio e autoridade, reconhecidas pelo grupo e o papel dos demais membros. E de fato, quando compreendemos o funcionamento do "sistema"⁷, notamos como os fatos pelos quais passou o grupo, atuaram sobre cada parcela do mesmo e a análise de sua estrutura social em épocas sucessivas, possibilitou-nos produzir uma série de "flashes" que mostram o que mudou e o que não, em sua estrutura social.

Antes de iniciarmos as entrevistas, fizemos uma pesquisa histórica sobre o período a ser estudado, para encontrar os fatores externos que afetaram as ações dos entrevistados, ou seja, para conhecer as forças, os eventos e as personalidades que nos últimos 150 anos, moldaram as comunidades judaicas do mundo árabe, modificando as relações entre

⁶ Entrevistamos também, pessoas comuns de diversos níveis sociais da mesma comunidade, de idade mais avançada, de meia idade (nascidos em proporção elevada em São Paulo) e jovens da 2ª geração nascida aqui, entre 20 e 25 anos; além, é claro de autoridades religiosas. Os mais idosos foram os primeiros, pois a passagem do tempo representava por si, um processo irrevogável de seleção.

⁷ O rabino da Congregação, que é a autoridade religiosa máxima, por exemplo, obedece, quanto à questão da ortodoxia, ao presidente, vice-presidente e Conselho da Congregação.

judeus e muçulmanos, mais radicalmente do que qualquer coisa desde o aparecimento do Islão, há aproximadamente 1400 anos.

Este conhecimento habilitou-nos a perguntar as questões importantes e a interpretar a motivação existente por trás das ações e reações dos entrevistados. Ele também eliminou a necessidade de interromper a fluência livre da memória do entrevistado, para pedir informações factuais.

Aprendemos que o historiador que faz uso da História Oral, deve ser um bom ouvinte e um entrevistador suficientemente hábil para saber instintivamente, quando falar e quando ficar calado; quando deve usar a "entrevista orientada", na qual ele define a questão e busca respostas delimitadas por suas proposições e quando deve fazer uso da "entrevista livre", na qual deve deixar o entrevistado ensinar-lhe quais seriam as questões, ou os problemas⁸.

Acreditamos que qualquer pessoa que entra numa comunidade diferente é argüida, no sentido de estabelecer algo em comum entre os entrevistados e o entrevistador. Conosco não foi diferente. Nós também fomos "entrevistados". A primeira pergunta inevitavelmente era: A senhora é judia? A pergunta seguinte era geralmente: A senhora é sefaradita? Ou menos

⁸ A "entrevista livre" tem a vantagem de propiciar a cada entrevistado a possibilidade de uma contribuição diferente e às vezes inesperada à pesquisa. Nós encorajávamos os entrevistados a estruturarem seus próprios relatos e permitíamos que colocassem suas noções próprias (em medida bastante considerável) sobre o que eles achavam relevante. Quando descobríamos no que o entrevistado acredita e o que ele conhece (ou consegue discernir), suas ambiguidades e equívocos, tornavam-se tão importantes, quanto poderiam ser respostas claras, a perguntas rigidamente definidas.

diretamente: a senhora fala francês ou árabe? Então alguns queriam saber o país de origem dos meus pais e seu eu era casada e tinha filhos. Era como uma “transação” que necessitava de empatia, confiança e compreensão mútuas. E então sentimentos e atitudes e o que os entrevistados pensavam sobre si, sobre eventos e sobre outros vinham jorrando, geralmente sem nenhuma intenção de encobrir algo⁹.

Esperamos que esta parte oral de nossa pesquisa seja também, uma boa tática de defesa contra o esquecimento. E sem comparações, nas técnicas de preservação e análise modernas, poderíamos dizer que em parte a fé judaica baseia-se em relatos orais (tradição oral), transmitidos de geração a geração, por pessoas que se achavam escolhidas para tal missão, para que as pessoas comuns do povo “lembrem”¹⁰. Esta tradição oral tem lacunas de 600 ou 800 anos aproximadamente, até entrar no Cânon da Bíblia, assim como no Novo Testamento a tradição oral é de 200 anos no mínimo e mesmo assim, é a fé de muitos milhões de pessoas na civilização ocidental.

Finalizando a Introdução diríamos que obtivemos relatos que nos mostraram o final sombrio de um período (no qual a comunidade judaica persistiu no Egito por vinte e cinco séculos), para uma comunidade que

⁹ Após contar o que achavam secreto, por exemplo, alguns pediam para não escrever sobre tal ou qual fato.

¹⁰ Em vários trechos do relato bíblico temos: “não esqueças”, ou “lembra-te”. Ex.: Deut. 8:2, 11, 14; 25:17 etc...

demonstrou sua capacidade de sobreviver, de adaptar-se e de integrar-se em nossa sociedade.

OS PRIMÓRDIOS DA COMUNIDADE JUDAICA NO EGITO

A comunidade judaica no Egito é uma das mais antigas da diáspora. Antes da destruição do primeiro Templo por Nabucodonosor em 586 a.C., já haviam judeus no Egito, trazidos pelo fundador da 26ª Dinastia, Psamético I (664-610 a.C.), para integrar suas tropas mercenárias, juntamente com marinheiros e mercadores fenícios¹.

Após a destruição do primeiro Templo e a deportação da população à Babilônia, uma leva de emigrantes de Judá refugiou-se no Egito, incluindo provavelmente o profeta Jeremias².

Quando o rei persa Cambises, conquistou o Egito em 525 a.C., os judeus do Egito expressaram-lhe sua fidelidade e o rei deixou em suas mãos a guarda de toda a região sul do Egito. Os reis persas permitiram aos

¹ Segundo Hayim Tadmor em "Toldot Am Israel bi-yemei Kedem" (A História do Povo Judeu na Antiguidade), pag. 147, Psamético I conquistou a cidade de Ashdod dos assírios, levando consigo soldados judeus, para o Egito. O autor cita Heródoto como fonte de referência. Durante o reinado de Psamético I ou Psamético II (593-589 a.C.), foi fundada, segundo a maioria dos historiadores do Período Antigo de Israel, a famosa colônia de soldados mercenários judeus em Elefantina (na ilha de Yeb, que em aramaico significa comandante), para proteger a fronteira sul do Egito contra os núbios que freqüentemente saqueavam a terra rica do Nilo. Dos papiros em aramaico encontrados no Egito foi descoberta esta colônia militar judaica que servia em Yeb. Esta estava situada numa ilha do Nilo, na fronteira sul do Egito, em frente à atual Assuã que está na margem oriental do Nilo. Por seu serviço militar, foram dadas terras aos judeus. Inicialmente o exército de Yeb era composto por soldados de vários povos, porém os papiros indicam que no último quarto do séc. sexto a.C., era constituído apenas de soldados judeus. Em Emil G. Kraeling "The Brooklyn Museum Aramaic Papyri - New Documents of the Fifth Century B.C. from the Jewish Colony at Elephantine", pag. 21.

² Em Daniel J. Elazar: The other Jews; pag. 97 e Heskell M. Haddad: Jews of Arab and Islamic Countries; pag. 65. Na "Carta de Aristeas" citada em: Encyclopaedia Judaica, vol. 6, pag 485, consta esta fuga para o Egito. A Carta é uma composição literária judaica de Alexandria, escrita por um judeu anônimo (em forma de carta), alegadamente escrita a um irmão Philocrates, por Aristeas um judeu grego da corte de Ptolomeu II Filadelfo (285-246).

judeus do Egito que seguissem as leis de sua religião, como o fizeram com os judeus de Israel (a chamada província de Yahud).

A população judaica no Egito cresceu, principalmente após a conquista de Alexandre da Macedônia em 332 a.C. Após a divisão do império de Alexandre, os Ptolomeus ficaram com o Egito e já com Ptolomeu I (322-285 a.C.), muitos judeus foram exilados da terra de Israel para o Egito³. Muitos refugiados judeus de Israel chegaram ao Egito depois, especialmente após o decreto das leis que proibiam o judaísmo, de Antíoco IV Epifânio, o rei seleucida que dominava em Israel na época.

A dinastia Ptolomaica atraiu muitos judeus para o Egito, dando-lhes cargos importantes no exército e no funcionalismo do reino e terras para assentarem-se como agricultores. Desta forma, nas cidades provinciais e nas aldeias os judeus ocupavam-se principalmente da agricultura de cereais e do plantio. Parte deles era dona de fazendas, outra plantava em terras alheias, em troca de parte da colheita e outra trabalhava na agricultura mediante salário. Outros ocupavam-se ainda do pastoreio e da criação de rebanhos. Provavelmente, por serem gregos e macedônios uma minoria no Egito, como os judeus, viam-se os reis Ptolomeus (gregos também) obrigados a manterem uma política de cordialidade para com esta outra minoria. Eles possivelmente sabiam que os judeus (minorias no país, como

eles) seriam-lhes fiéis e por isso deram-lhes cargos importantes no exército⁴. Os ptolomeus encorajaram os judeus a exercerem também a cobrança de impostos (cargos governamentais) e a coleta de tributos da lavoura nos distritos provinciais, fora de Alexandria denominados "Chora"; outros administravam os tesouros reais⁵. O artesanato também tinha papel importante na vida econômica dos judeus do Egito e principalmente em Alexandria. Eles eram ourives, ferreiros, forjadores de cobre⁶, tecelões, curtidores (de couro), ceramistas e pintores. Em Alexandria os artesãos estavam unidos em associações com o propósito de auxílio mútuo..

Durante o domínio ptolomaico a comunidade judaica tinha autonomia e o direito de ter seus juizes próprios e sua cobrança interna de impostos. Um conselho de anciãos, composto provavelmente por 71 membros, como os do Sinédrio de Jerusalém, administrava os interesses da comunidade⁷. Eles

³ David Siton: *ha-Kahilot ha-sfaradiyot be-Yameinu* (As comunidades Sefaraditas atualmente), pag. 74 e Azriel Shohet: *Tzufat ha-Bayit ha-šeni* (O Período do Segundo Templo), pag. 77, relatam que cem mil judeus foram exilados ao Egito por Ptolomeu I.

⁴ Azriel Shohet, *op. cit.*, pag. 78, menciona que a partir de Ptolomeu II (285-247 a.C.) havia um grande exército composto por judeus e ele cita Flávio Josefo que relata que dois comandantes judeus chefiavam todo o exército ptolomaico. Estes eram Honio e Dustai.

⁵ Segundo Filo de Alexandria, citado por David Siton, *op. cit.* pag. 75 e por Azriel Shohet, *op. cit.*, pag. 78, a população judaica no Egito chegou ao seu apogeu no séc. I d.C., contando um milhão de pessoas, ou seja, mais de doze por cento do total da população do Egito na época. Os judeus provavelmente aceitaram estes cargos (cobrança de impostos e coleta dos tributos da lavoura) não muito agradáveis, porque os cargos mais honrados eram ocupados pelos próprios gregos.

⁶ Mencionamos na nota 8 do capítulo: Integração e Aculturação, o Sr. Giuseppe Nahaissi. Ele relatou que seu sobrenome provavelmente origina-se deste ofício (forjador de cobre) de seus antepassados. Ou seja: *Nehoset* em Hebraico (e do mesmo radical em árabe) significa cobre.

⁷ Na Antigüidade prevalecia o princípio legal denominado "princípio privado" (ou, princípio Individual), segundo o qual as leis do estado recaíam apenas sobre os cidadãos do estado e não sobre os estrangeiros que habitavam nele. Aos estrangeiros era dada certa autonomia nos seus interesses legais, ou era regulamentada para eles uma legislação especial, baseada nos princípios legais de seu país de origem. Azriel Shohet, *op. cit.* pag. 80.

somente não tinham o direito de organizar-se nacionalmente. Isto seria contrário ao caráter "absolutista" e burocrático do regime Ptolomaico. Em cada comunidade (em grego: sinagogui) havia uma "casa da comunidade", denominada em Hebraico: Beit Knesset (casa de reunião) que servia principalmente, como casa de oração e haviam também outras instituições, entre as quais um tribunal e um arquivo. Não há detalhes sobre a liderança das comunidades no período do domínio ptolomaico.

Os judeus do Egito adaptaram-se rapidamente à língua grega que era a língua cultural de todo o mundo helenístico e a língua falada pelas populações urbanas. Do século II a.C. em diante estas comunidades escreviam documentos em Grego, que substituiu o Aramaico falado pelos imigrantes e por esta razão sentiram provavelmente a necessidade de traduzir o Pentateuco para o grego. A tradução foi concluída durante o reinado de Ptolomeu II Filadelfo (285-247 a.C.) que aparentemente incentivou os sábios judeus a trabalharem nesta tradução. De fato esta tradução denominada Septuaginta, satisfaz as necessidades espirituais dos judeus já helenizados que a liam nas Sinagogas.

Nota-se esta helenização nos nomes próprios dos judeus que no início do sec. III a.C. eram nomes hebraicos transliterados para o grego, ou nomes gregos que tinham som semelhante ao nome hebraico (ex: Eliakim (hebr.) foi substituído por Alcimus (grego) e Joshua (hebr.) por Jason

(grego); e durante o século III a.C. já são nomes gregos equivalentes aos hebraicos (ex: Jehonatan (hebr.: Deus deu) para o equivalente grego Theodoras). Dos papiros de Zeno ⁸, nos quais apenas vinte e cinco por cento dos nomes de judeus são hebraicos e muitos são nomes gregos e até mesmo de divindades gregas, compreende-se que os judeus do Egito, gradualmente adotaram nomes gregos a partir deste período.

Quando começaram os conflitos entre os Ptolomeus, (já na época de sua decadência) e os habitantes de Alexandria, os judeus apoiaram os Ptolomeus ⁹ e os revoltosos não viam com bons olhos, os que se opunham a suas aspirações. A situação piorou, quando a influência de Roma aumentou em Alexandria pela iniciativa dos últimos Ptolomeus. Os alexandrinos viram nesta inclinação dos judeus para os reis Ptolomeus, um ato contra a independência do Egito. Quanto aos judeus imaginaram, provavelmente, que só um governo central forte, dos Ptolomeus ou de Roma, poderia garantir seus direitos e sua vida.

Os atritos entre os alexandrinos e os judeus aumentaram quando o Egito tornou-se província romana em 30 a.C.. O imperador Augusto modificou a

⁸ Zeno foi um grego de Caunus, no sul da Ásia Menor que se estabeleceu no Egito durante o reinado de Ptolomeu II Filadelfo (citado anteriormente) e trabalhou para o ministro das Finanças Apolônio. Seus arquivos foram descobertos em 1915 no sítio arqueológico da Philadelphia helenística (veja mapa 1 no final deste capítulo). Dentre as muitas centenas de documentos, cartas pessoais, recibos de contas e contratos, há muitos que ensinam sobre a vida dos judeus em Faiyum (próxima a Philadelphia), na metade do século III a.C., dentro do contexto econômico, administrativo e social do Egito ptolomaico.

⁹ Não esqueçamos que os judeus tinham em Alexandria, influência econômica e política e ocupavam cargos importantes no exército.

Constituição do Egito (em função dos tributos), criando três classes sociais: a classe alta, composta pelos romanos, sacerdotes, gregos de Alexandria, Naucratis e Ptolomais e os que eram registrados no "Gymnasium" grego; a classe média, composta por meio gregos que residiam no já citado "chora" e pagavam uma taxa reduzida per capita; e a classe baixa, composta por egípcios que eram obrigados a pagar uma pesada taxa per capita. Os judeus foram incluídos, por Augusto, nesta última e forçados, portanto a pagar a elevada taxa¹⁰. Os gregos sugeriram a Augusto que manteriam todos os não gregos fora do "Gymnasium", se ele em retribuição abolisse os privilégios dos judeus. O imperador recusou e reafirmou os direitos ancestrais dos judeus, para a ira dos gregos. Estes perceberam que teriam a sua oportunidade com a subida do imperador pró-helênico Caio Calígula em 37 d.C.

Os conflitos com os gregos locais motivaram dois massacres contra os judeus em 38 d.C.¹¹ e em 66 d.C.¹² e após a destruição do Segundo

¹⁰ Muitos judeus tentaram escapar da elevada taxa per capita da única maneira possível: pedindo para registrar seus filhos no "Gymnasium" grego para receberem educação grega; mas os gregos recusaram-se a aceitar os jovens judeus nos seus "Gymnasium". Segundo Azriel Shohet op. cit., pag. 87.

¹¹ Os gregos atacaram as sinagogas, saquearam-nas e colocaram estátuas do imperador Calígula dentro delas. O governador romano Valério Flaco, não interveio e não removeu as imagens do imperador. Os judeus foram fechados num quarteirão (e provavelmente ocupavam vários) da cidade (que é considerado o primeiro "Gueto"), suas casas foram saqueadas e muitos foram assassinados.

¹² Em 66 d.C. os gregos de Alexandria descobriram, numa discussão sobre uma delegação que enviariam a Nero, alguns espíões judeus em seu meio. Conseguiram capturar três e queimaram-nos vivos. Os judeus revoltaram-se e tentaram queimar os gregos em seu anfiteatro, mas o governador romano, Tibério Julio Alexandre interveio e matou mais judeus do que foram mortos em 38 d.C.

Templo, em 70 d.C. foi imposto, pelos romanos o "fiscus judaicus" que aumentou o descontentamento. Os judeus de Alexandria tiveram que empreender uma longa luta para tentar confirmar seus direitos.

Supõe-se hoje que o anti-semitismo dos gregos locais e a influência do movimento "messiânico" em torno de Lucuas ou Andraeas de Cirene¹³, foram as causas da grande revolta dos judeus do Egito, de Cirene e de Chipre em 115 d.C., contra Roma e o imperador Trajano.

A revolta foi sufocada em 117 d.C. pelos romanos, resultando na destruição de uma boa parte de Alexandria e na aniquilação do judaísmo egípcio. Entre 117 e 300 d.C., os judeus, praticamente desapareceram do "Chora" e em Alexandria a grande sinagoga foi destruída e os tribunais judaicos foram suspensos. A grande e coesa comunidade judaica que os papiros evidenciam em abundância, até 70 d.C. quase desaparece após a revolta mencionada e torna-se insignificante até o sec. III d.C.

Durante o domínio dos imperadores bizantinos, começa a predominar no Egito, o até então perseguido cristianismo que adquire (em Alexandria) o anti-judaísmo, já existente na cidade no período anterior. Por volta de 150 d.C. o cristianismo ortodoxo (originário da conversão dos pagãos), aliou-se

¹³ Cirene: a capital da antiga Cirenaica (uma das três regiões que compõe a Líbia. As outras duas são: Trípolitânia e Fezan), na costa Líba. Fazia parte dos domínios ptolomaicos e depois do império romano. Lucuas ou Andraeas (não se sabe o nome ao certo), liderou a revolta de Cirene, entre 115 e 117 d.C. e era chamado "Rei" pelos judeus de Cirene, o que teria dado tons messiânicos à revolta no Egito e em Cirene.

ao cristianismo gnóstico (judaico) e começou a ver os judeus, ao lados dos pagãos e hereges, como inimigos da Igreja¹⁴. Apesar disto os "antigos cristãos progrediram juntamente com seus vizinhos judeus"¹⁵. De fato, em aproximadamente 300 d.C. nomes e palavras hebraicos, começaram a aparecer com maior freqüência nos papiros, evidenciando uma renovação da atividade. Alguns destes papiros, encontrados em Oxyrhynchus (veja mapa 1 no final deste capítulo) falam de : rashei (hebr.: líderes de), ziqnei (hebr.: aciaãos de) bnei (hebr.: membros de), da Knesset (hebr.: comunidade)¹⁶. Não há, porém material suficiente que comprove a condição dos judeus no final do domínio bizantino (no Egito) e durante o domínio árabe, a partir de 640 d.C., até o final do sec. X d.C.

É sabido que com a conquista árabe em 640 d.C. começou o processo de arabização e islamização dos habitantes do país. O processo foi lento e somente após muitos anos, os muçulmanos tomaram-se a maioria dos habitantes do país. Os conquistadores árabes não foram diferente dos conquistadores que os antecederam, em sua relação com a população local. Assim como os Ptolomeus, os césares romanos e os imperadores

¹⁴ Existiram provavelmente na Igreja primitiva, no Egito, dois "Evangelhos"; um "Evangelho egípcio" e um "Evangelho judaico" - evidência da dicotomia na Igreja primitiva entre o cristianismo originário da conversão dos pagãos e o judaico, o último caracterizado no Egito por uma tendência gnóstica.

¹⁵ Segundo Salo W. Baron em "A Social and Religious History of the Jews", vol. 2; 1952; pag. 188.

¹⁶ Cowley, J: em Journal of Egyptian Archeology, nº 2; 1915; pag. 209.

bizantinos, adotaram uma política de submissão das massas, impondo-lhes pesados impostos.

Apesar desta política de opressão (dos impostos), os árabes eram tolerantes em relação aos judeus e cristãos que "havia recebido de Deus um Livro, o Antigo e o Novo Testamentos"¹⁷ e considerados *ahl-al-Kitab*, isto é, os povos do Livro, os quais reconheciam como predecessores da doutrina outorgada a Maomé.

Em razão da pouca cultura dos muçulmanos, os califas viam-se obrigados a dar a maioria dos cargos governamentais aos não muçulmanos; porém apesar disto, os cristãos e os judeus, vistos como infiéis, eram considerados cidadãos de classe inferior. Eles foram obrigados a pagar a "Djizia" (imposto per capita) que simbolizava para os muçulmanos a submissão dos infiéis. Ao que parece, apesar da política de discriminação, a situação dos judeus melhorou muito durante o domínio árabe, em relação ao domínio bizantino, pois os árabes permitiram aos judeus a observação de suas leis¹⁸, segundo o estatuto dos "dhimmi".

Neste período os judeus do Egito mantiveram contato contínuo com os líderes das Academias Talmúdicas da Babilônia e muitos enviavam seus

¹⁷ Em: Mário Curtis Giordani: "História do Mundo Árabe Medieval", 1985, pag. 60. Refere-se o autor à "descida" do Livro (Corão) no coração de Maomé na Gruta do Monte Hira.

¹⁸ Segundo David Sitton: "ha-Kehilot ha-Sfaradiyot be-Yameinu" (as comunidades sefarditas atualmente); 1982; pag. 77 e Heskell M. Haddad: "Jews of Arab and Islamic Countries"; 1984; pag. 66.

filhos para estudarem nestas Academias¹⁹. Muitos judeus da Babilônia imigraram ao Egito, incluindo rabinos que fundaram Academias, sinagogas e tribunais.

O movimento de oposição ao Talmud que começou entre os judeus da Babilônia e da Pérsia e que levou a uma cisão no judaísmo e à formação da seita dos Caraitas²⁰, encontrou eco entre os judeus do Egito também. O líder dos que reagiram contra os Caraitas no Egito, foi o Rabino Saadya Gaon. Ele nasceu no Egito em 892 ou 882, estudou nas academias locais e tornou-se rabino e juiz da comunidade judaica de Fayum (veja mapa 1 no final deste capítulo). Escreveu duas obras contra os Caraitas ("sefer ha-Tšuva" (o livro da resposta) e "sefer ha-Havdalá" (o livro da Diferenciação)) que provocaram uma contenda ideológica, entre o mesmo e os líderes Caraitas. Em meio a estes ataques e respostas o Rabino Saadya foi chamado à Babilônia para dirigir a famosa academia de Sura. O fato de um rabino que cresceu e foi educado nas academias do Egito (e que chegou a um elevado nível de conhecimentos), ter sido convidado a chefiar a

¹⁹ As principais Academias da Babilônia foram as de Sura, Nehardaa e Pumbedita. As questões religiosas eram endereçadas a estas Academias.

²⁰ Seita judaica, existente a partir do início do sec. VIII d.C. na Babilônia. Nega a tradição talmúdica - rabinica, isto é, a Lei Oral, aceitando apenas a Lei Escrita (a de Pentateuco). Seu nome Caraitas (hebr.: Qaraim, Baalei-Miqrá ou Bnei Miqrá) significa "povo das escrituras", provavelmente por seu reconhecimento, somente das escrituras, como fonte da lei religiosa, ou ainda do radical "qrá" (hebr.: chamar ou ler), "chamadores", no sentido de propagandistas da sua fé.

Academia de Sura, prova certamente, o nível de instrução das comunidades judaicas no Egito naquele período.

Em 969 o Egito foi conquistado pela dinastia dos Fatímidas²¹ que dominaram no final do mesmo século, também todo o norte da África, a Síria e a Palestina.

A condição dos judeus no Egito melhorou notadamente sob os Fatímidas que via de regra, revelaram-se tolerantes em questões religiosas, permitiram a construção de igrejas e sinagogas e nomeavam vizires e altos funcionários cristãos e judeus²². A única exceção, possivelmente, foi o terceiro califa Fatímida, al-Hakim (996-1020) que obrigou cristãos e judeus a usarem chapéus pretos, para discriminá-los; ordenou a destruição de sinagogas e igrejas e proibiu aos não muçulmanos de montarem sobre cavalos e de empregarem criados muçulmanos. No final de sua vida, o califa revogou seus decretos e cristãos e judeus puderam reconstruir suas casas de oração.

²¹ Uma dinastia árabe que assim se denominava por afirmar ser descendente de Fátima, filha de Maomé, o profeta do Islão, e seu marido Ali. Esta dinastia era rival dos califas Abássidas cujo nome deriva do nome do tio de Maomé al-Abbas. Três anos após a conquista do Egito, os Fatímidas transferiram para lá o centro do seu governo.

²² David Sitton, op cit. pag. 78 relata que uma fonte judaica antiga revela que um judeu denominado Paltiel teve papel importante na consolidação da dinastia dos Fatímidas no Egito. Após a conquista do Egito, Paltiel teria sido nomeado governador do Egito e "governador da Ásia até Aram-Naharayim (nome citado no relato bíblico ao referir-se à Mesopotâmia. Nahara: em aramaico = rio) e de toda a terra de Israel a Jerusalém". Há provavelmente um grande exagero nesta fonte, mas apesar disto, podemos deduzir que no início do domínio Fatímida no Egito, os judeus ocupavam cargos importantes no governo. No século XI, o mesmo autor menciona um judeu denominado Abu-al-Manja ben Sía como inspetor da administração no Egito Oriental. Este tornou-se famoso por ter escavado um canal do Nilo que auxiliou no progresso da agricultura naquela parte do país. A construção do canal durou seis anos e em agradecimento, o canal recebeu seu nome.

Cairo foi construída pelos Fatímidas e desde sua fundação residiram nela judeus que construíram sinagogas e academias. Em Alexandria também, havia uma comunidade judaica importante.

As principais fontes sobre esta época são: "Sefer ha-Masaot" (O Livro das Viagens) de Benjamin de Tudela²³ e os documentos da "Gnizá"²⁴ de Cairo. Segundo Benjamin de Tudela que esteve no Egito perto de 1070, haviam 15 comunidades judaicas no Egito; 7.000 judeus residiam em Cairo e 13.600 nas demais comunidades. Como nos referimos na nota 25, Benjamin de Tudela não esclarece se ele se refere a indivíduos ou a famílias. É provável que ele se refere aos homens que pagavam impostos e

²³ O maior viajante judeu da Idade Média (segunda metade do séc. XII). Tudo o que se sabe sobre este viajante é o que aparece do seu famoso "Sefer ha-Masaot" (o Livro das Viagens). Sobre o Egito escreveu um relato detalhado e particularmente sobre a vida judaica, principalmente em Cairo e Alexandria que ele visitou em sua viagem de retorno à Espanha. Ele relata quem chefiava as comunidades judaicas e quais eram os mais notáveis sábios; informa o número de judeus que ele encontrou em cada cidade (mas não está claro, em muitos casos, se ele está referindo-se a indivíduos ou a chefes de família), observa as condições econômicas e as ocupações dos judeus e descreve a organização da vida sinagoga no Egito. A importância do seu trabalho pode ser avaliada pelo fato de ter sido este traduzido para quase todas as línguas da Europa e por ser usado como fonte primária por todos os historiadores medievais. Em Encyclopaedia Judaica, vol. 4, pags. 535-538, verbete: Benjamin (Ben Jonah) of Tudela.

²⁴ "Gnizá" em Hebr. = esconderijo, arquivo, ou um lugar na Sinagoga no qual são guardados livros ou objetos rituais em desuso. Estes livros e objetos rituais são guardados por conterem o nome de Deus - que não pode ser destruído, segundo a lei judaica - e por não serem mais aproveitáveis nos rituais. O radical "gnz", aparece na Bíblia durante o domínio persa (ex.: Ester 3:9; 4:7 "Guinzei ha-Melekh" (Os Tesouros do Rei) e Esdras 5:17; 6:1; 7:20 "beit Guinzaya" (Casa do arquivo, ou do tesouro)), por originar-se da palavra persa, do mesmo radical: "guinzakh" que significa: tesouro, esconder, ou preservar. A "Gnizá" de Fostat (a parte antiga do Cairo) foi "redescoberta" principalmente por Solomon Schechter em 1896 (ela foi vista antes por vários estudiosos, aos quais não foi permitido examinar seu conteúdo, por causa da superstição local que alegava que um desastre aconteceria a qualquer um que tocasse nas páginas sagradas. Solomon Schechter levou a Cambridge, aproximadamente 100.000 páginas da "Gnizá" de Cairo (da Sinagoga Ezra, a mais antiga de Cairo, na qual Maimônides e seu filho Abraham e outros sábios funcionaram). Esta Sinagoga foi construída em 882, sobre as ruínas de uma igreja copta, vendida à comunidade judaica. A "Gnizá" de Cairo revelou documentos históricos e tesouros literários, dos quais nos interessam os documentos que relatam a história dos judeus do Egito desde a conquista islâmica até as primeiras Cruzadas, um período sobre o qual, nada se sabia antes (e o abundante material sobre a história do Caraimismo)

portanto registrados nos arquivos da comunidade. Se assim, o número de judeus na época de sua visita era muito maior do que o citado em seu livro. Ele relata que os judeus residiam em bairros separados, mas que apesar disto adaptaram-se ao meio árabe muçulmano, comprando escravos e casando, muitos deles, com duas mulheres, como faziam os muçulmanos.

De documentos encontrados na citada "Gnizá" de Cairo, sabemos que durante o domínio dos Fatímidas, realizou-se uma organização geral de todas as comunidades judaicas no Egito, encabeçadas por um "Naguid"²⁵ que freqüentemente era o médico judeu da corte. Este representava os judeus perante o governo muçulmano e era responsável por eles. Ele era escolhido pelos líderes judeus e os assessores do Califa aprovavam a escolha. Entre os mais conhecidos "neguidim" (plural de "Naguid") estavam os descendentes de Maimônides (5 gerações) que eram os líderes seculares aprovados (ou apontados) pelo governo e ao mesmo tempo, líderes espirituais, consultados em todos os assuntos de lei e religião.

Pouco depois da metade do séc. XII o domínio dos Califas Fatímidas foi solapado, transformando-se estes em instrumento dos comandantes de seus exércitos. Um destes, Saladino (Salah al-Din), suprimiu a dinastia

²⁵ Em Hebr.: chefe. Citado por Jane S. Gerber em "Jews in the muslim world", pag. 29. Este cargo existiu no Egito até a conquista turca em 1517.

Fatímida do Egito em 1171, fundando a dinastia dos Ayúbidas que se tomou famosa por suas guerras contra os Cruzados que dominavam a Palestina²⁶.

Saladino, provavelmente por acreditar que desta forma conseguiria expulsar os cruzados da Palestina, observava ortodoxamente as leis islâmicas e durante seu governo modificou-se a relação deste para com as comunidades não muçulmanas. Em 1181 ele renovou o decreto da proibição de montar em cavalos (e até em mulas) aos cristãos e judeus. Mesmo assim ele empregava médicos judeus em sua corte²⁷. Médicos judeus trabalhavam, também nos hospitais públicos.

Vários fatores precipitaram a decadência da dinastia dos Ayubidas: a descentralização do governo, mediante a doação de territórios a filhos e irmãos, pelo irmão de Saladino, Al Adil (que já havia conquistado o Egito do filho de Saladino, Al-Aziz); as discórdias entre os sucessores de Al-Kamil (filho e sucessor de Al-Adil) e o descontentamento dos egípcios, em razão dos favores com os quais o último herdeiro, Turan-chah, cumulava seus escravos²⁸. Estes distúrbios do regime, provocaram uma crise séria na

²⁶ A dinastia tomou seu nome de Ayub ben Shadi, pai de Saladino. Os Ayúbidas dominaram no Egito, na Palestina, na Síria e em partes da Península Arábica e da Mesopotâmia, até a metade do séc. XIII. In Mario Curtis Giordani: "História do Mundo Árabe Medieval", pag. 146.

²⁷ Entre estes o famoso médico judeu naquela época, Aelai ibn-Jama que escreveu um livro em árabe "Guia do reparo da alma e do corpo", citado por David Sitton op. cit. pag. 80.

²⁸ Mamluk: em árabe= "aquele que é possuído" (escravo). Os mamelucos eram antigos escravos que pertenciam às guardas dos Sultões. Os Califas Ayúbidas haviam importado estes escravos de diferentes regiões do Oriente, para completar suas tropas, especialmente de suas guardas pessoais. Em: Mario Curtis Giordani: "História do Mundo Árabe Medieval", pag. 147. (Mamluk é o particípio passivo do verbo "Malaka"= possuir, assim como em Hebraico, do mesmo radical Molekh"= reina (reinar) e no particípio passivo "Malukh" (que não é usado) = equivalente a assalto).

organização das comunidades judaicas no Egito. Estas perderam a autonomia, da qual gozavam, antes da tomada do poder pelos Ayúbidas e por esta razão esfacelaram-se do ponto de vista organizacional.

Está quase certo no entanto, que a situação melhorou e que desenvolveram-se os valores espirituais do judaísmo egípcio, graças à atividade de Maimônides (Moşe ben Maimon) que chegou ao Egito em 1165 e estabeleceu-se no Cairo. Ele tomou-se o líder espiritual da comunidade judaica e exerceu na prática a função de "Naguid", apesar de não ter sido nomeado oficialmente para esta função.

No Egito Maimônides escreveu a maior parte de suas obras legais e sapienciais que todos nós conhecemos. Além da escrita de suas obras ele ocupou-se também da medicina²⁹. Foi medico de Al-Fadil, vizir de Saladino que governou o Egito, após o afastamento de Saladino do país, em 1174.

Seu único filho, Avraham (ben Moşe), a quem transmitiu seus conhecimentos, também foi médico da corte (de Al-Kamil Muhamad) e do grande hospital público de Cairo. Os judeus do Egito nomearam-no "Naguid" em 1205 (ano da morte de Maimônides), cargo que ocupou até sua morte em 1237. Desde então este cargo existiu no Egito ininterruptamente, por mais de trezentos anos.

²⁹ Seu irmão David que o sustentava, morreu no Oceano Índico numa viagem de negócios, deixando mulher e dois filhos. Rejeitando a idéia de sustentar-se como rabino, decidiu tomar a medicina seu meio de vida. Em Encyclopaedia Judaica, vol. 11, pag. 756,757. verbete: Maimon, Moshe ben.

A dinastia dos Ayúbidas foi derrubada em 1250, com o assassinato de Turan-chah, o último rei desta dinastia no Egito. Pouco tempo após o assassinato, os chefes do exército (que assassinaram o rei) assenhorearam-se do poder e estabeleceram um regime de tirania militar que durou mais de dois séculos. Os mamelucos não pertenciam a um mesmo grupo étnico (veja nota 30); parte proveio das tribos turcas e parte das tribos circasianas³⁰. O domínio Mameluco também, divide-se em duas épocas: a primeira dos mamelucos turcos que dominaram da metade do século XIII até 1381 e a segunda dos circasianos que dominaram no Egito de 1381 até o início do século XVI, quando os turcos otomanos conquistaram o Egito.

O regime político de certa tolerância em relação aos não muçulmanos foi suprimido; para perpetuar sua classe no poder, os mamelucos tentaram angariar a simpatia dos muçulmanos nativos, insuflando o fervor religiosos e adotando medidas discriminatórias contra as comunidades cristãs e judaicas³¹. Na sua política externa os mamelucos, também atuaram contra

³⁰ Um dos principais grupos étnicos do Cáucaso Ocidental e que ainda existe na Circásia-Karachai, uma divisão administrativa autônoma, a Kabardino-Balkar, antes República Socialista Soviética Autônoma.

³¹ Em Heskell M. Haddad: "Jews of Arab and Islamic Countries" pag. 66 e 67 e David Sitton, op cit. pag. 82, temos alguns decretos discriminatórios, a partir de 1301 que estão documentados na já refenda "Gnizá" (veja nota 26): os não muçulmanos deviam usar um turbante de cor específica. Aos cristãos foi ordenado usar turbante (barrete turco) azul, aos judeus amarelo e aos samaritanos vermelho. Foi proibido aos judeus e cristãos empregar muçulmanos em trabalhos pesados e comprar escravos muçulmanos. Foi proibido também aos mesmos ter cargos governamentais. Com o aumento da incitação, ocorreram distúrbios nas ruas de Cairo e de outras cidades egípcias.

os cristãos, declarando guerra total contra os cruzados e conquistando a Síria e Israel (tomaram Antioquia dos cruzados em 1268).

Durante o domínio dos mamelucos provenientes da Turquia, muitos judeus ocupavam-se do artesanato e do desenvolvimento da indústria, principalmente do açúcar. A profissão principal dos judeus cultos era a medicina.

Neste período os líderes das comunidades judaicas continuaram sendo os "neguidim" (plural de "Naguid", já citado)³² que são transcritos nos documentos da "Gnizá", como chefes das academias, porém não sabemos qual era exatamente o caráter da academia naquele espaço de tempo.

No final do séc. XIV a situação dos cristãos e judeus piorou, com o início do domínio dos circasianos (veja nota 32). Neste período a economia do país ficou arruinada; indústrias e estabelecimentos de artesanato foram liquidados e o número de habitantes do país decresceu. Concomitantemente decresceram as populações cristãs e judaicas, certamente também por causa do aumento dos decretos discriminatórios, contra os mesmos, proibindo-lhes até o consumo de vinho.

Através das informações dos viajantes italianos Meshulam de Volterra³³

³² Na segunda metade do séc. XIII, o neto de Maimônides, David ben-Avraham (1212-1300), foi "naguid" de 1298 a 1300.

³³ Judeu italiano de Florença. Em 1481 viajou à Palestina e passou pelo Egito. Ele escreveu em hebraico um relato sobre sua viagem, o qual contém muitas informações sobre as cidades que ele visitou (entre as quais Alexandria e Cairo). Seu relato foi publicado em 1949 sob o nome "Massa Meshulam mi-Volterra be-Erez Yisrael" (A Viagem de Meshulam de Volterra na terra de Israel) por A. Yaari ed. citado em Encyclopaedia Judaica; vol. 16; pag. 221, verbete: Volterras, Meshulam.

e Obadia de Bertinoro³⁴ que chegaram ao Egito em 1481 e 1488 respectivamente e que descreveram longamente as comunidades judaicas de Alexandria e Cairo e seus costumes, temos algum conhecimento sobre o tamanho destas comunidades judaicas na época.. Os números encontrados em seus relatos, enfatizam o decréscimo da população judaica. Meshulam de Volterra relata existirem 800 famílias judias em Cairo e 50 em Alexandria, fora caraitas e samaritanos e Obadia de Bertinoro, menciona 500 famílias em Cairo, 25 em Alexandria e 30 em Bilbeis, também fora caraitas e samaritanos. É possível deduzir disto que no final do séc. XV, todas as comunidades judaicas do Egito contavam com menos de 5.000 pessoas. Parece, no entanto que a organização comunitária autônoma (dos cristãos e judeus) permaneceu ilesa e os "neguidim" continuaram liderando a comunidade judaica como dantes.³⁵

³⁴ Obadia ben-Abraham Bertinoro, rabino e comentador da Mishna, de Bertinoro, no norte da Itália. Entre 1488-90 ele viajou a Israel, chegando em 1488 (no percurso) a Alexandria. Ele descreveu longamente, em três cartas, as comunidades judaicas que visitou e seus costumes. Depois de Alexandria esteve no Cairo, onde o "Naguid" Natan ha-Kohen Sholal recebeu-o com grande honra, pedindo-lhe para permanecer na cidade. Ele recusou-se e seguiu sua viagem até Jerusalém, onde tomou-se líder espiritual da comunidade judaica. Responsabilizou-se pelo sustento dos pobres, com dinheiro de suas propriedades na Itália e de seu amigo Emanuel hai Camerino de Florença (que o enviava regularmente) e com contribuições de seu irmão. Ficou famoso por seu comentário sobre a "Mishná" que foi publicado em Veneza em 1548-49. Este tomou-se o comentário padrão sobre a "Mishná", como é o de Rashi sobre o Talmud. Este comentário foi publicado com o texto em quase todas as edições sobre a "Mishná". As três cartas mencionadas acima, foram escritas em hebraico fluente e claro, a seu pai, seu irmão e provavelmente a seu amigo (mencionado acima) Camerino. Elas foram publicadas sob o título "Darkhei Ziyon" (Os caminhos de Sião), ou "Ha-massá le-Erez Yisrael" (A Viagem à Terra de Israel) e traduzidas para muitas línguas. Outros trabalhos e correspondência, assim como poemas e orações permanecem em manuscrito. Em Encyclopaedia Judaica, vol. 4, pags. 698-99 verbete: Bertinoro, Obadiah Ben Abraham.

³⁵ O último dos descendentes de Maimônides a atuar como "naguid", foi David ben Yehoshua.

No final do séc. XV, quando (como observamos) as comunidades judaicas no Egito estavam empobrecidas e em decréscimo populacional, começou a imigração de judeus da Espanha (Sfarad) e logo depois de Portugal que reforçou estas comunidades enfraquecidas. Podemos até dizer que ao se estabelecerem no Egito, estes imigrantes (denominados sefaraditas), abriram uma página nova na história das comunidades judaicas do Egito (veja capítulo "Sefaraditas ou Judeus Orientais"). Estes sefaraditas encontraram no Egito as antigas comunidades dos "mustárabes" (judeus nativos que falavam árabe), dos "magrebis" (do norte da África), dos "shamis" (da Síria) e uma congregação caraita (já citada).

Os exilados da Espanha e de Portugal estabeleceram-se principalmente em Cairo e em Alexandria e trouxeram benefícios à vida cultural do judaísmo egípcio. Entre os mesmos haviam estudiosos e rabinos de renome que se entrosaram nas atividades educacionais e que foram designados "dayanim" (juizes). Destacaram-se entre estes o Rabino David ben Salomon Abi Zimra (1479-1573)³⁶, Jacob Berab (1474-1546)³⁷ e Samuel há-Levi Hakim (? 1480-após 1547)³⁸.

³⁶ Chegou ao Egito em 1513 aproximadamente, de Jerusalém, onde permaneceu algum tempo após a fuga da Espanha. No Egito residiu por 40 anos, primeiro em Alexandria e depois em Cairo, onde foi membro do "Beit-Din" (tribunal) do "Naguid" Isaac Sholal (descendente do "Naguid" Natan há-Kohen Sholal, citado na nota 36). Foi autoridade "halákhica" (legal. Halakha é a parte do Talmud que contém as leis) e Cabalista e tornou-se o líder oficial dos judeus do Egito, após a conquista do Egito pelos turcos (1517). Nesta função tinha vários cargos importantes, (desde juiz e chefe de academia até administrador das coletas para caridade) que cumpria honorariamente, já que era independente financeiramente. Ele certamente exerceu grande influência sobre seus contemporâneos, pois conseguiu impor várias regulamentações. As mais conhecidas são: a abolição da datação de documentos legais, segundo a era Selêucida (a partir do séc. IV a.C.) que

ainda era vigente no Egito e sua substituição, pela datação de acordo com a era da Criação; a formação de uma Hevrá Kadisha (Sociedade Sagrada; Sociedade Cemitério), pois os mortos, antes tinham que ser enterrados secretamente, para evitar ataques dos não judeus e a proibição de empregar muçulmanos, como dançarinos e músicos nos casamentos judaicos. Ele compôs um tratado sobre a metodologia do Talmud: "Klatei há-Gmará" (Leis da Gmará (nome genérico de todos os livros do Talmud)), impresso em Veneza em 1599 em "Me-Harerei Nemerim" (Das montanhas dos Leopardos), em Encyclopaedia Judaica, vol. 5, pags. 1356-1358; verbete: David ben Salomon Ibn Abi Zimra.

³⁷ Autoridade "halákhica" (legal) e líder das comunidades judaicas do Egito, da Palestina e da Síria, durante a primeira metade do séc. XVI. Foi ao Marrocos, após a expulsão dos judeus da Espanha em 1492 e alguns anos depois, estabeleceu-se no Egito, viajando frequentemente à Síria e à Palestina a negócios. Durante estas viagens, Jacob Berab, ensinou também, o Pentateuco, reunindo muitos discípulos que o respeitavam muito. Ele aliou-se ao movimento Messiânico, do início do séc. XVI (que resultou, principalmente do Intensivo estudo da Cabala) e quis dar ímpeto à antecipação messiânica, tentando restabelecer a instituição da "semikha" (Ordenação Rabínica). Segundo Maimônides ("Yad ha-Hazaqa" (a Mão Forte), Sanhedrin, 1:3), o estabelecimento de um "grande Tribunal" (com rabinos ordenados) ocorreria antes da vinda do Messias. Já que uma instituição competente para outorgar a ordenação rabínica, não existia há várias centenas de anos, Maimônides deixou instruções para seu estabelecimento. Ele autorizou os rabinos da Palestina, a nomearem um entre eles, para ser o primeiro "Samukh" (ordenado). Este rabino teria a autoridade de ordenar outros que então poderiam formar um "Sanhedrin" (Sinédrio; Grande Tribunal). A expulsão da Espanha e a vinda de muitos judeus à Palestina, foi interpretada como um sinal de que a redenção era iminente. A cidade de Safed (no norte da Palestina) tornou-se a sede do ímpeto messiânico e Jacob Berab que periodicamente residia ali, conseguiu atrair seus estudiosos (incluindo Joseph Caro, autor de "Suthan Arukh" ((Mesa Posta) código das leis judaicas que se tornou autorizado para o judaísmo ortodoxo em todo o mundo) à sua idéia. Ele seria o primeiro "samukh" (ordenado). Os Rabinos de Jerusalém não aceitaram a idéia, porque opunham-se aos rabinos de Safed na área legal, na época. As discussões sobre a "semikhá" (ordenação) continuaram por alguns meses, quando (provavelmente por causa de um assunto pessoal, seus inimigos denunciaram-no às autoridades turcas de Safed) ele foi forçado pelos turcos, a abandonar a Palestina. Berab continuou a discussão de Damasco, mas os Rabinos de Jerusalém (liderados por Levi Habib), tiveram um aliado importante; David ben Salomon Abi Zimra (veja nota 38) que residia no Egito; e assim o projeto de estabelecer o "Grande Tribunal" terminou. Em Encyclopaedia Judaica, vol. 4, pags. 582-584; verbete: Berab, Jacob.

³⁸ Visto no início do séc. XVI como um dos rabinos eminentes do Egito e proeminente autoridade "halákhica" (legal) e "dayan" (juiz) em Cairo. Proveio de uma família distinta de origem espanhola que fixou residência no Egito. Apenas um reduzido número de suas muitas "responas" (correspondência rabínica e respostas sobre questões religiosas) sobreviveu. Algumas estão preservadas nas obras de seus contemporâneos, como a "respona" de Joseph Caro (veja nota anterior) e Levi Habib (idem) e poucas existem, ainda em manuscrito. É interessante ressaltar que este rabino aceitava os Caraitas (veja nota 22) e estava bem inteirado de seus costumes. Em uma de suas "responas" (ainda em manuscrito) ele expressa a opinião de que os Caraitas pecam inadvertidamente, não deliberadamente e não deveriam ser tratados como apóstatas, ou como descendentes ilegítimos de casamentos proibidos. Por isto é permitido casar com os mesmos, beber do seu vinho, comer da carne do animal abatido por eles e deve-se aceitá-los como testemunhas em assuntos de caráter pessoal. Esta opinião original, para a qual não há paralelo, ou parecer de apoio, na sua geração, ou nas gerações seguintes, suscitou a mais veemente oposição, por parte das outras autoridades da época, entre as quais estava David ben Salomon Abi Zimra (veja nota 38). O lugar e a data da morte de Hakim são desconhecidos. Em Encyclopaedia Judaica, vol. 7, pag. 1151; verbete: Hakim, Samuel ha-Levi.

Em 1517 os turcos otomanos³⁹ conquistaram o Egito, dos mamelucos (por usarem a artilharia, enquanto os exércitos mamelucos eram compostos por cavalaria), tomando-o uma das províncias do Império Otomano por mais de trezentos anos. Esta conquista modificou a história do país e dos cristãos e judeus que nele habitavam. A população judaica aumentou, assim como nos demais países do Império e principalmente na própria Turquia.

Os otomanos, no auge de seu poder, foram tolerantes e os judeus ocuparam posições importantes na administração financeira e na arrecadação de impostos. Quase todos os governadores turcos enviados ao Egito (pelo Sultão) entregavam a responsabilidade da administração financeira a agentes judeus que eram conhecidos como "Sarraf-bashi" (turco: chefe dos tesouros ou chefe tesoureiro). Estes "ministros das finanças" arrecadavam os impostos e eram os encarregados da casa da moeda. Os governadores tinham também médicos judeus que eram designados a altos cargos no governo.

Alguns anos após a conquista do Egito, os otomanos aboliram o cargo de "naguid" que existiu durante todo o domínio Fatimida e Mameluco e o representante dos judeus que era enviado de Constantinopla era

³⁹ Um clã de turcos saídos de uma tribo dos Ghuz que estavam instalados numa região avançada, da fronteira Seldjúcidas (Seldjúcidas era o nome da família reinante das tribos turcas Ghuz que penetraram na Ásia Ocidental no séc. XI, comandadas por seu líder seldjuk) com o Império Bizantino. Seu primeiro grande chefe foi Otaman (ou Utman) que deu o nome a seu povo e cuja vida está envolta em lendas. Em Mário Curtis Giordani: "História do Mundo Árabe Medieval", pag. 149 e Encyclopaedia Britannica, vol. 20, pages 193-196; verbete: Seljuks.

denominado "chelebi" (turco=cavalheiro), cargo que existiu por quase duzentos anos.

O Sultão Suleiman o Magnífico (1520-1566) que é tido como o maior dentre os sultões otomanos, conseguiu a paz e a segurança para os habitantes do Império e em consequência uma expansão econômica (e agrícola) e um aumento da população.

Ele introduziu as "capitulações" que eram pactos, ou contratos entre os sultões otomanos e os países cristãos da Europa, em relação aos direitos dos súditos de cada um, quando residindo no país do outro. Muitos judeus que imigraram, de fora dos domínios otomanos, foram beneficiados por estes acordos que tinham grande importância para sua situação legal. Eles assim obtiveram o status de pessoas protegidas e foram lhes garantidos direitos extraterritoriais e proteção contra ataques à propriedade e à vida.

Como resultado das "capitulações", colônias comerciais - nas quais concentrou-se o comércio internacional - foram estabelecidas em várias regiões do Império, principalmente nos países do Levante, pelos franceses e num período posterior, também pelos ingleses. As mais importantes foram: Salônica, Constantinopla, Smirna, Trípoli, Sidon, Acre, Alexandria (e no interior: Aleppo, Cairo e Ramla). Na maioria destes centros haviam comunidades judaicas.

Os grandes comerciantes, geralmente necessitavam de intermediários e agentes entre compradores e fornecedores. Esta foi a função quase exclusiva de cristãos e judeus e era transferida de pai a filho. Estes agentes recebiam das autoridades otomanas garantias de proteção que eram conhecidas como "Berat" e que serviam também, como o certificado de um agente que era reconhecido pelo respectivo consulado⁴⁰.

Desta forma os comerciantes judeus e cristãos que tinham papel importante no comércio doméstico e estrangeiro do Império Otomano, do séc. XVI em diante, foram indiretamente beneficiados pelas "capitulações"⁴¹.

No Egito (como parte do Império Otomano) estava em vigor o mesmo sistema de "capitulações" e para se protegerem contra medidas arbitrárias, muitos judeus tentaram obter nacionalidade estrangeira, ou pelo menos, proteção estrangeira⁴².

Os conquistadores otomanos (assim como agiam em todos os países que conquistaram) dominavam o Egito, por intermédio de um governador enviado pelo Sultão.

⁴⁰ Além da proteção, os que possuíam o "Berat" eram isentos do pagamento de impostos.

⁴¹ Mesmo após a França ter sido privada de seu direito exclusivo e serem feitos tratados com outros países, seus representantes continuaram a se considerar protetores dos judeus no Império Otomano.

⁴² Por esta razão, durante o séc. XIX, raras eram as famílias judias no Egito que não possuíam nacionalidade estrangeira, apesar da oposição das autoridades egípcias, quanto à extensão do sistema de "capitulações". A proteção dos representantes austro-húngaros e franceses, era a mais procurada pelos judeus egípcios, até o séc. XIX. O fato de terem nacionalidade estrangeira, será um dos motivos da emigração contemporânea em massa dos judeus do Egito, pois eles eram em grande parte estrangeiros, como ingleses e franceses e outras minorias, como Italianos, gregos e espanhóis. (veja capítulo: Antecedentes políticos do Êxodo Contemporâneo do Egito; nota 10).

Durante os séculos XVII e XVIII os governadores enviados ao Egito eram tirânicos e corruptos e por isso, freqüentemente substituídos. Queriam enriquecer e alguns, também, rebelar-se contra o sultão de Constantinopla e seus atos de violência e extorsão ⁴³ trouxeram sofrimento para os judeus.

No oitavo ano do domínio otomano, um grupo de judeus ricos liderados por Avraham Castro⁴⁴ controlava a "Casa da Moeda" do Egito. Em 1523 o governador – paxá Muhamad Şhaitan pretendia rebelar-se contra o sultão Suleiman I. Ele ordenou a Avraham Castro que cunhasse moedas com seu nome e com isto, coroar-se-ia rei do Egito. Castro recusou-se e fugiu a Constantinopla, onde informou ao sultão sobre a rebelião de Muhamad. O último decidiu vingar-se dos judeus do Egito, impondo-lhes uma multa pesada e declarando que se não fosse paga, sofreriam outros castigos. Antes que ele levasse a cabo o seu plano, porém, sua rebelião foi sufocada e ele foi executado em 1524. Os judeus do Egito comemoraram a data de sua execução em 28 do mês de Adar, como uma festa, à qual denominaram "Purim Şel Mizrayim" (hebr.: Purim do Egito)⁴⁵.

⁴³ Executavam sumariamente os "chelebis" (representantes dos judeus enviados de Constantinopla), para tomar seu dinheiro e seus bens.

⁴⁴ Avraham Castro foi nomeado chefe da "Casa da Moeda" em 1522, pelo governador egípcio Cheirbeg. Ele recebeu o título honorário de "Naguíd", porém não há informações sobre suas atividades na Comunidade Judaica. Em Encyclopaedia Judaica, vol. 5, pag. 244; verbete: Castro, Avraham.

⁴⁵ A festa judaica de "Purim", celebrada em 14 de Adar, segundo os eventos relatados no livro (rolo) de Ester, também comemora a salvação dos judeus de um ministro (Haman) persa, que queria exterminá-los e o mês é o mesmo: Adar. Atualmente os imigrantes sefaraditas egípcios, não mais lêem nas sinagogas o rolo sobre este evento no Egito, como o faziam em Cairo. Eles apenas comemoram a festa de "Purim" do Livro de Ester, como os demais judeus.

Os governadores do Egito continuaram a impor pesados impostos aos judeus e a executar os “chelebis” sempre que deles suspeitavam não preencherem seus desejos, até que este título foi abolido e o agente judeu do governador egípcio que também liderava a comunidade, a partir da metade do séc. XVII começou a ser denominado “Bazirkan” (do persa: bizargar = mercador, comerciante).

No final do séc. XVI os sultões otomanos introduziram as leis discriminatórias em relação aos adeptos de todas as religiões não muçulmanas que eram considerados infiéis. Em Cairo, por exemplo, aos cristãos e judeus era proibido montar cavalos (somente burros) mesmo no séc. XVIII.

A tirania do governo turco e o declínio político-econômico do Império, afetaram o nível cultural do judaísmo egípcio e a comunidade não mais foi liderada, como no século XVI, por renomados rabinos, afora alguns grandes talmudistas, como Mordekhai ben Yehuda há-Levi⁴⁶, Abraham Iscandari⁴⁷ e

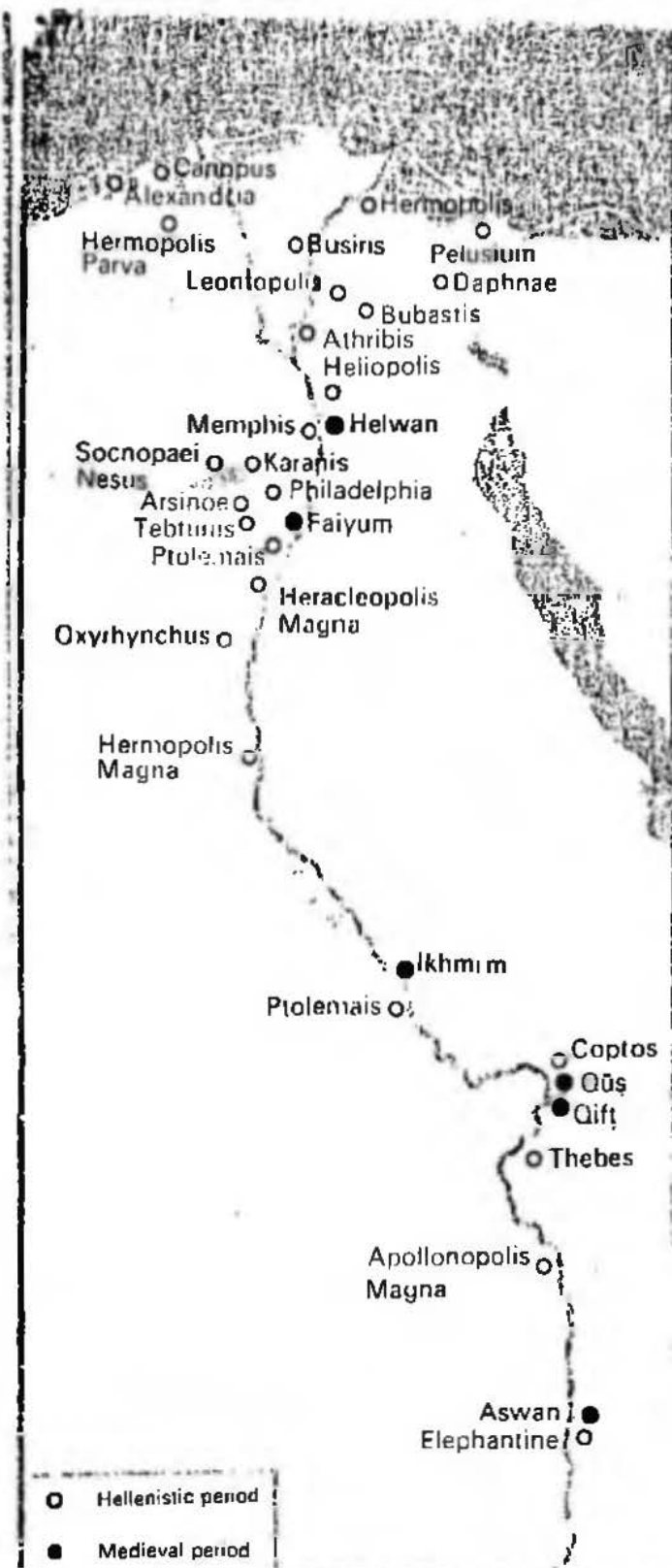
⁴⁶ É considerado o maior dos rabinos do séc. XVII e exerceu o rabinato por mais de quarenta anos em Cairo e Roseta. Sua única obra publicada foi uma coleção de “responso” denominada “Darkei Noam” (Caminhos da Amabilidade) em Veneza, em 1697. A obra é uma coleção de informações sobre a história do judaísmo egípcio do séc. XVII e contém “responso” de muitos estudiosos de sua geração (morreu em 1684). Em *Encyclopaedia Judaica*, vol. 12; pag. 314; verbete: Mordekhai ben Yehuda há-Levi.

⁴⁷ (1565? – 1650) Seu sobrenome Iscandari, provém de al-Iscondria = Alexandria. Talmudista, rabino, médico e líder da já mencionada comunidade “mustárabe” do Egito. Manteve uma academia em sua própria casa e possuía uma valiosa biblioteca que continha muitos manuscritos. Em *Encyclopaedia Judaica*, vol. 9; pag. 76; verbete: Iscandari, Abraham.

Samuel Vital⁴⁸, durante o séc. XVII e Solomon Algazi⁴⁹ no séc. XVIII.

⁴⁸ (1598-1678) Cabalista e autoridade talmúdica que veio de Damasco a Cairo em 1664, onde serviu como rabino. Em *Encyclopaedia Judaica*, vol. 16; pag. 176; verbete: Vital, Samuel.

⁴⁹ (1673-1762) Rabino e "halakhista", membro do "beit-din" (tribunal) de Cairo e eleito rabino chefe do Egito em 1740. Escreveu "responso" e um livro sobre Maimônides, atualmente desaparecido que foi, porém visto por Hayim Yossef David Azulai (halakhista e cabalista, visto pelos judeus do Império Otomano e da Itália, como o maior estudioso de sua geração) que o menciona em 1753. Citado em *Encyclopaedia Judaica*, vol. 2; pags. 610, 611; verbete: Algazi, Solomon e vol. 3; pags. 1019-20; verbete: Azulai, Hayim Joseph David.



MAPA 1
 Encyclopaedia Judaica,
 Vol. 6, pag. 486



Mapa 2
 Encyclopaedia Judaica,
 vol. 6, pag. 486

O PASSADO GLORIOSO

As condições econômicas e políticas dos judeus do Egito não melhoraram até o início do séc. XIX, com a introdução de reformas econômicas pelo governador Muhammad Ali (1805-1849). Este aproveitou-se da fraqueza dos otomanos e da desunião, na época, das grandes potências e consolidou sua posição, com campanhas militares fora do Egito e com importantes reformas no país, conseguindo que o sultão deixasse o governo do Egito para ele e sua família.

Seu objetivo era transformar o Egito num país desenvolvido, elevando o nível de vida de seus habitantes em sua maioria pobres. Para alcançar esta meta, construiu represas e ampliou as áreas adequadas para o cultivo agrícola; construiu escolas, estabeleceu tribunais civis e restringiu os poderes dos tribunais religiosos (e assim judeus e coptas podiam apresentar-se diante de tribunais civis, nos quais seu testemunho contra muçulmanos seria aceito)¹ e esforçou-se em atrair especialistas europeus para realizarem programas de desenvolvimento.

Como resultado dos programas de desenvolvimento do governo de Muhammad Ali, a economia do Egito floresceu e imigraram ao Egito judeus

¹ Segundo Marion Woolfson: "Prophets in Babylon", pag. 101.

de países europeus. Neste período os judeus tinham função central nas atividades de desenvolvimento do país. Eles auxiliaram no estabelecimento de indústrias e juntamente com os coptas (cristãos) tomaram-se a viga mestra do negócio bancário internacional que atuava no Egito.

Os países da Europa mostraram interesse pelo desenvolvimento do Egito, pois este ligava a Ásia à África e estava próximo à Europa. Este interesse levou à criação de condições especiais para os cidadãos dos países europeus (como isenção do pagamento de impostos) que já gozavam do sistema de "Capitulações", ao qual já nos referimos. Após a construção do Canal de Suez em 1869 e o rápido desenvolvimento que o Khedive Ismail conseguiu de 1863 a 1879, muitos estrangeiros estabeleceram-se no Egito, incluindo judeus de países da Europa, da África e da Ásia. Durante o governo de Ismail foram pavimentadas estradas de rodagem, colocadas ferrovias e construídas indústrias. De um censo realizado em 1897 verifica-se que aproximadamente, a metade dos judeus do Egito eram cidadãos estrangeiros. Havia neste ano 25.200 judeus no Egito, dos quais 12.507 eram cidadãos estrangeiros².

² Hayim Cohen: "The Jews of the Middle East" pag. 70; David Sitton, op. Cit. Pag. 88 e Heskell M. Haddad, op. Cit. Pag. 68 e segundo Daniel J. Elazar: "The Other Jews", pag. 98, deste total, 10.000 aproximadamente viviam em Alexandria e 9.000 aproximadamente em Cairo. Assim Alexandria neste período segundo Daniel J. Elazar superou (em número de habitantes judeus) Cairo, onde antes existia a maior comunidade judaica. Segundo Hayim Cohen op. Cit., pag. 70, no entanto 11.608 judeus viviam em Cairo e apenas 9.831 em Alexandria. Em cidades menores como Tanta, Port-Said e Mansura residiam 2.883, 400 e 508 judeus respectivamente. O Egito foi o único país do Oriente Médio que realizava censos populacionais regularmente, desde 1882 segundo Hayim Cohen.

Com a ocupação Britânica do Egito em 1881³ a situação dos estrangeiros, entre os quais os judeus, melhorou ainda mais. Estes foram ocupando lugar de destaque na economia e na sociedade. Aos poucos os judeus ricos, deixaram os antigos bairros de Cairo e Alexandria e construíram grandes residências, formando novos bairros; construíram novas sinagogas e começaram a ocupar espaço na vida pública também. Neste mesmo período muitas instituições comunitárias foram fundadas: escolas, hospitais bem equipados, instituições de caridade, clubes esportivos e centros sociais.

Podemos afirmar que no final do séc. XIX e na 1ª metade do séc. XX os judeus participaram enormemente do desenvolvimento econômico do país, mesmo sendo uma pequena minoria da população. Eles contribuíram no desenvolvimento da indústria de açúcar⁴ e na construção de ferrovias⁵ e

³ O ritmo dos programas de desenvolvimento foi apressado e levou a gastos excessivos, até que após alguns anos o país atolou em enormes dívidas. Em 1875 a França e a Inglaterra inspecionaram a economia do país e tomaram conta da administração de sua renda e seus gastos, para poder cobrar suas dívidas.

⁴ Exemplos são: Aslan Cattaoui um dos empreendedores da indústria do açúcar no Egito; René Cattaoui Bey continuou na administração da Refinaria de Açúcar do Egito; Victor Moise Mosseri agrônomo que contribuiu para o desenvolvimento da indústria do açúcar (e do algodão - veja nota 7). Ephraim Adda dirigiu a Companhia de Açúcar estatal e os irmãos Joseph, Felix e Raphael Suares fundaram a "Société Générale des Sucreries et de la Raffinerie d'Egypte" com capital francês. Em Shimon Shamir: "The Jews of Egypt.: A Mediterranean Society in Modern Times"; 1987, pags. 87, 88 e 89; Gudrun Krämer: "The Jews in Modern Egypt, 1914-1952"; 1989, pag. 40.

⁵ Moise Cattaoui Pasha, juntamente com a família Suarés construíram vários sistemas ferroviários no Alto Egito e no delta Oriental (Cairo-Hulwan em 1880, Cairo-Asyut em 1880, Qina-Aswan em 1896 e no ano seguinte a Eastern and Delta Light Railways); Simon e Giacomo Rolo construíram a Helwan Railway; Ephraim Adda ocupou posição chave na administração ferroviária estatal; Victor Harari Pasha foi membro "senior" da diretoria da ferrovia estatal. Em Maurice Mizrahi: "L'Egypte et ses Juifs les Temps Revolu (XIX^e et XX^e siecle), 1977, pags. 65-67 e Gudrun Krämer, op. Cit. Pag. 41.

participaram da fundação de vários bancos⁶ e do cultivo e comercialização do algodão⁷, do arroz⁸ e da cebola⁹.

O algodão era a principal fonte agrícola do Egito e sua produção e exportação, permitiam-lhe cobrir grande parte de suas necessidades em

⁶ Joseph Cicurel estava entre os fundadores do "Misr Bank" (Banco do Egito) que financiou numerosas indústrias novas e empreendimentos comerciais e agrícolas e tomou-se um de seus administradores; outro fundador do "Misr Bank" foi Youssef Aslan Cattaoui Pasha; seu filho Aslan Cattaoui encabeçou o conselho administrativo do Banco Nacional do Egito, como representante do governo egípcio; o Banco Mosseri, Figli e Cie (da família Mosseri) teve papel importante no desenvolvimento das finanças e da agricultura do país. A origem desta família de banqueiros remonta a 1750 com Nessim Mosseri. A família Rolo: Ruben Rolo e seus dois filhos Simon e Giacomo, eram sócios das famílias Cattaoui e Suarès no Banco Nacional e no Crédit Foncier Égyptien (Banco de Crédito para Terras). Robert Rolo foi diretor do Banco Nacional; Joseph de Picciotto Bey (avô de nosso entrevistado Joe de Picciotto que reside em São Paulo), além de economista e senador, era membro do conselho administrativo de várias companhias, entre as quais o banco "Cassa di Sconto e di Risparmio"; Victor Harari Pasha foi indicado representante do governo no Banco Nacional e no Banco da Agricultura; Elie Politi foi diretor do Banco Comercial do Egito que sob sua direção tomou-se um grande banco. Em Maurice Mizrahi, op. Cit., pags. 66 a 69 e Shimon Shamir, op. Cit., pags. 88-90.

⁷ O agrônomo Victor Moise Mossen (que foi nomeado pelo governo, diretor da Câmara dos agrônomos, arquitetos e químicos) contribuiu muito para o desenvolvimento da cultura do algodão e sua proteção contra parasitas. Ele foi membro de numerosas associações científicas do Egito e da Europa. O filho de Ephraim Adda (veja notas 4 e 5), Ibram Adda Bey, também contribuiu enormemente para o desenvolvimento da cultura e da comercialização do algodão (construiu também um grande hospital oftalmológico que ofereceu ao município de Alexandria e um Lar de idosos, que também doou ao município de sua cidade. Quanto às empresas dirigidas por judeus, duas grandes devem ser mencionadas: a "Egyptian Produce Co" de Ali Yahya Pasha, dirigida e operada por um judeu denominado Marcel Messiqua e a "Sociedade Ahmed Farghali Pasha", cujo diretor judeu Edouard Argi, foi substituído, após sua morte, por outro judeu, Fernand Cohen. Em Maurice Mizrahi, op. Cit. Pags. 70, 74, 75 e Shimon Shamir, op. Cit. Pags. 89 e 91.

⁸ As três empresas mais importantes da comercialização e exportação do arroz pertenciam aos irmãos Abecassis, Mayer Lisbona e irmãos Cohen, todos judeus. Um quinto do total mencionado, era comercializado pelos irmãos Abecassis. Em Shimon Shamir, op. Cit. Pag. 92 e Maurice Mizrahi, op. Cit. Pag. 23.

⁹ A cebola era o terceiro maior produto agrícola egípcio, depois do algodão e do arroz. Um comerciante de importação - exportação judeu, Isaac Vaena, dominava o comércio egípcio de frutas, vegetais e principalmente a exportação de cebolas. Assim mesmo, seu negócio foi fechado e seus bens seqüestrados, com a nacionalização e ele deixou o Egito em 1965. Após alguns meses, a exportação de cebolas diminuiu rapidamente e os estoques que se acumularam nos armazéns de Alexandria estavam apodrecendo. Em consequência, o embaixador egípcio em Paris, convidou Isaac Vaena a voltar ao Egito e concluir a transação. Vaena recusou a oferta, pouco tempo depois, porém uma delegação do Ministério do Comércio e da Indústria, foi enviada para informá-lo que o seqüestro de sua propriedade seria suspenso se ele retomassem imediatamente. Vaena aceitou a oferta, voltou ao Egito e conseguiu exportar todo o estoque de cebolas. O governo do Egito, no entanto, não manteve sua promessa e Vaena morreu pouco depois, profundamente decepcionado. Em Gudrun Krämer, op. Cit. Pag. 52; Maurice Mizrahi op. Cit. Pag. 72.

divisas necessárias para cobrir o custo da importação essencial do país. Antes da nacionalização (veja capítulo sobre o Êxodo em Massa do Egito) haviam aproximadamente 45 empresas que exportavam algodão de Alexandria, das quais 25 eram de judeus e várias outras eram dirigidas e operadas por judeus (veja nota 7). Estes tinham papel importante, também no debulho e na indústria têxtil (fazendo o fio, tecendo e fazendo a malha do algodão) e as máquinas (para separar algodão) que eles construíram, operaram até a nacionalização. Dos imigrantes que vivem em São Paulo, quatro tem no pai, avô, etc... fundadores de indústrias de debulho de algodão e refinarias de óleo de sementes de algodão e da indústria têxtil (veja também notas 5 e 6 do capítulo: "Os primeiros anos na nova Pátria"). Estes são: Youssef Salama (avô de nosso entrevistado Sr. Ibram Salama) que fundou em 1890 em Mit-Ghamr, uma usina de debulho e uma refinaria de óleo de sementes de algodão. Seus filhos e netos continuaram a operar as duas usinas até a nacionalização da indústria do algodão. Habib Arripol (avô do cunhado do Sr. Ibram Salama) fundou em 1888 uma usina em Mansura e mais tarde, seu filho David, fundou mais uma. Os filhos e netos de Habib continuaram a operar estas usinas. Marc Hassan (tio do Sr. Ibram Salama) era comerciante de algodão e proprietário de uma usina de debulho em Mit-Ghamr e assistia regularmente, o leilão público anual, da colheita de algodão dos domínios reais que era conhecida por sua

qualidade superior. Mencionaremos ainda, Elie al-Dereiy que possuía a maior parte das usinas de algodão de Simbilawan, Mit Ghamr e Mansura e Raphael Toriel um importante exportador de algodão que possuía também, uma usina em Abu-al-Shukuk.

Outros entraram na indústria têxtil, na qual algumas usinas, entre as quais a "Nile Textile", próxima a Alexandria, de propriedade de Joseph Vaturi e Joseph de Picciotto (avô de nosso entrevistado Joe de Picciotto) estavam entre as mais importantes e mais modernas do país.

Depois do algodão, o arroz era o produto agrícola egípcio de exportação mais importante, em termos de divisas estrangeiras trazidas ao país. Na época da nacionalização das indústrias, a produção anual era de 500.000 a 550.000 toneladas, das quais a metade era exportada. A metade do total exportado, era realizado por cinco empresas que pertenciam a judeus bem como uma grande parte do arroz comercializado no país (veja nota 8). Judeus, também estavam envolvidos na inspeção das atividades de cultivo e processamento, para assegurar que o arroz comercializado fosse do padrão solicitado. Esta inspeção ao que parece foi um fator importante para manter a reputação do Egito nos mercados mundiais, pois com a nacionalização e o sequestro das usinas pertencentes aos europeus e aos judeus, a qualidade deste cereal, tão necessário ao país, decaiu e sua produção diminuiu. A nacionalização suprimiu a direção qualificada e

interessada dos proprietários das usinas que foram substituídos por funcionários sem qualificações profissionais; e desta forma, nossos entrevistados que visitaram o Egito (após o acordo de paz com Israel), relatam que as usinas ficaram em ruínas.

Ouvindo a história das famílias dos nossos entrevistados e comparando as obras citadas nas notas, verificamos que os judeus tiveram papel importante na colocação dos alicerces da economia moderna em todos os setores: agricultura¹⁰, indústria¹¹, comércio¹²,

¹⁰ Como exemplo citaremos Edgar Suarès (primo dos irmãos Suarès (veja nota 12) que deu início a um projeto gigante de agricultura, comprando terras não cultivadas ou parcialmente lavradas e preparando-as para revenda. A companhia (New Egyptian Company, com sede em Londres e da qual Edgar era o maior acionista) também tomou a seu encargo a proteção contra a erosão de numerosas ilhas ao longo do Nilo, no Alto Egito. Por intermédio da mencionada Companhia, Edgar Suarès comprou vastas áreas de terra (alguns milhares de acres) no Alto e Baixo Egito, tornou-as utilizáveis e introduziu nelas, sistemas de irrigação, para que ficassem prontas para agricultura intensiva. Então ele as vendeu em pequenos lotes a camponeses da região, em condições muito facilitadas (preços baixos e crédito de longo prazo). Este projeto melhorou a sorte de muitos camponeses. Youssef Aslan Cattaoui (que estudou engenharia na Ecole Centrale de Paris) também deve ser mencionado, pois foi responsável pela transformação de 70.000 acres do deserto de Kom Ombo, em terra fértil. A Sociedade do Wadi Kom Ombo tomou-se uma das maiores companhias da agricultura egípcia. Seu poder econômico, transformou-se em influência política e nas décadas de 20 e 30 (do nosso século), membros da família Cattaoui (Youssef Aslan Cattaoui e René Cattaoui) foram eleitos deputados pelo já distrito de Kom Ombo. Em Gudrun Krämer op. cit. pag. 41; Shimon Shamir, op. cit. pags. 87 e 88 e Maurice Mizrahi, op. cit. pags. 66 e 67

¹¹ Além da participação nas indústrias do algodão (debulhamento e extração de óleo) e do açúcar, outros tinham papel importante na iniciação e no desenvolvimento de indústrias novas, como, por exemplo o Dr. Isaac Lévi que era diretor do Departamento de Estatística e secretário geral da Federação das Indústrias do Egito e Elie Politi (veja nota 6) que publicava o "Guia para Indústrias Egípcias", a "Revista Anual de Companhias Egípcias" e o "Guia Egípcio do Algodão", ou ainda da família Mosseri (veja notas 4, 6 e 7), Elie Nessim Mosseri que reorganizou a Companhia Egípcia de Cimento que estava em absoluta desordem e era solicitado por sociedades anônimas para participar de seus conselhos administrativos. Em Gudrun Krämer op. cit. pag. 39; Shimon Shamir op. cit. pag. 89 e Maurice Mizrahi op. cit. pags. 69 e 71.

¹² Já nos referimos à participação dos judeus no comércio do arroz, da cebola e do açúcar; outros fundaram vários grandes estabelecimentos comerciais, como a família Cicurel (veja nota 6) que fundou e manteve a "Cicurel Department Stores", a maior e mais prestigiada cadeia de lojas do Egito (um dos irmãos, Salomon Cicurel, fundou uma escola de Comércio que deu a muitos jovens a chance de estudar uma profissão). Após a morte de seus dois irmãos (Salomon e Joseph), Salvator Cicurel (enquanto mantinha a "Cicurel Department Stores"), lançou a "Oreco", cadeia de lojas com preços populares. Ele foi um dos iniciadores da Associação de Lojas de Departamentos

finanças¹³ e desenvolvimento urbano¹⁴ e que em 1956, por motivos políticos a participação judaica na economia egípcia declinou quase por completo.

Podemos concluir que os judeus no Egito do final do séc. XIX até a metade do séc. XX, pertenciam a três camadas sociais. A primeira,

e Atacadistas, cujo objetivo era encorajar a venda de mercadorias produzidas no país. Chefiou também por anos a Câmara do Comércio do Egito. Após a ascensão ao poder do novo regime no Egito em 1952 (veja capítulo "Antecedentes Políticos"), os oficiais da revolução consultavam-no frequentemente sobre questões econômicas. Outra família que se destacou neste ramo foi a Suarès (veja notas 10 e 13) que estabeleceu um grande número de empresas que contribuíram para o desenvolvimento da economia egípcia. Uma importante intersecção no centro novo de Calro, recebeu o nome "Midan Suarès" (Praça Suarès) até 1922, quando o nome foi substituído, pelo do líder nacionalista "Mustafa Kamil". O Barão Jacob de Manasce (todos os entrevistados por nós lembraram seu nome, pelas suas obras filantrópicas, pela fundação e manutenção das escolas Manasce, em Alexandria, pela construção da Grande Sinagoga, da qual muito orgulham-se os sefaraditas egípcios e pela construção do primeiro hospital judaico) fundou numerosos estabelecimentos comerciais e era associado na maioria das companhias fundadas pelas famílias Suarès e Cattaoui. Yacoub Cattaoui (veja notas 4, 5, 6 e 10), assim como, Salomon Cicurel, manteve uma escola comercial e sustentava e pagava os estudos de Medicina, Arquitetura ou Direito a alunos talentosos. Em Gudrun Krämer op. cit. pags. 41-43.

¹³ O mesmo Yacoub Cattaoui foi nomeado "tesoureiro chefe", posição que o colocava no comando dos negócios financeiros do país. Quando nesta posição, o silo de grãos de Cairo queimou e sua atuação para estabilizar os suprimentos de grãos, valeu-lhe a mais alta condecoração obtível a plebeus. Seu neto Youssef (Joseph) Aslan Cattaoui (veja notas 6, 10 e 12) foi presidente do Comitê Parlamentar de Finanças e em 1931 chefiou a Comissão de Finanças do Senado. O segundo filho de Youssef, René Cattaoui (veja notas 4 e 10) entre suas outras muitas atividades, foi membro do Conselho do Senado para Assuntos Econômicos. Ephraim Adda (veja notas 4, 5 e 7) nascido em 1858, tomou-se examinador das contas do Ministério das Finanças. Devem ser mencionados ainda: Julius Blum Pasha que foi subsecretário de Finanças do Egito; Victor Harari Pasha (veja notas 5 e 6) que ocupou uma sucessão de cargos importantes no governo egípcio, diretor do Departamento de Impostos do Ministério das Finanças, diretor do Tesouro Nacional, secretário geral da delegação egípcia no Congresso internacional de Funcionários da Fazenda, em Londres (delegação chefiada por Julius Blum, anteriormente citado) e diretor geral do Ministério das Finanças; e os irmãos Joseph e Moise Dichy Bey que ocuparam altos cargos no Ministério das Finanças (e são parentes de nosso entrevistado Albert Dichy, da diretora da Congregação Mekor Haim (veja capítulo "Os Primeiros Anos")). Em Shimon Shamir op. cit. pag. 90; Maurice Mizrahi, op. cit. pag. 71 e Gudrun Krämer op. cit. pag. 45.

¹⁴ Dois judeus egípcios destacaram-se neste sentido: Joseph Smouha que foi responsável pela construção da "Smouha City", numa área de pântanos que ele recuperou. A área desenvolveu-se e tomou-se um subúrbio agradável e muito procurado de Alexandria, com gramados e chácaras, escolas e hospitais, hipódromo, campos de golfe, quadras de tênis, sinagogas, mesquitas e igrejas. Dentre nossos entrevistados, apenas alguns possuíam residência na "Smouha City". O segundo que deve ser mencionado é Elie Politi (veja notas 6, 7, 11 e 12) que foi responsável pelo desenvolvimento da nova cidade de Mokattam, sobre as colinas a leste de Cairo, da praia e da área urbana da região a leste de Alexandria, denominada Mamura, pela transformação do Palácio Real Montaza e Cassino e Museu e pela criação da "Companhia Egípcia de Terras e Construção". (Ele abriu e financiou uma cantina que servia refeições gratuitas aos pobres de Alexandria. Em Gudrun Krämer op. cit. pag. 43.

composta de um número considerável (em relação ao número de judeus que viviam no Egito) de famílias judias muito ricas (veja notas 4 a 13) que tinham papel proeminente na vida do país, por sua situação financeira, seu status na sociedade, suas conexões pessoais e suas ligações comerciais com poderosos proprietários de terra muçulmanos e coptas e com políticos. A segunda camada (classes média e média baixa) que cresceu muito neste período, composta por um grande número de homens de negócios envolvidos com o comércio do algodão, com exportação e importação, com a imprensa¹⁵, com a bolsa e outras atividades comerciais, ou pequenos comerciantes de alimentos, de artigos de amarelo ou corretores e um grande número de empregados em lojas, em bancos ou no serviço público. Graças ao desenvolvimento cultural, esta camada incluía muitos médicos, advogados, engenheiros e administradores. À terceira camada pertenciam os judeus mais pobres que eram principalmente, vendedores ambulantes, operários, comerciantes de retalhos, ou artesãos, como forjadores de prata e de cobre¹⁶. Estes viviam no bairro judaico - no qual quase todos os judeus residiram, desde o domínio Otomano até a metade do séc. XIX - o Harat-al-

¹⁵ O renomado advogado egípcio Felix Benzakein (nascido em 1895) fundou, em Alexandria em colaboração com Jacques Rabin, o semanário judaico "La Tribune Juive" em 1936 (em 1939 este fundiu-se com o semanário (em francês) "Israel" de Cairo que foi fundado em 1919). Elie Politi (já citado) que publicava várias revistas e anuários específicos (veja nota 11), tomou parte na fundação do jornal diário "al Misri" (o Egito) que se tornou um dos mais importantes jornais de língua árabe (não judaico). Isaac Levi (veja nota 11) foi diretor da "La Revue Contemporaine". Jacques Maleh fundou em 1950 o jornal "La Menorá" (O candelabro: em hebraico), publicado em francês até 1953, quando foi fechado, após a deportação de Jacques Maleh.

¹⁶ Em Jacob Landau "Jews in Nineteenth Century Egypt" 1969, pags. 9-15.

Yahud (o Bairro Judaico), um dos mais antigos e mais tradicionais bairros de Cairo¹⁷. Dos habitantes deste “gueto” voluntário (apesar de obrigatório pelas condições econômicas), muitos eram desempregados e beneficiários das instituições mantidas por filantropos judeus (quase todos que citamos da classe alta) e pelo trabalho beneficente de senhoras dos centros sociais da comunidade.

O American Jewish Yearbook de 1947-48 (vol. 49, pag 469) fornece dados estatísticos sobre estas camadas sociais. Considera dez por cento dos judeus do Egito “abastados” e quinze a vinte por cento da “Classe média”, enquanto os restantes setenta-setenta e cinco por cento, vivendo em “abjeta pobreza”. Estes dados são até certo ponto insatisfatórios, já que não temos outros, para podermos traçar comparações; eles no entanto, fornecem um perfil amplo destas camadas sociais¹⁸. Vale ressaltar que a maioria dos dados sobre a estrutura social e ocupacional do judaísmo

¹⁷ Em Alexandria, segundo nossos entrevistados, não havia no séc. XIX bairro judaico, semelhante ao Hara de Cairo, apesar de se concentrarem os judeus em certas áreas residenciais. No séc. XX, dispersaram-se por vários distritos da cidade, pelo critério de classe social, e não de origem étnica ou religiosa. Nas cidades menores, como Mansura e Port Said, os judeus abandonaram o Hara no séc. XX e não mais residiam em áreas especiais.

¹⁸ Os depoimentos que obtivemos contrariam estes dados. Nossos entrevistados afirmam que aproximadamente trinta por cento da comunidade judaica no Egito era pobre. Para São Paulo imigraram, principalmente, os da classe média-alta e baixa (veja capítulo: “O Êxodo em Massa - a imigração a São Paulo”) e os primeiros falam com certo desprezo dos judeus pobre do Hara, cuja maioria imigrou a Israel. Fica claro que vieram de um ambiente - a sociedade egípcia - que dava importância ao status e ao dinheiro. Acreditamos que isto se deve ao surgimento da classe alta, no final do séc. XIX, fato que abriu rapidamente a brecha, separando as várias camadas do judaísmo egípcio. A crescente diferenciação no nível social, por sua vez, refletiu-se numa diversidade crescente no estilo de vida, nas moradias, na educação, na língua e na cultura.

egípcio que existem e são por nós citados, baseiam-se em fontes narrativas e freqüentemente coloridas e sem compromisso científico.

Verificamos que já no séc. XIX, os judeus egípcios eram, predominantemente uma comunidade urbana e no séc. XX estavam concentrados nas grandes cidades. No período entre as duas grandes guerras 95 por cento dos judeus residia em Cairo ou Alexandria¹⁹. Estes dados sim, tem fundamento científico, já que o Egito era o único país no Oriente médio que realizava censos populacionais regularmente, desde 1882. Estes censos tinham detalhes que possibilitaram averiguar alguns fatos básicos, sobre as modificações demográficas que ocorreram no judaísmo egípcio. Observe a tabela do Prof. Hayim Cohen na página que segue, na qual emerge o fato de que em 1897, os judeus estavam concentrados, na proporção de 85 por cento, nas duas maiores cidades. Em 1917, a proporção aumentou para 90 por cento e em 1947, 96 por cento residia em Cairo e Alexandria.

¹⁹ Jacob Landau, op. cit. pag. 9; Gudrun Krämer op. cit. pag. 60.

The Jews in Egypt, 1897 - 1972

Year	Cairo	Alexandria	Other Places	Total	Surplus of Females	% of Foreign Nationals
Estimate 1840	—	—	—	5,000	—	—
Census 1897	11,608	9,831	3,761	25,200	—	49.6
Census 1907	20,281	14,475	3,879	38,635	-825	—
Census 1917	29,207	24,858	5,516	59,581	+41	58.1
Census 1927	34,103	24,829	4,618	63,550	+976	49.1
Census 1937	35,014	24,690	3,249	62,953	+1,123	36.0
Census 1947	41,860	21,128	2,651	65,639	+1,047	22.5
Census 1960	5,587	2,760	214	8,561	+183	—
Estimate 1968	—	—	—	2,500	—	—
Estimate 1972				300		

Tabela do Prof. Hayim Cohen - "The Jews on the Middle East 1860-1972"; 1973;

pag. 70

Ainda segundo o Prof. Hayim Cohen²⁰, em nenhum outro país do Oriente Médio havia tão elevada concentração de judeus nas duas principais cidades. Outro fato revelado por esta tabela é que as comunidades de Cairo e Alexandria, não se desenvolveram na mesma proporção, na primeira

²⁰ Hayim Cohen, op. cit. pag. 71.

metade do século XX. Apesar de ambas as cidades terem um rápido desenvolvimento entre 1897 e 1917, Alexandria começou a estagnar após a Primeira Guerra Mundial. O crescimento da população judaica em Alexandria, entre 1907 e 1917, até certo ponto, deve ter sido causado pela chegada de refugiados asquenazitas da Palestina que foram expulsos pelos turcos que se aliaram à Alemanha²¹. Em Cairo a tendência foi em direção oposta: sua população judaica aumentou, aproximadamente 20 por cento, entre 1917 e 1927 e então permaneceu praticamente no mesmo nível até 1937, o que leva a acreditar que houve alguma emigração neste período. Na década entre 1937 e 1947, cresceu novamente, aproximadamente 20 por cento.

²¹ Muitos judeus egípcios tem sobrenomes asquenazitas e a maioria não sabe porque. Muitos imigraram ao Egito de países europeus na época do domínio Turco Otomano, com as facilidades que as já mencionadas Capitulações proporcionavam; mas muitos também refugiaram-se (asquenazitas que viviam na Palestina) justamente na época da Primeira Guerra Mundial, como provavelmente, a família do Prof. Dr. Jacques Marcovici (veja a que se refere a nota 16 do capítulo: "Integração e Aculturação"), quando o comandante do Quarto Exército Otomano, Ahmed Kemal Pasha, expulsou todos os judeus russos e poloneses do distrito de Jafa. Nurit Govrin em "The Encounter of Exiles from Palestine with the Jewish Community of Egypt during World War I, as reflected in their writings" in *The Jews of Egypt: A Mediterranean Society in Modern Times*, ed. Shimon Shamir 1987; pags. 177-91, relata que entre dezembro de 1914 e julho de 1915 mais de 11.000 dos exilados encontraram refúgio no Egito, principalmente em Alexandria. Quando a guerra terminou, no entanto, a maioria, segundo Nurit Govrin, retornou à então Palestina ou à Europa Oriental. Devemos lembrar ainda que já no séc. XVII, muitos dos refugiados que escaparam das perseguições dos cossacos de Chmelnicki, na Ucrânia em 1648, chegaram ao Egito. O número de asquenazitas aumentou marcadamente entre 1880 e 1914 e particularmente, após o "pogrom" de Kishinev em 1903, quando em sua maioria jovens e sem meios de sustento, vieram da Rússia, da Polônia e da Romênia. Na tabela do Prof. Hayim Cohen, podemos observar que entre 1897 e 1907, o número de judeus no Egito aumentou aproximadamente 53 por cento (de 25.200 a 38.635), certamente em virtude destes refugiados asquenazitas. Na década seguinte nota-se que cresceu 54 por cento adicionais (e chegou a 59.581) e desta vez principalmente em função da expulsão da Palestina e também de judeus da Europa Oriental e da Turquia e países do Império Otomano (em razão das Guerras dos Balcãs e da Primeira Guerra Mundial) como a Síria, o Iraque e o Magreb.

Referimo-nos anteriormente ao Hara (o bairro judaico) de Cairo, no qual ainda residia, a camada mais pobre da comunidade judaica no séc. XX. A partir de 1860 começou a emigração do Hara; no início pelas famílias mais prósperas, como os Cattaouis, os Mosseris e os Suarês, já mencionados. Estes estabeleceram-se nos ainda não desenvolvidos quarteirões, a oeste e ao norte da cidade velha. Por algum tempo seus escritórios e lojas permaneceram no Hara, enquanto eles construíam mansões espaçosas (que contam nossos entrevistados, pareciam palácios) em áreas ainda desabitadas que iriam converter-se em subúrbios para os ricos. Estes eram os bairros: Shubra (que era antes uma área rural), Abasiya, Ismailiya e Tawfiqiya (que eram terrenos não cultivados). Nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial, estes subúrbios perderam sua característica de enclaves residenciais exclusivos para os ricos e a classe média começou a residir neles²². Os da classe alta mudaram-se então, a outros bairros que começaram a ser desenvolvidos, como: Zamalik, Roda, Garden City e Giza, nos quais ainda residiam, segundo nossos entrevistados, na época do “Êxodo” do Egito dos anos 50.

A mobilidade social dependia mais da classe social do que da origem étnica; juntamente com a mobilidade dos judeus, deu-se a dos estrangeiros

²² Estes são os bairros que interessam-nos diretamente, pois neles residia a maioria dos imigrantes que vieram a São Paulo (veja capítulo “Os Primeiros Anos na Nova Pátria”). Além de Abasiya e Ismailiya, a classe média ocupou também o bairro de Heliopolis.

e minorias não muçulmanas que se integraram e formaram uma espécie de “sub-cultura cosmopolita” (a cultura ocidental dentro da árabe). Após a Primeira Guerra Mundial, as classes média-baixa e parte da baixa, mudaram-se do Hara, para bairros (habitados por judeus e outras minorias da mesma classe), como: Sakakini, Bulaq, Bab al-Luq e Abidin. Os que conseguiram subir mais na escala social, continuaram a mobilidade aos bairros habitados pela classe média (que já mencionamos) que também tinham uma grande porcentagem de habitantes de outras minorias e estrangeiros.

A cidade de Alexandria não apresenta um quadro tão claro da mobilidade social e da distribuição residencial quanto Cairo (veja nota 17 deste capítulo). Gudrun Krämer²³ relata que os censos populacionais egípcios de 1937 e 1947 respectivamente, revelam que 9.735 (9.188) dos judeus de Alexandria residiam no bairro Muharram Bey, 4.455 (2.451) em Gumruk, 4.440 (3.834) em al-Manshiya, 4.086 (3.558) em Attarin e 1.112 (1.355) em Ramla, do total de 24.690 judeus (veja tabela do Prof. Hayim Cohen) em 1937 e 20.885 em 1947, que residiam em Alexandria²⁴. Além disso, como em Cairo, as áreas residenciais mais habitadas pelos judeus

²³ Em “The Jews in Moder Egypt, 1914-1952; pag. 67.

²⁴ Na tabela do Prof. Hayim Cohen temos que em 1947 residiam em Alexandria 21.128 judeus e não 20.885 como menciona Gudrun Krämer.

alexandrinos, eram também as preferidas por outras minorias estrangeiras locais. O rabinato (rabino-mor), o Centro Comunitário e a escola da comunidade, estavam localizados num grande complexo, no centro da cidade, até a emigração em massa e ainda na década de 80, segundo vários entrevistados que visitaram o Egito neste período²⁵.

Para entendermos melhor a integração dos imigrantes judeus do Egito em São Paulo (veja capítulo "Integração e Aculturação") devemos examinar também as modificações culturais que ocorreram no Egito (e demais países do Oriente Médio) a partir do século passado, ou seja o encontro com a "modernidade", quando a Europa começou a penetrar no Oriente Médio e Norte da África, cujos países representavam o centro do mundo islâmico tradicional. A crescente invasão econômica, cultural e política europeia, na sociedade muçulmana foi, geralmente bem recebida pelas minorias cristãs e judaicas nativas, visto que estas estavam ressentidas, por serem vistas como inferiores pela maior parte da população. Estamos dizendo que para muitos judeus e cristãos dos países muçulmanos, a educação moderna, ligada às línguas ocidentais, a ligação aos crescentes interesses econômicos europeus em seus países e finalmente a identificação com regimes imperiais (como do Império Austro-Húngaro) ou coloniais (como

²⁵ Quanto à preferência dos bairros do centro da cidade veja capítulo: "Os Primeiros Anos na Nova Pátria".

dos ingleses, franceses e italianos) europeus, significava sair (ou pelo menos melhorar), de seu tradicional status subordinado.

A Comunidade Judaica do Egito estava entre as primeiras no Oriente Médio, a introduzir educação moderna em suas escolas. Já nos anos 30 do século passado, um pequeno número de crianças, principalmente das famílias abastadas, estudava nas escolas cristãs laicas ou religiosas. A maioria das crianças judias, no entanto, até os anos 60, continuavam estudando no "Kutab"²⁶ e nas escolas de ensino judaico²⁷ quando haviam professores. A partir dos anos 50 do século passado, muitos alunos judeus já estudavam nas escolas religiosas ou laicas cristãs²⁸. Comparando os depoimentos que obtivemos, verificamos que mesmo no nosso século, quando já haviam várias escolas da comunidade judaica, muitos alunos judeus frequentavam as escolas cristãs, pois estas tinham o Colegial, enquanto as escolas judaicas não tinham. Em 1925 ou 1926 (não obtivemos o ano certo), depois que um professor da Escolas dos Padres Católicos (Sante Cathérine) de Alexandria, contou aos alunos que os judeus utilizam

²⁶ O "Kutab" no Egito correspondia ao "Heder" (quarto) que era a escola religiosa infantil (a partir de 3, 4 ou 5 anos de idade) da Europa Oriental. Vários dentre nossos entrevistados estudaram no "Kutab", porém já modificado e ensinando línguas estrangeiras também.

²⁷ Estas escolas que se denominavam "Talmud Torá" (Estudo do Pentateuco) ensinavam apenas as orações e a Torá.

²⁸ Segundo o Prof. Hayim Cohen em "ha-Yehudim be-Arzo ha-Mizrah ha-Tikhon be-Yameinu" (Os judeus nos países do Oriente Médio em nossos dias); pag. 107, só em Alexandria, em 1883/4, 801 alunos judeus estudavam em escolas cristãs, enquanto apenas 497 estudavam em escolas judaicas; ou seja, estes alunos já estavam tendo educação "ocidental", aprendendo Francês, Inglês ou Italiano, em escolas de europeus.

sangue para a fabricação dos pães ázimos²⁹ na Páscoa Judaica, a comunidade judaica construiu uma escola, com Colegial na cidade.

Na verdade as primeiras escolas judaicas modernas foram fundadas em Cairo e Alexandria, já em 1840, com o estímulo e a ajuda de Adolphe Crémieux³⁰ quando este visitou o Egito em razão do “Libelo de sangue” de Damasco³¹. Estas no entanto não duraram mais de dois anos, principalmente porque os judeus ricos, preferiam as escolas cristãs.

A situação mudou quando a “Alliance Israélite Universelle” entrou no sistema de ensino no Egito e esta foi tão importante na “ocidentalização” dos judeus do Egito que merece um preâmbulo explicativo.

²⁹ No Oriente Médio apareceram as falsas acusações de crime ritual, imitando países da Europa que em tempos diferentes, acusavam os judeus de usarem sangue (de crianças cristãs) no feitiço dos pães ázimos (as “matzot”), utilizados na Páscoa Judaica.

³⁰ Adolphe Isaac Crémieux (1796-1880) foi advogado e estadista francês; Ministro da Justiça em 1848 e como tal foi instrumento, entre outras coisas, da promoção da abolição da pena de morte, por ofensas políticas e da escravidão nas colônias francesas. Após a queda do Segundo Império, tornou-se novamente Ministro da Justiça. Em 1864 foi eleito Presidente da “Alliance Israélite Universelle” e esforçou-se em ajudar as minorias judaicas oprimidas. Interveio com Moses Montefiori ((1784-1885) o mais famoso sefardita inglês do século XIX. Filantropo respeitado na Inglaterra e fora dela, sendo nomeado cavaleiro pela Rainha Vitória e em 1846 Barão, em reconhecimento a seus esforços humanitários no auxílio de seus correligionários) em favor dos judeus da Rússia (no “libelo de sangue” de Saratov), da Romênia e do Marrocos (antes, já em 1840, com o “libelo de Damasco”, já havia viajado, em companhia de Moses Montefiori, numa delegação para o Egito e conseguiu libertar os judeus presos em Damasco; veja a nota seguinte). Foi eleito senador vitalício pela Assembléia Nacional (francesa) em 1875 e apesar da idade avançada, continuou a tomar parte ativa no trabalho da “Alliance” como presidente. Foi um arquétipo do judeu extremamente assimilado que provou ser possível mesclar um senso de orgulho judaico, com um profundo envolvimento nos assuntos de seu país. No Egito fundou 2 escolas em Cairo e duas (pouco depois) em Alexandria. O dinheiro para as escolas foi coletado no Egito e na França, incluindo uma generosa quantia dos Rothschild. Em: Norman Stillman “Jews of Arab Lands in Modern Times” pag. 22 e Encyclopaedia Judaica, vol. 5 pag. 1074, verbete: Crémieux e vol. 12 pags-270-275, verbete: Montefiore.

³¹ Em “American Jewish Yearbook” de 1900-1901, pag. 46, o Secretário Geral da “Alliance Israélite Universelle”, relata que em 1840 Crémieux e Moses Montefiori, em nome do judaísmo ocidental, foram ao Egito para obter de Muhammad Ali (que governava a região) a salvação das vidas dos judeus de Damasco, acusados falsamente de assassinar o Padre Thomas.

Antes de mais nada, devemos esclarecer que os judeus do Egito compreendiam a educação moderna (assim como a modernidade), como algo que deve ser adquirido de sua fonte genuína Ocidental. Portanto, foram as escolas fundadas por seus correligionários europeus emancipados (e “iluminados”) que lhes forneceram sua principal introdução à moderna educação Ocidental e para sua “sorte” (pois foram obrigados a emigrar para países ocidentais como descrevemos nos capítulos seguintes) às línguas e aos valores e normas culturais Ocidentais.

A “Alliance Israélite Universelle” (cujo nome em hebr. era: “Khol Israel Haverim” (Todo (o povo de) Israel são amigos) foi fundada em Paris em 1860, por um grupo de judeus liberais franceses que incluíam Adolphe Crémieux. Ela foi a primeira organização judaica moderna que operou internacionalmente. Sua formação foi estimulada por eventos políticos (como o “libelo de sangue” na Europa e no Oriente Médio) e tendências ideológicas (trabalhar pela emancipação e progresso moral dos judeus, dando assistência àqueles que sofriam por serem judeus), da segunda metade do século XIX. Uma maneira de conseguir a emancipação judaica, acreditavam os fundadores, seria por intermédio da educação. Assim a “Alliance Israélite Universelle” propagou uma educação com orientação francesa (missão civilizadora) e estimulou uma tendência espiritual nova, mais aberta ao mundo exterior.

Apesar de atuar em países cristãos também, suas principais atividades educacionais focalizavam o mundo muçulmano. O curriculum continha estudos religiosos e seculares e naturalmente, a língua francesa tinha primazia. Ensinavam também, Hebraico e pelo menos uma outra língua: Árabe, Espanhol ou Inglês.

Em 1896 a "Alliance" começou a penetrar no sistema educacional egípcio. Neste mesmo ano fundou uma escola para meninos³² em Cairo. Um ano depois foi fundada uma escola de artes e trabalhos manuais e uma segunda escola, para meninos e meninas em Alexandria³³. Em 1898 a "Alliance" fundou uma escola para meninas, também em Cairo e em 1902 abriu mais duas escolas, para meninos, em Cairo. A "Alliance" abriu mão, destas duas últimas escolas e entregou-as à comunidade em 1912, e as demais foram entregues em 1919³⁴.

O trabalho da "Alliance" produziu um grande número de judeus "ocidentalmente educados" (ou "ocidentalizados") e preparados que agora possuíam uma grande vantagem nas oportunidades, sobre as massas muçulmanas, não educadas (em sua maioria), já que seu país foi tragado

³² Os mais idosos dentre nossos entrevistados narram que quando estudavam no ginásio e no colegial, tanto nas escolas judaicas, quanto nas cristãs, ainda não haviam classes mistas e segundo alguns, "isto não era bom".

³³ Segundo o Prof. Hayim Cohen, op. cit. pag. 107, as meninas foram separadas dos meninos em 1900.

³⁴ Em Jacob Landau: "Jews in Nineteenth Century Egypt" 1969, pags. 86-88. Apenas duas escolas, na cidade de Tanta, permaneceram sob o patrocínio da "Alliance" que as transformou numa única escola mista na década de trinta. E esta foi a única instituição que permaneceu sob sua direção até o final de 1956, quando se deu o êxodo em massa (veja capítulo: "O Êxodo Contemporâneo do Egito").

pele sistema econômico mundial moderno. Juntamente com os cristãos nativos que foram beneficiados pelas escolas missionárias cristãs, os judeus obtiveram um lugar na vida econômica do Egito que estava de longe fora da proporção de seu número, ou seu status social, na população geral. Este preparo foi útil aos emigrantes, no êxodo em massa, como ressaltamos nos capítulos que seguem.

Em 1900 o American Jewish Yearbook dedicou 21 páginas de seu anuário, para o relatório do então Secretário Geral da "Alliance", Jacques Bigart. Achamos que seria interessante expô-las no trabalho, em função de sua importância mundial (veja no Apêndice Documental: The Alliance Israelite Universelle)..

Em virtude da preocupação com os judeus no Oriente Médio em 1948 (com a Independência de Israel), "The Sephardi, a revista mensal da comunidade judaica sefaradita dos Estados Unidos, publicou em dezembro de 1948 (vol. 4, nº 2, pag. 8), a importância do trabalho da "Alliance" no mundo muçulmano (veja no Apêndice Documental: Agencies in the Field).

Ainda sobre a "Alliance", encontramos uma informação que nos interessa diretamente: "The American Jewish Yearbook" de 1914-1915, pag. 181, nos informes judaicos mais importantes em cada país, registra que o Sr. Joseph de Picciotto, avô de um de nossos entrevistados, Joe de

Picciotto (já citados), conseguiu reverter a decisão da "Alliance" de fechar suas escolas em Alexandria (veja Apêndice Documental: Egypt General).

Temos que frisar aqui, no entanto que se a "Ocidentalização", ofereceu aos judeus do Egito a oportunidade de servir como intermediários, entre o Egito e a Europa, especialmente na esfera econômica, a mesma deixou-os dependentes do sistema Colonial Britânico(ou do sistema colonial em geral), fato que mais tarde virar-se-ia contra eles mesmos, como examinamos no capítulo que segue.

Apesar de dependerem do sistema Colonial Britânico, após a Primeira Guerra Mundial, vários líderes comunitários judeus engajaram-se e tornaram-se proeminentes no movimento nacional egípcio de libertação e principalmente no partido WAFD³⁵. Ali Ibrahim Abdo e Khairieh Kasmieh, em: "Jews of the Arab Countries", pag. 65 (livro publicado pela OLP (Organização para Libertação da Palestina)), mencionam os seguintes: o advogado Leon Castro, conhecido fundador e editor-chefe do jornal diário anti-britânico "La Liberté" que tomou-se o porta voz do WAFD na Europa e acompanhou Saad Zaghlul (veja nota 36) nas negociações anglo-egípcias, pela independência do Egito, em Londres. O engenheiro Joseph Cattaoui,

³⁵ Em novembro de 1918, um grupo de políticos uniu-se para representar o povo egípcio numa delegação (WAFD - o nome completo era "el WAFD el Mizri" (Delegação do Egito)) em Londres nas negociações de paz, após o colapso do Império Otomano. Esta delegação (WAFD) deu origem ao movimento que foi iniciado por Saad Zaghlul (1860 - 1927) e direcionado principalmente contra o Protetorado da Grã-Bretanha (que começou em 1914 e terminou em 1922) e em segundo plano contra o Rei (Fuad) do Egito. Após o término do Protetorado, a delegação-movimento, transformou-se num partido político importante.

líder da comunidade judaica de Cairo (até sua morte em 1943), e já por nós citado, foi membro do "Comitê dos Trinta", formado em 1922, para elaborar a nova constituição egípcia e a lei eleitoral; e Joseph de Picciotto (o já mencionado avô do imigrante por nós entrevistado, Joe de Picciotto) que foi um dos proeminentes líderes do WAFD em Alexandria. Ele foi eleito ao primeiro Parlamento Wafdistas em 1927 e era conhecido por sua oposição à ocupação britânica. Em Gudrun Krämer: "The Jews in Modern Egypt 1914-1952" pag 126, temos como ativistas do WAFD desde seu início, também: Felix Benzakein, Vita Sonsino e David Hazan que foi condenado à morte in absentia pelos ingleses, por sua agitação nacionalista; e ainda os advogados Moise Dichy, Isidore Feldman e Zaki Orebi, todos ativamente engajados pela independência do Egito. E por último temos que destacar um dos primeiros defensores da nova idéia de nacionalismo no Egito: o judeu Yakub Sanu (1839-1912), também conhecido pelo pseudônimo árabe Abu Naddara. Ele foi o primeiro dramaturgo e um dos criadores do jornalismo satírico no Egito Moderno. Começou a escrever, como resultado de seu interesse pela política. Juntou-se a um pequeno grupo que foi o núcleo do movimento nacionalista egípcio e desde 1858 começou a escrever artigos e posteriormente peças irônicas contra o governo. Nos jornais que publicava (inicialmente como editor e desde 1876 como

proprietário), ironizava o Khedive³⁶ Ismail e incitava, seus leitores contra o governo. Em 1878 foi forçado a abandonar o Egito; continuou porém, suas atividades jornalísticas em Paris e seus periódicos eram contrabandeados para o Egito, sob títulos diferentes. Após 1882 dirigiu seus ataques contra os ingleses que ocuparam o Egito e tentou mesmo, angariar auxílio, contra os mesmo na França e na Turquia. Seu fracasso neste projeto foi talvez, o motivo de sua retirada da atividade política, alguns anos antes de morrer³⁷.

Para concluir o presente capítulo, gostaríamos de tecer algumas considerações sobre a existência, ou não, de discriminação, ou hostilidade em relação aos judeus do Egito no início de séc. XX (e antes das questões políticas em relação à "Palestina", com as quais iniciamos o próximo capítulo). Para tal dispomos apenas da análise dos informes do American Jewish Yearbook (desde o início do séc. XX), dos relatórios da "Alliance" que fornecem mais informações sobre os assuntos comunitários e quase nada sobre as relações entre judeus e muçulmanos e dos depoimentos dos nossos entrevistados que comparados aos anteriores, são válidos na ausência de material mais ordenado.

³⁶ Os Turcos Otomanos dominavam o Egito por intermédio de um governador que recebeu o nome de Khedive e após a independência do Egito, de Rei.

³⁷ Em Mark R. Cohen e Abraham L. Udovitch Editores: "Jews Among Arabs" artigo de Sasson Somekh: "Lost Voices" pag. 10 (Sasson Somekh foi diretor da escola da "Alliance Israélite Universelle" de Cairo.

Com a exceção de várias acusações de assassinato ritual (o libelo de sangue já descrito) em 1844 e repetido em 1881 e 1901-1902 (e já percebe quem lê que pertencem mais ao século passado), incitados contra os judeus pelos muçulmanos (mais do que pelos gregos, sírios ou coptas cristãos), não há indicações de agressão popular manifesta e hostilidade até a década de 40, do atual século.

Está claro que se foi possível na década de 40, ativar sentimentos religiosos, contra os judeus, quando o antagonismo era basicamente de caráter político, entende-se que estes sentimentos podem ter estado latentes, antes deste período. No entanto, todos sabem que o Corão e a Hadith³⁸ contêm referências, denunciando os judeus, como inimigos do profeta Maomé e do Islão, porém este fato permaneceu, ao que parece, irrelevante (sendo os judeus e os cristãos considerados apenas inferiores, como já descrevemos) até o final da década de 30, quando o Corão e a Hadith começaram a ser citados, no contexto do conflito em relação à "Palestina". E mesmo no final da década de 30, argumentos religiosos, contra os judeus, estavam restritos a grupos nacionalistas e islâmicos extremistas. Comparadas as informações, deduzimos que apenas na

³⁸ Hadith é a sabedoria da tradição islâmica que se refere principalmente ao "sunna"(ações, provérbios, virtudes, opiniões e modo de viver de Maomé) e que foi transmitida oralmente pelos companheiros de Maomé às massas que acreditavam nele, e à segunda geração que continuou a propagar a tradição que recebeu à geração seguinte, formando-se assim uma cadeia de tradicionalistas que precedeu os textos escritos, ou sua maior parte. A Hadith abarca todas as relações entre o homem e Deus e entre o homem e seu semelhante, incluindo métodos de oração, de jejum, de peregrinação, leis matrimoniais e assuntos comerciais.

década de 50, propaganda anti-judaica, baseada no Corão e no Sunna (veja nota 39), foi ativamente difundida pelo governo e pela "media", controlada pelo mesmo (na década de 40 a propaganda dizia ser anti-sionista).

Em resumo poderíamos dizer que, no Egito a hostilidade em relação aos judeus estava ligada, principalmente a um problema político nítido: a questão "palestina". O assunto no entanto, não é tão simples e requer de nossa parte cautela e o reconhecimento de não ter a resposta precisa. A suposição de que o Islão é inerentemente intolerante e que o sentimento anti-judaico estava presente em todas as épocas, é refutada pelo êxito econômico e social das classes média e alta judaicas, no período entre-guerras e pela ausência de sentimentos anti-judaicos populares durante este período (ou antes). Presumir, no entanto que somente a questão "palestina" é que criou problemas entre os muçulmanos e a minoria judaica, também não tem fundamento (por isso colocamos: principalmente, a questão "palestina"), pois estaríamos desconsiderando o fato de que após a libertação do Controle Britânico, exacerbar-se-ia a tensão, resultante da competição econômica e da diferença cultural que cedo ou tarde, reduziria o papel dos estrangeiros e das minorias estrangeiras locais na sociedade e

economia egípcias³⁹. Talvez não errássemos, se admitíssemos que temos neste caso, por um lado, modificações no “palco” da História (política) e por outro, da mentalidade (visão e expressão da religião) dos que “encenavam” neste palco.

³⁹ Ali Ibrahim Abdo e Khairieh Kasmieh: “Jews of the Arab Countries”, publicado pela OLP, pag. 62 relatam: ...“estrangeiros que controlavam a economia egípcia por três gerações e que assim, representavam a classe exploradora, apoiavam a Grã Bretanha durante sua ocupação do Egito. Foi portanto, inevitável que todos estes fatores causassem sentimentos nacionais, voltados especificamente contra estes estrangeiros”.

ANTECEDENTES POLÍTICOS DO ÊXODO CONTEMPORÂNEO DO EGITO

Entre 1945 e 1948 dá-se o início a uma série de medidas e perseguições que levarão à dispersão da Comunidade Sefaradita egípcia que contava em 1948 com aproximadamente 75.000 indivíduos (veja tabela 1), diminuindo drasticamente, após a guerra de Independência de Israel, a aproximadamente 40.000 em 1955 (veja tabela 2), e desaparecendo quase por completo após a guerra do Sinai em 1956 (veja tabela 3), restando no Egito, aproximadamente 250 indivíduos em 1982 (veja tabela 4).

TABELA 1 ¹

Estimated Jewish Population in Africa, by Countries

Country	General Population	Jewish Population
Abyssinia	9,500,000	51,000
Algeria	7,600,000	130,000
Egypt	19,090,000	75,000
Libya	888,401	30,000
Morocco (including Tangiers)	8,100,000	286,000
Southern Rhodesia	1,448,393	3,500
Tunisia	2,370,000	70,000
Union of South Africa	11,600,000	100,000
Total	60,956,794	745,500

¹ Extraído do American Jewish Year Book - vol. 50 (1948-1949) - Jewish Population of the World; Leon Shapiro e Boris Sapir; pag. 695. The American Jewish Committee; Harry Schneiderman and Morris Fine Editors; The Jewish Publication Society of America, Philadelphia, Pensilvania e de Maurice Roumani: "The case of the Jews from Arab Countries: a Neglected Issue", pag. 6.

TABELA 2²

Estimated Jewish Population in Africa, by Countries

Country	General Population	Jewish Population	Per Cent
Abyssinia	15,000,000	12,000	0.1
Algeria	9,367,000	140,000	1.5
Belgian Congo	11,700,000	2,000	0.0
Egypt	21,741,000	40,000	0.2
Kenya	5,851,000	1,000	0.0
Libya	1,072,000	3,750	0.3
Morocco (including Tangiers)	9,591,000	255,000	2.7
Northern Rhodesia	1,700,000	1,000	0.1
Southern Rhodesia	2,158,000	8,000	0.4
Tunisia	3,231,000	105,000	3.2
Union of South Africa	13,153,000	110,000	1.0
Total	94,564,000	677,750	0.7

² Extraído do American Jewish Year Book - vol. 56 (1955) - World Jewish Population; Leon Shapiro; pag. 295. The American Jewish Committee; Morris Fine, Editor; Jacob Sloan Associate Editor. The American Jewish Committee - New York; The Jewish Publication Society of America - Philadelphia.

TABELA 3³

Estimated Jewish Population in Africa, by Countries, 1966

Country	Total Population	Jewish Population
Algeria	12,093,000	3,000
Congo Republic	16,167,000	500
Egypt	29,600,000	2,500
Ethiopia	23,000,000	12,000
Kenya	9,643,000	800
Libya	1,677,000	4,000
Morocco	13,323,000	70,000
Republic of South Africa	18,296,000	116,050
Rhodesia	4,260,000	5,500
Tunisia	4,675,000	23,000
Zambia (Northern Rhodesia)	3,710,000	800
Total	136,444,000	238,150

³ Extraído do American Jewish Year Book - vol. 68 (1967) - World Jewish Population: Leon Shapiro; pag. 295. The American Jewish Committee; Morris Fine e Milton Himmelfarb Editors; The American Jewish Committee - New York; The Jewish Publication Society of America - Philadelphia

TABELA 4⁴

Estimated Jewish Population in Africa, by Countries, 1982

Country	Total Population	Jewish Population	Jews per 1,000 Population	Accuracy Rating
Algeria	19,911,000	300	0.0	D
Egypt	44,673,000	250	0.0	D
Ethiopia	32,775,000	27,000	0.8	C 1976
Morocco	21,392,000	17,000	0.8	C 1971
South Africa	30,044,000	119,000	4.0	B 1980
Tunisia	6,726,000	3,700	0.6	C 1982
Zaire	30,250,000	200	0.0	D
Zambia	6,029,000	300	0.1	D
Zimbabwe	7,600,000	1,250	0.2	C 1980
Other		3,000		D
Total		172,000		

⁴ Extraído do American Jewish Year Book - vol. 85 (1985) - World Jewish Population; Schmelz V.O e Sérgio Della Pergola; pag. 328; The American Jewish Committee; Milton Himmelfarb e David Singer Edifors; The American Jewish Committee - New York; The Jewish Publication Society of America - Philadelphia

Os primeiros distúrbios anti judaicos na história moderna do Egito, deram-se em 1945, organizados pelo grupo "Jovem Egito"⁵ dirigido por Ahmad Hussain que culminaram em ataques ao bairro judaico de Cairo⁶.

Em meio a um ambiente tranqüilo e de relações amistosas entre egípcios, judeus e muçulmanos, uma sinagoga, um hospital judaico e um lar de velhos queimados e judeus mortos ou feridos, fizeram com que os judeus conhecessem os efeitos da propaganda anti-sionista que se tomou uma propaganda anti-judaica por motivos políticos ligados ao futuro da Palestina.

Após a Segunda Guerra Mundial termina o período de desenvolvimento e ocidentalização pelo qual passou o Egito, desde a Primeira Guerra Mundial e no qual (como já nos referimos no capítulo "O Passado Glorioso") os judeus egípcios tomaram parte ativa.

O recrudescimento do chauvinismo liderado pelo já citado "Jovem

⁵ A "Sociedade Jovem Egito" (Jamiyat Misr al-Fatat) foi fundada em outubro de 1933, por Ahmad Hussain, um dos líderes estudantis nacionalistas. Em dezembro do mesmo ano esta sociedade transformou-se em partido político. O partido propagava um novo tipo de nacionalismo egípcio dirigido contra qualquer espécie de interferência estrangeira e contra a adoção de costumes não islâmicos de origem estrangeira, considerados imorais.

Formou grupos paramilitares, os "Camisas Verdes" e foi a primeira organização política no Egito, modelada em parte de acordo com os movimentos fascistas da Itália e da Alemanha, imitando sua estrutura hierárquica, seus uniformes e suas demonstrações e marchas. Era, no entanto, segundo Gudrun Kramer (The Jews in Modern Egypt (1914-1952) pag. 140) um grupo de apenas algumas centenas de membros que nunca ultrapassou um mil, mas que era muito popular graças a seus exercícios paramilitares e seu papel ativo na imprensa.

⁶ Estes distúrbios começaram após a comemoração da "Declaração Balfour" em 2 de novembro de 1945.

Egito" e pelos "Irmãos Muçulmanos"⁷, provocaram uma agitação social, a fim de manobrar o governo para canalizar o sentimento popular contra estrangeiros e judeus. A questão "Palestina" representou o grande pretexto para esta opressão, agravada pelo fato de ser Cairo a sede da "Liga Árabe"⁸, tomando-se o Egito, assim o foco do fanatismo religioso e nacionalista Oriental.

O governo egípcio tomou algumas medidas legais contra os estrangeiros. Novas leis aumentaram o controle de companhias estrangeiras pelo governo. Estas leis ampliavam o número de egípcios empregados em empresas estrangeiras. A regulamentação mais importante foi a Lei número 132 de 29 de julho de 1947. Esta estipulava que 75 por cento dos empregados e 90 por cento dos operários, em qualquer empresa, seja ela egípcia ou estrangeira, tem que ser cidadãos egípcios.

⁷ A "Sociedade dos Irmãos Muçulmanos" (Jamiyatal-Ikhwan al-Muslimin) foi fundada em 1928 por um jovem professor de 22 anos, Hasan al-Banna em Ismailia, quartel general da "Suez Canal Society", um dos símbolos mais fortes da presença estrangeira no país. Na década de 40 a sociedade tomou-se a maior força política depois do partido Wafd (já citado no cap. I). Gudrun Kramer (The Jews in Modern Egypt - 1914-1952), na pag. 141, cita Richard P. Mitchell (The Society of Muslim Brothers; London, 1969, pag. 328), que estima o número de membros da sociedade, após a Segunda Guerra Mundial, em 500.000, tendo o mesmo número de simpatizantes. Os "Irmãos Muçulmanos", sustentavam a visão integral do Islão, como a base e o guia para todos os aspectos da vida. Queriam a independência econômica e a redução da interferência estrangeira na política e na sociedade egípcia. Ao contrário dos demais grupos políticos, os "Irmãos Muçulmanos" não apenas falavam de reformas (na agricultura e na indústria), mas atuavam neste sentido, criando centros sociais, centros médicos, escolas noturnas, sociedades beneficentes e clubes. Obtiveram o respeito e o apoio das classes baixa e média urbanas que incluíam professores, estudantes, funcionários públicos e empregados de empresas particulares, comerciantes, lojistas, artesãos e operários que eram considerados, até a metade da década de 30, o suporte principal do Wafd (veja cap. I).

⁸ A "Liga Árabe" formou-se em 22 de março de 1945.

Segundo Ali Ibrahim Abdo e Khairieh Kasmieh, em seu livro "Jews of the Arab Countries", publicado pela Organização de Libertação da Palestina (OLP)⁹, entre os 75.000 a 80.000 sefaraditas egípcios que viviam no Egito na época, 30.000 tinham nacionalidade estrangeira (italiana, francesa, grega, inglesa e persa) e 40.000 eram apátridas; somente 5.000 tinham nacionalidade egípcia¹⁰. Historiadores judeus¹¹ aumentam o número de sefaraditas de nacionalidade egípcia para 20 por cento do total de judeus. De qualquer forma, é possível imaginar quanto a aplicação desta lei afetou-os.

⁹ Ali Ibrahim Abdo e Khairieh Kasmieh: "Jews of the Arab Countries", 1971, pag. 59.

¹⁰ Já nos referimos no cap. I aos privilégios que o sistema de "capitulações" (pacto entre os sultões otomanos e os países cristãos da Europa, em relação aos direitos dos vassalos de cada um quando residindo no país do outro) outorgava. Muitos judeus que emigraram de fora dos domínios otomanos, foram beneficiados por estes acordos que tinham grande influência sobre sua posição legal. Este sistema garantia-lhes a proteção de cônsules estrangeiros, livrava-os das cortes egípcias e dava-lhes o direito de apresentar seus casos às cortes mistas (compostas de juizes egípcios e de nacionalidades estrangeiras). Por estas razões os sefaraditas egípcios mantiveram suas nacionalidades estrangeiras que tinham desde o domínio otomano. Quanto aos apátridas, ou perderam sua nacionalidade austro-húngara em 1914-1918, (após o esfacelamento do Império austro-húngaro), ou vieram de países que não mais existiam, como a Sérvia e a Lituânia. Ou ainda, os que há várias gerações viviam no Egito mas não sendo muçulmanos enfrentavam a seguinte dificuldade: apesar de o Egito ter sido parte do Império Otomano, até o final da Primeira Guerra, estas pessoas deveriam fornecer prova de que não tinham nenhuma nacionalidade estrangeira após 1848; prova impossível de obter. No caso dos estrangeiros, poderiam optar pela naturalização, mas esta era sempre difícil para os grupos minoritários, incluindo os judeus. Os pedidos de naturalização pendiam por quinze a vinte anos, segundo Don Peretz, em *American Jewish Year Book*, vol. 58 (1957), pag. 399, pois as autoridades egípcias davam preferência na naturalização, a indivíduos, vistos como capazes de serem amalgamados no "tipo nacional". Como os judeus do Egito tendiam a identificar-se com a cultura européia, mais do que com a egípcia, a comunidade judaica estava entre os considerados pelas autoridades egípcias como inassimiláveis. Em *American Jewish Year Book*, vol. 51 (1950) - *The Middle East*, pag. 416, segundo H. Lowenberg, também temos que apenas 5.000 judeus tinham nacionalidade egípcia.

¹¹ Exemplo: Daniel J. Elazar: - *The other Jews*, pag. 99; in: *American Jewish Year Book*, vol. 58 (1957) - *Middle East*, pag. 399, temos que 12,5 por cento da população judaica, eram reconhecidos oficialmente como egípcios.

Após a aprovação da Partilha da Palestina pela ONU em 29 de novembro de 1947, a Liga Árabe reuniu-se em Cairo, em 22 de dezembro, para avaliar sua derrota na ONU. Em seu relato para o American Jewish Year Book, de 1948, sobre a situação no Oriente Médio, H. Lowenberg refere-se a grandes manifestações, na data referida, nas quais o “povo” e “estudantes” carregavam bandeiras confeccionadas pelos “Irmãos Muçulmanos” com os dizeres: “O Islão é a religião do País”¹². A insinuação contra judeus e estrangeiros cristãos era óbvia.

Vários entrevistados relembram que em Dezembro e Janeiro do mesmo ano, muitos judeus abastados, de Cairo e Alexandria, receberam cartas anônimas de chantagem, exigindo volumosas quantias de dinheiro, para o exército egípcio e para as organizações nacionalistas. O governo ao que parece apoiava a extorsão, mas a chantagem tornou-se tão frequente que o governo publicou um comunicado, declarando que nenhuma quantia deveria ser entregue a coletores individuais, pois o governo formou um comitê central, para coletar fundos para a Palestina. Estrangeiros cristãos ricos, também foram extorquidos¹³.

¹² Em American Jewish Year Book - vol. 50 (1948-49) - Palestine and the Middle East; H. Lowenberg; pag. 442; The American Jewish Committee; Harry Schneideman and Morris Fine Editors; The Jewish Publication Society of America; Philadelphia; Pensilvania.

¹³ N. Stillman, em “Jews of Arab Lands in Modern Times”, pag. 154, menciona a cifra de aproximadamente um quarto de um milhão de dólares doados para o “Fundo de bem-estar” das tropas egípcias na Palestina.

O clímax foi atingido com a derrota dos países árabes e a criação do Estado de Israel em 14 de maio de 1948. Quando os exércitos árabes invadiram a Palestina, o governo de Fahmi al-Nakrashi Pasha declarou um estado de emergência em 11 de maio, seguido de lei Marcial em 15 de maio.

Repentinamente instalou-se um regime de terror: centenas de judeus e comunistas (principalmente judeus) e muitos "Irmãos Muçulmanos"¹⁴, foram confinados em campos separados. Os diplomatas europeus protestaram contra estas medidas tomadas pelo governo egípcio, contra os membros de uma minoria religiosa que não tinha relações formais com o Estado de Israel que o Egito não reconhecia, mas contra o qual empreendia uma guerra. O embaixador inglês no Egito, Sir Ronald Campbell comparou esta conduta com "o governo britânico confinando seus vassalos católicos num caso hipotético de guerra contra o Vaticano"¹⁵. H. Lowenberg¹⁶ relata que alguns milhares de judeus foram aprisionados em campos de concentração "pela segurança do país em época de guerra", segundo o governo egípcio.

Apesar da afirmação dos líderes comunitários judeus, de sua lealdade ao Egito, muitas residências, lojas e escritórios de judeus foram invadidos e

¹⁴ Os "irmãos Muçulmanos" estavam envolvidos numa disputa pelo poder com o governo de Nakrashi Pasha.

¹⁵ Em Gudrun Kramer - The Jews of Modern Egypt - 1914-1952; pag. 213.

¹⁶ Em American Jewish Year Book, vol. 50 (1948-49), pag. 447.

saqueados pelos grupos nacionalistas e segundo nossos entrevistados, pela polícia também.

Os que permaneceram em liberdade viviam amedrontados, porque freqüentemente eram atacados nas ruas, nos cafés, nas lojas e em suas casas (europeus e muçulmanos que pareciam judeus, também eram atacados).

Em 31 de maio (1948) o governo egípcio apropriou-se das companhias e dos bens dos que estavam aprisionados nos campos; seus bens e empresas ficaram sob a supervisão de um grupo governamental designado para tal. Do ponto de vista legal, não foram, portanto tomados, ou seqüestrados, mas apenas "administrados". Em 20 de dezembro do mesmo ano, todas as companhias dos "Irmãos Muçulmanos", também foram seqüestradas. O historiador e professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, Hayim Cohen escreveu que "Teoricamente, isto não foi dirigido especificamente contra os judeus. Entretanto, dentre os mais de cem indivíduos e companhias cuja propriedade foi confiscada, a grande maioria eram judeus"¹⁷.

Várias vezes, entre 19 de julho e 2 de agosto, bombas foram atiradas no bairro judaico de Cairo e em lojas de judeus e outras foram colocadas em vários cinemas de propriedade de judeus. Os que eram denunciados, por

¹⁷ Hayim Cohen: "Jews of the Middle East"; 1973; pag. 50.

muçulmanos, à polícia, como sendo espíões, eram levados aos campos de concentração, sem julgamento. Ouvimos vários relatos sobre o assassinato de 150 judeus em agosto de 1948, num "Pogrom"¹⁸ violento, no qual três rabinos foram mortos no matadouro de Cairo.

Enquanto a guerra com Israel era de máxima importância, o governo conseguia subordinar o fato da instabilidade doméstica, ao conflito externo imediato; mas não podia esquivar-se do fato de que seu regime estar "cambaleante". Havia rumores de revolução social e política, por todo o Oriente Médio. As condições miseráveis das massas sob o "feudalismo", providenciaram um campo fértil para agentes comunistas. H. Lowenberg¹⁹ menciona que nada menos do que cinquenta por cento dos estudantes das universidades de Cairo e Alexandria, recusaram-se a fazer demonstrações contra a decisão das Nações Unidas, quanto à Partilha da Palestina; Não que se identificassem com Israel, mas com a União Soviética que apoiou a partilha. Além da preocupação com o comunismo, a hierarquia política,

¹⁸ "Pogrom" foi o nome dado aos massacres de judeus na Europa Oriental, no final do século passado e início deste século. N. Stillman in: "Jews and Arab Lands in Modern Times", pag. 153 descreve a grande perda de posses e o assassinato de aproximadamente 50 judeus, neste período de grande agitação contra estrangeiros e judeus. S. Landshut em "Jewish communities in the Muslim Countries of the Middle East", 1950; pag. 34-38 relata que as primeiras explosões no bairro judaico de Cairo ocorreram em 20 de junho (1948) e deixaram 34 mortos e 60 feridos. Quatro quarteirões com residências de judeus ficaram em ruínas. Desde então, ainda segundo Landshut, explosões de bombas ocorreram em julho, setembro, outubro e novembro, deixando pelo menos 38 mortos e 137 feridos e muitas propriedades judaicas destruídas, inclusive a grande loja de departamentos "Cicurel e Oreco", no centro do moderno distrito comercial de Cairo. Os ataques e assaltos a judeus, nas ruas continuaram por uma semana, enquanto as forças de segurança egípcias não faziam nada. Apenas quando repetiram-se protestos e ameaças do exterior, o governo foi compelido a pôr um fim no tumulto.

¹⁹ Em American Jewish Year Book - vol. 51 (1950) - Middle East, H. Lowenberg - pag. 414.

defrontava-se também com o rápido crescimento da influência dos "Irmãos Muçulmanos" (sociedade à qual já nos reportamos) que se opunham ao governo. A insegurança do rei Farouk e seu governo, aumentou ainda mais, após a derrota do exército egípcio na guerra contra Israel e o assassinato do Primeiro Ministro Nokrashi Pasha em 28 de dezembro de 1948²⁰.

Com a nomeação de um novo Primeiro Ministro, Ibrahim Abdul Hadi Pasha, logo após o assassinato de Nokrashi Pasha, a situação dos sefaraditas egípcios melhorou consideravelmente.

O Egito assinou um armistício com Israel em 24 de fevereiro de 1949 e do mês seguinte em diante, uma mudança marcante era evidente na atitude da imprensa egípcia. Não mais publicavam artigos inflamatórios acusando os judeus de exploradores e traidores e como cessaram os ataques jornalísticos, o antagonismo público decresceu²¹ e o governo suspendeu algumas restrições.

Entre julho de 1949 e fevereiro de 1950, muitos dos presos foram libertados e suas empresas e fortunas, tomadas pelo decreto de 31 de maio de 1948 foram-lhes devolvidas pelo governo. Os estrangeiros e apátridas

²⁰ Nokrashi Pasha incriminou os "Irmãos Muçulmanos" em 8 de dezembro de 1948 e milhares de seus seguidores foram presos.

²¹ Antes da guerra contra Israel, a imprensa e o rádio transmitiam propaganda anti-sionista (o que se transformou em propaganda anti-judaica), o que gerou um grande mal estar e desentendimentos entre a comunidade sefaradita egípcia e os muçulmanos egípcios que não conheciam tais divergências até então. Todos os entrevistados enfatizaram as relações amistosas que tinham até aquele momento, com os egípcios muçulmanos.

dentre os mesmos, no entanto, foram expulsos do Egito²². Os que foram presos por alegação de atividade sionista, foram libertados, mas não os alegadamente comunistas²³.

Apesar do sofrimento e da opressão, em função das repercussões da guerra árabe-israelense, os sefaraditas egípcios continuaram, nesta fase, a manter sua vida comunitária. As escolas judaicas permaneceram abertas, os cultos religiosos nas sinagogas, não foram interrompidos e o Rabino-mor Haim Nahoum continuou a representar o governo em todos os assuntos que envolviam os judeus²⁴. Ademais, por estarem bem organizados, os sefaraditas egípcios, foram capazes, após este primeiro baque, de reorganizar-se e cuidar dos problemas, sem apelar ao auxílio das organizações judaicas mundiais.

A visão de sua situação no Egito, a partir daquele período, era diferente para as classes média e alta em contraposição às classes baixa e média baixa. Os primeiros ainda não cogitavam em emigrar para a Europa, as Américas ou Israel. Eles não tinham como perceber que sua posição social e econômica pode ser comprometida por acontecimentos que estavam, a

²² Em Gudrum Kramer - *The Jews of Modern Egypt - 1914-1952*; pag. 215.

²³ Segundo *American Jewish Year Book*, vol. 51 (1950) - Middle East; H. Lowenberg - pag. 417.

²⁴ Do depoimento de vários entrevistados que continuamente mencionam o nome do Rabino mor Haim Nahoum, figura que lhes era tão cara que deram seu nome à sua congregação em São Paulo, como relatamos no capítulo 4.

seu ver, ligadas apenas à guerra e portanto passageiros²⁵. As classes baixa e média baixa, no entanto, já viram sua situação solapada pelo crescente desemprego, principalmente após a regulamentação da Lei número 132, em Julho de 1947 (à qual nos referimos anteriormente) que na verdade, “egipcianizando” todos os negócios e administração egípcia, excluía essa gente, cuja grande maioria não tinha nacionalidade egípcia, como também já colocamos.

Estes compuseram as primeiras levas emigratórias, entre 1949 e 1951, abrangendo quase a metade da comunidade sefaradita egípcia (veja tabela 2). Como a maioria destes emigrantes eram apátridas (ou estrangeiros em menor porcentagem), a emigração foi organizada pelo Estado de Israel, e financiada por organizações judaicas internacionais e pela comunidade sefaradita local (que emigraria após a guerra do Sinai em 1956) que segundo nossos entrevistados, levantou fundos para auxiliar esta primeira emigração maciça.

Esta emigração foi tacitamente tolerada pelo governo egípcio que nada fez para impedir sua saída do país. As opiniões dos nossos entrevistados variam, a respeito do assunto. Alguns acreditam que o governo egípcio não queria parecer antidemocrático e intolerante aos olhos dos observadores

²⁵ Nossos entrevistados, dos quais alguns eram da classe média, ou média alta ressaltam que havia insegurança, mas que não foram afetados pelo desemprego, por exemplo, por terem suas próprias empresas e acreditavam que com o passar do tempo, a situação voltaria ao normal, ou

estrangeiros; outros alegam que o governo queria livrar-se deles, por não poderem integrar a sociedade árabe-islâmica aspirada. E como desta emigração faziam parte muitos funcionários, vendedores e administradores²⁶, alguns entrevistados estão convictos de que o governo acreditava que se abriria assim espaço para os "verdadeiros egípcios". Fato é que agências de viagem, dirigidas por agentes do "Mosad" (organização israelense clandestina para imigração) faziam arranjos, mais ou menos às claras para judeus que quisessem imigrar para Israel.

Os emigrantes viajavam aos portos de Gênova ou Marselha, às custas da Agência Judaica²⁷ e do American Jewish Joint Distribution

seja, como era antes da questão Palestina. Esta esperança foi reforçada pela restituição de boa parte das propriedades que foram antes colocadas sob a administração do governo.

²⁶ Nesta emigração, praticamente toda a camada pobre que residia principalmente No Hara também abandonou o Egito. Esta gente era, em boa parte, sustentada pela comunidade e não interessava, nem ao governo egípcio, nem aos sefaraditas egípcios mais abastados que arcavam com tal peso. Gudrun Kramer supõe em "The Jews in Modern Egypt 1914-1952", pag. 218 que além de prestar auxílio, os da classe alta e média-alta viam a "oportunidade de livrar-se, duma forma discreta das alas mais pobres da comunidade".

²⁷ "ha-Sokhnut ha-Yehudit le-Eretz Israel" (a Agência Judaica para Israel) ou Jewish Agency, como é conhecida internacionalmente, é uma corporação internacional não governamental, sediada em Jerusalém. Iniciou suas atividades em julho de 1922, quando o conselho da Liga das Nações ratificou o mandato britânico na então Palestina. Desde esta data, até o estabelecimento do Estado de Israel (1948), esta corporação teve o principal papel nas relações entre o "Lar Nacional" (como o Mandato via Israel) e o judaísmo mundial, por um lado, e o Mandato britânico e outros poderes, por outro. Com a independência de Israel em maio de 1948, a Agência Judaica, deixou muitas de suas funções ao governo recém criado de Israel, mas continuou sendo responsável pela imigração e assentamento em Israel, financiados por contribuições voluntárias de judeus de fora de Israel. Esta agência manteve um poder executivo em Jerusalém e outro em Londres (quando o centro da atividade judaica e diplomática deslocou-se para os Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial, Nova Iorque substituiu Londres). O executivo de Jerusalém organizava o movimento e a absorção de imigrantes, auxiliava o assentamento, tomava parte no desenvolvimento da economia na então Palestina e promovia serviços sociais e educacionais em cooperação com o "Vaad Leumi" (Conselho Nacional dos judeus da Palestina). O departamento político da Agência, em Jerusalém, negociava com a administração britânica palestina, enquanto o executivo de Londres mantinha contato com os departamentos: colonial e estrangeiro. Acrescentamos ainda que a Agência judaica, juntamente com o citado "Vaad Leumi", dirigiam a "Haganá" (defesa), a força judaica de defesa clandestina do Estado de Israel. Nos anos que mencionamos, sobre o primeiro êxodo em massa do Egito (que eram os primeiros anos), a

Committee²⁸. Eram levados a campos de preparação (denominados em Hebraico: Hakhšará) e de lá a Israel.

Após esta onda de emigração, seguiu-se um período breve (julho de 1952 a 1954) de relativa tranqüilidade e segurança. Após o golpe militar, em 23 de julho de 1952, encabeçada pelo General Muhammad Naguib e sua junta e a forçada abdicação do rei Farouk, em 26 de julho, o novo regime tentou tranquilizar os judeus e outras minorias, abalados pelos eventos do final da década de quarenta e início da década de cinquenta.

Podemos medir o grau de normalização e restauração da calma que parece tomou conta dos sefaraditas egípcios, ao examinarmos a declaração de Salvatore Sicurel, presidente da comunidade de Cairo, sobre o novo regime que lhe parece ter uma atitude mais decente e prometedora em

Agência judaica realizou os trabalhos relacionados à imigração em massa, conseguindo acomodar centenas de milhares de pessoas que chegaram a Israel entre 1949 e 1951 de todas as partes do mundo, por várias razões políticas por todos conhecidas.

²⁸ Conhecida como "Joint" ou JDC, esta organização foi fundada em 27 de novembro de 1914, com o nome "Joint Distribution Committee of American Funds for the Relief of Jewish War Sufferers". A organização foi denominada "Joint Committee" porque três comissões distintas de assistência, representando as três principais correntes no judaísmo americano na época, juntaram-se para fundá-la. O primeiro grupo composto por judeus abastados de origem germânica, decidiu auxiliar os judeus que estavam sofrendo em consequência da guerra, estabelecendo o "American Jewish Relief Committee" em 24 de outubro de 1914. Na mesma época líderes ortodoxos fundaram o "Central Relief Committee" e juntaram-se ao JDC. A estes foi acrescentado o "People Relief Committee", representando os judeus assalariados, em 1915. Após a Primeira Guerra (quando a organização auxiliou os judeus da Palestina sob o domínio turco e os judeus da Europa Oriental), o "Joint" enviou (1919-20) um grupo de assistentes sociais para ajudar os judeus que fugiam dos "pogroms" na Polônia e na Ucrânia, e construiu instituições para assistência médica e assistência para crianças. São apenas alguns exemplos, aos quais devemos acrescentar o auxílio alimentar e de reabilitação de dezenas de milhares de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, em campos e às comunidades judaicas remanescentes na Europa. Neste sentido a organização contribuiu muito nas despesas de transporte dos sefaraditas do Egito (e de outros países) a Israel em 1949-50. A organização tenta ajudar judeus necessitados, onde estiverem e encoraja a auto suficiência onde possível.

relação à comunidade judaica e que "sob o novo governo, a solução do problema da existência judaica no Egito pode ser esperado"²⁹.

Quanto a esta esperança, nossos entrevistados relatam que o General Naguib, o líder do governo, (do Comando Revolucionário), fez visitas públicas a instituições comunitárias judaicas de Cairo e Alexandria, incluindo um comparecimento, sem precedentes, para um chefe de Estado egípcio, na Grande Sinagoga de Cairo em "Yom Kipur"³⁰ e apenas dois meses após a tomada do poder. A confiança, ao que parece, voltou a reinar, a ponto de alguns judeus começarem a atender aos pedidos do General Naguib de trazer de volta ao Egito o capital que possuíam fora do país e a reinvesti-lo no Egito³¹.

O General Naguib fez várias declarações e admoestações, advertindo a todos contra qualquer discriminação contra cidadãos egípcios, por motivos de crença ou raça. Em vários depoimentos que obtivemos confirma-se que Naguib pronunciou um discurso sobre o assunto acima mencionado, até mesmo num encontro dos já citados "Irmãos Muçulmanos". E no mesmo

²⁹ Em American Jewish Year Book - vol. 55 (1954) - Middle East, S. Yin'am; pag. 375. O presidente da comunidade de Alexandria no mesmo período foi Edwin Goar.

³⁰ "Dia do Perdão", em Hebraico; celebrado 10 dias após o início do ano judaico, com jejum absoluto de 24 horas e ofícios religiosos durante todo o dia.

³¹ Relatado por Maurice Mizrahi (ele próprio emigrante do Egito) em "L'Egypte et ses Juifs: Les temps révolu (XIX^e et XX^e siècle)", Gêneve, 1977; pags. 56-57.

Parece, no entanto que a prática administrativa do governo continuou a ser discriminatória em vários casos. O American Jewish Year Book - vol. 55 (1954), pag. 371, citando a "Jewish Telegraphic Agency" (de 4 de janeiro de 1953), ressaltava que em janeiro de 1953, jornalistas e correspondentes judeus foram obrigados a abandonar o Egito, incluindo o editor judeu do respeitado jornal (diário) em língua francesa "Le Progrès Egyptien".

ano (setembro de 1953), exatamente um ano após a primeira aparição na Grande Sinagoga de Cairo, visitou-a novamente no Ano Novo Judaico. Dois meses antes, em 23 de julho de 1953, quando foi proclamada a República Egípcia, foram pronunciadas orações especiais e discursos foram proferidos nas sinagogas, sempre apoiando Naguib e seu governo. E o governo egípcio por seu lado convidava o Grão Rabino Haim Nahum Efendi a participar de celebrações nacionais, como ele fazia durante a monarquia³².

A situação mudou completamente no ano seguinte; um ano de dissensão interna e de expurgo do antigo grupo de políticos que causou uma guerra aberta entre os membros da junta de Cairo, durante os meses de fevereiro e março de 1954 e que culminou com a deposição do General Naguib do cargo de Primeiro Ministro, em 11 de novembro do mesmo ano.

O General Naguib continuou sendo o Presidente da República (ele acumulava antes os cargos de Presidente e Primeiro Ministro), mas o poder passou às mãos do Coronel Gamal Abdul Nasser e seus seguidores³³.

³² Mencionado por Maurice Mizrahi em "L'Egypte et ses Juifs: Les Temps révolu (XIX^e et XX^e siècle), Genebra, 1977, pag. 53.

³³ Gamal Abdul Nasser participou como oficial da invasão egípcia do recém criado Estado de Israel em 1948 e foi comandante do regimento sitiado (pelo exército israelense) no bolsão de Faluja. Ele foi instrumental decisivo no golpe militar, liderado pelo General Muhammad Naguib (anteriormente mencionado) que derrubou a monarquia (o Rei Farouk). Em 1954 ele desapossou o General Naguib que foi acusado de proteger os "Irmãos Muçulmanos", assumindo pleno poder, vencendo a oposição dos "Irmãos Muçulmanos", de remanescentes do anteriormente governante Partido WAFD (vide capítulo I) e os comunistas. Para reforçar sua liderança, ele criou uma estrutura política que se tornou o único partido legal no Egito. Nasser expulsou os últimos remanescentes das forças Britânicas, da Zona do Canal de Suez e nacionalizou a "Companhia do Canal de Suez" em 1956, removendo desta forma uma barreira entre o Egito e Israel. Por este

A situação dos judeus que dissemos, deteriorou-se a partir deste momento, refletiu-se em prisões em Cairo e Alexandria, em intervalos freqüentes e julgamentos de indivíduos e grupos sob acusações de várias ordens: políticas, criminais, contravenção de regulamentos econômicos, etc..

Em abril de 1954 sete jovens judeus foram sentenciados à prisão por uma corte militar de Alexandria. A acusação inicialmente, era de manter contato com elementos da esquerda em Israel, e mais tarde mudou para "atividades comunistas"³⁴. A mesma fonte³⁵, três meses depois, informa que foi preso o último judeu ainda em posição de liderança na imprensa egípcia: Saluator Adjiman, membro do Conselho da Comunidade Judaica de Cairo e chefe do departamento de publicidade do jornal egípcio "Al Ahram". Adjiman foi preso junto com seu cunhado, Leon Grunspan, sob a acusação de contrabandear dinheiro para o exterior. No mesmo mês, começou outro julgamento de alegados membros de um movimento juvenil judaico não mencionado³⁶ e a imprensa egípcia acusou a organização "Macabi" de ter

motivo e por sua deliberada política de apoio ativo às incursões homicidas dos "fedayin" (terroristas), dentro do território israelense (saindo da faixa de Gaza e do Sinai), Nasser exacerbou a situação, até que esta explodiu na Guerra (campanha) do Sinai cujo desfecho é conhecido.

³⁴ Citação do "Jewish Chronicle" de 2 de abril de 1954 (Londres), em American Jewish Year Book, vol. 56 (1955) - Middle East; pag. 490. Dos sete, Albert Azulay, Robert Grunspan e Albert Gabay foram condenados a sete anos de prisão, André Cohen, Jack Hason e Albert Sulam, foram condenados a três anos e Rosi Dayan foi absolvida.

³⁵ Citação do "Jewish Chronicle" de 2 de julho de 1954 (Londres), em American Jewish Year Book, vol. 56 (1955) - Middle East; pag. 490.

³⁶ Rádio Cairo, 1 de julho de 1954, citado em American Jewish Year Book, vol. 56 (1955) - Middle East; pag. 490.

atividades sionistas. Ainda na primeira quinzena de julho, a polícia egípcia invadiu 120 residências judaicas, em Cairo, prendendo jovens que foram acusados de quebrar uma promessa ao Ministério do Interior, de interromper o aprendizado do Hebraico e o treinamento numa fazenda da "Hakhsará" (preparo para imigrar a Israel). Os jovens foram soltos com uma advertência³⁷.

Estas invasões domiciliares, acrescidas da detenção por vários meses de onze jovens em Alexandria, sem julgamento (sob a acusação de sionismo e comunismo), provocaram, segundo o "Jewish Chronicle" de 16 de julho de 1954³⁸, uma grande intranquilidade na comunidade judaica egípcia. Nossos entrevistados relatam que havia uma forte suspeita na comunidade de que estas prisões eram uma tentativa de ligar toda a comunidade ao comunismo e ao sionismo. Embora o governo tivesse aprisionado também, muitos egípcios (muçulmanos) e gregos, sob a acusação de atividade comunista, a opinião de nossos entrevistados é que a maioria dos judeus aprisionados, não eram comunistas, nem sionistas, mas apenas judeus, enquanto os egípcios e gregos encarcerados eram todos de fato comunistas.

³⁷ Macabi: em Hebraico: Macabeu. Até 1948, "Macabi" foi uma organização esportiva e de escoteiros, mas as atividades dos escoteiros foram proibidas desde 1949. Sobre o estudo do Hebraico, citação do "Jewish Observer" de 13 de outubro, Londres, em *American Jewish Year Book*, vol. 57 (1956); Middle East, pag. 518.

³⁸ Citado em *American Jewish Year Book*, vol. 56 (1955); Middle East, pag. 491.

O que mais chamou a atenção na época, foi o "Julgamento dos Treze". A primeira comunicação oficial foi feita pelo Ministério do Interior egípcio em 27 de julho de 1954³⁹. A mesma afirmava que vários judeus foram presos, após uma tentativa de incendiar dois cinemas de Cairo, a United States Library e o departamento postal da estação ferroviária de Cairo. Apareceram informações conflitantes na imprensa egípcia após esta comunicação oficial. Uma segunda comunicação, em 5 de outubro de 1954 informava que "um bando sionista de espiões e sabotadores" foi acusado também, de colher informações militares a favor de Israel. Segundo esta comunicação o "bando" foi agarrado, após a prisão de um de seus membros, Philip Nathanson, em Alexandria. Um dos acusados, Eli Carmona, faleceu na prisão em consequência de torturas ou por suicídio e outra acusada, Victoria Marcelle Ninio, tentou o suicídio, atirando-se do segundo andar do edifício do tribunal. Ela ficou muito ferida, mas sobreviveu⁴⁰. Um terceiro réu, Max Bennet, suicidou-se durante o julgamento.

O "Julgamento dos Treze" teve início em 11 de dezembro de 1954, perante uma corte militar. Apenas onze dos acusados apareceram diante da corte: Moshe Marzouk, 28 anos, médico de Cairo; Shmuel Azar, 24 anos,

³⁹ Em American Jewish Year Book, vol. 57 (1956); Middle East, pag. 514.

⁴⁰ Citações do "Jewish Chronicle" de 22 de outubro de 1954 (Londres) e do "Manchester Guardian" de 12 de novembro de 1954 em American Jewish Year Book, vol. 57 (1956) - Middle East; pag. 515.

professor; Victor Levy, 21 anos, empregado; Victoria Marcelle Ninio, 25 anos; Max Bennet, 38 anos, descrito como um oficial do exército de Israel; Philip Nathanson, 23 anos, empregado; Robert Desa, 22 anos, empregado; Eli Yaakov Naim, 22 anos, empregado; Meyer Yosef Safran, 26 anos, arquiteto; Meir Shmuel Meyuhas, empregado; Cesar Yosef Cohen, 35 anos, empregado. Dois outros acusados, Abraham Dar, descrito como oficial israelense e organizador da "rede de espionagem" e Paul Frank Lito, o administrador do grupo, foram julgados *in absentia*.

Foi declarado na acusação que todos os réus confessaram. Durante as dezoito audiências, no entanto, os acusados não se confessaram culpados de espionagem e aos advogados de defesa, não foi permitido ver seus clientes antes do início do julgamento, ou estudar o material que havia contra os mesmos. A solicitação do principal advogado de defesa, Ahmed Rushdi (que foi contratado pelo Consulado Francês para defender o Dr. Moshe Marzouk que tinha nacionalidade francesa), de prorrogação do julgamento, por alguns dias, não foi concedida. Quanto a tentativa de suicídio de Victoria Ninio, seu advogado, Maetre Yusef Gariani, alertou na corte que isto ocorreu porque "ela foi torturada, espancada e forçada a falar sob pressão". Similarmente, Maurice Orbach, Deputado do Partido Trabalhista Britânico que foi a Cairo como observador pelo "World Jewish

Congress” denunciou que sinais de tortura eram visíveis no corpo do Dr. Moshe Marzouk⁴¹.

O tribunal concluiu suas audiências em 5 de janeiro de 1955, as sentenças, porém, foram anunciadas, somente após vinte e dois dias, quando foram confirmadas pelo Primeiro Ministro Gamal Abdul Nasser. O Dr. Marzouk e Shmuel Azar, foram condenados à morte; Philip Nathanson e Victor Levy, foram condenados a prisão perpétua; Victoria Ninnio e Robert Desa receberam sentenças de quinze anos de trabalho forçado e Yosef Safran e Meir Meyuhas foram sentenciados a sete anos de prisão. Eli Naim e Cesar Cohen foram absolvidos.

Este julgamento pode ser examinado em seu contexto político. Algumas semanas antes, alguns líderes dos “Irmãos Muçulmanos” foram condenados à morte e um julgamento de judeus poderia servir para distrair a atenção geral da impopular supressão por parte do governo, dos “Irmãos Muçulmanos”. Eram aparentemente necessárias algumas sentenças de morte contra judeus, a fim de contrabalançar as condenações à morte de líderes dos “Irmãos Muçulmanos”.

Muitas organizações judaicas e cristãs em todo o mundo, protestaram contra as sentenças de morte, enfatizando que o governo egípcio faria bem se as comutasse, tanto por razões humanitárias quanto por políticas. Os

⁴¹ Citação do “Jewish Chronicle” de 4 de fevereiro de 1955 (Londres), em American Jewish Year Book, vol. 57 (1956) - Middle East; pag. 515.

apelos e a intercessão do exterior não adiantaram, no entanto e Moshe Marzouk e Shmuel Azar foram enforcados na prisão de Cairo em 31 de janeiro de 1955. Subseqüentemente, face à crítica adversa no mundo todo, o ministério de propaganda egípcio publicou um livreto de sessenta e três páginas, defendendo a ação do governo e o procedimento da corte⁴².

É interessante que na mesma época (em 22 de março de 1955), foram sentenciados a períodos diferentes de prisão, sete membros de um núcleo Comunista Judaico, acusados também de "atividades sionistas e pró Israel". A imprensa egípcia informou que todos os comunistas acusados, admitiram pertencer a um centro sionista de espionagem de Paris⁴³. Não havia, no entanto, um único judeu, entre os acusados, nos julgamentos simultâneos dos líderes de várias facções comunistas do Egito. A alegada colaboração entre sionistas e comunistas parece-nos enganosa, em vista da conhecida atitude comunista negativa em relação a Israel e ao movimento sionista na época.

⁴² Verificamos uma relação de outros julgamentos contra judeus no Egito, neste período, no *American Jewish Year Book* op. cit., pag. 517, sob a acusação de "contrabandistas sionistas", como por exemplo de Joseph Albert Cohen, dono das "Farmácias Imperial" e Eli Politi, diretor geral do Banco Comercial do Egito (que foi deportado em março de 1955) entre outros. Dois meses antes, foram presos setenta e sete judeus sob a acusação de falsificação de documentos. A mesma fonte cita o "United Press Association" de 15 de abril de 1955 que relata a alegada descoberta de um novo bando de "Contrabandistas e espiões", composto por "judeus, gregos e sionistas" em abril de 1955.

⁴³ O *American Jewish Year Book* op. Cit., pag. 518 informa alguns nomes: Henry Vita Cohen, um empregado do jornal egípcio *Al Ahram*, Natan e Joyce Blau, Solomon Israel (os três últimos de nacionalidade francesa) e Henry Josef Osmo, de nacionalidade grega.

A representação religiosa dos judeus no Egito, também ficou prejudicada, em virtude da situação política. As autoridades egípcias reconheciam oficialmente, o já citado rabino Haim Nahum, Grão Rabino de Cairo, como representante do judaísmo egípcio⁴⁴; ele porém já tinha oitenta anos e estava adoentado e não estava em plena atividade há alguns anos. Além disto as autoridades egípcias não lhe demonstravam em 1954-55, a mesma consideração aparente, manifestada pelo General Naguib em 1952-53. A solicitação do Rabino Nahum de uma entrevista com o Coronel Gamal Abdul Nasser, em relação ao "Julgamento dos Treze", por exemplo, foi recusada. Mesmo assim o Rabino Nahum continuou distintamente pró-governo. Vários entrevistados relataram que ele dava instruções, para serem pronunciadas orações especiais em todas as sinagogas, na ocasião da assinatura do pacto Anglo-egípcio em relação ao Suez, por exemplo, e que ele negava, nas entrevistas com jornalistas estrangeiros, na época do "Julgamento dos Treze" que havia perseguição aos judeus do Egito, enquanto organizações judaicas e sionistas, nos Estados Unidos, França e Inglaterra, propagavam o contrário⁴⁵.

⁴⁴ Veja no capit. "O Renascimento de uma Comunidade", como atuou este rabino e como o via a geração que imigrou a São Paulo e que deu seu nome à Congregação que aqui estabeleceram.

⁴⁵ Os imigrantes acreditam que o Rabino Haim Nahum tomou esta posição para defendê-los.

A posição do Rabino Haim Nahum foi oferecida ao Grão Rabino de Alexandria, Aron Angel⁴⁶ que a recusou. As comunidades judaicas locais sugeriram a nomeação de um rabino da França, em virtude da ausência de candidatos locais, mas as autoridades egípcias opuseram-se.

O aspecto mais dramático para o judaísmo egípcio do período que estamos abordando, foi o ataque Anglo-Francês-Israelense ao Egito no final de outubro de 1956. Este ataque levou a artimanhas e realinhamentos políticos mais amplos, não apenas no Oriente Médio, mas também na Ásia e no mundo ocidental⁴⁷.

O ataque foi o auge de uma longa série de recriminações entre os ingleses, franceses e israelenses, de um lado e o governo egípcio, do outro. Estas giravam ao redor da nacionalização do Canal de Suez, pelo Egito, em 26 de julho de 1956, antes sob domínio Anglo-Francês; da recusa (do Egito) em permitir o uso do Canal e dos Estreitos de Tiran por navios israelenses, de ataques a assentamentos israelenses (oriundos de território egípcio), por terroristas árabes e do apoio egípcio a rebeldes argelinos, contra o domínio Francês.

⁴⁶ Veja no Apêndice Documental as cartas do Grão Rabino Aron Angel (de Alexandria), ao Rabino Menachem Diezendruck, então líder das comunidades sefaraditas já existentes em São Paulo (denominando pelo último de Grão Rabino de São Paulo. Não há no entanto Grão Rabino em São Paulo; cada Congregação Judaica, sefaradita ou asquenazita, tem seu Rabino, ou Rabino-mor), pedindo conforto moral e auxílio para encontrar trabalho, para vários imigrantes do Egito. Do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro – Nachman Falbel.

⁴⁷ O declínio de sua influência no mundo Afro-Asiático, levou a Inglaterra e a França a tentar manter uma parte de seu papel dominante anterior no Oriente pela força; mas conseguiram apenas fornecer à então União Soviética, uma oportunidade de explorar a situação em seu próprio benefício.

Ameaças belicosas entre Israel e Egito, em ambos os lados das fronteiras, finalmente culminaram na campanha israelense do deserto do Sinai em 30 de outubro de 1956. A Grã-Bretanha e a França entraram na guerra alguns dias depois, invadindo o Egito "para manter as forças egípcias e israelenses separadas"⁴⁸.

Depois que os vetos da Inglaterra e da França, no Conselho de Segurança das Nações Unidas, bloquearam as resoluções dos Estados Unidos e da União Soviética que ordenavam um cessar fogo e o recuo de Israel, foi convocada uma sessão especial da Assembléia Geral para tratar da situação. A organização (O.N.U.) pediu à Grã-Bretanha, à França e a Israel a retirarem suas tropas do Egito e a restaurarem as fronteiras que existiam antes da invasão.

Por algumas semanas os três países não atenderam às resoluções das Nações Unidas. Antes de retirarem-se, a Grã-Bretanha e a França queriam garantias de um status internacional para o Canal de Suez; Israel insistia no estabelecimento de uma paz completa com o Egito que garantisse trânsito livre pelo canal, entrada no Golfo de Akaba sem serem molestados e o fim dos ataques de forças árabes, baseadas no Egito.

Finalmente, a pressão internacional - incluindo uma ameaça Soviética de intervenção armada - levaram a Grã-Bretanha e a França a acatarem as

⁴⁸ Citação em *American Jewish Year Book*, vol. 58 (1957); Middle East, pag. 397.

resoluções das Nações Unidas. Israel que não podia resistir sozinho na região toda, concordou em recuar.

Mencionamos que esta guerra foi o aspectos mais dramático para o judaísmo egípcio, em virtude do êxodo em massa, analisado no capítulo que segue, e do pouco que restou da comunidade judaica no país, ficando esta bastante abalada. Por causa do êxodo, do qual tomou parte, também um segmento importante da liderança influente e próspera da comunidade, tornou-se cada vez mais difícil, manter as instituições, escolas, sinagogas e hospitais comunitários. As seis escolas judaicas no Egito de antes de novembro de 1956⁴⁹, eram frequentadas por poucos alunos. O grande hospital judaico de Cairo, tomado pelo governo em novembro de 1956 para baixas de guerra, continuou sob ocupação militar, pagando o governo no entanto, aluguel à comunidade judaica a partir daí, por seu uso. A interdição do emprego de judeus em certos estabelecimentos comerciais, foi suspensa, mas a maioria dos cargos ocupados por judeus, antes de 1956, estavam agora ocupados por outras pessoas e não mais disponíveis.

As atividades do rabinato em Cairo estavam muito limitadas em 1958, por causa da falta de fundos, falta de pessoal e a contínua emigração da comunidade. Além de administrar a educação, o rabinato supervisionava o

⁴⁹ Confirmamos com nossos entrevistados que existiram até novembro de 1956, três escolas judaicas em Cairo, duas em Alexandria e uma em Tanta. A maior delas em Cairo era frequentada por dois mil alunos em 1956 (já após o êxodo de 1949). Em setembro de 1958 tinha apenas 300 ou 400 alunos.

abate ritual, uma pequena clínica, os enterros e um fundo de beneficência e também mantinha os registros e atas comunitários.

A Grande Sinagoga de Cairo continuou a funcionar, mas a maioria, das várias dezenas de sinagogas pequenas, foi fechada no final de 1958. Quanto à antiga sinagoga na parte velha da cidade, sabemos que continuou aberta, sob os cuidados de um guardião judeu, mas era na verdade uma promoção governamental de atração turística, e não mais uma instituição de culto religioso.

Muitos judeus da classe média não encontravam meios de ganhar o sustento da família e diante da perspectiva de viver da caridade (da comunidade), decidiram abandonar o Egito.

Os judeus não foram o único grupo minoritário a deixar o Egito em massa, após 1956. Dos muitos italianos e gregos cristãos que residiam no Egito até esta data, encontramos fichas no Centro Histórico do Imigrante, por terem estes passado pela Hospedaria dos Imigrantes⁵⁰. Isto nos leva a acreditar que a Guerra do Sinai levou a uma ênfase do Islão, identificado com o nacionalismo árabe, na luta do Egito contra o Ocidente. Este fato afetou tanto os cristãos (católicos, greco-ortodoxos e coptas), quanto os judeus no Egito, (como ainda elucidamos no próximo capítulo), assim como em todo o mundo árabe. Membros de todas as comunidades minoritárias

⁵⁰ Veja notas 18 e 19 do capítulo "O êxodo em Massa - A Imigração a São Paulo", sobre o Centro Histórico do Imigrante e a Hospedaria dos Imigrantes.

estavam abandonando o país em grandes números, em razão da "incerteza sobre o futuro"⁵¹. Todos alegam (traduzido em nossas palavras) que o sentimento popular tendia cada vez mais a incluir o fato de ser membro da comunidade islâmica, entre os atributos de um cidadão leal.

Tudo isto tornou impossível, a judeus e cristãos, a sobrevivência - muito menos o florescimento - no Egito. A antiga tolerância (mencionada no capítulo I) terminou e os judeus (e cristãos) foram objeto de crescentes restrições e difamação e sofreram freqüentes ataques de turbas incitadas.

Todos os nossos entrevistados concluem as histórias de suas vidas no Egito, com a terrível certeza que tinham de sua extinção física no país. Desarraigados de sua terra natal, retornaram, em sua maioria a Israel, terra de seus antepassados e em segundo lugar, como mostramos no capítulo seguinte, imigraram a São Paulo.

O êxodo continuou, até que em maio de 1967 restaram apenas 2.500 judeus no Egito, aproximadamente 1.400 em Cairo, 900 em Alexandria e ao redor de 200 (a maioria caraíta) em outras cidades⁵². Trazemos esta data, pois é a véspera da Guerra dos Seis Dias que trouxe em sua esteira, uma nova sucessão de perseguições e sofrimento para os judeus que ainda

⁵¹ Mencionado por um entrevistado italiano católico que residia no Egito, emigrou em 1957, e passou pela Hospedaria dos Imigrantes, com seus pais, irmãos e tios. Hoje aos 58 anos e casado com brasileira, tem dois filhos brasileiros e considera-se "totalmente brasileiro".

⁵² Em *American Jewish Year Book*, vol. 69 (1968), *Jews in Arab Countries*, S. Karlikov, pag. 133. Diz o autor basear-se no novo registro que as autoridades egípcias fizeram, da população judaica na véspera da Guerra dos Seis Dias. Gudrun Krämer, "The Jews in Modern Egypt - 1914 - 1952; pag. 221. Norman Stillman, *Jews of Arab Lands in Modern Times*, pag. 169.

permaneciam no país, tornando o desaparecimento da comunidade judaica no Egito inevitável⁵³ S. Karlikov⁵⁴ dá a estimativa de aproximadamente 1.000 a 1.200 judeus vivendo ainda no Egito em dezembro de 1967 (incluindo os presos).

Menos de 1.000 judeus ainda restavam no Egito em 1970, quando tiveram a permissão de abandonar o país, sem levar nada consigo. Desta forma na década de 80, seu número diminuiu para 300 ou 400⁵⁵. O já citado Grão Rabino de Cairo, Hayim Douek que desde 1967 foi reconhecido, como Grão Rabino do Egito, deixou o Egito em 1972, findando assim, a vida comunitária. A situação modificou-se para melhor, após a assinatura do tratado de paz entre o Egito e Israel em março de 1979, quando os poucos judeus que restaram no país, puderam renovar seus laços com correligionários em Israel e no mundo⁵⁶.

⁵³ Até mesmo o Grão Rabino de Cairo Hayim Douek, permaneceu em prisão domiciliar e o Rabino Jacques Nefussi de Alexandria foi aprisionado, junto aos muitos homens presos de Cairo e Alexandria.

⁵⁴ Em American Jewish Year Book, vol. 69 (1968), Jews in Arab Countries, pag. 137 e, no vol. 70 (1969), World Jewish Population, pag. 461.

⁵⁵ Gudrun Krämer, The Jews in Modern Egypt 1914-1952; pag. 221. American Jewish Year Book, vol. 86 (1985), Middle Eastern Jewry, pag. 308.

⁵⁶ A "World Sephardi Federation", por exemplo, contribuiu em 1981 para renovar e restaurar a sinagoga principal de Cairo "Shaar há-Shamayim" (Porta do Céu). Entrevistados (dos imigrantes) que visitaram o Egito contam emocionados sobre esta sinagoga, outrora cheia e que mal completa um "minyan" (os dez homens necessários para a oração) nos serviços religiosos atualmente. E por outro lado, as demais sinagogas estão em vários estados de dilapidação e o cemitério judaico em Basatine, perto de Cairo, foi vandalizado e muitas lápides quebradas ou totalmente destruídas. Ironicamente, alguns dos maiores mausoleus foram preservados, porque pessoas pobres residiam neles, assim como em outros cemitérios de Cairo. Ao que parece a afluência maior de visitantes (dos que emigraram do Egito) é para Alexandria, pois nesta cidade, as sinagogas, os cemitérios e os arquivos da comunidade estão em condições um pouco melhores. Nossos entrevistados relatam que pagaram para preservar túmulos de parentes aos vigias dos cemitérios e contribuíram para a restauração de sinagogas, em ambas as cidades.

Em uma geração apenas, esta florescente comunidade desapareceu e o punhado de judeus que permaneceram no Egito, estão sofrendo uma lenta morte-em-vida.

O ÊXODO EM MASSA - A IMIGRAÇÃO A SÃO PAULO

Ainda existia em 1956, no Egito, a maior comunidade judaica dentre os estados da Liga Árabe. Estimativas variam de 30.000 a 50.000.¹ A já referida Guerra do Sinai, em outubro de 1956, preparou (como examinamos no capítulo anterior) o golpe de misericórdia para o judaísmo egípcio. Imediatamente após a Guerra, o governo tomou medidas drásticas contra os cidadãos de nacionalidade inglesa ou francesa (um grande número desses foram detidos e expulsos do Egito e sua propriedade confiscada) e contra a comunidade judaica que foi identificada com Israel e com o sionismo. Uma boa parte dos líderes judeus de Cairo e Alexandria foram presos. Uma metade (dos quase 1.000 detidos ou presos) foi confinada na escola judaica de Cairo, no subúrbio de Abasiya. Outros 500 chefes de

¹ 50.000 é estimativa do governo egípcio, segundo Don Peretz em seu artigo: "Middle East", in American Jewish Yearbook vol. 58, (1957), pag. 398; The American Jewish Committee, New York; The Jewish Publication Society of America, Philadelphia, 1957. É provável que o governo egípcio quisesse mostrar ao mundo que apesar da emigração de 25.000 a 30.000 judeus entre 1949 e 1952 a Israel, ainda permanecia uma grande comunidade judaica no Egito. Segundo o Ministério de Relações Exteriores de Israel "Information Division" – The Jewish Exodus from Arab Countries; pg. 13, 1961; viviam no Egito 65.639 judeus em 1957, ano em que foi efetuado o último censo no Egito. Em American Jewish Year Book vol. 59 (1958) pg. 396 verificamos que não há estatísticas precisas, mas que se calcula que em 1956 haviam 45.000 judeus no Egito. Estas estimativas indicam que destes, 15.000 a 20.000 eram apátridas, 4.000 tinham nacionalidade inglesa, 8.000 a 10.000 nacionalidade italiana, 4.000 a 5.000 nacionalidade egípcia e o restante (10.000 a 15.000) nacionalidades francesa, grega e outras.

família foram intimados a comparecer a postos policiais, nos quais lhes foi ordenado a deixar o país (muitos sozinhos, sem poder avisar a família) em 2 até no máximo 7 dias. Suas contas bancárias foram congeladas e suas propriedades sequestradas pela Proclamação Militar nº 4, publicada em 8 de novembro de 1956 e colocadas sob a custódia do Ministro das Finanças². Esta Proclamação veio acompanhada de uma lista de mais de 400 nomes dos quais pelo menos 95% eram judeus. Estes indivíduos representavam a maior parte da vida econômica judaica no Egito e suas contribuições eram a sustentação principal das instituições religiosas, sociais, educacionais e de beneficência judaicas. Houve também demissão em massa de judeus de seus empregos; em parte das firmas sequestradas e outra de firmas não sequestradas.

A deportação continuou em 1957, enquanto outros foram compelidos a abandonar o país após serem despojados de seus meios de subsistência.

O efeito destas medidas minou a moral e a estabilidade da comunidade judaica e originou uma "onda de terror" (como a denominam os egípcios de São Paulo) entre os estrangeiros e os judeus residentes no país

² Foram colocadas sob a custódia do Ministério das Finanças as propriedades de "pessoas detidas ou em observação e todas as pessoas que residem fora da República do Egito, mas dedicam-se a atividades prejudiciais à segurança do estado". A Proclamação Militar nº 5, sequestrou as propriedades britânicas e francesas. The American Jewish Year Book, vol. 59 (1958), pg. 397. Dafna Alon em "Arab Racism", 1969, pg. 76, afirma que muitos tiveram que sair da cadeia direto ao aeroporto, tendo 30 minutos para despedir-se de suas famílias e obrigados a assinar uma renúncia de toda a sua propriedade e da sua cidadania e foram expulsos do país, levando apenas seus pertences pessoais.

e por isto começou o grande tropel de emigração. No censo de 1957, somente 8.561 judeus foram registrados³.

Num ano, aproximadamente 30.000 judeus abandonaram o Egito. Milhares de pessoas amontoavam-se nos consulados e embaixadas buscando meio de escapar.

Nos dois gráficos abaixo damos uma avaliação aproximada da dispersão dos judeus egípcios:

Desde 1949 até o desaparecimento das comunidades judaicas no Egito

Israel	55.000
Brasil	15.000
França	5.000
Inglaterra	2.000
Canadá	2.000
Austrália	500
Argentina e Venezuela	500

No ano de 1957

Israel	19.000 a 20.000
Brasil	10.000
França	2.000
Inglaterra	1.000
Canadá	1.000

³ 65,3% em Cairo e 32,2% em Alexandria, segundo American Jewish Year Book, vol. 59 (1958). Middle East; Don Peretz, pg. 398.

Nestas tabelas podemos verificar que afora Israel, o Brasil acolheu o maior número de refugiados egípcios e ainda que foi (afora Israel) o único país a recebê-los num número elevado num mesmo ano⁴.

Os Governos da Grã-Bretanha, da França e de Israel, protestaram nas Nações Unidas, em dezembro de 1956, contra as medidas tomadas pelo governo egípcio. O Governo dos Estados Unidos também expressou "profunda preocupação" sobre as denúncias de maltrato de judeus⁵. Em 25 de dezembro do mesmo ano, o Primeiro Ministro da Tunísia, Habib Burguiba, pediu ao Egito que cancelasse medidas tomadas contra judeus que possuíam passaportes tunisianos⁶.

Antes de discorrermos sobre a imigração maciça destes judeus egípcios ao Brasil, devemos retroceder à política imigratória brasileira no período que a antecede e que vigora no momento em que ela ocorre.

⁴ Em Daniel J. Elazar, "The Other Jews", pg 99. Dados que se aproximam ao que podemos verificar nas listas de passageiros dos navios que atracaram em Santos, entre 1957 e 1959 (veja gráfico página 107). Em American Jewish Year Book vol. 85 (1985), The Demography of Latin American Jewry; Judith Laikin Elkin, pg. 11, temos que 25.000 judeus do Egito imigraram ao Brasil. Não sabemos de que fonte foi obtido este número que acreditamos ultrapassar em muito o número de imigrantes egípcios vindos ao Brasil. Em volumes anteriores do American Jewish Year Book, como o vol. 60 (1959), pg. 252, o Brasil nem é mencionado: "aproximadamente 15.000 judeus imigraram a Israel após a crise do Suez. Outros foram à França, à Itália, a vários países da América do Sul, aos Estados Unidos e ao Canadá".

⁵ O Embaixador dos Estados Unidos, Raymond A. Hare, foi instruído a influenciar as autoridades egípcias em cada oportunidade. Em American Jewish Year Book, vol. 59 (1958), pg. 397.

⁶ Encontramos nas listas de passageiros da Inspetoria de Imigração no Porto de Santos, em navios como "Conte Grande" e "Cabo de Hornos" várias famílias judias que residiam no Egito e possuíam passaporte tunisiano e imigraram ao Brasil.

O Brasil introduziu em 1935 um sistema de quotas para a imigração, imitando a "Quota Law" dos Estados Unidos. Este sistema fixava a quota anual de qualquer país a 2% do número total de imigrantes daquele país que chegaram ao Brasil entre 1884 e 1933. Contudo, a quota de qualquer país poderia ser aumentada para 3.000 e poderia ser transposta para o ano seguinte. Portugueses e nativos das Américas estavam isentos das quotas que davam preferência a italianos e espanhóis e discriminavam europeus orientais. No quadro das quotas a lei determinava 80% da quota anual de cada país para imigrantes agrícolas.

Todavia o nosso sistema de quotas, diferentemente daquele dos Estados Unidos, não atava em demasia o governo, pois estrangeiros trazidos ao país em esquemas de imigração planejados eram isentos das limitações da quota. Tais esquemas podiam ser da responsabilidade do Governo Federal, dos estados ou de agências privadas.

A esse sistema de quotas foram acrescidas restrições, introduzidas em consequência do considerável influxo de refugiados do nazismo e da depressão econômica do início da década de 30, o que levou a um declínio na imigração.

Após a Segunda Guerra, acreditava-se que o Brasil iria aventurar-se num programa imigratório em larga escala. Várias declarações neste sentido foram feitas por altos funcionários do governo. Por exemplo, em

julho de 1946, João de Barros, Presidente do Conselho Brasileiro de Imigração, declarou que seria permitida a entrada ao Brasil de 100.000 a 800.000 pessoas deslocadas (DPs - Displaced Persons) na Europa, sem questionamento de afiliação religiosa ou política. A declaração submetida pelo Brasil à Comissão Especial sobre Refugiados e Pessoas Deslocadas das Nações Unidas, em maio de 1946, mencionava que 100.000 a 200.000 imigrantes seriam admitidos por ano. Dizia o delegado brasileiro: "Esta lei abre a porta a todos os elementos estrangeiros que possam provar serem úteis ao desenvolvimento do país. No caso do Brasil, nenhum grupo de imigrantes ou refugiados está excluído, contanto que se adapte aos princípios da seleção racional, sendo preferidos aqueles elementos que no decorrer do século demonstraram uma genuína capacidade de adaptar-se à vida brasileira, ou outros que aparentam apresentar adaptabilidade similar. Afora, portanto de certas preferências justificáveis e compreensíveis, não há discriminação quanto à raça ou origem"⁷. Esta declaração, não obstante, denota a ênfase na aceitação de imigrantes "assimiláveis", de agricultores e de técnicos⁸.

⁷ Louis Shub: "Review of the Year 5.706-Latin America" in American Jewish Yearbook, vol. 48, 1946-47, pag. 249; The American Jewish Committee; The Jewish Publication Society of America; Philadelphia, 1946.

⁸ Na prática, o Brasil ficou muito aquém de suas declarações. O acordo do governo brasileiro de 1946, com a Comissão Intergovernamental sobre refugiados, estipulou a admissão de apenas 35.000 imigrantes refugiados durante o ano seguinte.

Em 7 de agosto de 1953, Vicente Rao, o recém nomeado Ministro das Relações Exteriores, publicou uma ordem especial aos representantes diplomáticos e aos Consulados do Brasil, para não recusarem vistos em função de raça ou cor. A ordem também estipulou que prováveis imigrantes, não fossem questionados quanto à sua origem étnica. Esta ordem baseava-se na Lei Federal nº. 1.390 (de julho de 1951) que sentenciava à prisão qualquer pessoa que cometesse ato de discriminação por raça ou cor. Esta ordem ministerial foi evocada por informações, de que uma antiga circular secreta, do Ministério das Relações Exteriores, a todos os seus consulados, ordenando-lhes a recusar vistos a judeus, estava ainda em vigor. A nova ordem ministerial facilitou um tanto as dificuldades de imigrantes judeus e houve algum aumento na imigração judaica.

Em setembro de 1956, o então Presidente Juscelino Kubitschek interveio pessoalmente⁹, a pedido da United HIAS Service¹⁰, no Instituto

⁹ Anteriormente referimo-nos aos esquemas de imigração planejados que eram isentos das limitações da quota e que poderiam ser da responsabilidade do Governo Federal.

¹⁰ A instituição foi formada em Nova Iorque, em 1909 pela fusão do "Hebrew Sheltering House Association" (que existia desde 1884) e do "Hebrew Immigrant Aid Society" (fundada em 1902), para auxiliar imigrantes e refugiados. Até 1954, a instituição era denominada HIAS: Hebrew Immigrant Aid Society. Correspondendo às crescentes necessidades dos imigrantes judeus da Europa Oriental (em função das perseguições), a organização adquiriu rapidamente dimensões nacionais (nos Estados Unidos), providenciando entrada legal, subsistência básica, emprego e localização de parentes, para aproximadamente meio milhão de imigrantes nos Estados Unidos, durante a primeira década de existência da organização. Embora auxiliasse comunidades judaicas do mundo todo, em razão da depressão econômica da década de 30, dedicou seus maiores esforços em financiar e auxiliar a emigração da Alemanha nazista e a encontrar abrigo para refugiados da Europa Oriental e Central, na Europa Ocidental e na América do Sul. A HIAS continuou suas atividades durante a Segunda Guerra Mundial, suplicando aos governos ocidentais a ampliar a quota de imigração para os refugiados judeus da guerra. Em 1949 a HIAS cooperou com o "American Jewish Joint Distribution Committee" (o JDC mencionado no capítulo

Nacional de Imigração e Colonização (INIC), para que este autorizasse a imigração de 1.000 famílias judias da África do Norte, principalmente do Marrocos. Como consequência da Guerra do Sinai, para os judeus egípcios (relatado anteriormente), a HIAS, por intermédio do seu Presidente Carlos Israel e pelo chefe da sua missão Israel Gaior Jacobson, intercedeu perante o governo marroquino, com o auxílio do Embaixador da Espanha em Marrocos, para que este (governo) permita transferir a quota dos judeus marroquinos para os judeus do Egito.

No Brasil, Dr. Israel Klabin (assessor de Juscelino Kubitschek como candidato à Presidência da República) e o poeta Augusto Frederico Schmidt, foram incumbidos pelo Presidente Juscelino, a nomearem o Presidente do INIC (Instituto Nacional de Imigração e Colonização), para que este não dificultasse a imigração dos judeus do Egito ao Brasil. Foi nomeado Fernando de Alencar que de fato abriu as portas e facilitou a vinda. O projeto foi de responsabilidade total do Presidente e segundo o Dr.

anterior: Antecedentes políticos do êxodo contemporâneo do Egito), formando o "Displaced Persons Coordinating Committee" para auxiliar os refugiados em todo o mundo. A organização que (como já nos referimos) até 1954 era denominada HIAS, fundiu-se neste ano com a "United Service for New Americans" e com o Departamento de Migração do "American Jewish Joint Distribution Committee, formando a "United Hias Service", uma agência internacional única que ajudou milhares de emigrantes da Europa Oriental e do norte da África (principalmente após a revolta húngara em 1956 e as crises de 1956 e 1967 no Oriente Médio) a encontrar novos lares, especialmente na Europa Ocidental, nos Estados Unidos e na América do Sul. Os escritórios centrais da "United Hias Service" estão em Genebra, Cidade de Nova Iorque e Rio de Janeiro (desde 1945).

Israel Klabin "foi projeto prioritário do Presidente" ¹¹. De fato foi um esquema de imigração com quota ilimitada (não discriminando religião ou nacionalidade) e puderam imigrar aproximadamente 15.000 pessoas do Egito ¹².

Após a propagação da notícia da possibilidade de imigração ao Brasil, os judeus egípcios (e muitos estrangeiros não judeus) acorreram em massa às autoridades brasileiras, representadas por sua Embaixada em Cairo, para preencherem as formalidades necessárias à obtenção dos vistos permanentes ¹³. Na Embaixada todas as certidões e documentos dos emigrantes foram carimbados, pois o casamento religioso (sem o civil), por exemplo, de uma parte dos emigrantes, poderia não ser reconhecidos no Brasil.

A Embaixada Brasileira em Cairo tinha a instrução de não limitar o número de vistos, porém de emití-los ordenadamente, para que houvesse infra-estrutura para recebê-los. A única exigência do governo brasileiro era

¹¹ Informação obtida do Dr. Israel Klabin, ex-Prefeito do Rio de Janeiro, ex-Presidente do BANERJ e atual Presidente do Conselho Curador da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável.

¹² Precisamente no mesmo período (de dezembro de 1956 a dezembro de 1957) foram admitidos aproximadamente 5.000 judeus da Europa Central, principalmente da Hungria e 3.000 da Síria, do Líbano e da África do Norte.

¹³ Segundo o relato de vários entrevistados, o número de candidatos era tão grande que a cada dia as filas à porta da Embaixada Brasileira, formavam-se desde 4 horas da manhã, enquanto o expediente começava às 10 horas e muitos, mesmo os que vinham de longe, como de Alexandria por exemplo, não eram atendidos no mesmo dia, pois as filas eram tão longas que muitos sobravam para formá-las no dia seguinte.

a apresentação de um atestado de saúde e outro de idoneidade moral, sendo neste último importante não ter sido o imigrante comunista.

O governo egípcio permitiu que os emigrantes levassem apenas 20 libras egípcias por pessoas (cada libra valia de 3 a 4 dólares na época). Os que compraram traveller cheks, tiveram a desagradável surpresa de constatar que estes foram sustados pelos bancos europeus, em resposta ao penhor dos bens dos ingleses e franceses pelo governo egípcio.

Além das 20 libras foi lhes permitido levar objetos de uso próprio, porém nada de valor (jóias, obras de arte, etc.). Por esta razão foram forçados a vender seus bens a preços irrisórios, para poder pagar a passagem (até o porto europeu, do qual a HIAS encarregou-se de trazer a maioria ao Brasil) e comprar provisões para a viagem e roupas e utensílios¹⁴.

A Cruz Vermelha Internacional teve papel importante neste êxodo, com o apoio financeiro indireto do American Joint Distribution Committee. Em novembro de 1956 foram enviados ao Egito, representantes da Cruz Vermelha Internacional para dar assistência aos apátridas afetados pela crise. A viagem até a Europa foi providenciada pelos fundos comunitários, ou pelo American Joint Distribution Committee, através da Cruz Vermelha

¹⁴ Vendo-se impedidos a continuar vivendo no Egito, alguns transferiram parte de seus bens para outros países, através de intermediários, muitas vezes sendo ludibriados pelos mesmos e perdendo a maior parte do dinheiro enviado.

Internacional. Pequena parte dos imigrantes pôde arcar com as despesas da viagem, sem esta ajuda.

Consultamos todas as listas de passageiros, dos navios que aportaram em Santos, desde dezembro de 1956 a julho de 1958, (do Serviço de Imigração e Colonização) da Inspetoria de Imigração no Porto de Santos; observamos que o porto de procedência da maior parte dos imigrantes foi Gênova (enquanto uma pequena parcela procedeu de Marselha e poucos de Havre). Todos os imigrantes receberam visto permanente, o que pudemos verificar no artigo 9 do Decreto Lei 7.967/45 que consta em todos os vistos. A maioria destes imigrantes eram apátridas (aproximadamente 60%)¹⁵, uma parte (20% aproximadamente) tinham nacionalidade italiana, outra parte (15% aproximadamente) nacionalidade francesa e os 5% restantes tinham nacionalidade grega, espanhola ou britânica, enquanto um número bem reduzido tinha nacionalidade tunisiana ou marroquina (apenas duas famílias tinham nacionalidade egípcia).

¹⁵ A questão dos apátridas no Egito, abordada no capítulo "Antecedentes Políticos do Êxodo Contemporâneo do Egito", tornou-se mais grave com o decreto de 22 de novembro de 1956 (que emendou a "lei de nacionalidade" de 1950), do qual o primeiro artigo, estipulava que "nem sionistas, nem aqueles contra os quais havia uma sentença por crimes de deslealdade ao país, ou por traição" fossem considerados egípcios. Este artigo mais adiante dispunha que "não será aceito nenhum pedido de expedição de certificado de nacionalidade egípcia, de pessoas conhecidas como sionistas". Não havia no decreto nenhuma definição do que constituía um sionista. Do American Jewish Year Book, vol. 59, 1958, Middle East, pg. 396.

Os imigrantes que tinham alguma nacionalidade, possuíam passaportes¹⁶ e os apátridas, obtiveram uma autorização ("laissez pas") para emigrar, desde 1955 e 1956, composta pelo número de registro do pedido, acrescido (após uma barra) dos dois últimos algarismos do ano da expedição.

Observamos que muitos dos refugiados, responderam ao embarcarem que são católicos; provavelmente por receio em relação ao que os esperava, ou ainda foi "falha voluntária" dos funcionários de bordo que não quiseram discriminar seus passageiros refugiados¹⁷.

A imigração do Egito foi notadamente uma imigração familiar. Vieram famílias inteiras: marido, mulher e filhos e geralmente a família da esposa (pais e irmãos solteiros, quando o casal era jovem) e do marido. Encontramos poucos navios (que aportaram em Santos naquele período) nos quais constam poucas famílias de refugiados judeus do Egito; ou haviam muitas famílias, ou na maior parte das vezes não havia nenhuma. Não foram porém, grupos organizados; emigravam conforme a obtenção de vistos.

¹⁶ Os cristãos (católicos ou ortodoxos) de nacionalidade italiana, ou grega tinham seus passaportes expedidos desde 1947, enquanto os judeus com estas nacionalidades, desde 1955. Do Arquivo Histórico do Imigrante; das listas de passageiros da inspetoria de imigração.

¹⁷ Este fato confundiu a pesquisadora no início de sua pesquisa, impedindo uma verificação precisa do número dos refugiados. Não nos é permitido revelar os sobrenomes dos imigrantes, porém podemos dizer que são sobrenomes sefaraditas ou orientais judaicos e consta que emigraram com o auxílio da HIAS.

Conferindo as listas de bordo pudemos comprovar que 65% dos imigrantes residiam em Cairo e 35% em Alexandria¹⁸. Destas familias cerca de 70% vieram por intermédio da HIAS e 30% por conta própria.

As profissões dos imigrantes que constam nas listas de passageiros (e nas fichas da Hospedaria dos Imigrantes) são: engenheiros, arquitetos, médicos, farmacêuticos, bancários e diretores de bancos, contadores, técnicos, comerciantes, executivos, especialistas em tecelagem e confecções, classificadores de algodão, técnicos em fumo e chá, professores de línguas, fotógrafos, funcionários, vendedores (viajantes) de artigos de escritório, camiseiros e alfaiates. Muitos responderam apenas: "diretor", "inspetor" ou "perito", sem apontar do que.

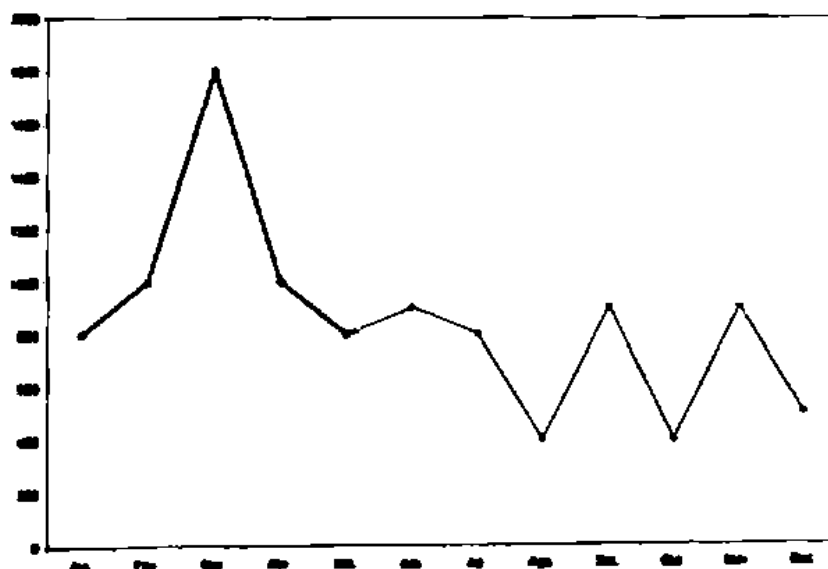
Está claro que as mulheres casadas não trabalhavam no Egito, pois todas constam como: "prezadas domésticas". No entanto, mulheres solteiras ao redor dos 30 anos trabalhavam e consta que eram funcionárias.

Dentre estes imigrantes, alguns daqueles por nós entrevistados lembram os momentos apreensivos que antecederam a recepção da HIAS nos navios atracados no porto de Gênova; o alívio ao reconhecerem a identificação "HIAS" nas braçadeiras, ou a voz dos representantes da HIAS nos alto-falantes, convocando-os para dar-lhes instruções e assegurando o auxílio (hospedagem e assistência médica) e a passagem até o Brasil.

¹⁸ Poucas famílias vieram de Port Said e Ismailia.

Analisando a imigração egípcia, estimada pelas listas de passageiros, de todos os navios que atracaram em Santos e passaram pela Inspetoria de Imigração no referido porto, obtivemos os meses de maior imigração. A imigração maciça começou em dezembro de 1956, num crescendo até março de 1957 (sendo o pico os meses de fevereiro, março e abril) e depois oscilando até o final do ano e decrescendo paulatinamente em 1958 e 1959. O gráfico que segue avalia a imigração durante o ano de 1957:

Número aproximado de imigrantes 1957



Navios italianos, espanhóis e franceses como: Giulio Cesare, Augustus, Conte Grande, Cabo de Hornos, Conte Biancamano, Cabo de Buena Esperanza, Provence, Bretagne, Claude Bernard e Lenaec, transportaram os imigrantes, empreendendo alguns deles várias viagens.

Após uma viagem de 15 dias, os imigrantes eram acolhidos no Porto de Santos, pelas assistentes do Serviço Social da Federação das Sociedades Israelita Brasileiras do Estado de São Paulo que foi criado em julho de 1955, para assistir os imigrantes até o limite de 1 ano após sua chegada. Em janeiro de 1957, este Serviço fez um acordo com a HIAS, passando a assistir a todos os imigrantes trazidos por esta agência de imigração (HIAS), a partir de 1^o de janeiro de 1957.

Em dezembro de 1956 e janeiro de 1957 chegaram os primeiros navios com refugiados do Egito que a HIAS alojou no Liceu Pasteur, amavelmente cedido pelo consulado francês, durante o período de férias escolares. Antes da chegada maciça das próximas levas, a HIAS confirmou um acordo com o Departamento de Imigração e Colonização, da Secretaria do Trabalho e da Promoção Social (atualmente Departamento de Amparo e Integração Social), para que pudesse encaminhar os imigrantes, daí em

diante, para a Hospedaria dos Imigrantes (atualmente Centro Histórico do Imigrante)¹⁹.

Assistentes do Serviço Social da Federação Israelita do Estado de São Paulo, encaminhavam os imigrantes para os ônibus particulares alugados para esta finalidade, após passarem pela alfândega. A maioria trouxe muita bagagem, pois foram obrigados no Egito a desfazer-se dos bens e proibidos de levar dinheiro consigo.

Comparando as listas de bordo, com as fichas de entrada na Hospedaria dos Imigrantes, constatamos que uma pequena parte dos imigrantes veio com endereço, provavelmente de parentes ou amigos; uma parte foi para pensões, ou hotéis por conta própria (a resposta dada por estes à pergunta "destino ou lugar de residência" é: Hotel em São Paulo) e a maioria foi conduzida à Hospedaria dos Imigrantes.

Alguns imigrantes que passaram pela Hospedaria dos Imigrantes descrevem a consternação que sentiram ao terem que passar por esta experiência, na qual os casais foram alojados separadamente (pois na Hospedaria haviam grandes dormitórios isolados, para homens e mulheres) e viam os migrantes nacionais deprimidos e mal cuidados (cenas que nós

¹⁹ Em muitos portos do Cone Sul, existiram, com o nome de "Hotéis de Imigrantes", grandes construções, nas quais os recém-chegados eram alojados e alimentados por alguns dias, enquanto esperavam ser encaminhados às primeiras moradias. Em São Paulo a antiga Hospedaria dos Imigrantes existe desde as últimas duas décadas do século passado e é atualmente dirigida pela Sra. Midory Kimura Figuti.

ainda vimos ao longo de nossa pesquisa no Centro Histórico do Imigrante).

Se o Centro Histórico do Imigrante possui todas as fichas dos que passaram pela Hospedaria²⁰, a porcentagem destes (imigrantes das primeiras levas) é de 30%.

Logo ao se instalarem na Hospedaria os imigrantes preencheram fichas que compreendiam dados referentes à data de entrada na Hospedaria²¹, aos navios nos quais imigraram e data do desembarque, à filiação, ao cônjuge e filhos, à cidade de origem, à organização que se encarregou de trazê-los, às línguas que dominam e suas aptidões profissionais, para que pudessem ser encaminhados a empregos condizentes com sua formação. No verso das fichas deveria constar o primeiro endereço, para o qual o imigrante transferiu-se ao sair da Hospedaria e o primeiro emprego obtido; porém pequena parte das fichas possui estas informações preenchidas.

Destaca-se de imediato, na observação destas fichas, o domínio de 4, 5 e mais línguas da grande maioria dos imigrantes. Todos falavam francês e árabe; 70% falavam italiano; 80% falavam inglês e 60% espanhol. (Este fato foi-lhes de grande valia para encontrarem logo empregos).

²⁰ Encontramos as fichas dos imigrantes desordenadas e incompletas, em arquivos nos quais constam os imigrantes de todo o mundo e de um período bastante longo. Pudemos observar, por exemplo, que a porcentagem de imigrantes cristãos de nacionalidade italiana é 4 vezes superior à dos judeus egípcios.

²¹ Na maioria das fichas foi omitida a data de saída, o que nos dificultou determinar o tempo de permanência na Hospedaria.

Nas levas seguintes, o número de refugiados, alojados na Hospedaria foi diminuindo; os que chegaram nas primeiras levas ofereceram abrigo a amigos e parentes.

Concluiremos o capítulo ressaltando que apenas 30 famílias aproximadamente, imigraram na década de trinta do atual século espontaneamente, numa emigração individual ou familiar²², buscando meios de subsistência melhores.

Eram famílias de classe média que emigraram por conta própria e que integraram-se posteriormente à Congregação Mekor Haim formada pelos imigrantes de 1957.

Do ponto de vista demográfico a imigração de 1957 não foi coletiva, mas familiar que por ser de proveniência urbana, estabeleceu-se quase em sua totalidade na cidade de São Paulo e em escala menor no Rio de Janeiro (aproximadamente 500 famílias), em Porto Alegre (20 famílias) e em Curitiba (10 famílias).

No Rio de Janeiro foi fundada no final de 1959 a "Associação Brasileira Israelita Maimônides" que apesar das dificuldades mantém uma Sinagoga, um serviço social beneficente e um centro social e cultural.

²² Exemplo são as famílias Pinto, Zammatti, Haim e Cohen.

Os judeus egípcios não emigravam voluntariamente; a emigração maciça deu-se pelas circunstâncias insustentáveis que forçaram-nos a emigrar.

OS PRIMEIROS ANOS NA NOVA PÁTRIA

Os recém-chegados foram assistidos pelo Serviço Social da Federação Israelita do Estado de São Paulo, desde o dia de sua chegada (na Hospedaria) até sua independência econômica.

Não é necessário grande esforço de imaginação para compreender as dificuldades que estes imigrantes que tinham boa situação financeira no Egito enfrentaram ao ter que procurar trabalho, fixar residência, aprender um novo idioma e hábitos diferentes, colocar seus filhos em escolas, enfim adaptar-se ao novo, superar a insegurança num ambiente estranho e a falta de estabilidade.

O primeiro contato importante com a nova realidade surge da necessidade de ganhar o sustento e para tal a Federação Israelita do Estado de São Paulo, criou de imediato um Comitê de colocação, presidido pelo Sr. Isac Amar, o então Vice-Presidente da Comunidade Israelita Sefaradita. Todos os imigrantes passaram por este Comitê que procurou colocações para todos, pagou escolas para aprenderem o português, ou

escolas comerciais para quem o desejasse¹ e o aluguel por algum tempo dos que necessitavam e ofereceu assistência médica².

Referimo-nos no capítulo anterior à mulher casada que não trabalhou no Egito (o item profissão nas listas de bordo foi preenchido em todos os casos com: "prendas domésticas"). Nossos entrevistados enfatizaram a "dignidade" das mulheres egípcias de sua geração que "se davam valor", o que significava entre outras coisas, não trabalhar fora de casa. As esposas dos imigrantes, portanto, não tinham profissão. Havia ainda o problema para as jovens esposas que se prontificaram a trabalhar, em encontrar creches para as crianças pequenas. Por esta razão os primeiros a arranjar trabalho foram os homens e as filhas e filhos maiores de idade³. Dentre os últimos, verificamos nas listas de passageiros que muitos já eram contadores ou secretários no Egito e puderam receber logo, em São Paulo, trabalhos de contadores, professores e professoras de línguas e secretárias bilíngues e trilingues em firmas de capitais estrangeiros (por exemplo, na indústria automobilística e eletromecânica).

¹ Notamos nas entrevistas que um bom número de adultos fez questão de sentar em escolas comerciais, com adolescentes, para aprender português, para "conviver com os brasileiros, comunicar-se com eles e para poder trabalhar, ler jornais e escrever". (referido pelo Sr. Ibram Salama, ex-Presidente da Congregação Mekor Haim, da comunidade egípcia de São Paulo).

² Os que tinham algum problema de saúde eram encaminhados à clínica da comunidade Israelita Linat ha-Tzedek.

³ Os imigrantes, de maneira geral, não achavam justo, apesar das dificuldades, que filhos menores de idade trabalhassem.

As escolas israelitas (destacando-se o Colégio Israelita Brasileiro Renascença), prepararam "cursos de adaptação" para os filhos dos imigrantes que geralmente ingressavam no ginásio após os mesmos.

Mais da metade das crianças foram inscritas em escolas primárias israelitas, porém outro tanto em idade de ginásio foram inscritas em ginásios particulares, pois haviam apenas dois ginásios israelitas na época e colégios como o Rio Branco e o Liceu Pasteur ofereceram bolsas; as crianças menores, às quais era mais fácil recomeçar, foram colocadas nos primários israelitas, nos quais receberam cursos gratuitos, ou semi-gratuitos e aos adolescentes que iniciaram o ginásio no Egito e aos quais portanto, seria mais fácil continuar em escola de língua francesa (para não perder tempo pelo desconhecimento da língua), o referido Liceu Pasteur, (por intermédio do consulado francês) ofereceu bolsas. Um número reduzido de crianças foi inscrito em escolas primárias públicas, justamente por haver escolas particulares gratuitas (os poucos que freqüentavam-nas, faziam-no por residirem próximo à escola).

A Comunidade Israelita de São Paulo tentou facilitar a integração dos refugiados e aliviar seus problemas; muitos membros da comunidade que possuíam indústrias empregaram um número elevado dentre os refugiados.

O Serviço Social da Federação Israelita havia estipulado o tempo de um ano, para auxiliar os refugiados, porém a grande maioria conseguiu sua

independência econômica após alguns meses e poucos necessitaram de apoio até o término do prazo estabelecido.

Buscando o sustento os imigrantes viram-se forçados, quase que imediatamente após o desembarque, a encontrarem "um lugar ao sol" na estrutura econômica da nova terra. Eles trouxeram consigo sua experiência e suas habilidades acumuladas e suas idéias próprias que acreditavam seria fácil tentar utilizar. Porém tiveram que aplicar tudo isto à realidade do novo país. Chegaram todos a São Paulo, num período curto e sufocaram o mercado de trabalho de sua especialidade. Tiveram que contentar-se com salários abaixo de sua expectativa (o que não lhes permitiria ter o nível de vida ao qual estavam habituados) e dentre os profissionais liberais, apenas uma minoria conseguiu revalidar seus diplomas. Muitos farmacêuticos, por exemplo, viram-se obrigados a representar indústrias farmacêuticas e assim por diante.

À época da imigração houve no Brasil uma abertura para o capital internacional, o que permitiu que capitais estrangeiros fossem colocados na região metropolitana de São Paulo (ex: a indústria automobilística, eletromecânica, farmacêutica, bancos, etc). Estas indústrias necessitavam de quadros formados por pessoas treinadas para cargos de diretoria e que

dominassem várias línguas⁴. A Ford, por exemplo, empregou mais de cem dos recém-chegados e alguns (como o Sr. Albert Mattalon) chegaram a cargos de direção. A SANBRA (Sociedade Algodoeira do Nordeste do Brasil) e a Anderson Clayton (na época, duas empresas ainda) por processarem sementes de algodão, empregaram muitos dos imigrantes que eram da especialidade⁵.

Muitos dos que foram admitidos como empregados nas grandes indústrias, continuaram nas mesmas (até sua aposentadoria ou falecimento) como executivos. O Sr. Joe Edgar de Picciotto⁶, por exemplo, tornou-se um dos gerentes da Philco (ele é membro da diretoria da Congregação Mekor Haim), cujo desenvolvimento é detalhado no capítulo seguinte (e membro do Executivo da Federação Israelita do Estado de São Paulo). Outro exemplo é o do Sr. Gastão Levi que foi empregado pela Gillete e atualmente é coordenador mundial da firma (em Boston). A Pirelli também empregou dos imigrantes no departamento de vendas internacionais e

⁴ Desde o início do século XX, com a expansão econômica do Egito, aumentou a demanda por pessoal administrativo treinado em habilidades gerenciais e técnicas e em línguas europeias. Muitos estrangeiros, dentre os quais um grande número de judeus eram qualificados para estas posições de liderança em negócios particulares e na administração governamental.

⁵ Várias famílias que imigraram dominavam no Egito o processamento do algodão. Referimo-nos no Capítulo I às famílias Salama, Arripol e Hassan (das que imigraram ao Brasil) que possuíam usinas de debulho e refinarias de óleo de sementes de algodão, riqueza do Egito que também exportavam.

⁶ A família Picciotto possuía no Egito, próximo a Alexandria (junto com a família Vaturi) uma das mais importantes e modernas indústrias têxteis do país, a "Nile Textile". (O governo do General Nasser confiscou-lhes esta indústria). O avô do Sr. Joe, Joseph Ricardo de Picciotto foi Senador no Egito e recebeu o título de "Bey" do Rei Fuad e seu pai, Edgard de Picciotto foi Presidente da Comunidade Israelita de Alexandria e Presidente da Loja B'nai B'rith de Alexandria.

exportação e assim também a Philips, a Revlon, a ALCAN (Indústria Multinacional de Alumínio) etc.

Citaremos ainda empresas como a Estrela (que empregou vários dos imigrantes e na qual o Sr. Albert Dichy, ex-Presidente da Congregação Mekor Haim, foi Diretor Administrativo até sua aposentadoria há dois anos), a Coffap (na qual outro imigrante, o Sr. Fernando Setton, foi Vice-Presidente até o ano passado, quando transferiu-se à indústria de faróis Artebi); a Editora Abril (na qual Aiki Zarmatti chegou à Vice-Presidência), Elevadores Otis que recebeu engenheiros (como por exemplo o Sr. Elie Cohen), um mês após sua chegada⁷ e a Evadyn entre outras. Bancos estrangeiros, como o Banco Francês e Brasileiro e o Sudameris, necessitavam dos imigrantes, muitos dos quais formados na escola denominada no Egito de "Altos Estudos de Comércio" (que era a escola superior de contabilidade, administração de empresas, economia, direito comercial e marketing) e que conheciam vários idiomas e onde puderam também alcançar cargos de direção.

Podemos afirmar que parte dos imigrantes é integrante, em São Paulo, de uma classe dirigente de grandes firmas.

Outros, sem formação profissional e sem capital, tomaram-se representantes de firmas de papéis e material de escritório, vendendo

⁷ Dados obtidos em fontes que não nos é permitido revelar.

sobretudo no interior⁶. Após algum tempo, muitos, como: Mizan, Cohen, Saadia, Nacson (donos da Casa Normandie) e outros, montaram suas próprias firmas de material de escritório, desenho e engenharia.

Os que conseguiram transferir algum dinheiro, através de intermediários⁷, montaram pequenas indústrias, cuja maioria desenvolveu-se e deu emprego a muitos. Exemplo são a Metagal, indústria de componentes automobilísticos que deu emprego a mais de 1.500 pessoas, há alguns anos; a Novel Print que é uma das primeiras firmas de auto-colantes do Brasil e da América do Sul e que começou com pequeno capital e cresceu enormemente e a Dyna, indústria de limpadores de para-brisas, para automóveis e caminhões (em Guarulhos); ou mais recentemente a "Interwine do Brasil", produtora de vinhos, com fazendas vinícolas em Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, de propriedade do Sr. Giuseppe Nahaisi (que também possui a Editora Nova Arcadia) e vinhos Chandon do Sr. David Marcovici.

A exemplo de muitos judeus asquenazitas que possuíam na época confecções nos bairros Bom Retiro e Brás, os imigrantes egípcios que não tinham capital, montaram pequenas confecções que não exigem capital, nos

⁶ Narram sobre suas peripécias em ônibus que quebravam em estradas esburacadas e a brava luta do dia-a-dia.

⁷ Os intermediários ficavam muitas vezes com a maior parte do dinheiro e algumas vezes com todo.

mesmos bairros e também na Rua 25 de Março e em Pinheiros.

Comparando os dados das fichas dos imigrantes do Centro Histórico do Imigrante com as informações obtidas nas entrevistas, pudemos inferir que entre o primeiro e o segundo anos, após a chegada, a maior parte dos imigrantes residia nas áreas centrais e semi-centrais de São Paulo, como: Avenida São João e Bairros de Santa Cecília, Higienópolis e Consolação e uma minoria, em bairros como: Bom Retiro e Vila Mariana, onde encontraram familiares, amigos ou trabalho. Procurando moradias em área central, encontraram, por exemplo, 3 edifícios novos, ainda não habitados e de aluguel barato na Avenida São João (à altura do número 1900). O edifício, então da Hermes Macedo e os outros dois, foram denominados "edifícios dos egípcios", por habitarem neles, principalmente os imigrantes egípcios. Referindo-se à localização dos edifícios os imigrantes gracejam: "o bonde passava na porta".

E fato é que tanto em Cairo, como em Alexandria os imigrantes residiam nos bairros elegantes de classe média que eram centrais. O afastamento do centro significava, naquelas cidades, um rebaixamento na escala social.

Torna-se evidente do acima dito que os imigrantes segregaram-se em algumas áreas da cidade e até mesmo em alguns edifícios. Podemos atribuir esta segregação à necessidade de auxílio mútuo e de segurança e

companheirismo dentro do seu grupo; o que significava também, manter a imagem que cada um tinha na comunidade em seu país de origem e o que seria difícil alcançar na sociedade em geral, como estrangeiro¹⁰. Outro fator importante que certamente contribuiu para a segregação, foi a resolução de preservar os costumes e a tradição litúrgica. Devemos destacar que mesmo os judeus asquenazitas, seus correligionários, não entenderiam sua língua e seus hábitos.

Na prática a segregação levou-os a criar uma associação e posterior Congregação, nos moldes trazidos do Egito que se por um lado, manteve-os como um grupo à parte, por outro facilitou uma aproximação gradativa e segura ao novo país.

Ao chegarem, os imigrantes egípcios encontraram em São Paulo uma comunidade sefaradita composta de sefaraditas da Turquia (principalmente Smirna e Salônica), da Grécia, do sul da Itália, dos Balcãs (lugares nos quais refugiaram-se os sefaraditas da perseguição da Inquisição Espanhola e Portuguesa), do Líbano e da Síria.

Os da Turquia, da Grécia, da Itália e dos Balcãs freqüentavam a primeira sinagoga sefaradita de São Paulo (fundada em maio de 1924), "Shaarei ha- Shamayim" (Portas do Céu), na Rua da Abolição, também

¹⁰ Esta segregação poderia retardar a integração que no caso dos judeus egípcios foi gradual, porém ocorreu, como desenvolvemos no capítulo que segue.

conhecida como "Templo Israelita Brasileiro do Rito Português". Os libaneses freqüentavam duas sinagogas: uma, a Sociedade União Israelita Paulista dos libaneses de Safed e a outra, a Sinagoga Israelita Brasileira dos de Sidon, ambas na Rua Odorico Mendes; os sirios ainda não estavam bem organizados.

Em 1956, o Dr. Samuel del Giglio, um dos dirigentes do Templo Shaarei ha-Shamayim, reuniu estas entidades sefaraditas e em 1957 formou a Comunidade Israelita Sefaradita, com sede na Rua Florêncio de Abreu (onde estava o escritório do Rabino Diesendruck, seu líder espiritual).

Por desentendimento entre os dirigentes do Templo Shaarei ha-Shamayim, o Dr. del Giglio pensou em estabelecer um centro comunitário, com uma sinagoga, independente do Templo mencionado. Para esta finalidade, alugaram, no final de 1958 uma casa na Rua Santa Madalena. O intuito era atrair a este novo centro os egipcios recém-chegados que, não tendo ainda centro próprio, freqüentavam em sua maioria o templo Shaarei ha-Shamayim. A idéia não vingou, pois os imigrantes residiam neste período, como já nos referimos, na Avenida São João e adjacências e dependeriam de meios de transporte, o que faria com que desrespeitassem o sábado ou as festas judaicas, nos quais deveriam ir à sinagoga a pé.

Um pequeno grupo dos recém-chegados que havia trazido consigo vários rolos da Torá¹¹ e objetos de culto, relata que apesar dos problemas que enfrentaram ao abandonar o Egito, levaram consigo estes grandes rolos, pois estavam determinados a preservar suas tradições. No início, sua vida religiosa era exercida nas casas destes imigrantes que trouxeram consigo os rolos, entre os quais um de 500 anos.

O grupo sentiu a necessidade de ter um centro religioso próximo de suas residências, com a finalidade de se reunirem e se prestarem assistência mútua e de terem atividades culturais e religiosas numa organização comunitária semelhante às que estavam habituados.

Antes de ser uma congregação, o centro que fundaram foi uma associação: a Associação "Mekor Haim" (Fonte da Vida)¹² em homenagem ao Grão Rabino do Egito, à época do êxodo, Hayim Nahum Effendi, ao qual referimo-nos no primeiro capítulo.

Esta associação foi criada oficialmente em 15 de julho de 1959 e seus estatutos foram registrados em 6 de agosto do mesmo ano. A nova organização comunitária alugou uma ampla casa na Rua Brigadeiro Galvão, no Bairro da Barra Funda, próximo ao local de residência dos imigrantes que serviu durante mais de duas décadas, como sede da Congregação

¹¹ Os rolos da Torá (Pentateuco), lidos na Sinagoga, ficam guardados na Arca Sagrada.

¹² A palavra hebraica Hayim que significa vida e tem apenas a forma plural, é também nome próprio masculino.

Israelita Paulista (CIP), fundada em 1936, pelos judeus oriundos da Alemanha nazista e que transferiu-se em 1958 para sua sede própria à Rua Antonio Carlos, onde está até hoje.

Os fundadores da associação relembram as dificuldades que enfrentaram, não tendo fiador e temendo não ter recursos suficientes para pagar os alugueis. Por sorte, o dono confiou num dos fundadores, Sr. Ibram Salama que responsabilizou-se pelo pagamento dos alugueis pela associação. Assim começaram as atividades comunitárias na nova sede.

De início a nova associação tentou aproximar-se do grupo ainda não totalmente estruturado dos refugiados, também recém-chegados da Síria (1952-54), no intuito de formar em conjunto, uma só congregação maior, dos sefaraditas originários dos países árabes. Os esforços porém falharam e a diretoria resolveu agir, transformando em 1962 a associação em congregação, modificando seus estatutos e ampliando suas atividades.

O objetivo principal era construir uma sinagoga e formar um centro comunitário, que atendessem às necessidades religiosas e de assistência social da comunidade que contava na época com cerca de 1.500 famílias.

Esta congregação, situada no bairro em que residia a maioria dos imigrantes, começou a ser bastante freqüentada e já em 1963, sua escola de ensino religioso gratuito "Talmud Torá" (Estudo do Pentateuco), preparava mais de cem alunos para o seu Bar-Mitzvá (maioridade religiosa

judaica - aos treze anos). Ali funcionava também um serviço social beneficente (dirigido pela Comissão de Senhoras da Congregação), uma Comissão de Juventude com fins culturais e sociais (que realizava conferências sobre temas judaicos), um jardim de infância, cursos religiosos pós Bar-Mitzvá e um serviço de "Hevra Kadisha" (serviços funerários).

O local começou a tornar-se pequeno para conter os membros que o freqüentavam, principalmente nas grandes festas judaicas (Rosh ha-Shaná: Ano Novo e Yom Kipur: Dia do Perdão), ocasiões em que havia necessidade de alugar mais salões e a diretoria pensou em adquirir uma casa maior. Os fatos que sucedem são abordados no capítulo que segue.

Imigrantes que obtiveram logo empregos, que conseguiram em breve tempo formar uma associação, que não demoraram a familiarizar-se com o português e que pensavam no futuro de seus filhos na nova pátria, os judeus egípcios iniciaram sem tardança sua adaptação social também.

A imigração trouxe a São Paulo um suprimento de pessoas treinadas e experientes, muitas das quais falavam mais de cinco línguas e comerciantes e industriais como os Picciotto, os Setton, os Salama e os Aripol, cujos nomes apareciam freqüentemente nas listas de diretoria de companhias comerciais e instituições comunais e que se ocupavam do comércio de importação e exportação de produtos industriais europeus, por

um lado e de produtos agrícolas egípcios, principalmente o algodão e têxteis por outro.

Podemos afirmar que a classe média que restou no Egito, após o primeiro grande tropel de emigração de 1949, veio a São Paulo¹³. Eram famílias cujos filhos estudaram em instituições europeias que ministravam aulas em francês, italiano ou inglês; eram apátridas, franceses e italianos; eram judeus ansiosos em conhecer o país que os aceitou.

¹³ Tanto em 1949, quanto em 1957 a classe baixa foi principalmente a Israel e a classe alta à França e aos Estados Unidos.

"O RENASCIMENTO DE UMA COMUNIDADE"

Para compreendermos o desenvolvimento da Congregação Mekor Haim da década de 60 em diante, temos que considerar duas questões:

1ª-No Egito as Comunidades Judaicas tinham uma ampla ramificação (subdivisão) de instituições religiosas, sociais e beneficentes, o que fez com que as necessidades religiosas e de assistência social ocupassem o centro das preocupações dos imigrantes ocupassem o centro das preocupações dos imigrantes.

2ª-Na década mencionada os imigrantes passaram por uma mobilidade no espaço, ligada à sua mobilidade na escala social e ocupacional; isto é, à medida que os membros da comunidade estabilizavam-se economicamente, iam transferindo-se para distrito residencial melhor: o bairro de Higienópolis (no qual já residiam judeus asquenazitas).¹

¹ Uma parte dos imigrantes reside atualmente também nas regiões dos Jardins e na região entre Higienópolis e Pacaembú.

Temos que lembrar aqui que a quase totalidade dos imigrantes veio de Cairo e Alexandria e que residiam nestas cidades nos bairros de classe média (e média alta) em sua maioria. Em Cairo habitavam bairros de classe média, como: Abasiya, Ismailiya e Heliópolis e em Alexandria em bairros residenciais centrais, tais como: Muharam Bey, Gumruk, Al-Manshiya e Atarin.

A mobilidade espacial, somada ao fato de que o local da Congregação, à Rua Brigadeiro Galvão tomava-se pequeno para conter os membros e as atividades da mesma, fizeram com que sua diretoria pensasse em adquirir uma casa maior.

O então Presidente da Congregação Sr. José Farhi, já falecido, residia no Bairro de Higienópolis e ao ver que uma velha casa na Rua São Vicente de Paulo esquina com a Alameda Barros estava à venda, transmitiu o fato à Diretoria da Congregação. Alguém lembrou que o Sr. Roman Luftig, Presidente do Conselho de Assistência Social da Federação Israelita, na época da imigração egípcia era amigo do proprietário, que residia no Rio de Janeiro.

Com a intervenção do Sr. Roman Luftig e a custo de enormes esforços e sacrifícios por parte dos fundadores e demais membros da Congregação, conseguiram comprar a casa por 35.000 dólares (sem o auxílio financeiro de qualquer organização nacional ou internacional). Era

uma grande casa velha, composta de dois pavimentos, sobre um terreno de 700m² aproximadamente. Há um ano a Congregação dobrou o tamanho da construção, após comprar o terreno ao lado.

A próxima etapa foi: como construir a Sinagoga e o Centro Comunitário. Com que dinheiro?

Souberam na ocasião que havia uma herança deixada por 2 irmãos Lagnado, do Egito (que não tiveram descendentes), a qual era administrada pelo Sr. Edmundo Safra (da Comunidade Judaica da Síria) e por outra pessoa do Egito que residia no Canadá.

Com o auxílio do Sr. Rahmo Shaio (então Presidente da Comunidade dos Imigrantes de Aleppo, Síria), conseguiram, após muito insistir, obter 25.000 dólares, doados da seguinte forma: a cada mês a Diretoria da Congregação Mekor Haim apresentaria o total dos gastos com a construção e receberia metade do valor, sendo que a outra metade deveria ser provida pela Congregação, até consumir os 25.000 dólares.

Para arrecadar a metade das despesas que estariam a cargo da Congregação, decidiram "vender" cadeiras cativas na Sinagoga que seria construída².

² As Diretorias das Sinagogas Asquenazitas também "vendem" cadeiras cativas, para construí-las e mantê-las. Neste caso, cada cadeira cativa valeria Cr\$ 120.000,00 em 1966.

Iniciaram em 1966 a construção do Centro Comunitário, junto a uma grande Sinagoga, com várias dependências, como: biblioteca, secretarias, salas de estudo, do Rabino, etc... Em 1963 o conjunto foi oficialmente inaugurado³.

Temos que salientar aqui que a parte interior das Sinagogas tem um problema arquitetônico peculiar apresentado pela inter-relação entre a Arca Sagrada⁴ o púlpito⁵ e a Congregação.

A proximidade entre dois focos arquitetônicos num mesmo interior: a Arca que deve estar situada na parede oriental e o púlpito no centro e a busca do equilíbrio entre ambos, e sua relação com todo o espaço interior é o fator ideológico e conceitual preponderante (e o grande problema arquitetônico) no desenho da Sinagoga.

A solução deste problema fez com que a Sinagoga da Congregação Mekor Haim perdesse uma longa passarela para noivas (o que leva uma grande parte dos membros a realizarem os casamentos na Sinagoga da Congregação "Beit Yaakov" dos judeus sírios, na Rua Bela Cintra) e não permitiu uma divisão boa dos outros recintos.

³ A Congregação Israelita Sefaradita Brasileira "Mekor Haim" fica no Bairro de Higienópolis, Rua São Vicente de Paulo, 254.

⁴ A Arca Sagrada é o nicho que contém os rolos do Pentateuco, situado na parede oriental da Sinagoga, direcionado a Jerusalém. Os sefaraditas denominaram-na "Heickal" (Santuário, Templo), enquanto os asquenazitas denominaram-na "Aron ha-Kodesh" (Arca Sagrada).

⁵ Os Sefaraditas denominam o púlpito de "Tevá" (caixa, arca) ou Almemar (do árabe al-minbar = plataforma) e para os Asquenazitas a designação é Bimá (púlpito, palco, palanque). O púlpito é a plataforma da qual o serviço religioso é conduzido.

Desde o primeiro ano de sua existência, esta Congregação teve que responder às necessidades religiosas de uma comunidade de aproximadamente 5.000 pessoas, principalmente nas Festas Judaicas, nas quais as Sinagogas são mais frequentadas: Rosh ha-Shaná (o Ano Novo Judaico) e Yom Kipur (o Dia do Perdão); e para abrigar tanta gente, a Congregação alugou os salões do então Círculo Israelita de São Paulo (atualmente do Clube Macabi), na Avenida Angélica, onde mais de 1.000 pessoas puderam assistir aos serviços religiosos destas festas, além dos 700 lugares de sua Sinagoga principal⁶.

A partir de 1970 a Congregação Mekor Haim foi reconhecida de Utilidade Pública, pelas autoridades Municipais e em 19 de abril de 1972 foi contemplada pela Câmara Municipal com a "Medalha Anchieta" e o "Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo", em consideração ao trabalho que desenvolvia⁷.

A Congregação cresceu em todas as suas atividades e pôde convidar em 1971 o Grão Rabino Moshe Dayan, o antigo Grão Rabino do norte da

⁶ Referido pelo Sr. Ibram Salama, ex-Presidente e dos fundadores da Associação e da Congregação Mekor Haim: "Nestes serviços religiosos nunca esquecemos de agradecer ao Todo Poderoso a boa acolhida recebida do povo e do governo brasileiros que deram a esta Comunidade, a oportunidade de refazer uma vida honesta, laboriosa e feliz".

⁷ As lembranças dos fundadores são comoventes e por vezes quase faziam-nos esquecer a próxima questão a ser formulada, porém levavam-nos a compreender e a percorrer os momentos vividos, sofridos que somados formam a história destes imigrantes e sua luta para reconstruir suas vidas. Seus rostos, porém, perdiam a tristeza e iluminavam-se ao relatar sobre os objetivos alcançados pela Congregação e não esconderam a emoção e o orgulho, ao mostrar-nos a Medalha e o Diploma referidos.

França, originário porém, do Egito que desde então, dirigiu os destinos espirituais da mesma, atraindo sefaraditas de origem Sirio-libanesa também, que começaram a frequentar a Sinagoga e a participar ativamente de todas as suas atividades culturais, sociais e beneficentes⁸.

Da Comunidade Caraita do Egito (que mencionamos no capítulo "Os Primórdios da Comunidade Judaica no Egito"), imigraram algumas famílias a São Paulo e começaram a freqüentar a Congregação Mekor Haim. Eles não eram bem vistos, pois a Congregação considerou importante a questão da excomunhão dos Caraitas. Nunca os chamaram a participar ativamente dos serviços religiosos, como por exemplo, subir ao púlpito e ler o Pentateuco, até que aos poucos afastaram-se⁹.

Continuando em São Paulo uma longa tradição de organizações judaicas de beneficência e ajuda mútua (que tinha seu fac-símile como já nos referimos na maioria das comunidades judaicas da baía mediterrânea e do Império Otomano), esforçaram-se para que a organização da

⁸O Grão Rabino Moshe Dayan faleceu em 1982 e seu lugar foi ocupado pelo Rabino Isac Dichy, ainda no cargo atualmente. O Grão Rabino Moshe Dayan era um dos dois únicos Rabinos (o outro é o Rabino Asquenazita Eliahu Valt) de São Paulo, cujas sentenças eram reconhecidas pelo Grão Rabinato de Israel. Ele conseguiu constituir pela primeira vez em São Paulo um "Beit-Din" (Tribunal Rabínico) que prestava serviços a todos os membros sefaraditas e asquenazitas da Comunidade Judaica de São Paulo.

⁹Tanto a Lei Judaica quanto as Leis Caraitas não permitem casamentos entre judeus e caraitas. Foi celebrado um casamento entre uma moça caraita da Família Jerushalmi e um rapaz sefaradita, e para poder anular a excomunhão da família caraita recorreram ao Grão Rabino Sefaradita de Londres, Hakham Salomão Gaon, o que permitiu seu retorno ao judaísmo. Para o judaísmo ortodoxo é mais fácil a conversão ao judaísmo de outra religião do que do caraimismo, que não aceita a Lei Oral (vide Cap. I).

Congregação fosse estável e eficiente.

O Serviço Social dirigido pela Comissão de Damas da Congregação, cuida de necessitados (idosos e doentes), de assistência médica, hospitalar e escolar¹⁰. Nisto também continuam mantendo um trabalho que já era realizado no Egito, onde as Comissões de Assistência Social eram compostas de mulheres, em todas as cidades, mesmo as pequenas com número reduzido de judeus.

O Rabino é nomeado pela Diretoria da Congregação e é subordinado a esta liderança secular. Sua autoridade está restrita à religião e ao culto.

No Egito, durante o século XIX os Rabinos eram representantes oficiais da Comunidade e ainda dirigiam os assuntos da Comunidade. No final deste século, porém, perderam seu poder e autoridade por causa da secularização dos judeus egípcios que culturalmente refletiu-se na crescente influência europeia nas classes média e alta. Aqui abrimos, no entanto um parênteses, para trazer novamente à tona o nome do Rabino Chefe do Egito, Haim Nahum Efendi, que nos interessa não apenas por ter conseguido ser o representante oficial de sua Comunidade, juntamente com o Conselho em 1948, recuperando assim a autoridade que os Rabinos já não tinham mais, mas também e principalmente porque, como já foi

¹⁰ Para angariar fundos organiza festas beneficentes.

mencionado, o nome da Congregação dos egípcios de São Paulo tem o seu nome, por razões que agora serão elucidadas.

O Rabino Haim Nahum Efendi nasceu em Manisa (Magnesia), próxima a Izmir na Turquia. Estudou Direito em Istambul e em Paris estudou no Seminário Rabínico, pelo qual foi ordenado e no *Seminaire Supérieur de Langues Semitic do Collège de France*¹¹. Foi um erudito que tinha experiência política e ligado portanto a círculos políticos e diplomáticos do antigo Império Otomano, da França e dos Estados Unidos. Em Paris aliou-se ao movimento dos "Jovens Turcos" (*Committee of Union and Progress*) e quando voltou ao Império Otomano em 1908, após a tomada do poder pelos "Jovens Turcos", foi nomeado Rabino-mor (*Hakham-Baši*)¹² de Istambul. Envolveu-se daí em diante na diplomacia turca, o que fez com que tivesse a reputação de diplomata e orientalista, mais do que de líder espiritual. Em 1925, a Comunidade Judaica de Cairo elegeu-o para ser o seu Rabino-mor, cargo que ocupou até sua morte em 1960¹³.

No Egito, tinha livre acesso ao Palácio Real do Rei Fuad, pois o

¹¹ In *Encyclopaedia Judaica*, vol. XII, pag. 791, verbete: Nahoum, Haim.

¹² *Hakhan* (sábio em Hebraico) era o equivalente a Rabino em todo o Império Otomano.

¹³ Gudrun Krämer em *"The Jews in Modern Egypt, 1914-1952"*, University of Washington Press, Seattle, 1989, pag. 97, comenta que por trás desta escolha estavam Moise e Joseph Aslan Cattaoui (família proeminente já citada) e a Loja da B'nai B'rith de Cairo, o que significa que foi apoiado pelas classes média e alta da Comunidade judaica.

conhecia antes de sua coroação. O Rei Fuad nomeou-o Rabino-mor do Egito e do Sudão em 1925, outorgou-lhe nacionalidade egípcia em 1929, nomeou-o Senador em 1931 e Membro da Academia de Língua Árabe em 1933.

Este Rabino teve a difícil tarefa de representar a Comunidade Judaica do Egito nos anos que precederam o grande êxodo, sendo obrigado a declarar (seguramente contra a sua vontade) que os judeus do Egito não estavam sendo oprimidos e forçados a abandonar o país, e tentando negociar com o Presidente Nasser a saída dos judeus, após a Guerra de 1948 com Israel.

A Congregação Mekor Haim mantém serviços religiosos diários; as três orações Judaicas do dia: Šaharit (oração da manhã. Šaharit: madrugada), Minhá (oração da tarde. Minhá: oferenda (lembrando os sacrifícios no Templo)) e Maariv ou Arvit (oração da noite. Arvit: tarde ou véspera). Estes serviços são dirigidos pelo Rabino e segundo os depoimentos que obtivemos, costumam ultrapassar em muito, o "Minyan"¹⁴.

Durante as grandes festas judaicas de "Rosh ha-Shaná"¹⁵ e "Yom Kipur"¹⁶, a Congregação oferece Serviços Religiosos com oficiantes

¹⁴ Minyan: designação para o quorum de 10 homens adultos (acima de 13 anos), necessário para o serviço público na Sinagoga e outras cerimônias religiosas.

¹⁵ Rosh ha-Shaná; cabeça do ano. Corresponde ao Ano Novo Judaico.

¹⁶ Yom Kipur: Dia do Perdão. Celebrado 10 dias após o início do Ano Judaico, com jejum absoluto de 24 horas e ofícios religiosos durante todo o dia.

contratados especialmente para estas datas, além de contar com os cantores litúrgicos da Congregação.

A Congregação mantém cursos denominados "Talmud Torá" (Estudo do Pentateuco) e da Bíblia, para jovens que se preparam para o "Bar-Mitzvá" (maioridade religiosa judaica, aos 13 anos). Há ainda em sua sede um jardim de infância, cujo objetivo é preparar as crianças para a escola primária judaica.

Para manter o vínculo com o judaísmo, a Congregação mantém cursos de educação religiosa, pós "Bar-Mitzvá", em vários níveis e para adultos também. Estes cursos eram ministrados pelo Grão Rabino Moshe Dayan, e atualmente são ministrados pelo Rabino Isaac Dichy, auxiliado por mais um Rabino. E com o mesmo intuito, organiza conferências e palestras regulares sobre assuntos religiosos e de atualidade judaica.

Para atrair os jovens, a Congregação providenciou para os mesmos reuniões culturais e sociais e uma "Comissão de Juventude", o que acabou levando a participar das atividades da Congregação, um considerável número de jovens.

Todas as comunidades judaicas possuem um serviço de assistência funerária. Esta instituição é denominada "Chevra Kadisha" (Santa Confraria ou Sociedade Sagrada). Os sefaraditas denominam-na "Hevra (ou Hebra) Hessed ve-Emet" (Sociedade de Caridade e Verdade). Esta instituição é

característica da Comunidade Judaica e deriva do fato de que segundo a Lei Judaica, não pode provir nenhum benefício material dos mortos. Por esta razão não é permitido a nenhuma empresa privada ou comercial, dispôr dos mortos para obter lucro. A obrigação, assim deve ser uma função da Comunidade, como um todo.

A Congregação Mekor Haim mantém um serviço de "Hevra Kadisha" próprio, enterrando porém, seus mortos no Cemitério que é da Comunidade Judaica toda.

Outra atividade que ainda mencionaremos, é a publicação mensal (com distribuição gratuita aos membros da Congregação) do "Boletim Informativo", com notícias da Congregação, artigos com comentários sobre temas do Pentateuco, Festas Judaicas, Ética Judaica, História, etc... O Boletim Informativo é dirigido por dois membros, geralmente da Diretoria da Congregação, e tem vários funcionários remunerados. Há dois anos a Congregação publica a Revista "Nascente" que é seu órgão de divulgação, sob a supervisão do Rabino Isaac Dichi, com uma tiragem de 4.500 exemplares.

No próximo capítulo será analisada a integração destes sefaraditas egípcios nas instituições judaicas asquenazitas de São Paulo. Ressaltaremos, porém aqui que a Congregação Mekor Haim conseguiu um lugar de destaque no seio das Entidades Israelitas de São Paulo, por sua

participação ativa nas mesmas também: na Federação Israelita do Estado de São Paulo, na "Chevra Kadisha" (Sociedade Sagrada: para assistência post mortem), na "A Hebraica", nas Escolas Judaicas, e na WIZO (Women's International Zionist Organization), organização na qual as Senhoras da Congregação formaram, logo após sua chegada ao Brasil, um Grupo denominado "Monte Sinai" (nome escolhido pela Consulesa Honorária no Brasil, Sra. Antonietta Feffer)¹⁷.

A Congregação Mekor Haim também é filiada à FESELA (Federação Sefardi Latino Americana¹⁸, sendo que dois de seus ex-Presidentes, Srs. Ibram Salama e Claudio Leon, são membros da Conselho Executivo da última e o Sr. Claudio Leon foi Presidente da mesma. A Congregação Mekor Haim participa ativamente das Assembléias Plenárias bienais da FESELA (que são realizadas em conjunto com o Presidium da Federação Sefardi Mundial), sendo sempre uma maioria numérica, entre os representantes do Brasil.

¹⁷ O Grupo "Monte Sinai" é um dos sub-grupos da WIZO, organização de mulheres voluntárias que trabalham em prol da comunidade brasileira, judaica e não judaica, em vários Estados do Brasil. A WIZO foi fundada em Londres, em 11 de julho de 1920, logo após o estabelecimento da administração civil Britânica, na então Palestina e quando o novo regime russo permitiu uma considerável emigração judaica da Rússia que imigraria em grande parte à Palestina. A WIZO tinha então por objetivo, o treinamento profissional e vocacional de mulheres, com ênfase especial no preparo ao pioneirismo agrícola e o cuidado e a educação de crianças e jovens.

¹⁸ O termo "Sefardi" (para sefaradita) é assim usado em espanhol.

INTEGRAÇÃO E ACULTURAÇÃO

Os imigrantes egípcios, para aqui transportaram, além de seus objetos e malas, seus modelos culturais, suas instituições e suas idéias. Implementaram seus conceitos, para viver de acordo com seu modelo próprio e para criar para o grupo um tipo de organização semelhante àquela à qual estavam habituados.

O novo ambiente não é obrigatoriamente igual ao do Egito, onde eles, os sefaraditas eram maioria (em relação aos asquenazitas), portanto havia necessidade de modificações em sua estrutura comunitária, que por sua vez levariam-nos a integrar-se e assimilar-se na Comunidade Asquenazita de São Paulo.

Os sefaraditas no Brasil (nos Estados Unidos e em toda a América Latina) possuem estrutura comunitária atomizada, ou seja, estão organizados em centros comunitários, divididos por países de origem e até por cidades de origem ¹. Este sistema foi "importado" dos países de

¹ Citamos como exemplo os libaneses, divididos em duas associações, segundo a cidade de procedência: Os de Sidon e os de Safed; os sírios em duas outras congregações e os sefaraditas dos Balcãs, numa outra, ainda.

procedência, nos quais tinham organizações comunitárias em cada cidade, havendo ainda divisão institucional entre sefaraditas e asquenazitas ².

Isto se deve ao fato de as comunidades sefaraditas terem que se desenvolver em meio ambientes mais complexos do que aqueles dos asquenazitas. Os sefaraditas tinham que viver em meio a vários grupos etno-religiosos, cada qual autorizado a conduzir sua vida, conforme suas leis.

Para começar, na Espanha, antes da reconquista, muçulmanos, cristãos e judeus, viviam lado a lado, nas mesmas cidades, cada grupo tendo seu auto-governo. No Império Otomano (para a qual afluíram após a expulsão da Espanha), comunidades cristãs, etnicamente distintas, como as dos gregos e dos armênios, mantinham suas próprias instituições.

Os sefaraditas, além disto, tinham uma antiga tradição de estabelecer sua congregação, própria e singular, em cada nova comunidade. No Egito, no século XI, por exemplo, uma mesma cidade continha congregações diferentes, leais às academias talmúdicas da Babilônia ou de Israel. O mesmo modelo existiu no norte da África e principalmente no Império Otomano, após a expulsão da Espanha. Mais do que um fenômeno passageiro da geração que imigrava, o estabelecimento de congregações

² No Egito, esta divisão só existia em Cairo; em Alexandria e nas cidades provinciais, nas quais os asquenazitas formavam uma pequena minoria, não existia esta divisão..

separadas persistiu por séculos. Além disso, temos que ressaltar que os imigrantes asquenazitas em São Paulo, também organizaram-se por países de origem inicialmente ³ e os sefaraditas, sendo uma pequena minoria do total da comunidade judaica, continuaram a manter suas congregações próprias.

Os sefaraditas egípcios, em São Paulo, estão reunidos numa Associação (os de Cairo e os de Alexandria), à qual já nos referimos, destacando-se seu caráter de coesão comunitária, com a sinagoga, como núcleo da vivência judaica e social. Estão, porém, integradas à comunidade asquenazita, o que não acontece nos demais países do continente americano.

Isto se deve em parte à sua "ocidentalização" (detalhada no capítulo: "O Passado Glorioso"), o que lhes permite uma comunicação social maior com os asquenazitas e em parte à falta de recursos para manter instituições comunitárias próprias. Seus filhos e netos frequentam, por exemplo, as escolas judaicas asquenazitas, pois não há escolas sefaraditas, como na Argentina e nos Estados Unidos.⁴ Este é um dos fatores que facilitam aqui a

³ Eram as organizações dos "landsmansschaften", "uma forma de agremiação, de evitar o isolamento e a nostalgia do imigrante e também uma possibilidade para o ativismo cultural, ...", Faibel, Nachman - Estudos sobre a comunidade judaica no Brasil, Federação Israelita do Estado de São Paulo, 1984, pag. 115.

⁴ Na Argentina a comunidade sefaradita síria tem organização comunitária desde 1913, com várias escolas, além das Associações religiosas. A mesma situação, com número maior de integrantes existe nos Estados Unidos.

integração com os asquenazitas e que implica na gradual nivelção cultural, indimensionável ainda com os mesmos.

Outro fator importante na integração com os asquenazitas é o fato de os imigrantes não terem clubes sefaraditas, nos quais possam encontrar-se com os demais sefaraditas (sírios, libaneses, etc.) e o encontro social dá-se nos clubes asquenazitas: A Hebraica e Macabi. Este fato propicia casamentos inter-comunitários entre sefaraditas egípcios e asquenazitas que apesar de não representar uma proporção elevada dos casamentos judaicos, constitui uma grande maioria dos casamentos sefaraditas egípcios. É provável que nas próximas décadas este fenômeno dilua a insularidade que caracterizava grande parte do judaísmo sefaradita. A tendência é de uma fusão gradual das duas tradições judaicas.⁵

Na associação comunal B'nai B'rith⁶, também estão presentes e ativos, junto com os asquenazitas e vale ressaltar que os imigrantes egípcios já estavam habituados a atuar nas lojas da B'nai B'rith que

⁵ Os casamentos intercomunitários ocorrem numa escala muito inferior na Argentina e nos Estados Unidos, por exemplo, onde os sefaraditas possuem escolas e clubes próprios.

⁶ B'nai B'rith (Filhos da Aliança, em hebraico) é a maior e mais antiga associação judaica mundial de auxílio mútuo. Seu programa abarca todos os assuntos e interesses judaicos e inclui muitos programas de interesse da comunidade humana em geral. A B'nai B'rith foi fundada em 1843, por 12 homens em Nova Iorque, para estabelecer uma nova ordem fraterna para os judeus dos Estados Unidos que contavam na época 15.000 pessoas. A B'nai B'rith adotou os ideais de humanismo e filantropia da Maçonaria, abrindo mão de seu ritual e de sua atitude crítica em relação à religião.

existiam no Egito (desde 1887 para os asquenazitas e de 1920 em diante para os judeus egípcios) numa quantidade respeitável.⁷

Não existe imprensa sefaradita egípcia e notícias sobre sua comunidade são publicadas nas revistas e nos jornais asquenazitas e não possuem cemitério próprio (como os sefaraditas tem na Argentina, por exemplo), enterrando seus mortos no cemitério asquenazita.

Estes últimos fatos indicam que há contato e interação com os asquenazitas em todos os campos da vida social e a separação consiste basicamente nas sinagogas, com as diferenças de culto às quais nos referimos no capítulo: "Diversidades Culturais".

Por estas razões e por terem tido já no Egito organizações comunitárias dinâmicas, integraram-se facilmente nas entidades comunitárias judaicas centrais (asquenazitas), participando ativamente nos organismos reitores da coletividade judaica.⁸

⁷ A loja "Eilahu ha-Navi (O Profeta Elias) em Alexandria, a loja "Ohel Moshé" (A tenda de Moisés) em Tanta, a loja "Maguen David" (Escudo de Davi) em Al-Mansura", a loja "Israel" em Port Said e a "Grande Loge du District d'Egypte et du Soudan" que uniu estas lojas todas, sob a mesma organização, que mais tarde fundou as lojas femininas: "Dábora" em Calro e "Ruth" em Alexandria e a loja da juventude "A.Z.A." ("Aleph, Zade, Aleph": duas letras do alfabeto hebraico e iniciais de "Irgun Zeirim Arzi" (organização dos jovens do País).

⁸ "Em abril deste ano, levou-se a cabo a eleição da Nova Junta Diretiva da Federação Israelita do Estado de São Paulo, sendo que pela primeira vez na história do judaísmo brasileiro, conseguimos nada mais, nada menos que 5 sefaraditas, eleitos de um total de 18 membros; o presidente da Congregação Mekor Haim, o sr. Albert Dichí foi designado como 1º Vice-Presidente, enquanto que o antigo presidente da FESELA (Federação Sefaradi Latino Americana), nosso amigo sr. Claudio Leon, foi designado com Secretário Geral e o Sr. Haim Shayo da Congregação e Beneficência Sefaradi Paulista, foi designado como Tesoureiro.

Congregação Mekor Haim, com o cargo de Diretor de Patrimônio e Sidney Levy, Diretor do Setor Juvenil". Do artigo dos Srs. Ibram Salama e Claudio Leon, in "Boletim Informativo" da Congregação Mekor Haim, nº 18 - Ano III, novembro/dezembro de 1985, pag. 27. A título de

Observemos agora a relação entre a identidade judaica sefaradita-egípcia, dos imigrantes e sua integração na comunidade brasileira.

Os imigrantes vieram a um país novo, com a esperança de iniciar uma vida nova no futuro. O Brasil era para eles o novo país, mas é evidente que este já tinha sua ideologia política própria e seu modo de vida próprio. Os imigrantes teriam que “descartar” seu modo de vida, e remover algumas de suas características específicas - em suma aculturar-se.

Tomar-se brasileiro, significaria para eles ocultar sua identidade étnica, para fazer parte da vasta maioria? Ou manter suas características e alguma forma de singularidade, face à “tragadora” maioria? ⁹

Ao que parece as instituições religiosas resolvem para os imigrantes grande parte deste problema. A sua Congregação oferece-lhes meios de individualização e ao mesmo tempo prepara o caminho para a integração comunal e cultural; ou seja, identificando-se como judeus (egípcios), é como se dissessem que são brasileiros; e são brasileiros sem desligarem-se do fato de serem judeus sefaraditas e de sua responsabilidade perante a

exemplo citaremos ainda os Srs. Alberto Serur que foi Vice-Presidente da “Chevra Kadisha” (Sociedade Sagrada para assistência Post Mortem) de São Paulo e atualmente Vice-Diretor de Patrimônio da mesma; Giuseppe Nahaisi, Diretor Cultural e em seguida Vice-Presidente da Associação “A Hebraica” e Paola de Picciotto, Presidente da Diretoria Executiva do Fundo Comunitário para a gestão de 1996/1997. Outros estão nas comissões que presidem escolas judaicas e o Hospital Albert Einstein.

⁹ A “tragadora” maioria à qual nos referimos é a sociedade brasileira como um todo e os sefaraditas egípcios enfrentam ainda o problema de serem “uma minoria dentro de uma minoria”, ou seja, são uma minoria na comunidade judaica asquenazita, que por sua vez é uma minoria na comunidade brasileira.

comunidade judaica.

A integração cultural dos imigrantes é também afetada por outras forças na comunidade, influências das quais, o próprio imigrante pode não estar consciente.¹⁰ Destas forças, as que frequentemente não são identificadas, mencionamos: conferências e palestras, concertos e recitais, danças folclóricas, exposições de arte e excursões, organizadas e patrocinadas pelos dois clubes citados, pela Congregação Israelita Paulista (CIP) e pela Congregação Mekor Haim (dos sefaraditas egípcios). Estes programas tem um efeito aculturativo importante sobre os imigrantes, já que lhes proporcionam um sentimento de "pertencer a" e de familiaridade em seu novo ambiente que pode ser frustrante, por sua complexidade e estranheza. O imigrante estabelece novos contatos sociais, durante estes eventos sócio-culturais, assim sendo quase inconscientemente entrelaçado na sociedade.

Proficiência e desembaraço em Português é outro fator influente de aculturação. Já que a comunicação é o meio mais comum de compreensão humana e para compartilhar emoções, quanto melhor o imigrante falar Português, mais facilmente e rapidamente adaptar-se-á. Inversamente, se seu domínio do Português é inadequado e ele ficar embaraçado por isto, a aculturação será retardada e a alegria da comunicação social, esmaecida, o

que, por sua vez, afetará adversamente a oportunidade de aprender a nova língua.

O conhecimento de algum idioma (principalmente o francês, como já nos referimos), fora seu idioma nativo (árabe), não apenas facilitou o aprendizado do Português, mas compensou o imigrante, em certa medida, em sua inadequação linguística, em Português, proporcionando-lhe um sentimento (sublimado) de segurança. O árabe, por razões já expostas, não é a língua mais usada pelos imigrantes, principalmente quando diante de estranhos e é comum ouvir um imigrante dizer que veio da França e não do Egito e que fala Francês.¹¹

A maioria dos imigrantes adultos (menos os mais idosos), com o objetivo primordial de obter empregos, frequentou os cursos de Português que foram patrocinados pela Federação Israelita do Estado de São Paulo. Às crianças e adolescentes foi oferecido, gratuitamente também, curso intensivo de Português, nas férias de julho de 1957 e em seguida puderam participar, como ouvintes no curso de Admissão ao Ginásio, no Colégio

¹⁰ É desnecessário enfatizar que o rádio, a televisão e outros meios de comunicação, de entretenimento público, como filmes, peças teatrais, concertos e esportes, influenciam a remodelação da personalidade do imigrante.

¹¹ Já nos referimos à "ocidentalização" dos imigrantes no Egito, onde tiveram sua educação, principalmente nas escolas francesas da "Alliance Israélite Universelle". Grande parte dos pesquisadores das emigrações sefaraditas dos países do Oriente Médio, desconhece o fato que uma elevada porcentagem dos que falam Francês imigrou ao Brasil e acredita que a maioria imigrou à França ou à província de língua francesa Quebec, no Canadá. Sua opinião é que para a América do Sul, como um todo, vieram os que falam Espanhol e Ladino. Heskell M. Haddad: "Jews of Arab and Islamic countries" - pag 68; e Yehuda Nini: "Assimilation and Westernization among the Jews of the Mediterranean Basin"- pags. 14 e 15.

Hebraico Brasileiro Renascença, no segundo semestre do mesmo ano.¹² Os adultos que frequentaram os cursos de Português e os que tentaram revalidar seus diplomas e portanto, aprendendo além da língua, História e Geografia do Brasil, alcançaram (na geração que imigrou adulta) um elevado grau de aculturação,

A geração que imigrou manteve o francês no lar, porém não houve resistência em substituí-lo pelo Português, para os que imigraram na infância e na adolescência.

A bagagem cultural, a idade, a personalidade e a atitude em relação à aculturação, do imigrante, também tem importância decisiva no processo da aculturação. Se o imigrante, por sua natureza, não é propenso a aceitar idéias novas e observa o novo ambiente com relutância e desconsideração, a nova cultura não o afetará e ele permanecerá um estrangeiro, apesar de respirar o novo ar e viver num novo país por muitos anos. Neste caso de atitude negativa que exclui o imigrante de qualquer possibilidade de aculturação, poucos sefaraditas egípcios estão incluídos, mesmo porque, eles já sabiam ao chegar que seria uma permanência definitiva e que deveriam construir algo permanente aqui, pois não retomariam ao Egito, como imigrantes de outros países, como a Síria, o Japão, Portugal e

¹² O curso foi ministrado pela professora Ruth Haber, sendo o diretor do Colégio Renascença (nos anos 1956 e 1957) o professor Samuel Oksman. A opinião do professor Oksman é que as crianças entrosaram-se bem e rapidamente e nossos entrevistados desta geração comprovaram-no, como analisamos adiante.

Espanha, cuja intenção era voltar a seus países de origem, após enriquecer. E a consciência desta permanência definitiva moldou nos imigrantes um "sentido de existência" em ressonância com o país, o que facilitou a aculturação.¹³

Uma correlação semelhante pode ser observada no que tange à bagagem cultural do imigrante. Se sua cultura nativa difere muito do novo modo de vida, ser-lhe-á mais difícil aceitar os novos padrões culturais, porque conflitarão com seus costumes, sua escala de valores e seus hábitos. Já que os imigrantes tiveram sua educação no Egito, principalmente nas escolas laicas e religiosas francesas, absorvendo, como consequência a cultura secular ocidental, seu modo de vida e costumes já eram ocidentais, apesar de sua longa existência num país árabe.

Consideramos até aqui os imigrantes adultos. A idade, no entanto, tem importância fundamental na aculturação. Os adolescentes e as crianças são maleáveis em adquirir feições e hábitos novos, enquanto os adultos mais idosos adaptam-se com mais vagar. Isto, em decorrência, talvez do vigor dos mais jovens que os leva ao sucesso econômico e social que por si

¹³ Por muitos anos não podiam voltar ao Egito; após o acordo de paz entre os Presidentes Sadat e Begin (do Egito e de Israel respectivamente), puderam visitar o Egito e ver algumas sinagogas antigas restauradas, mas os imigrantes não manifestam nenhum desejo de voltar a viver na terra de suas memórias do passado. Creem que após a ausência descobririam apenas sua alienação ali.

já é um fator de aculturação. Desta maneira, os filhos dos imigrantes ¹⁴ aculturaram-se naturalmente, frequentando as escolas, fazendo amigos, etc.. Eram crianças em idade escolar que hoje recordam (a maioria com objetividade) a partida forçada do Egito e as dificuldades do reinício da vida num país estranho. A maioria frequentou alguma universidade e filiou-se a partidos políticos nacionais, ao movimento de defesa da mulher, ao movimento ecológico e à vida acadêmica.¹⁵ No que tange à vida acadêmica, devemos apontar o nome do Prof. Dr. Jacques Marcovici (que nos concedeu amável e longa entrevista) que emigrou do Egito, da cidade de Alexandria com seus pais, chegando ao Brasil aos 15 anos. O Prof. Jacques Marcovici foi Diretor da Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo, Diretor da CESP e do Instituto de Estudos Avançados da USP e atualmente é Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo. Relatando sobre sua integração, disse-nos o professor: "O centro de minha identidade em construção, era a questão Brasil, como projeto de vida".¹⁶

¹⁴ Destacamos neste caso, os que vieram entre 7 e 13 anos, que são uma grande maioria nas listas de passageiros da Inspetoria de Imigração do Porto de Santos, entre 1956 e 1963 (veja capítulo sobre a imigração) e dos quais 13 deram depoimento.

¹⁵ A título de exemplo, citamos Rachel Moreno que atuou (desde seu início) no movimento de luta da mulher, por creches, etc., no SOS mulher e no jornal da mulher e foi coordenadora do movimento e do movimento ecológico feminista Verde-Lilás. E ainda o engenheiro Raimundo Romano que como os demais tomou-se brasileiro por opção, atuou em movimentos juvenis e estudantis; é Presidente do Sindicato Patronal que engloba todas as áreas de lazer, parques de diversão, salões de patinação e boliche e engajou-se na vida pública em 1992 como candidato a vereador.

¹⁶ Refere-se o Professor Jacques Marcovici à época da ditadura e à "reconstrução" do Brasil.

A importância dada à formação intelectual, arraigou-se na geração que imigrou e que sentiu “na carne que o que vale é o patrimônio intelectual e não o patrimônio em dinheiro”.¹⁷ Esta na verdade é a tradição judaica de respeito à instrução e aos instruídos; a cultura e a formação profissional eram os únicos bens que podiam levar consigo na Europa, nas expulsões de cidades na Europa Ocidental e nos pogroms, na Europa Oriental, ou nas expulsões da Península Ibérica.

Devemos assinalar que mesmo dentre os que imigraram no final da adolescência (com mais de dezoito anos) e não puderam dar continuidade a seus estudos, além de terem que trabalhar para auxiliar no sustento da família, um número considerável tomouse autodidata e/ou bibliófilo.¹⁸

Os estudos acadêmicos levaram os filhos dos imigrantes a profissões novas, diferentes das de seus pais. E estas abriram-lhes novas possibilidades sociais, fator que rompe o isolamento comunitário. E acreditamos que quando membros de um grupo minoritário aceitam a

¹⁷ Proferido pelo Sr. Ibram Salama, então Vice-Presidente da Congregação Mevor Haim.

¹⁸ Mencionaremos os Srs. Aref Claude Srour (conhecido como Alfredo Srour) e Giuseppe Nahaiissi. O Sr. Srour, que nasceu em Cairo e chegou ao Brasil em 1954 aos 18 anos, é um colecionador apaixonado de livros raros, especialmente sobre a Inquisição e Heresias Medievais e dedica várias horas diárias ao estudo dos seus livros. Após ter percorrido as bibliotecas brasileiras européias e americanas, o Sr. Srour começou a adquirir toda a literatura recente, nas várias línguas, nas quais foi produzida e com muita perseverança e muito investimento tomou-se um colecionador de dezenas de obras raras. Isto fez com que se tornasse possuidor de uma das bibliotecas mais completas no Brasil sobre Inquisição, Marranismo e Heresias Medievais. O Sr. Giuseppe Nahaiissi, original de Alexandria e que também estudou após ter progredido economicamente, tomou-se erudito em estudos talmúdicos, filosofia e mística judaicas e traduziu “Tariag ha-Mitzvot” (Os 613 preceitos) de Maimônides (Os 613 Mandamentos; Nova Stella Editorial, 1990, São Paulo), entre outras obras.

comunidade maior, como seu grupo de referência, estão integrados. Temos que aduzir, porém que esta colocação representa a integração do ponto de vista do grupo minoritário, já que o processo de integração completa, é um fenômeno recíproco consistindo, tanto na aceitação da comunidade pelo imigrante, quanto na aceitação do imigrante pela comunidade.

Outro fator determinante que afetou a aculturação dos imigrantes foi seu conceito de classe com seus componentes, poder e prestígio que eles já conheciam e usaram para estabelecer sua orientação na sociedade, como um todo. Já mencionamos que para São Paulo vieram do Egito os sefaraditas da classe média e alguns da média alta; profissionais liberais e gerentes e administradores de empresas (e bancos) por exemplo, da classe média e donos de indústrias têxteis e usinas de debulhamento e prensagem do algodão (extração de óleo), da classe média alta. ¹⁹ (Poucas famílias

¹⁹ O avô do Sr. Ibram Salama que foi por nós entrevistado, por exemplo, (Youssef Salama), fundou em 1890 uma usina de debulhamento e outra de prensagem do algodão (com produção de óleo), em Mit-Ghamr. Os filhos e netos de Youssef continuaram a exploração das duas usinas até que foram "nacionalizadas" pelo governo do Presidente Nasser. O tio do Sr. Ibram Salama, Mac Hassan, foi comerciante de algodão e proprietário de uma usina de debulhamento, também em Mit-Ghamr. Ele presenciava habitualmente a venda anual da colheita de algodão da "Khasse Royale" (dos domínios reais), nos leilões públicos (um algodão de qualidade reputada), com outros comerciantes e exportadores de algodão. Geralmente arrebataba a maior parte das compras até 1948, quando devido às circunstâncias políticas, às quais já nos referimos, perdeu tudo que possuía. O avô do cunhado do Sr. Salama, Habib Arripol, fundou em 1888 uma primeira usina em Mansura e mais tarde, seu filho David fundou a segunda, na mesma cidade. Outros imigrantes são filhos e netos de donos de indústrias têxteis, como a "Nile Textile" próximo a Alexandria de propriedade de Joseph de Picciotto Bey, avô de nosso entrevistado Joe Edgard de Picciotto. Esta indústria era considerada, das mais importantes e mais modernas do país. Após a tomada do poder por Nasser, as indústrias têxteis pertencentes aos judeus foram "nacionalizadas" e seus proprietários não foram indenizados. Joseph de Picciotto Bey (economista) foi nomeado senador pelo Rei Fouad e conservou seu cargo em todas as eleições que se seguiram. Foi também membro do Conselho administrativo de várias sociedades, entre outras do banco "Casa di Sconto e di Risparmio". Publicava periodicamente no jornal (em árabe) "Al Mokattam", estudos

sem recursos que não conseguem sustentar-se, são mantidas pela Congregação Mekor Haim).

Estes imigrantes que se percebiam, completamente diferentes dos judeus pobres do Hara (o bairro judaico pobre, já citado), projetaram aqui seus conceitos na sociedade geral e começaram a ter um estilo de comportamento que lhes parecia apropriado à sua classe, ou que eles esperavam, garantiria-lhes um lugar na classe à qual aspiravam. Poucos dentre os entrevistadosm estavam cientes de estarem praticando estes atos de conceitualização social.

Nas transformações culturais dos imigrantes, cabe ainda a análise da estrutura familiar da geração que imigrou e as modificações nessa estrutura nas gerações seguintes.

Os imigrantes recordam que até a geração de seus pais (final do século passado) a estrutura da família conjugal, ainda era, como nos países árabes em geral, fortemente autoritária. A autoridade patriarcal, do pai e do marido, era mantida; ou seja, o pai era o cabeça da família que obtinha obediência e respeito dos membros da mesma.

No Egito, diferentemente dos demais países árabes, para os judeus, modificou-se a mentalidade quanto à escolha do cônjuge, na geração dos que imigraram, devido também à sua "ocidentalização" já mencionada. Nos

econômicos e financeiros muito apreciados por seus contemporâneos; e finalmente foi Vice-Presidente da Comunidade Israelita de Alexandria, à qual dedicava boa parte do seu tempo.

países árabes em geral, os casamentos eram combinados pelos pais e o cônjuge frequentemente era escolhido dentro da parentela.²⁰ A função de *šadkhan*²¹ já não existiu na geração que imigrou, a não ser na camada mais pobre que residia no Hara e que em sua maioria imigrou para Israel. Os então jovens da geração que imigrou (agora avós e bisavós) iam a “dancings” (as moças acompanhadas de seus pais) e dançavam à “la européene” (termos utilizados por alguns entrevistados), ou à praia, onde as famílias alugavam chalés da Prefeitura, para o verão, porém tinham que pedir a mão da moça escolhida imediatamente e casar após um noivado de apenas dois ou três meses. Esta geração critica a geração de seus netos que “travam conhecimento e namoram com muita facilidade”²² e por razões que abordaremos a seguir, também não aceitam a independência e a liberação sexual da mulher desta nova geração.

Em São Paulo o círculo social ampliou-se para os que imigraram na infância ou adolescência e rapazes e moças, conheciam-se nos clubes, nas universidades, nos bailes, etc., e tinham liberdade para escolher seus parceiros. A objeção era feita apenas em relação aos casamentos

²⁰ Nos países árabes (nas aldeias e cidades pequenas, até hoje) haviam três tipos de grupos familiares patriarcais. O 1º, a família conjugal que consistia num casal e seus filhos solteiros. A 2ª e mais importante unidade familiar era a família grande que consistia em 3 gerações e a 3ª entidade familiar era o grupo de parentela que abrangia todas as famílias grandes que se diziam descendentes de um antepassado paterno comum. O casamento entre membros de diferentes famílias grandes era um meio de estreitar os laços dessas famílias dentro do grupo de parentela.

²¹ *Šadkhan*: casamenteiro, em Hebraico. Figura muito comum nas aldeias judaicas da Europa Oriental no século XIX e início do XX.

²² Proferido desta e de outras várias formas semelhantes, por alguns dos entrevistados.

exogâmicos ²³ que ainda não eram muito frequentes. Na geração que aqui nasceu, os casamentos exogâmicos são muito frequentes e os pais relutam, porém consentem. Esta geração adaptou-se completamente aos nossos costumes de namoro e casamento.

A idade dos nubentes também sofreu alterações, amoldando-se aos hábitos brasileiros. Na geração que imigrou, a noiva geralmente era muito jovem e não tinha mais de vinte anos, enquanto o noivo era muito mais velho, por ser exigida dele uma situação financeira estável para sustentar uma família. Isto porque a mulher desta geração não trabalhava fora de casa; era restringida ao lar.²⁴

O conceito de castidade para a mulher ainda prevaleceu na geração que imigrou na infância ou adolescência; este conceito, porém adaptou-se à mentalidade brasileira na geração que aqui nasceu e hoje com aproximadamente 30 anos de idade. Em suma: os filhos e netos (os bisnetos são crianças ainda) dos imigrantes, adaptaram-se ao nosso ambiente que está em constante transformação, o que provocou a gradual debilitação da família patriarcal, lembrada ainda apenas pelos imigrantes.

²³ Referimo-nos a casamentos fora da comunidade judaica, pois se a preferência por parte dos imigrantes, era de casamentos dentro da comunidade sefaradita, isto já era pouco frequente desde os casamentos dos que vieram crianças ou adolescentes, por frequentarem escolas e clubes fundados por asquenazitas e por terem se integrado os sefaraditas egípcios à comunidade asquenazita, como já dispusemos neste capítulo.

²⁴ Era considerado perda de status social, o trabalho da mulher fora de casa. Elas dedicavam seu tempo (como o fizeram posteriormente em São Paulo) a obras beneficentes da comunidade sefaradita e da comunidade israelita como um todo e da comunidade paulista, em São Paulo.

A sociedade aberta que temos no Brasil que permite aos que nela vivem muitas opções econômicas e de educação, a libertação do estado de perseguidos, em seu país de origem (nos anos que precederam o êxodo) e a sensação de igualdade que sentem aqui, levaram os imigrantes a aceitarem a nova sociedade, sentindo-se também, aceitos pela mesma. Acreditamos que isto levou, por um lado à idealização da nossa cultura e por outro, ao desejo de integração na nossa sociedade.

É evidente que estes dois fatores podem levar o grupo à assimilação, no sentido da desvinculação do judaísmo e do "sefaradismo". O que ocorre, no entanto, com os sefaraditas egípcios é uma aculturação gradual, com a aceitação de padrões da nossa cultura que não se converteu em fator de assimilação: de renúncia total à herança cultural de origem. Apenas uma pequena parte dos filhos e netos dos imigrantes associou a integração, ao afastamento de sua comunidade e ao desejo de desaparecer na massa e não ser reconhecido como filho de imigrantes sefaraditas do Egito. A maioria, portanto, não perdeu sua identidade cultural. Há identificação com o universo mental e social brasileiro que está, para eles, em harmonia com suas obrigações morais (com sua expressão cultural). Fazem uma síntese entre seu ambiente atual e sua herança (que para muitos deles é sagrada).

O receio da geração que imigrou e que presenciou os casamentos exogâmicos de seus filhos e netos (com não judeus, e principalmente com

asquenazitas), é que eles sejam os “últimos sefaraditas”. Fato é que iniciou-se o processo de criação de um tipo cultural “sefaradita-asquenazita” que provém de todos os asquenazitas e sefaraditas que imigraram a São Paulo.²⁵ Este é o resultado do sucesso econômico e da integração, nos quais os filhos dos sefaraditas egípcios e dos asquenazitas tem uma linguagem comum. Partilham características sócio-econômicas e culturais, ou seja, estão ajustados em termos de relações sócio-econômicas, língua e modo de vida externo.

Para os netos dos imigrantes a questão da identidade sefaradita, está intimamente ligada ao problema da identidade judaica em geral. Observamos que aqueles que se identificam com o judaísmo, estão também ligados à cultura sefaradita; os demais (numa porcentagem baixa) parecem desligados de ambos.

Cada vez mais o que resta para eles é o quadro institucional; a vinculação às associações sefaraditas ²⁶ substituiu a ligação orgânica do passado e a atividade organizacional está se tornando o ponto de referência para medir o envolvimento com sua cultura. Mais do que entre os asquenazitas, a vinculação institucional dos sefaraditas, centra-se em suas

²⁵ Os sefaraditas egípcios casados com asquenazitas acrescentam à comemoração das festas judaicas, por exemplo, os costumes sefaraditas e os alimentos usados em cada ocasião, mas o receio dos imigrantes é de perderem-se completamente estas observâncias nas próximas gerações, já que são, como nos referimos, uma minoria da população judaica de São Paulo.

²⁶ Muitos sefaraditas egípcios frequentam outras associações, como dos sírios e libaneses, e não a Congregação Mevor Haim, dos egípcios.

sinagogas e restringe-se principalmente, às questões religiosas e de educação.²⁷

Já nos referimos que os sefaraditas egípcios imigraram com suas famílias ²⁸ e boa parte - ao contrário da grande maioria dos asquenazitas - em grupos comunitários inteiros e numerosos, por terem sido forçados a emigrar em tempo curto. Estes laços serviram para manter a religiosidade da comunidade. Outro fator importante que contribuiu até para incrementar esta religiosidade, é a forma de sustentar a identidade sefaradita-judaica dos imigrantes: a devoção à observância religiosa e à tradição. Os sefaraditas egípcios, proporcionalmente são mais ligados ao judaísmo religioso do que os asquenazitas.²⁹

Acreditamos, porém não podemos afirmar ainda que esta comunidade passará por um processo de secularização, semelhante ao dos asquenazitas.³⁰ Apesar de estarem os sefaraditas egípcios mais apegados à observância, frente ao laicismo asquenazita dominante, é curioso observarmos que na aplicação de certas práticas e ritos os sefaraditas

²⁷ Já na antiguidade, a sinagoga era o centro da vida comunitária, uma vez que o culto é o amálgama da vida comunitária e serve também de local que reúne ensino e assistência social.

²⁸ Ao contrário das primeiras levas imigratórias dos sírios, por exemplo, que imigravam individualmente, trazendo a família após um período, às vezes até longo, de adaptação e estabilidade financeira.

²⁹ Pudemos verificar a religiosidade individual e comunitária nas entrevistas que realizamos e nas visitas às sinagogas nas vésperas dos sábados e das festas judaicas, excluindo Rosh ha-Shaná (o Ano Novo judaico) e Yom Kipur (o Dia do Perdão), nos quais os asquenazitas também toam as sinagogas.

³⁰ A frequência às sinagogas asquenazitas (excluindo o Ano Novo judaico e o Dia do Perdão), está limitada praticamente aos mais idosos e em pequena porcentagem aos bem jovens e com a geração intermediária quase ausente.

egípcios são mais liberais, dentro da ortodoxia. Poucos rabinos sefaraditas egípcios, por exemplo, usam “peot” (cacho de cabelo que pende dos lados da face dos judeus religiosos); não se lhes vêem as “arbá kanfot” (as franjas colocadas nas quatro pontas das vestes que os judeus ortodoxos usam sob a camisa, (cf. num. 15:38), nem exigem terminantemente “tefilin” (filactérios) aos meninos bar-mitzvá (aos treze anos, quando assumem as obrigações religiosas). Há também maior tolerância para com os não religiosos, do que a demonstrada pelos ortodoxos asquenazitas, o que parece ter sido característico da vida dos sefaraditas egípcios por vários séculos. Seus “hahamim” ³¹ no Egito interpretavam a “halakha” ³² com menos rigor, principalmente quando se tratava de preceitos alimentares.

O segmento não ortodoxo dos imigrantes e seus filhos enfatiza a “tradição” e não a religiosidade. Apenas uma pequena parte, dos que não moram próximo à Congregação Mekor Haim, por exemplo, vem de carro na véspera do “Dia do Perdão”; voltam a pé para suas casas e retomam a pé no dia seguinte, quando se comemora o dia do perdão, para voltar, no final dos serviços religiosos da festa, de carro para suas residências.³³ O fato de terem um rabino ortodoxo, faz com que uma parte dos membros da Congregação esteja insatisfeita, pois, segundo os mesmos o rigor do rabino

³¹ Sábios, em Hebraico; nome usado para designar os líderes religiosos judeus, nos países árabes desde o domínio turco (o mesmo que rabino, para os asquenazitas).

³² Lei; é a parte do Talmud que trata das leis judaicas.

é a razão do afastamento de muitos sefaraditas egípcios da Congregação Mekor Haim. Os que se afastaram frequentam as Congregações dos sírios e dos libaneses, menos ortodoxas.

Ainda assim, é diferente o relacionamento dos sefaraditas egípcios ortodoxos, com os liberais, do que se verifica entre os asquenazitas. Os asquenazitas ortodoxos tendem ao isolacionismo e vêem a salvação do judaísmo, somente se o separarem dos que não seguem as normas religiosas vigentes que lhes parecem ser as corretas. Os sefaraditas egípcios ortodoxos, não veem nenhuma esperança ou virtude neste isolacionismo e acreditam que o resultado seria uma distorção do judaísmo.

Esta visão perpassa até mesmo a família. Entre os judeus asquenazitas ortodoxos, o abandono dos valores religiosos tradicionais por um membro da família, é passível de levar a uma crise que pode até resultar no rompimento de relações entre pai e filho; enquanto para os sefaraditas egípcios ortodoxos, o componente religioso é de menor importância e nem sempre, elemento decisivo na forma de relacionamento entre pais e filhos.

Poderíamos afirmar que o elemento religioso dos imigrantes está sendo gradativamente (na geração dos filhos e netos) substituído por fatores coesivos, como o contato e a participação com a comunidade

³³ Em "Yom Kipur" (Dia do Perdão) é proibido comer e trabalhar, portanto os judeus ortodoxos, não cozinham, não dirigem e nem mesmo apagam as luzes de suas residências.

asquenazita nas instituições judaicas em geral, a atividade no movimento sionista e a vinculação com Israel.

Em resumo, esta imigração participa ativamente da vida comunitária judaica, na qual assume papéis de liderança e tem influência na composição desta comunidade em São Paulo. Integrou-se também na comunidade brasileira, culturalmente, socialmente e economicamente, alinhando-se à nossa população nos assuntos básicos do país.

OS SEFARADITAS EGÍPCIOS: DIVERSIDADES CULTURAIS

Antes de discorrer sobre a diversidade cultural dos sefaraditas egípcios, temos que focar o significado do termo "sefaradita", ou melhor, como este termo adquiriu seu significado atual. Todos sabem que o termo "sefaraditas" designa os descendentes dos judeus que viveram na Península Ibérica, antes da expulsão de 1492 e num sentido mais amplo, todas as comunidades judaicas influenciadas pela cultura e práticas rituais dos mesmos ¹.

Qual é, no entanto o significado da palavra "sefaraditas"? Como forçosamente teremos que remontar ao texto bíblico, vale assinalar que a identificação de alguns lugares geográficos, reinados e tribos que eram certamente conhecidos no período bíblico, perdeu-se na Idade Média e a maioria das identificações atuais de designações bíblicas, são deste período. Os novos países e reinados que apareciam, num mundo que se expandia, na Idade Média, eram identificados pelos comentaristas medievais, com o auxílio de nomes que lhes eram familiares da sua bíblia.

¹ No capítulo: "Sefaraditas ou Judeus Orientais" abordamos a questão dos judeus do Egito: se podem ser denominados sefaraditas, ou se são judeus orientais.

Um dos exemplos característicos neste sentido e que tange diretamente nosso assunto, está no capítulo 1, versículo 20 do livro de Abdias, na Bíblia: "Os exilados, este exército, dos filhos de Israel, que tomarão posse do país de Canaã até Sarepta e os exilados de Jerusalém que estão em Sefarad, tomarão posse das cidades do Negueb".

Como e por que este nome que ocorre apenas uma vez na Bíblia foi imaginariamente ou erroneamente associado a "Hispania", o nome latino da Espanha? Os contemporâneos de Abdias, indubitavelmente sabiam a que país, ou cidade de exilados, referia-se seu profeta, porém gerações posteriores não mais o sabiam e até as primeiras décadas do século XX, podia-se apenas adivinhar.

Alguns estudiosos alegam que "Sefarad" refere-se a regiões na Ásia, baseados na denominação "Sefárds", usada para designar territórios anexados da Síria na Antiguidade; porém o problema foi solucionado, ao que parece, em 1916, quando o Orientalista alemão E. Littman publicou uma inscrição bilíngüe (Aramaico-Lídio), encontrada nas escavações em Sardis na Ásia Menor. Concluiu-se desta inscrição que "Sefarad" é o equivalente aramaico de Sardis e portanto, também a denominação de todo o Império Lídio, do qual Sardis foi a capital e que mais tarde tomou-se uma

das províncias do Império Persa, no qual viviam exilados judeus desde a destruição do Primeiro Templo.²

O que queremos dizer, é que no período bíblico sabia-se a que lugar refere-se o nome "Sefarad" e que hoje nós também o sabemos; porém há um longo período intermediário no qual foi esquecido o significado original (a cidade foi destruída em 616 d.C.) e "Sefarad" não mais indicava lugar algum.

Ainda na Antigüidade, na época talmúdica, começaram a interpretar "Sefarad", como sendo "Ispania" ou "Spamia" (no Targum Yonatan), ou "Ispania" na Peshita, outra interpretação aramaica da Bíblia; e desde o final do século VIII d.C., "Sefarad" tomou-se o nome hebraico usual da Península Ibérica.

Como originou-se então, esta curiosa identificação da "Sefarad" bíblica com a Espanha? Para entendermos, devemos remontar ao mito grego sobre as Hesperides, as "filhas da Noite" (Hesperis), virgens que protegiam a árvore das maçãs douradas que a Terra deu de presente a Hera no seu casamento com Zeus. Elas viviam no "longínquo Oeste", do outro lado do Oceano, onde o sol se põe. O "longínquo Oeste", é o Ocidente, onde o sol se põe, em oposição ao Oriente (o Levante), onde o

² Esta identificação é corroborada por outra inscrição bilingue em Lídio e Aramaico, encontrada em Sardis por H. Donner e W. Roelling em 1962, na qual "Sefarad" aparece da mesma forma, no início da parte aramaica.

sol nasce. O alcance do distante Ocidente, dependia dos horizontes conhecidos pelos povos. Para os gregos, por exemplo, era a Itália e para os romanos, donos do "Mare Nostrum", a terra do pôr do sol era a Espanha. Se fizermos recordar que a língua hebraica, como outras línguas semíticas, tem um alfabeto consonantal, sem vogais, verificaremos que SeFaRaD é muito semelhante a HeSPeRiDes³. Podemos assim compreender, como na Idade Média, "Sefarad" tornou-se a denominação usual da Espanha.

Na época da expulsão da Península Ibérica, a cultura sefaradita já estava cristalizada, numa forma individual de rito litúrgico, de costumes, de conteúdo cultural e de maneiras diferentes de contato com o ambiente gentio. Diferenciava-se assim, do complexo asquenazita que emanava da Alemanha e do norte da França e que englobava posteriormente a Polónia-Lituânia. Onde e como originam-se as diversidades culturais?

Temos que fazer aqui novamente um breve retrospecto histórico que vai muito além da Península Ibérica e da França-Alemanha, isto é, aos centros de estudo da Babilônia e de Israel. Circunstâncias políticas na Idade Média, causaram influência israelense nas comunidades franco-alemãs, por intermédio da Itália que conservava costumes israelenses, devido ao seu contato próximo com o judaísmo bizantino, enquanto o judaísmo sefaradita, estava muito ligado à Babilônia, por intermédio do norte de África e de

³ O "F" e o "P" são uma mesma letra em Hebraico.

estudiosos que vinham da Babilônia à Espanha e fundavam academias talmúdicas.

Estas relações fizeram com que as diferenças que existiam entre os dois judaísmos orientais (Israel e Babilônia), fossem deslocados para a Europa. As divergências foram desaparecendo durante a Idade Média, por adaptação ou pela imposição de uma das tradições sobre a outra. Alguns exemplos deste processo de "igualação" são: na Babilônia ficava-se em pé durante a leitura do "Shma"⁴, enquanto em Israel os fiéis permaneciam sentados. Prevaleceu o costume babilônico. Os babilônios proibiam os "Kohanim"⁵ de abençoar a congregação de cabeça descoberta, enquanto em Israel todos ficavam de cabeça descoberta; também predominou o costume babilônico⁶. Outra diferença interessante é o ciclo da leitura do Pentateuco no serviço religioso aos Sábados. Em Israel liam trechos mais curtos do Pentateuco e o ciclo completava-se em três anos, enquanto na Babilônia completava-se o ciclo a cada ano. Neste caso também prevaleceu o costume babilônico⁷.

⁴ "Shma" = ouça, em Hebraico. É a declaração da unidade de Deus recitada duas vezes ao dia (Deuteronomio 6:4).

⁵ Kohen = Sumo Sacerdote, em Hebraico. Neste caso, descendentes dos Sumo-Sacerdotes

⁶ Ainda no século XIII rabinos sefaraditas queixam-se de rabinos da França que permitem a recitação da bênção, de cabeça descoberta.

⁷ O ciclo tri-anual de Israel não permitiria a celebração anual do término da leitura do Pentateuco, comemorado na Festa de "Simhat-Torá" (Alegria do Pentateuco).

Durante os séculos XV e XVI, os judeus sefaraditas e asquenazitas codificaram suas práticas. Os sefaraditas seguiram as interpretações de Josef Caro, denominado Maran (nosso mestre), no Shulhan-Arukh⁸, publicado em 1565, enquanto os asquenazitas observavam os comentários de Moses Ben Israel Isserles da Polônia, denominado Moram (que pode significar: "nosso mestre, Moses" pelas iniciais, ou "Mestre deles", na tradução, usada pelos sefaraditas⁹). As adições de Isserles foram incorporadas ao Shulhan Arukh em comentários de rodapé e representam pequenas diferenças. Estas emendas tornaram a codificação de Josef Caro aceitável para os asquenazitas, não acatando porém, a liberdade sefaradita em certos casos. Isserles, por exemplo, desencoraja os asquenazitas de consumirem arroz na Páscoa Judaica, enquanto o Shulhan Arukh de Caro o permite aos sefaraditas. Há também a permissão de consumirem ovos inteiros encontrados numa galinha imolada, ou de consumir vegetais com

⁸ Shulhan-Arukh = mesa preparada, em Hebraico. Nome do código escrito por Josef Caro. O código é dividido em quatro partes:

1. Orah Hayim (modo de vida): leis para o dia-a-dia, para o sábado e para as festas.
2. Yoré Deá (lançador de conhecimento): trata de assuntos tais como: prescrições alimentares, pureza e luto.
3. Even há-Ezer (pedra da ajuda): trata de casamento, divórcio e temas correlatos.
4. Hoshen Mishpat (justiça racional do sacerdote): a parte civil e criminal do código.

⁹ O Rabino Moses ben Israel Isserles nasceu em Cracóvia, na Polônia em 1525 ou 1530 - 1572) e foi uma das maiores autoridades "halakhicas" (legais). Uma de suas obras "Darkhei Moshe" (Os Caminhos de Moisés), contém explicações, adições ao Shulhan Arukh, de Josef Caro, já citado, e inclui os costumes dos estudiosos asquenazitas ignorados por Caro. Ele tomou a obra de Caro aceitável tanto para asquenazitas, quanto para sefaraditas.

laticínios cozidos numa panela, previamente usada para carne¹⁰. As autoridades asquenazitas proibem tais práticas. Os sefaraditas comem alface, pelas ervas amargas¹¹ no Seder (a primeira e a segunda noites da Páscoa Judaica), enquanto a maioria dos asquenazitas usam rábano silvestre. Os sefaraditas obedecem a interpretação de Josef Caro, ao colocarem os rolos do Pentateuco numa caixa de madeira ou prata (ou outro metal), em vez de enrolá-los num tecido, como o fazem os asquenazitas.

O serviço religioso dos sefaraditas, também difere do dos asquenazitas. Os sefaraditas por exemplo, abrem os rolos do Pentateuco e mostram-nos aos congregantes, antes de cantar o capítulo semanal (Sidra: em Hebraico) nas Sinagogas, enquanto os asquenazitas mostram os rolos aos congregantes, depois de cantar o capítulo semanal. O texto das orações¹² dos asquenazitas, contém como parte essencial, as composições do grande poeta israelense Elazar Kalir¹³ que são

¹⁰ As prescrições alimentares judaicas proibem o consumo de carne e laticínios numa mesma refeição.

¹¹ As ervas amargas (maror em Hebraico) são consumidas nas duas primeiras noites da Páscoa Judaica, para lembrar a vida amarga durante a escravidão no Egito.

¹² O livro das orações é denominado "Sidur" (ordenação: em Hebraico) pelos asquenazitas e "Tfilot" (orações: em Hebraico), pe'os sefaraditas.

¹³ Elazar Kalir: o maior e mais prolífico dos antigos poetas e um dos mais influentes poetas litúrgicos. Os fatos biográficos sobre Kalir estão ainda envoltos em mistério. Ele provavelmente viveu em Israel, na cidade de Tiberiades; porém há apenas especulações quanto a seu nome, seu país de origem e à época em que viveu. As conjeturas sobre quando Kalir viveu vão do século X ao XII In: Encyclopaedia Judaica, vol. 10, pag. 713-716, verbete: Kalir, Elazar.

completamente desconhecidas às tradições litúrgicas sefaraditas, nas quais figuram proeminentemente, as composições dos grandes poetas espanhóis: Shlomo Ibn Gabirol, Yehuda ha-Levi e Moises Ibn Ezra.

Os termos religiosos também são diferentes. Os sefaraditas colocam os rolos do Pentateuco sobre a "Tevá" (púlpito) e os asquenazitas denominam o púlpito de "Bimá". O "Aron ha-Kodesh" (Arca Sagrada), no qual os rolos são depositados é denominado "Heikhal" (o Templo, palácio) pelos sefaraditas e as orações da tarde, conhecidas como "Maariv" pelos asquenazitas, são denominadas "Arvit" pelos sefaraditas¹⁴. A comemoração da Páscoa Judaica, festejada em casa, nas duas primeiras noites da referida festa, é denominada "Seder" (ordem: em Hebraico) pelos asquenazitas e "Hagadá" (narração: em Hebraico) pelos sefaraditas¹⁵.

Mais alguns termos religiosos que diferem: as canções religiosas intituladas "Pizmonim" (canções, refrões: em Hebraico), pelos Sefaraditas, são "Zmirot" (cantos, cânticos: em Hebraico), para os asquenazitas; a oração pelos mortos, é denominada "Hazkará"(recordação, memória: em Hebraico), pelos asquenazitas e "Haškavá" (ato de deitar, ou fazer deitar: em Hebraico), pelos sefaraditas e à recordação da morte, a cada ano, os asquenazitas dão o nome em Yidish: "Yahr Zeit" (época do ano, no sentido

¹⁴ Ambas as palavras provém do mesmo radical "erev" = tarde ou início da noite, em Hebraico.

¹⁵ "Hagadá" é o nome do livro que contém o serviço da Páscoa.

de época do aniversário da morte), enquanto os sefaraditas usam o termo "Nahalá" (propriedade, herança ou legado: em Hebraico).

A pronúncia do Hebraico que é intrínseca a todas as fases da vida religiosa judaica, também difere entre sefaraditas e asquenazitas. Os primeiros que herdaram a pronúncia israelense, babilônica e da Espanha muçulmana, próxima ao árabe (já que as duas línguas provém de uma origem semítica comum), tem predominantemente a última sílaba, como tônica e distinguem as duas pronúncias diferentes da vogal "qametz" (a e o), enquanto os últimos, impelidos da Europa Ocidental e Central, nos séculos XIV e XV, a países eslavos, desenvolveram a pronúncia do Hebraico, cada vez mais em desacordo com aquela do seu lugar de origem¹⁶.

Quanto às vestimentas, à cozinha e às tradições litúrgicas trazidas pelos sefaraditas egípcios a São Paulo, temos que salientar novamente que os da classe média e alta no Egito eram ocidentalizados, enquanto os mais pobres que residiam no Hara, eram próximos ao mundo muçulmano.

Assim, o serviço religioso nas sinagogas dos primeiros era acompanhado pelo canto de coros mistos, regidos por maestros, serviços que pareciam "concertos litúrgicos". Em muitas destas sinagogas celebrava-

¹⁶ Exemplo: os sefaraditas pronunciam "Barukh" (abençoado: em Hebraico): oxítone, enquanto os asquenazitas pronunciam "Borukh": paroxítone. E quanto à vogal "qametz" (a ou o), os asquenazitas dão ênfase ao o, pronunciando "Borukh", ao invés de "Barukh".

se a cerimônia da "Iniciação religiosa das meninas", desde o final da década 20 do nosso século, na qual meninas vestidas de branco, cabeças cobertas por véus e velas nas mãos, faziam procissão de uma maneira semelhante a uma cerimônia católica (foto no apêndice documental).

Em São Paulo estes judeus depararam-se com o costume já existente, (comemorado pelas escolas judaicas em sinagogas ou no clube "A Hebraica") da comemoração da maioridade religiosa de meninas, aos 12 anos¹⁷ e muitos deles que frequentam a Congregação Israelita Paulista (CIP), ouvem o mesmo coro misto, regido por maestro, ao qual estavam habituados.

Já os judeus do Hara refletiam em seus costumes religiosos, no seu ritual e até em sua mentalidade, o modo de vida egípcio. Citaremos alguns exemplos para ilustrar os traços característicos destas tradições; apenas alguns, pois como já nos referimos em capítulo anterior, a maioria dos que emigraram a São Paulo pertencia à classe média e média-alta no Egito.

Em muitas comunidades orientais (e com mais ênfase no Egito) costumava-se comemorar nas sinagogas a "noite da Unidade de Deus"(Laylat al-Tawhid), estudando o Pentateuco na véspera do 1º dia do

¹⁷ O nome dessa cerimônia é "Bat-Mitzvá"(filha do dever: em Hebraico).

mês de Nisan¹⁸. Nesta noite professavam nas sinagogas a “Unidade de Deus”. A noite começava com a leitura da Parashá¹⁹ e em seguida, os cantores litúrgicos mais respeitados, cantavam poemas litúrgicos, geralmente no tom de música egípcia. Os poemas eram traduzidos, verso a verso ao árabe. A meia noite, finalmente, o mais idoso dentre os cantores litúrgicos começava a ler o “Seder al-Tawhid” (a ordem da Unidade de Deus), a oração que exalta a Grandeza de Deus. O texto está em árabe e usa nomes, inspirados no Corão para personalidades do Pentateuco. (Ex.: Abrão é al-Khalil; Arão é al-Iman e Moisés é Rašul Alá). A importância deste costume, nas tradições do judaísmo egípcio, tem que ser compreendido, provavelmente, com o ritual da Páscoa Judaica e do êxodo, também do mês de Nisan, por estar este judaísmo egípcio no palco dos acontecimentos relacionados a este mês.

Outro costume entre os judeus do Hara era o jejum às segundas e quintas feiras, durante as seis semanas da leitura semanal do livro de êxodo, nas sinagogas. Este jejum, é denominado “shobabim” que é o acróstico dos nomes das primeiras seis “parashot” semanais do livro de Êxodo. A este jejum que foi estabelecido por cabalistas medievais, era dada

¹⁸ O 1º dia do mês de Nisan (botão de flor: em Acádico e em Hebraico = Nitzan) que estabelecia a criação do mundo na primavera (cap. 1 de Gên.), foi adotado como estação da criação do mundo no exílio da Babilônia; porém, a versão outonal da Criação (proveniente de Canaã; cap. 2 de Gên.) prevaleceu, determinando a comemoração do Ano Novo Judaico no 1º dia do mês de Tishrei (do radical Acádico “Seru: começo, início).

¹⁹ Capítulo Semanal do Pentateuco lido nas Sinagogas. (plural: Parashot)

nas sinagogas do Egito a mesma importância dos outros jejuns convencionais, por estar ligado ao êxodo do Egito²⁰. No final deste período, reuniam-se para recitar os Salmos, livro rico em simbolismo místico. Os 150 capítulos deste livro eram recitados duas vezes, para corresponder ao valor numérico da palavra "Kaper" (perdão)²¹. Eram ainda recitados versos selecionados do Salmo 119 (composto em ordem alfabética), que compunham as palavras "Mitzrayim" (Egito: em Hebraico) e "qrá Satan" (destrua o Satã).

A festa de Purim²², comemorada tanto nas sinagogas sefaraditas quanto nas asquenazitas, não poderia deixar de ser festejada, com todas as suas tradições folclóricas, no Hara; em Cairo, porém, acrescentaram uma festa de Purim própria, denominada "Purim Mitzrayim" (Purim do Egito) celebrada em 28 de Adar (2 semanas após a comemoração de Purim). Este Purim adicional comemorava a salvação dos judeus em 1524, do insaciável governador mameluco Ahmad Pasha que subjugou o bairro judaico com ameaças e extorsões, para vingar-se de Avraham Castro, o

²⁰ Referimo-nos ao êxodo narrado no relato bíblico e que ocorreu provavelmente no séc. XIII a.C.

²¹ A letra K corresponde a 20; a letra P a 80 e a letra Q a 200. Somando temos 300 (150 capítulos vezes 2 = 300).

²² Purim que significa sorte, é a festa (comemorada no dia 14 do mês de Adar) que lembra como Mardoqueu e sua sobrinha Ester, salvaram os judeus da Pérsia, do extermínio planejado pelo Primeiro Ministro (Haman) do Rei Assuero.

tesoureiro do Império Turco, no Egito que se recusou a cunhar moedas para o governador, para não violar os regulamentos de Istambul. O papel do conselheiro sábio que salvou os judeus, com sua intervenção (que Mardoqueu ocupa no Purim da Pérsia) é preenchido, neste caso por Avraham al-Qurqumani al-Yahudí. Esta estória também está relatada num rolo²³, denominado "Meguilat Purim Mitzrayim" (o rolo de Purim do Egito), um texto bilingüe (Hebraico e Árabe) que era lido em público, parte por parte, em Hebraico e Árabe continuamente.

No Hara os judeus geralmente vestiam o "kaftan" no dia-a-dia. Este era o camisaõ longo de tecido rústico, usado pelos "felahs"²⁴. Aos sábados e nas festas judaicas vestiam o "Galabie" que era um camisaõ de tecido mais fino e marcado por um largo cinto de tecido²⁵. Eram estes bem distintos dos judeus da classe média-alta e alta que seguiam a moda de Londres e Paris e que incluíam em seu meio "pashas" e barões judeus.

Um aspecto importante da cultura popular (de um povo) é sua cozinha. As assim denominadas "cozinhas judaicas" como "guefilte fish" (peixe recheado - bolinhos de peixe), "krepiach" (ravioli recheado com

²³ A estória de Purim (da Pérsia) é relatada no rolo de Ester.

²⁴ Felah: camponeses árabes.

²⁵ Nos últimos anos de existência da Comunidade Judaica no Egito, apenas os "hakhamim" (rabinos dos sefaraditas) e os mais velhos usavam o Galabie. O sobretudo, um pouco mais curto que cobria o Galabie denomina-se "berresh".

batata, ou com fígado e cebola frita), ou "tzimes" (doce ou compota), eram desconhecidas aos sefaraditas. Aos sábados, por exemplo, eles consomem "huevos haminados" (ovos cozidos em água, óleo e casca de cebola, para tomarem-se marrons); "bolemas" (rocambole recheado com espinafre ou beringela e queijo) e "borekas" (massa recheada com batata, queijo, beringela ou espinafre). Referimo-nos aqui à cozinha sefaradita no seu sentido mais amplo, pois assim como a cozinha asquenazita difere entre judeus russos, alemães ou húngaros, a cozinha sefaradita, também difere entre os judeus do Oriente Médio, do Norte da África, da Turquia ou dos Balcãs.

As "borekas", as "bolemas" (já citadas) e a "agristada de pescado" (peixe cozido e banhado em maionese caseira), são mais difundidas entre os sefaraditas dos Balcãs e da Turquia, por exemplo; a "Yebrá" (carne moída em folhas de parreira), a "Lubiya M'salat" (ervilhas amassadas com vitela) e o "Ras ib Adjwe" (cookies recheados com tâmaras), são consumidos pelos sefaraditas sírios, enquanto a "Molokhia" (sopa verde), o "ful medames" (fava cozida), o "Batarekh" (ovas de tainhas secas) e a "qulqas" (sopa de limão com cará), são os pratos preferidos dos sefaraditas egípcios (adiante mencionados em detalhes).

Como é de se imaginar, todas as iguarias foram adaptadas pelos sefaraditas, de receitas culinárias populares nos países, nos quais se

estabeleceram; selecionaram, porém, somente alimentos permitidos pelas prescrições alimentares judaicas.

No Egito, os pratos do Hara estão entre os pratos nacionais (do Egito) e portanto apreciados também, pelos judeus dos bairros de classe média, que imigraram para o Brasil. São estes, a "Molokhia" (sopa verde), o "ful medames" (fava cozida) e "quiqas"(cará: sopa de limão com cará), acrescidos de um prato, menos usado no Hara e mais pela classe mais abastarda: o "Batarekh" (ovas de tainhas secas). Dentre estes a "Molokhia" é o prato mais tradicional, já que no Egito acredita-se que remonta à época dos faraós. "Molokhia" (monarquia em árabe) deriva do radical árabe Malek: rei e a sopa é conhecida popularmente como: a sopa do rei.

Segundo um dos nossos entrevistados, o Sr. Giuseppe Nahaisi, as qualidades deste prato real lembram mais os "felahs" (camponeses) do que a realeza, pois sente-se nele "a milenar harmonia da força da natureza com o solo generoso do vale do Nilo". O "felah" todos os anos, no início do verão, planta para consumo de sua família, numa pequena área exclusiva do seu quintal, as sementes de "Molokhia" (*corchorus olitorius*) que deverão desabrochar generosamente, num arbusto com folhas parecidas com as da hortelã, mais oleosas e de um verde profundo.

A riqueza do preparo da sopa de "Molokhia" varia conforme as posses de seus apreciadores e vai (como mostrou-nos o Sr. Nahaisi) desde

o cozimento junto com outros vegetais, formando uma sopa consistente e glutinosa, rica em proteínas, até uma riquíssima sopa de carnes com vários acompanhamentos²⁶. Isto é, a sopa pode ser servida da forma mais simples, com arroz e limão, ou de maneira mais sofisticada, como um molho para regar as mais diversas iguarias, como carnes de carneiro cozidas e temperadas, quibes de bandeja, bolos de carnes recheados e outros.

Os egípcios de São Paulo, mantendo a preferência da classe média no Egito, consomem a sopa com arroz branco e pão árabe (pita) torrado e picado, acrescentando-lhe um pouco de limão espremido.

A título de curiosidade, reescrevemos aqui o modo de preparo deste alimento tradicional e tão apreciado pelo segmento social que estudamos:

PREPARO:

As folhas

Separar as folhas das hastes.

Secar as folhas estendendo-as num pano. (se secar demais o caldo fica pobre; se não chegar ao ponto o caldo fica gosmento. A secagem é muito importante).

²⁶ A "Molokhia" pode ser preparada com o caldo de carne bovina, de carneiro, de galinha, de ganso ou de peru.

Triturar as folhas e formar um bolo suficientemente grande para encher um copo de 250 mls.

As folhas de “Molokhia” podem ser conservadas em sacos plásticos, congeladas, após serem secas e trituradas e posteriormente usadas com muito sucesso.

Caldo de Galinha

5 copos de água.

1 galinha gorda em pedaços.

2 cebolas grandes.

2 colheres de sopa de massa de tomate.

sal.

Cozinhar até conseguir um caldo.

Separar e desossar a galinha.

Separar as cebolas cozidas para fazer parte dos temperos.

Temperos

2 colheres de sopa de coentro seco em grão.

(secar um pouco na frigideira quente)

3 dentes de alho.

2 cebolas cozidas retiradas do caldo.

pimenta síria ou do reino.

Misturar tudo no liquidificador com um pouco de caldo.

Retirar a metade deste tempero para fritar em seguida, e colocar o boio de folhas trituradas da "Molokhia" com um pouco de caldo na metade do tempero que ficou no liquidificador e bater formando um caldo grosso que em seguida deverá ser colocado na panela dentro do caldo.

Colocar um pouco de óleo vegetal numa frigideira e fritar a outra metade do tempero chamado "Taklia" e uma vez frito colocá-lo na panela do caldo.

Deixar ferver com a panela semi-tampada.

Servir quando chegar no ponto.

Como servir

Colocar num prato fundo a carne (ou as carnes), picada ou desfiada, quibe de bandeja amassado, arroz branco, pão árabe torrado e picado, e despejar por cima de tudo a "Molokhia"; acrescentar limão a gosto.

Outros pratos do Egito muito consumidos aqui são o "qaq" (rosca de massa de gergelim), o "sambusec"(pastel de queijo) e o próprio "Faláfel", mais conhecido por todos nós, que ao contrário do que é costumeiro pensar é egípcio e preparado com favas, originalmente, e não com grão de bico.

Dos doces egípcios podemos enumerar o "Khoshaf": um tipo de "Mahalabia"(doce sírio conhecido em São Paulo; líquido com frutas e passas); a "Dondurma": uma espécie de sorvete, feito à base de resina de árvore (mastigável), com a qual se prepara o chiclete; e a "Zalabia" (bolinhos ocios recheados com mel).

A comida é considerada pela maioria dos imigrantes, um importante meio de identificação, tanto para a auto-identificação, como para identificar outros, como pertencentes ao mesmo grupo, ou a grupos diferentes. A grande maioria dos imigrantes ensina o preparo destes alimentos a seus filhos e orgulha-se ao dizer que mesmo os casados fora do grupo, preparam estes pratos. É como se a cozinha étnica fosse o último reduto a manter a cultura sefaradita, tão assimilada à asquenazita em São Paulo, como analisamos em outro capítulo. Se assim é ou não, esta arte deliciosa representa manjares exóticos para qualquer paladar.

Todas estas diversidades culturais são a bagagem espiritual, religiosa e tradicional, dos imigrantes. É possível que justamente estas diversidades deram-lhes força e nutriram sua vitalidade e sua perseverança, capacitando-os a lidar com a grande turbulência que os dispersou por todo o mundo.

SEFARADITAS OU JUDEUS ORIENTAIS?

Empregamos em nosso trabalho o termo sefaraditas, para os imigrantes do Egito que se estabeleceram em São Paulo. Por outro lado, no capítulo "Os Sefaraditas Egípcios: Diversidades Culturais", lembramos que o termo sefaraditas designa os descendentes dos judeus que viveram na Península Ibérica (antes da expulsão) e num sentido mais amplo, todas as comunidades judaicas influenciadas pela cultura e práticas rituais dos mesmos. Isto significa, tecnicamente que são sefaraditas os judeus que fugiram da Espanha e migraram a várias partes do mundo: pela África do Norte, aos países do Mediterrâneo, aos Balcãs e ao Oriente Médio; ou por Portugal e o Noroeste da Europa às Américas.

Prevalece, no entanto, confusão entre o uso limitado do termo sefaraditas, para os descendentes dos exilados da Espanha e de Portugal e seu uso mais amplo, abrangendo todas as comunidades judaicas não asquenazitas. Existe, assim espaço suficiente para definições pessoais subjetivas e inconsistentes e algumas até preconceituosas¹.

¹ Denominar um judeu que se considera sefaradita, de "Judeu Oriental" seria ofendê-lo, pois de modo geral os judeus do Oriente Médio (assim como os países nos quais residiam), tinham nível cultural e econômico muito inferior ao dos judeus asquenazitas e parte dos sefaraditas (por exemplo os judeus do Iemen, ou do Curdistão que habitavam regiões isoladas e muito atrasadas).

Além da denominação sefaraditas, existe a tendência de designar os asquenazitas de "Ocidentais" e os judeus dos países árabes de "Orientais".

O uso descuidado dos termos "Orientais" e "Ocidentais" para designar a origem dos judeus, desconsidera as realidades geográficas da Diáspora Judaica. Enquanto a expressão "Judeus Orientais" (ou "Comunidades Orientais") é geralmente empregada em hebraico, como um nome genérico para os judeus da Ásia e da África, ela exclui os sefaraditas (que seriam assim, um terceiro grupo). A maioria dos assim denominados "Judeus Ocidentais" (os asquenazitas), na realidade vem da parte Oriental da Europa, enquanto o mais numeroso subgrupo dos, alegadamente "Judeus Orientais", os marroquinos, provém da parte Ocidental da África do Norte². De qualquer forma, o considerável grupo dos sefaraditas dos Balcãs (da Bulgária, da então Iugoslávia e da Albânia) era sócio-demograficamente europeu (como os asquenazitas) com a aproximação do Holocausto, enquanto os judeus da África do Sul são asquenazitas.

Apesar de existirem divergências culturais, dentro do mundo sefaradita, a liturgia comum e os costumes religiosos, constituem fatores fundamentais

² O Marrocos está localizado mais a oeste do que Londres e a maior parte da África do Norte, está mais a oeste do que a Polónia. Autores sefaraditas, como David Sitton em "há-Kehilot há-sfaradiyot be-Yameinu" (As Comunidades Sefaraditas na Atualidade), 1962, pag. 288, denominam os judeus da África e da Ásia de sefaraditas ou sefaraditas-Orientais; enquanto autores asquenazitas, como Gudrun Kramer, em "The Jews in Modern Egypt - 1914-1952"; 1989, pag. 16, denominaram os mesmos de "Judeus Orientais", tais como judeus egípcios, judeus sírios, etc.

de unidade³. As comunidades do Oriente Médio e da África do Norte, cujos membros não são, em sua maioria, descendentes dos judeus espanhóis e portugueses, mas cuja cultura religiosa foi decisivamente afetada por influência sefaradita, podem ser denominados sefaraditas.

Quando os exilados da Península Ibérica esparramaram-se pelos países Mediterrâneos, eles fizeram desaparecer o rito tradicional e os costumes dos judeus destes países⁴. Os sefaraditas, após estabelecerem-se, começaram a dominar o cenário judaico nos países mediterrâneos, para os quais (e levamos em conta, também o Oriente Próximo e Médio) trasladaram as instituições que regiam sua vida na Península Ibérica, como por exemplo a sinagoga denominada Kahal (em hebr. = público, congregação, como a designam os sefaraditas egípcios também), a escola, denominada Talmud Torá (em hebr. = estudo do Pentateuco, assim denominada no Egito também) e acima de tudo, o livro de orações sefaradita que foi aceito em quase todos os países mediterrâneos.

Por terem se desenvolvido as comunidades sefaraditas, em países diferentes, e em condições culturais e históricas distintas, talvez seja

³ Se o "Back ground" de um judeu remonta à África, à Ásia, ou às comunidades sefaraditas da Europa, ele pode sentir-se parte do judaísmo sefaradita. Acreditamos que é inadequado definir o grupo apenas pelo país de origem e que é essencial ampliar a definição, para incluir comportamento cultural e identidade (para aqueles que se assimilaram aos sefaraditas e consideram-se sefaraditas).

⁴ O antigo rito Romaniota por exemplo, (Roma neste caso é a "segunda Roma", ou seja, Constantinopla que por sua vez, significava inicialmente o Império Bizantino e mais tarde o império Otomano. Os judeus destes dois impérios eram denominados pelos exilados da Espanha de Romaniotas) foi completamente "afundado" pela leva sefaradita de exilados e desapareceu.

mais apropriado falar de "culturas sefaraditas", do que de uma cultura sefaradita monolítica. Cada grupo teve suas experiências singulares e merece ter seus próprios pesquisadores e historiadores.

O Rabino Dr. Marc Angel ⁵ divide os sefaraditas em três "linhagens": os "sefaraditas ocidentais", os "sefaraditas levantinos" e os "sefaraditas dos países árabes". Segundo esta classificação, os "sefaraditas ocidentais", são descendentes de ex-marranos que retomaram ao judaísmo e estabeleceram comunidades na Europa Ocidental, em cidades como Amsterdão, Bayona, Bordeaux, Hamburgo, Londres e Paris. Eles teriam formado, de acordo com o Rabino Marc Angel, uma aristocracia no mundo judaico e eram invejados por muitos judeus não sefaraditas⁶. Estes "Sefaraditas Ocidentais" migraram também para o Mundo Novo, a Curaçao, Surinam, São Tomás, Jamaica e Recife e em 1654 à América do Norte⁷.

Os "Sefaraditas Levantinos" (ainda de acordo com Marc Angel) seriam os descendentes dos judeus espanhóis que durante o séc. XIV, começando

⁵ Marc Angel "The Sephardim of the United States: an Exploratory Study" in *American Jewish Yearbook*, 1973, vol. 74, pags. 78-80. O Rabino Marc Angel é o líder espiritual da Congregação Shearith Israel (Remanescente de Israel) que foi fundada em 1654 por 23 sefaraditas, vindos de Recife, na então Nova Amsterdão que tomar-se-ia Nova Iorque. A Congregação (por nós visitada) situa-se na 70th Street e Central Park West na cidade de Nova Iorque.

⁶ Marc Angel relata que um exemplo óbvio da tentativa dos asquenazitas de imitar os sefaraditas, é encontrado curiosamente em inscrições tumulares, em Livorno. Os ex-marranos levavam seu "fidalguismo" consigo, para os cemitérios, adornando suas lápides com trabalhos artísticos esculpidos e poesias escritas em espanhol. Os judeus asquenazitas "que tentaram imitar seus irmãos sefaraditas em vida, também tentaram imitá-los na morte e muitos de seus túmulos tem inscrições em Espanhol". Em Marc Angel, op. cit. pag. 79. Muitos destes sefaraditas consideram-se "Sefaradi Tahor" (em hebr. = Sefaradita Puro).

⁷ Acrescentariamos que os "Sefaraditas Ocidentais" estabeleceram-se no México também.

com as perseguições de 1391 e terminando com a expulsão de 1492, tendo recusado a conversão ao Catolicismo, abandonaram suas casas e estabeleceram-se em países mais tolerantes, como a Turquia e a África do Norte⁸. Quanto aos "sefaraditas dos países árabes" o Dr. Marc Angei expõe que foram influenciados pelo seu meio ambiente cultural, estabeleceram comunidades bem organizadas e unidas e muitos deles desenvolveram um aguçado sentido para os negócios, o comércio e a permuta de mercadorias.

Quanto à denominação "judeus orientais" (empregada por parte da comunidade asquenazita), para designar os judeus dos países árabes, já que eles não provém da Espanha, argumentaríamos que judeus dos países árabes acompanharam e seguiram a conquista árabe da Espanha no séc. VIII (levamos em conta também, a existência de judeus na Península Ibérica no período anterior à conquista árabe). Na Espanha eles continuaram a falar árabe e a conduzir sua vida, como estavam acostumados nos países dos quais vieram⁹ e com a expulsão de 1492, fechou-se o círculo, quando muitos deles voltaram aos países árabes.

⁸ Os "Sefaraditas Levantinos" estabeleceram-se também na Grécia (Creta, Rodas e Salônica), na Síria e nos Balcãs (Bulgária, Albânia e a então Iugoslávia - todos sob o domínio Turco Otomano).

⁹ Desta forma os judeus dos países árabes que não migraram para a Espanha, eram sefaraditas, pela língua, pelos costumes e pela observância religiosa, mesmo sem conexão com a Espanha.

CONCLUSÃO

A longa história, de mais de dois mil anos, dos judeus no Egito, virtualmente terminou em 1956. Por todo este período os judeus preservaram - apesar de invasões sucessivas, guerras, perseguições e humilhações - sua religião e suas leis, enquanto fincavam raízes profundas no país. Na verdade, não apenas preservaram, mas também enriqueceram a tradição judaica, criando uma comunidade dinâmica, com seus costumes próprios que contribuiu muito para o desenvolvimento do país.

O colapso e a dissolução da comunidade judaica no Egito foram rápidos. Em duas décadas, começando na metade do atual século, quase todos os sefaraditas abandonaram o país, inicialmente, rumo a Israel e depois principalmente ao Brasil, à França e à Inglaterra. Apenas um remanescente de menos de duzentas pessoas idosas restaram.

O conflito entre os países árabes e Israel realmente foi o catalisador do êxodo em massa, mas como vimos, não foi a única causa. As forças subjacentes que abriram o caminho e contribuíram para esta discórdia, aparentemente repentina, estavam "em funcionamento", desde o início da era moderna e faziam parte do impacto do Ocidente e do processo de

modernização que afetou os judeus e os muçulmanos, embora de maneira diferente.

Se a crescente penetração econômica, política e cultural do Ocidente, durante os séculos XIX e XX significou, para cristãos e judeus, a libertação de seu tradicional status subordinado e inferior, foi por outro lado vista como uma séria ameaça pela comunidade muçulmana dominante. Se a ocidentalização ofereceu a cristãos e judeus a oportunidade de servir de intermediários, entre o Egito e a Europa, principalmente na esfera econômica, ela também tomou-os dependentes da Grã-Bretanha e do sistema colonial em geral. Estes laços tomaram-nos parte das colônias estrangeiras européias locais, independentemente de sua origem e nacionalidade.

Judeus e cristãos puderam valer-se dos benefícios da educação moderna Européia, fornecida pelas várias missões religiosas e escolas laicas que afluíram ao país. Para os judeus, a "Alliance Israelite Universelle", tomou-se o principal provedor de educação moderna. A Alliance deu a seus alunos, mais do que educação e abertura dos horizontes culturais. Ela contribuiu para a formação de uma nova auto imagem dos alunos e ajudou a formar um sentimento de solidariedade judaica internacional (que era um dos objetivos da Alliance). A Alliance também formou quadros de judeus nativos ocidentalizados que daí em

diante, tinham vantagem nas oportunidades de trabalho, em relação às massas muçulmanas não educadas que não podiam ser utilizadas com a entrada do Egito, no sistema econômico moderno mundial. A participação dos judeus e cristãos na economia do país, estava de longe fora de sua proporção numérica em relação à população geral; e esta educação Ocidental e sucesso econômico fizeram ressentir-se a maioria muçulmana do país. Este ressentimento tomou proporções com o surgimento do nacionalismo árabe, com seus fortes tons islâmicos que não deixou espaço para judeus e cristãos em sua militância¹. Ademais, este movimento tomou-se crescentemente anti-sionista, tomando difícil, tanto para os líderes nacionalistas, quanto para a população em geral, distinguir entre judeus e sionistas (ou Israel). Além disto, a admiração (e imitação, como descrevemos no capítulo "Antecedentes Políticos", nota 5) do Nacional Socialismo Alemão e do Fascismo Italiano, nas décadas 30 e 40, também garantiu a não participação dos judeus no campo do nacionalismo e na sociedade que este criaria.

O impacto maior deste movimento nacionalista ocorreu em 1956, quatro anos após o golpe militar (dos oficiais). O nacionalismo territorial com suas tendências seculares, foi substituído pelo Islão e Pan-Arabismo que buscava homogeneidade e no qual o fator étnico fundia-se com o religioso. Disto resultou, como já foi analisado, a egípcianização da vida pública e da

¹ A não ser raras exceções já mencionadas.

economia, na tentativa de eliminar, ou pelo menos reduzir muito, a presença estrangeira na economia e na sociedade egípcias. Isto, obviamente afetou todas as minorias, não muçulmanas e não árabes que não tinham chance de integrar-se na nação egípcia, já que esta definia-se em linhas islâmicas e árabes².

Com a "Guerra dos Seis Dias" a situação, para os judeus, piorou mais ainda, já que a política anti-israelense, tomou-os "inimigos do país". E então, após o pavor das prisões e das torturas, o governo de Abd-al Nasr, sequestrou seus bens e pressionado por fatores e instituições internacionais³, permitiu sua emigração, sem poderem levar, entretanto dinheiro, ou bens móveis de valor.

Começou o grande tropel do "Segundo Êxodo" do Egito; Êxodo, porque não foi uma emigração normal, envolvendo meramente, uma certa porcentagem da comunidade, ou seja um excedente, ou grupos sociais, ou econômicos de seu meio. Foi uma emigração em massa de, praticamente toda a comunidade judaica do país. Mesmo assim, a maioria dos nossos entrevistados, não guarda rancor em relação ao povo egípcio. Trazemos como exemplo, algumas frases de um dos depoimentos:

² Isto referia-se aos italianos (alguns por nós entrevistados), gregos, franceses, ingleses e belgas, cristãos ou judeus que compartilharam o mesmo destino e escolheram ou foram obrigados, a emigrar ou fugir do país no qual nasceram.

³ Os embaixadores das potências ocidentais, como Inglaterra, Itália, França e Espanha, tiveram papel importante na emigração, além das citadas instituições judaicas e não judaicas internacionais.

"Fui mandado embora do meu país, junto com milhares de outros correligionários e não sei se poderei refazer minha vida, por causa da minha idade, no Brasil que me acolheu; mas não tenho nenhum sentimento de raiva ou mágoa contra o povo egípcio, porque os responsáveis pelo meu exílio, são os dirigentes do regime de Nasr e não o povo dentro ... como se diz ... de quem vivi em paz".

Pelas características (analisadas nos capítulos anteriores) desta emigração, acreditamos que podemos denominar estes imigrantes de refugiados, ou ser ela uma imigração de refugiados. Ela difere em todos os sentidos de imigrações como a dos portugueses, ou dos sírio-libaneses por exemplo, pois não vieram homens sozinhos, por dificuldades econômicas ou, para "fazer a América" e voltar à sua pátria, antes mesmo de casar. Não havia pátria, para a qual voltar, para os imigrantes sefaraditas egípcios e além do mais, vieram em grandes contingentes de famílias inteiras, nas quais verificamos a abrangência de avós maternos e paternos, irmãos e

irmãos solteiros do casal, etc.; e neste caso vieram indivíduos com certa formação profissional e intelectual que por esta razão também, integraram-se com maior facilidade e dedicaram-se a construir e a contribuir.

Deveríamos acrescentar que na verdade, a mobilidade social dos judeus é, geralmente forçada: na Europa Medieval abandonaram países, como a Inglaterra, ou a França, por decretos de expulsão, assim como na Península Ibérica. No final do século passado, a opressão czarista, no Leste Europeu (que delimitou-os a regiões, nas quais não se podia praticamente sobreviver), também forçou-os a emigrar e assim no Oriente Médio, no início do século, pela desagregação do Império Turco Otomano e na metade do mesmo, pelos problemas políticos ligados a Israel.

Por outro lado, ficou claro para nós que imigrantes que saem compulsoriamente de seu país de origem, e tem certa formação e tem (pela educação) conhecimento de sua cultura, querem preservá-la e passá-la a seus filhos; querem integrar-se, mantendo porém, suas características culturais.

Por não sentirem (segundo a maioria de nossos entrevistados) no Brasil, discriminação de espécie alguma, sentiram-se livres a serem o que são e a dar de si o melhor ao país que os acolheu e no qual desejam que seus filhos e netos desenvolvam-se como bons judeus, bons sefaraditas, bons brasileiros e bons seres humanos.

É uma comunidade pequena, da qual já os imigrantes abasteceram São Paulo, com um suprimento de pessoal experiente e treinado em várias áreas, nas quais já trabalhavam no Egito, e muitos dos quais falavam mais de 6 línguas e alcançaram cargos de relevância em grandes indústrias nacionais e internacionais. Seus filhos (que chegaram a São Paulo em sua maioria entre 7 e 13 anos, como nos referimos no capítulo "Integração e Aculturação"), formaram-se em praticamente todas as profissões liberais e demonstram a vontade de adesão aos movimentos nacionais, aceitando a comunidade brasileira, como seu grupo de referência, como expomos e exemplificamos no capítulo "Integração e Aculturação".

Verificamos também que os imigrantes pertenciam a uma comunidade urbana, no Egito e assim, por este motivo e por já estar estabelecida em São Paulo a maior parte da comunidade asquenazita e sefaradita de outros países, escolheram São Paulo para fixar-se. Esclarecemos também que a maioria dos imigrantes era da classe média, ou média alta no Egito e que grande parte dos mesmos, aspirou e alcançou a ascensão sócio-econômica, integrando-se nas camadas média e alta da sociedade paulista.

Fora da parte ritual em sua sinagoga (na Congregação Mekor Haim), em sua vida cultural, os sefaraditas egípcios integraram-se, aos centros sociais, clubes e escolas asquenazitas, abertos a todos e onde criaram amizades com os asquenazitas, o que determinou um grande número de casamentos

entre sefaraditas egípcios e asquenazitas. Com o tempo diminuiu a separação entre os setores comunitários, em virtude destes casamentos e da influência exercida pela convivência e pelas escolas judaicas, onde estudam e educam-se junto com os asquenazitas. Esta integração na comunidade asquenazita, por um lado, transformou-os em membros ativamente participantes nas instituições judaicas asquenazitas e por outro impediu-os de manifestar uma expressão própria.

Dispusemos detalhadamente sobre a adaptação e a integração dos imigrantes e seus filhos e netos na nossa sociedade que incluindo imigrantes do mundo inteiro, molda-se e define-se como brasileira. Os sefaraditas egípcios acompanham as modificações que ocorrem na nossa sociedade. Se seus pais viviam no Egito, numa sociedade patriarcal à qual estavam adaptados, eles, em São Paulo, caminham junto com a sociedade geral, na formação da nova mentalidade, na qual, por exemplo, as mulheres estudam, trabalham e tem direitos no seio da família. A geração dos imigrantes tenta acompanhar as modificações e as gerações aqui nascidas, empunham nossas bandeiras nestas modificações. Devemos salientar que mesmo, os já idosos imigrantes, sentem-se brasileiros para todos os efeitos, pois sabem que no Egito, podem apenas lembrar (quando estão de visita) um passado doloroso, no seu final, no qual, não conseguem

encontrar-se mais. O ex-Presidente e Vice-Presidente da Congregação Mekor Haim, Sr. Ibram Salama relata:

“Visitei o Egito e disse que sou brasileiro e me perguntaram: como fala árabe, se é brasileiro? E eu respondi: Nasci aqui, vivi e trabalhei muito aqui e gostava muito do Egito, mas fui despejado daqui, como coisa que não se quer mais. Agora sou um bom brasileiro...”

Os imigrantes não conseguem ver-se, a si mesmos, ou a sua antes florescente comunidade, nos 29 homens e 38 mulheres que restaram em Alexandria, ou nos aproximadamente 100 que ainda vivem em Cairo que ainda segundo o Sr. Ibram Salama:

“Não são famílias; são pessoas sozinhas, velhos que só esperam a morte”.

Apesar de sua integração, a geração (hoje adulta) dos que eram os filhos (crianças) dos imigrantes, compreende que com o passar dos anos, eles estão perdendo rapidamente, sua herança sefaradita egípcia. A geração de seus pais está morrendo e com eles as tradições culturais e as

memórias do seu passado no Egito. Seus filhos (os netos dos imigrantes) não sabem quase nada sobre o passado de seus pais e seus avós. Daí nosso receio, ao interpretar as lembranças e os emocionantes testemunhos destas pessoas idosas que viveram no Egito os anos mais numerosos e mais felizes de suas vidas. Gostaríamos de acreditar que o fizemos despidos de nossa visão e sem ideologias e que analisamos os fatos sem convicções preexistentes.

Os imigrantes não estavam cientes que sua geração experimentou uma fase muito significativa, da história de uma importante comunidade sefaradita; uma experiência que deveria ser documentada. Tanto o drama que culminou no êxodo do Egito em nossa época e cujas circunstâncias traumáticas são desconhecidas para o grande público, quanto sua nova vida e a de seus descendentes, iniciada quase sempre do nada, num novo país, com novos horizontes, numa nova pátria.

Estamos convencidos que ainda há terreno a ser lavrado no futuro, no que tange às transformações que ocorrerão nesta, ainda "jovem" comunidade em São Paulo, porém queremos crer que a frase que é a motivação da Hagadá⁴: "há-Marbé le-saper bi-ysiat misrayim harey ze mešubah" (aquele que propaga a história do êxodo do Egito é digno de

⁴ Hagadá: em hebraico = narrativa, relato. É o livro que relata o êxodo do Egito (liderado por Moisés que teria ocorrido, segundo a pesquisa recente, aproximadamente na metade do séc. XIII a.C.) e que é lida na noite da Páscoa Judaica.

louvar), proporcione ao nosso trabalho, o modesto crédito de ter iniciado um capítulo novo na história deste segmento do povo judeu.

APÉNDICE DOCUMENTAL

THE AMERICAN JEWISH YEAR BOOK – 1900-1901
The Jewish Publication Society of America, Philadelphia

THE ALLIANCE ISRAËLITE UNIVERSELLE 45

THE ALLIANCE ISRAËLITE UNIVERSELLE

BY JACQUES BIGART, SECRETARY

The time has not yet come to give a detailed history of the *Alliance Israélite*, of its origin, its development, the influence it exerts on the Jewish world, and its rôle as educator and emancipator. It is difficult to describe completely and impartially its activities up to the present time. Events are still too close to us, and of the men concerned in them many are still living. These conditions are unfavorable to the calm, sure appreciation demanded by history.

The sphere of action of the *Alliance* is in a manner twofold. On the one hand, it is, as a rule, intimately connected with the great events that have affected Jewish life for forty years, its history thus being in general the history of Judaism. On the other hand, it has consummated a complete work in education, which now absorbs the greater part of its resources and activities, and which will certainly remain an incontestable title to the gratitude of posterity. The results already obtained justify the attachment which it inspires in the Jewish world, and this article, limited though its compass be, allows sufficient room to show the part which it has taken and still takes in the moral and material progress of Jews in the quarters where its work is carried on.

I

Some time before 1860, thoughtful Jews had been preoccupied with the idea of creating a society to undertake the defense of the rights of the Jews wherever attacked or de-

nied. As early as 1810, when Grönleux and Sir Moses Montefiore in the name of Occidental Judaism went to Egypt to obtain from Mehemet Ali the lives of the Jews of Damscens neensed of having killed Father Thomas, the few Jewish journals of the time discussed the project of a creation of this kind. Later, in 1858, when the child Mortara was taken from its parents by the agents of the Pope, the lack of such an organization in Judaism was still more perceptible. The necessity for the *Alliance* was felt, but the men of action were wanting who should realize the desires of the Jewish community. In May, 1860, some Jews of Paris, resolutely disregarding the difficulties in the way of their enterprise, decided to create the *Alliance Israélite Universelle*. The province of the Association is clearly outlined in the first article of the statutes:

Article I. The Society of the *Alliance Israélite Universelle* has for its aim:

1st. To work everywhere for the emancipation and moral progress of the Jews.

2nd. To lend effectual support to those who suffer through being Jews.

3rd. To encourage every publication intended to bring about this result.

The enthusiasm in certain circles of Jews and the resistance in others, aroused by this preliminary step, can hardly be described. The Jewish journals of 1860 echoed these two tendencies, and brilliant, polemical articles, violent in tone, which make odd reading nowadays, called public attention to the new society. It could have desired nothing better. The noise at its birth spread knowledge of it abroad, and it soon gained adherents. Naturally, it obtained its first

subscriptions at Paris and in France; gradually other countries followed, and in 1869, the number of members was already 11,500; in 1881, it was nearly 30,000. Since then it has slightly diminished.

The minimum annual dues are six francs:

The *Alliance* is governed by a Central Committee which meets at Paris, and consists of 23 members from Paris and 39 from outside of France, of whom 17 are from Germany, 1 from Austria, 2 from Hungary, 3 from Holland, 1 from London, 1 from Switzerland, 1 from Belgium, 6 from the United States, 1 from Italy, 1 from Denmark, 1 from Caracou, and 1 from Turkey. The members outside of France send written opinions on the questions discussed at the sessions of the Central Committee.

The Central Committee is elected by a majority vote of the members at large. Since 1893, however, there have been no public elections, and the places of members that have died or resigned have been filled by the method of co-optation—a method of voting preferred on account of the trying events through which Judaism in France and Germany is passing.

From the creation of the *Alliance* up to 1881 general public meetings had been held annually, sometimes at Paris, sometimes in other capitals of Europe. But unfortunately, anti-Semitism and national susceptibilities caused these annual celebrations to be relinquished, though they were interesting, and were followed with much pleasure by the members of the Society.

The Central Committee keeps in touch with the members through local or district committees. In France, Italy, and the United States, the local committees are in direct connection with the Central Committee. In the other countries,

THE AMERICAN JEWISH YEAR BOOK — 1914-1915
The Jewish Publication Society of America - Philadelphia

EVENTS IN 5674—FRANCE

181

EGYPT

GENERAL

SEPTEMBER 12. The Alliance Israélite Universelle, on intervention of Joseph de Piccolotto, decides to reverse its former decision to close schools in Alexandria.—FEBRUARY. At Alexandria, M. Schinast, formerly of New York City, sends one thousand pounds (\$5000) to Lord Kitchener, to cover cost of transporting the statue of Rameses to Cairo.—6. At Alexandria, Maître Anagnostopoulos lectures on "Ritual Murder Libel," denouncing it. Consul-General of Greece endorses his views.—MARCH. At Alexandria, protest meeting against blood accusation, called by Greeks and presided over by Greek Consul.—APRIL. At Cairo, twelve Jewish boys converted while inmates of French Missionary School.—JUNE 5. Chief Rabbi of Cairo writes to Jerusalem paper Ha-Herut, denying the conversion to Christianity of twelve Jewish boys, despite fact that Cattani Pasha and influential members of the community have given him proof; and also that as result of the conversion a small number of Jews left the Frères schools.

ELECTIONS

CAMPOR, ALFRED, Alexandria, re-elected councillor, Mch. 4, 1914.
VALENTIN, ———, Alexandria, re-elected councillor, Mch. 4, 1914.

Stillman, Norman A: "The Jews of Arab Lands in Modern Times"
The Jewish Publication Society of America – Philadelphia, New York, 1991

ANTI-JEWISH DEMONSTRATIONS IN EGYPT
ON THE PROPHET'S BIRTHDAY
(1938)

Tanta, May 14, 1938

No. 110

Alliance Israélite Universelle

Paris

Subject: *Anti-Jewish Propaganda*

Mr. President,

I have the honor to bring the following to your attention:

You know from my previous letters that our Egyptian coreligionists have been the objects of anti-Jewish agitation during the demonstration by the theology students of the Azhar, who were protesting against the Partition of Palestine.¹ I added that strong measures were taken to stop this malevolent campaign, which is inexplicable, since the Egyptian Jews have always had the greatest attachment to this country and have not ceased to work for its prestige and development with all the means at their disposal.

On the occasion of the Prophet Muhammad's birthday—the *mawlid al-Nabi*—processions were organized throughout all of Egypt. Taking advantage of these popular gatherings, an engineer from the Arsenal distributed anti-Jewish tracts. The Jews of Palestine, it was written there, are continually in conflict with the Arabs. They are assisted morally and financially by their coreligionists in this country. It is necessary for Muslims to boycott the Egyptian Jews who are in direct touch with their brothers in Palestine. This brochure was seized by the police, and the engineer who distributed it was taken into custody for questioning.

However, this arrest upset the Azharis, who, profiting from the Mawlid vacation, organized a demonstration yesterday morning after the religious ceremonies which took place at the Azhar University.

The demonstrators, who had at their head some Palestinian students, traversed the native quarters of Cairo with hostile cries against the Balfour Declaration and supporting Palestinian Arab claims. They moved in the direction of the Jewish Quarter in the Mouski² where a few minor scuffles took place. Since they refused to disperse despite the orders given by the authorities, the public force intervened and some of the demonstrators were arrested and held in police stations to be remanded to the Public Prosecutor.

Furthermore, in order to avoid an incident, significant police forces were posted in the Jewish Quarter of Cairo.

¹The demonstrations had begun in April. See, for example, Nassi's detailed letter of April 29, 1938, in AIU Archives (Paris) Egypte I.C.27. The partition of Palestine had been suggested almost a year earlier by the Peel Commission.

²The Muski is a quarter of Cairo containing Jewish and Christian neighborhoods. The Azhar lies right off its southeast boundary.

The most absolute calm reigns almost everywhere. However, anti-Jewish tracts were again distributed in Cairo, in the Ezbekiyya and Darb al-Ahmar quarters.³ The police were obliged to go ahead and make some arrests.

All of these facts constitute, one must admit, very serious symptoms. The Egyptian religious university youth is at this moment being worked upon without any doubt by foreign propaganda, which the Government's stringent investigation was quick to reveal. Let us point out that by a very significant coincidence, a similar demonstration was taking place in Beirut the same day.

Please accept, M. President, my expression of respect and devotion.

Nassi

AIU Archives (Paris)
Egypte I.C.27.

³Both quarters of Cairo. The Ezbekiyya lies just to the northwest of the Muski and the Darb al-Ahmar to the south of it.

1 A REVIEW OF ATTITUDES IN THE EGYPTIAN
PRESS TOWARD THE COUNTRY'S JEWISH
COMMUNITY IN LATE 1947

THE FOREIGN SERVICE
OF THE
UNITED STATES OF AMERICA

American Embassy
Cairo, Egypt, December 20, 1947

No. 3107
RESTRICTED

Subject: Egyptian Opinion on Role of Local Jews in Regard to Palestine

The Honorable
The Secretary of State,
Washington, D.C.

Sir:

I have the honor to refer to my airgram A-535 of October 13, 1947, concerning a statement by two prominent Egyptian Jews voicing opposition to Zionism¹ and to report an increasing volume of press and radio discussion here as to the position and role of the Jews in Egypt in regard to Palestine. Comment has ranged from plans for tolerance in two pro-government papers, *Al-Asas* and *Akbbār al-Yom*, which said that the Jews in Egypt are entitled to the same rights and protection afforded other citizens of this country, to the thinly veiled attacks and threats in the extremist Muslim Brotherhood's paper, *al-Ikhwān al-Muslimiyyūn*. Most of the comment in papers between these extremes has, however, been quite critical of the role of the local Jewish inhabitants.

For the past several months, *al-Ikhwān al-Muslimiyyūn* has been devoting a considerable amount of space to vituperative comment about the position of Egypt's Jews on the Palestine question. The themes developed by *al-Ikhwān* concern Zionist propaganda among the Egyptian Jews and demands by the Brotherhood that they contribute money to the Arab cause, meanwhile warning them of dire consequences if they aid the Zionists. The newspaper wrote on October 19, 1947, that "Zionists in Egypt spare no effort in spreading Zionist propaganda among the Egyptian Jews using the following media: newspapers and pamphlets, social clubs, meetings, sports clubs, and inducing the Jews to immigrate to Palestine by facilitating immigration." The paper listed the leaders of the Zionist movement in Egypt as "[I]bnurī] Ihim, the Director of the Société Orientale de Publicité, Yogo Mizrahi, the film producer, [Lt.] Colonel [Clement N.] Ades, formerly of the British Intelligence in Egypt, and Clement Circurel, nephew of [the]

¹Joseph and René Cattoui. See below.

proprietor of the famous shop which bears that name." the Zionists, it alleged, succeeded in recruiting the help of the Société Orientale de Publicité in publicizing Zionism. As this corporation controls only French and English language papers, the Zionists considered publishing an Arabic daily, *al-Sūnn* (The Sun), but this plan did not materialize, due to "the opposition of some Jews who were afraid of Egyptian public opinion."² *Al-Ikhwān* then said that Zionists had been able to "induce" officials of the passport department to give clearance to Jews desiring to enter Palestine.

A demand that the Arab League compel the Jewish residents of Arab territory to contribute money to the Arab armies appeared in *al-Ikhwān* on December 2. The paper charged that it had learned from "most reliable sources that Mr. Silverman, a senior official of the Jewish Agency, made a speech recently at Tel Aviv in which he stated that the Jews of Egypt had donated L.E. 10,000,000 to the new Jewish State." The Brotherhood's leader, Hassan al-Banna, appeared a few days previously to the Jewish citizens of Egypt asking them to prove their loyalty to the country by opposing Zionism. "We did not expect that they would do exactly the opposite thing and give their money, Egypt's money, to the Zionists," it said. *Al-Ikhwān* published a manifesto purportedly issued by al-Azhar students addressed to the Jews of Egypt on December 10, 1947, asking the Jews of Egypt to contribute "freely to save Palestine." The manifesto reminded Egyptian Jews of their declarations disapproving of Zionism and asked to prove their statements by sending money to the Arab League. Jews were warned against cooperating with Zionists or aiding Zionists who enter Egypt illegally. "If you follow this advice, your lives and property will be protected, and if you do not take our advice you will not be entitled to protection." However, the same issue carried another manifesto by the same group, stating the "sons of Israel were kicked out of Egypt by the Pharaohs, but the Zionists continue to dream about their lost empire." Egyptian Jews were asked to give money not only to save Palestine, but also Egypt from Zionism.

Al-Kaifa, the morning daily controlled by Mokram Ebeid Pasha, Coptic leader of the Waldist Bloc, took up the questions of sympathy and aid for Zionism among Jews in Egypt in its December 6 issue. Commenting on a denial issued by Yussuf Brey Cattoui and Deputy René Brey Cattoui that Egyptian Jews had sent L.E. 2 million to aid the Zionists in Palestine, the paper said, with fine disregard for their statement in *al-Abrām* on October 14, 1947 (reported in my airgram A-535 of October 13, 1947), declaring that the Jews of Egypt are opposed to Zionism, "These two Jewish gentlemen denied the report but said nothing in condemnation of Zionism. Is it too much to expect the Jews of Egypt to express their sympathy with the Arabs?"

²This Jewish paper, founded in 1934, attempted to be both pro-Zionist and pro-Egyptian. See Victor Nachmias, "El Shams—A Jewish Newspaper in Egypt, 1934-1948," *Prairie* 16 (1983): 128-41 [11cb].

The question of financial aid for the Zionists was also discussed during the period by *Sawat al-Umma*, pro-Wafdist paper, by *Akhbar Sa'a*, a pro-government weekly, and by *al-Sabah*, an independent weekly. The reported formation of a committee comprising Jewish financiers in Egypt who sympathize with Zionism was described by *Sawat al-Umma* in its October 25 issue. The committee, according to this story, was busy collecting one pound from every Jew in Egypt as a contribution to the Zionist cause in Palestine. The paper said that it refrained from publishing the names at the time in the hope that the individuals might adopt "a more decent attitude" and that, in the meantime, it was drawing the government's attention to "these destructive movements."

Akhbar Sa'a declared on December 10, 1947, that the Jews of Lebanon had contributed L.E. 10,000 and those of Iraq L.E. 300,000 for the Arab cause. "We have great admiration for these Iraqi and Lebanese Jews," the paper said, "but our feeling towards the Jews of Egypt is one of suspicion. The Chief Rabbi said that Egypt's Jews were true Egyptians and Zaki al-Oreibi Bey, the Jewish lawyer, declared at the court room that the Jews of Egypt abhorred partition, but we are still suspicious and so is the rest of Egypt." *Akhbar Sa'a* posed the argument since the Egyptian Jews share the rights, they must also share the responsibilities of the Egyptians. Disapproval of partition is not enough. "They must contribute money because money is the only weapon with which they know how to fight." *Al-Sabah* on the same day wrote that the Arabs have documents which clearly prove that the Zionists of Egypt send six million pounds every year to the Zionists of Palestine. The names of contributors were said to be known and would be published in due course.

In mid-December, *Misr al-Fatat*, organ of the Young Egypt group, demanded that Jewish residents of this country be arrested and their property confiscated since Egypt is in "a state of war with the Zionists" and since it alleged there are Zionists among Jews in Egypt. No other cause or reason of this extreme recommendation was given. About the same time *al-Katib* said that Jews residing in Egypt should be registered and disarmed by the police.

In contrast to the foregoing attacks, both *al-Azhar*, which is regarded as the mouthpiece of Prime Minister Nokrashy Pasha, and *Akhbar al-Yom*, an important pro-government and pro-Palace weekly, defended Egypt's Jews. *Akhbar al-Yom* on November 29 said the Government would protect Jewish life and property in Egypt and that it would deal very severely with any person who agitates against Egyptian Jews. "We must," it said, "differentiate between Jews and Zionists." *Al-Azhar* in an important article on December 12 criticized the way in which it said some newspapers are attempting to put the Egyptian Jews in an awkward position. Giving wide publicity to the report that the Jews of Iraq had contributed half a million pounds for the defense of Palestine was, it said, "grossly unfair to the Jews of Egypt who constitute a minority and who are entitled to the full protection of the

government and a courteous treatment at the hands of the majority." *Al-Azhar* continued that whether or not the Jews of Egypt are Zionists, the Egyptians cannot punish people for the "possible feelings which they may be hiding inside themselves. . . . So long as the Jews of Egypt do not say or do anything in support of Zionism, they must in no way be molested, embarrassed, or annoyed."

Continuing with probably the most reasonable comment on the Zionist question which has appeared in the local Arabic press for some time, *al-Azhar*, over the signature of Ibrahim Abdul Kader el-Mazni, said that "it is at once illogical and unfair to expect a Jew to help fight another Jew who is trying to establish a national home to which he can immigrate if he had no. Every Jew is in favor of a Jewish State. This is only natural and it is absurd to imagine that the Jews in Egypt or in other Arab States are against the establishment of a Jewish State. It is therefore wrong to embarrass the Jews in the way they have been embarrassed lately by the Arabic newspapers. So long as they abide by the law and do not say or do anything that hurts our feelings one should have nothing against them. No decent Arab who has pure Arab blood in his veins should ask the Jews to contribute money in aid of the Palestine Arabs. In our opinion, Egypt is a civilized country, and our civilization is the oldest in the world. Our traditions and religion should deter us from embarrassing the Jews by demanding that they should contribute money for the Arab cause."

Al-Ikhwān al-Muslimiyyūn lost little time in criticizing this stand by *al-Azhar*. Referring to Ibrahim el-Mazni as "the advocate of the Jews," the Muslim Brotherhood paper on December 14 said it was only asking Egypt's Jews to prove their loyalty by contributing money and not by fighting to save Palestine. Since it was asking the same of Egypt's Muslims and Christians, *al-Ikhwān* could not see why such a request should embarrass the Jews. Replying to *al-Azhar*'s argument that Egypt's traditions should prevent her from making demands on the Jews, Sheikh Hassan al-Banna's paper proclaimed that, "We have great traditions, but there is nothing in our religion that says that we should protect the Jews and forfeit our liberty and dignity. The writer of *al-Azhar*'s article says that he is not in the pay of the Jews. Ha, Ha, Ha! His words sound very much like the jingling of Jewish gold."

The Grand Rabbi of Egypt, Haim Nahoum Effendi, in a probable attempt to capitalize on the relatively small degree of existing sentiment favoring tolerance, declared in a broadcast in Arabic from Cairo on December 3 to the Egyptian Israelite community that the Jews of Egypt are part of the Egyptian nation, protected by the King and Government, and that, consequently, the Jewish community will model its attitude on that of the Egyptian nation. The Grand Rabbi was reported to have said, "I ordered religious services to be held, and instructed the members of our community to cooperate fully with their Egyptian brothers in these critical times." In this connection it may be of interest to recall the Grand Rabbi's statement last year that the Jewish community in Egypt lives in entire harmony with

other elements of the population and feels perfectly secure under the protection of the King and his Government, which was reported in my dispatch no. 1976 of November 13, 1946. The Grand Rabbi added at that time that neither in Egyptian law nor its administration is there any tendency to discriminate on religious or racial grounds.

Underlining the as yet uncertain and insecure position of the Jews in the Middle East, however, the Palestine Government radio station at Shua'ab al-Adna, located about 12 miles from Jerusalem, broadcast in Arabic on December 7 that the situation of the autochthon Jews in the Near East was still a matter of doubt. "In spite of statements and declarations in which they denounce Zionism, the Arab League countries may ask them yet to define their attitude once and for all toward Zionism."

Respectfully yours,
For the Ambassador:

Jefferson Patterson
Counselor of Embassy

National Archives (Washington)
RG 59 867N.01/12-2047.

THE SEPHARDI
Central Sephardic Jewish Community of America, Inc.
December 1948; New York; N.Y.

THE SEPHARDI

Estimate Million Sephardi in Moslem World

(Continued from page 6, col. 3)

tributed in over 250 localities, in the big cities as well as in small villages. Religious matters are the responsibility of the "Cultuelles" which are under the jurisdiction of the Central Israelite Consistory of France and Algeria, while welfare activities are being carried on by a large number of private agencies.

Important in Egypt

EGYPT — The kingdom of Egypt has a Jewish population of 75,000, of whom 36,000 reside in and around Cairo, and over 25,000 in the governorate of Alexandria. About 5,000 Karaites also reside in Egypt with their own community organizations. Some Egyptian Jews have become men of great importance financially and in the government. As a consequence of the extremely nationalistic feelings in Egypt against Great Britain, as well as against the Jews in Palestine, violent press campaigns have incited to bombings, etc. The unsuccessful war against Israel has caused mob violence to flare into the open; more than 100 Jews have been cruelly killed, many more wounded. The official attitude has been not to interfere with the mobs, but special discriminatory legislation was enacted against "foreign" Jews, some of whom may have lived in Egypt for generations.

LIBYA — The Libyan Jews, according to the 1931 census, numbered about 26,000, over 21,000 of whom reside in Tripolitania (mostly in Tripoli and Benghazi), and over 3,000 in Cyrenaica, with some Jews also inhabiting the southern and Senussi territories.

The anti-Jewish legislation of fascist Italy, introduced in 1938, was

abolished after liberation in 1943. The rabbinical tribunals take care of religious and family matters among Libyan Jewish citizens, while the Italian Jews and foreign Jews residing in Libya can use these rabbinical tribunals if they wish to do so.

MOROCCO — In 1946 a census was held in Morocco which showed 286,000 Jews living in this sultanate; 80,000 thereof live in Casablanca, 18,000 in Marrakesh, 16,000 in Fez, 15,000 in Meknes and 12,000 in Rabat. This compares with a Jewish population in 1931 of 120,000 and reveals the Moroccan Jews as having the highest rate of reproduction of any Jewish group in the world today. As to their communal organizations, the Jews in Morocco have enjoyed the right of electing their representatives only since 1945.

SPANISH MOROCCO AND TANGIERS — In Spanish Morocco, the Jews are, on the whole, less well off than those under French sovereignty. They are not discriminated against by the Franco regime. The Jews of Tangiers comprise some very wealthy and very orthodox families.

TUNISIA — The Jewish population of Tunisia, which is ruled by a Bey under a French Resident-General, numbers about 70,000, divided as follows: 45,000 in Tunis, 5,500 in Sfax and 5,000 in Sousse. Only recently Tunisian Jews have begun to organize their community functions.

Agencies in the Field

The first Jewish agency and the most active one in the Moslem orbit is the Alliance Israelite Universelle, which has been operating since 1860, with headquarters in Paris. Its main effort was directed toward a proper

Jewish and secular education of the young generation, with a certain emphasis given to the French language and preparing the students, both male and female, for their future work as farmers, artisans, teachers and public officials of their respective communities.

The JDC has also given emergency help after incidents of anti-Jewish violence as, for instance, the riots in Aden (\$127,000), the pogrom in Aleppo, Syria (\$10,000), and in Libya. The JDC also has under advisement at the present time a comprehensive plan for larger assistance to the Jewish communities in the Moslem world.

Israel Takes Interest

The Jewish Agency for Palestine and the present Government of Israel are also taking a very active interest in these Sephardic communities. The largest compact Sephardic group in Palestine resides in Jerusalem. In the years 1919-45, 22,000 Sephardim immigrated to Palestine (besides 15,000 Yemenites), compared to 290,000 Ashkenazim. The proportion of immigrants coming from oriental communities rose considerably during the last war. The Sephardic community now also has one of its members, Mr. B. Sheetreet, in the Israeli Government as Minister of Police and National Minorities.

The Jewish Agency has regularly allocated certificates and otherwise aided in the emigration from these oriental countries.

The World Jewish Congress has been taking up the cudgels in support of these Sephardic Jews, both by immediate relief action and through appeals to such international bodies as the Economic and Social Council of the UN.

CENTRAL SEPHARDIC JEWISH
COMMUNITY OF AMERICA, Inc.
225 W. 34th St., New York 1, N. Y.



Stillman, Norman A: "The Jews of Arab Lands in Modern Times"
The Jewish Publication Society of America – Philadelphia, New York, 1991

THE INTERNAL CONFLICT OF A LEADING
EGYPTIAN JEWISH BUSINESSMAN AT THE TIME
OF THE FIRST ARAB-ISRAELI WAR
(1948)

... When war was declared between the Arab countries and the State of Israel, I found myself at the meeting in Paris with this banker. Instead of returning to Egypt, I waited in France for events to unfold.

Egypt had sequestered the property of the greater part of the Jewish population, and numerous individuals were sent to concentration camps for long periods. The official circles knew of my Jewish and Zionist activity, and my name was found, naturally, to be among those persons who were targeted. However, I was spared.

I learned later that it was Nuqrāshī Pasha, then Prime Minister, who had himself crossed my name off these lists. I was, therefore, not bothered at all during this period, because Nuqrāshī Pasha had always had, as I have just said, a friendly attitude, appreciating the services that I had rendered the country.

I received regular reports in Paris on the activity of the bank and of the subcompanies that I had created.¹

After a few months' stay in France, the president of the board of directors of the bank, 'Abd al-Rahmān al-Biyālī Bey, came to find me and invited me to come back to Egypt, assuring me that I would not be subject to any vexation.

For my part, I had wanted at this moment to chuck everything and move to Israel. I had met in Paris and Geneva with numerous Israeli personalities, all of whom encouraged me to come to Israel, knowing my feelings and all that I had done during the war for the institutions and for Jewish soldiers.² One of these personalities, the most important, said to me one day at the Geneva airport where I ran into him: "Don't hesitate to come to our home—or rather, to your home—the future of the Jews in the Arab lands is not certain. In Israel, all the posts are vacant. We need people like you. You could choose whatever branch of activity you would want, and you would succeed in Israel, just as you did in Egypt."

I was shaken by these words, all the more so because my own personal feelings were pushing me to follow this advice. I remembered the words that the Israeli journalist had said of me: "Īsh she-nōlad Siyyōni." Could "a

¹ Politi was the head of a syndicate that took over the Commercial Bank of Egypt. See E. I. Politi, *L'Égypte de 1914 à "Suez"* (Paris, 1965), p. 159.

² As president of the B'nai B'rith Lodge of Alexandria during World War II, Politi oversaw all Jewish communal works, including the Cuisine Populaire (a soup kitchen), the Jewish Club for Servicemen, and the Hatikva Club for Palestinian soldiers. See *ibid.*, pp. 197–98, *passim*.

man who was born a Zionist" at the very moment when the millennial dream was being realized, at the very moment when the Promised Land was becoming "Our Land," could he keep out of the way of this historic movement which was going to mark the twentieth century by an act of supreme justice? I did not think so. I knew that my duty was to go without delay, and I failed in my most elementary duty. Torn between my personal sentiments and what I believed to be my duty toward those interests that had been confided in me, I lived a Corneillian drama during those weeks, not knowing what decision to make.

The arrival of the bank president in Paris tipped the balance in favor of my return to Egypt. Thus I went back to Cairo where I was wonderfully received at the airport by my colleagues and my Egyptian friends.

Work, with its habitual rhythm, brought me back into an atmosphere that was the tangible proof of the general appreciation for what I had accomplished up to that time.³

E. I. Politi, *L'Egypte de 1914 à "Suez"*
(Paris, 1965), pp. 240-42.

³Politi remained in Egypt until 1956, when his citizenship was revoked, his assets were sequestered, and he was expelled from the country. See *ibid.*, pp. 276-79.

Stillman, Norman A: "The Jews of Arab Lands in Modern Times"
The Jewish Publication Society of America – Philadelphia, New York, 1991

EXTRACTS FROM BRITISH EMBASSY REPORTS ON
ATTACKS ON JEWS AND FOREIGNERS IN EGYPT
DURING THE FIRST ARAB-ISRAELI WAR
(1948)

IMPORTANT.
CONFIDENTIAL.

Addressed to Foreign Office telegram No. 1075 of July 19th repeated for information to Amman, Bagdad, Beirut, Damascus, Jedda, and Jerusalem.

Air raid on Cairo.

There was an air raid alert on the evening of July 17th. Heavy A. A. fire was heard but no bombs were dropped and it is doubtful if any aircraft were actually over Cairo.

On July 16th violent anti-Jewish speeches were delivered by members of "Ikhwan El Muslimeen"¹ after Friday prayers, and "Ikhwan" were evidently doing their best to incite the population against the Jews as a whole "Not only the Zionists" as being responsible for previous bombing of Cairo.² It was thus not surprising that during and after the alert attacks were made in various parts of Cairo on individual Jews and also on a number of Christian foreigners. Three Egyptian Jews and two others, probably Egyptian Jews, are known to have been killed. Two Frenchmen and several Greeks, Italians, Yugoslavs, and Americans were injured, the Frenchmen seriously.

Coincidence of Palestine situation with Ramadan³ makes the ground particularly fruitful for incitement to fanaticism, and it would not take much to provoke large-scale mob attacks on Christians and Jews alike.

23rd July, 1948.

The state of tension in Cairo which followed the air raid reported . . . in my⁴ telegram No. 116 . . . mounted higher as the result of air raid alarms on 17th and 19th July. On the latter occasion the alarm sounded some twenty minutes after a violent explosion had seriously damaged two Jewish department stores in the center of Cairo and done extensive damage to other commercial premises in the vicinity. During this period groups of students and the riffraff of Cairo indulged in Jew-hating and assaults on a considerable number of foreigners, including British, causing deaths and injuries. In addition, an orgy of looting followed the explosion on the night of 19th July. Even a number of fair-skinned Egyptians have not escaped molestation in

¹Ar., *al-Ikhwān al-Muslimūn*, the Muslim Brethren (Muslim Brotherhood).

²On July 15, the Israeli air force bombed Cairo and Alexandria in retaliation for Egyptian bombings of Tel Aviv.

³The Muslim holy month of daytime fasting fell that year between July 8 and August 6.

⁴Sir Ronald Campbell, the British ambassador.

the streets by students and others who have mistaken them for Jews. I have made strong representations to the Minister for Foreign Affairs about the attacks on British subjects, and I have protested to the Prime Minister against the suppression by the censorship of a statement which I caused to be distributed to the press on the subject of my interview with Khashaba Pasha.⁷ My Oriental counselor had an interview with the Under Secretary of State for Interior on 21st July and obtained an assurance that every effort would be made to suppress further disorders of this kind and to ensure the security of British subjects and other foreigners. Although it is fairly obvious that the explosion outside the Cicurel store⁸ on 19th July must have been caused by a bomb or mine placed on the spot, the Egyptian Prime Minister has publicly ascribed it to the dropping of an aerial torpedo from a Jewish aircraft. It is not yet known, however, whether he intends to register this incident as a violation of the cease-fire arrangement which entered into force on the previous day. At all events, the censorship has prevented the publication of any reports deviating from the supposition that an aerial torpedo dropped by an aircraft caused the explosion.

31st July, 1948.

There was an air raid alarm in Alexandria on 25th July, but no bombs were dropped and no serious incidents have been reported in connection therewith. It is reported by S. S. R. that members of the Moslem Brethren Society were distributing pamphlets in Cairo on 22nd and 23rd July exhorting the public to boycott Jews and generally to make life unbearable for them.

In accordance with a newly issued military proclamation, Jewish families living in the immediate vicinity of Abdin Palace,⁹ army establishments, the Arab League headquarters, etc., have been given three days' notice to quit their dwellings. This measure, if strictly enforced, will cause hardship to those evicted owing to the impossibility of finding other accommodations at short notice and at prices within their means. Only one British family is involved, and the Acting British Consul-General has taken up their case with the Governorate.

... On 28th July an explosion occurred in the drapery store of Messrs. David Ades and Son,⁸ Cairo, doing minor damage and causing only slight casualties. According to the press, a disgruntled ex-employee of the firm, stated to be a Jew, has been arrested on suspicion of being responsible for this incident, but the truth is not yet known. The police succeeded in maintaining order in the street on this occasion.

PRO (London)
FO 371/69259 and 69182.

⁷ Ahmad Muhammad Khashaba, the minister of justice.

⁸ One of Cairo's largest department stores owned by Jews.

⁹ The royal residence.

⁸ Another major Jewish-owned business.

In: ROUMANI, Maurice M.: "The Case of the Jews from Arab Countries: A Neglected Issue"; World Organization of the Jews from Arab Countries (WOJAC); Isratypeset; Tel Aviv; 1978

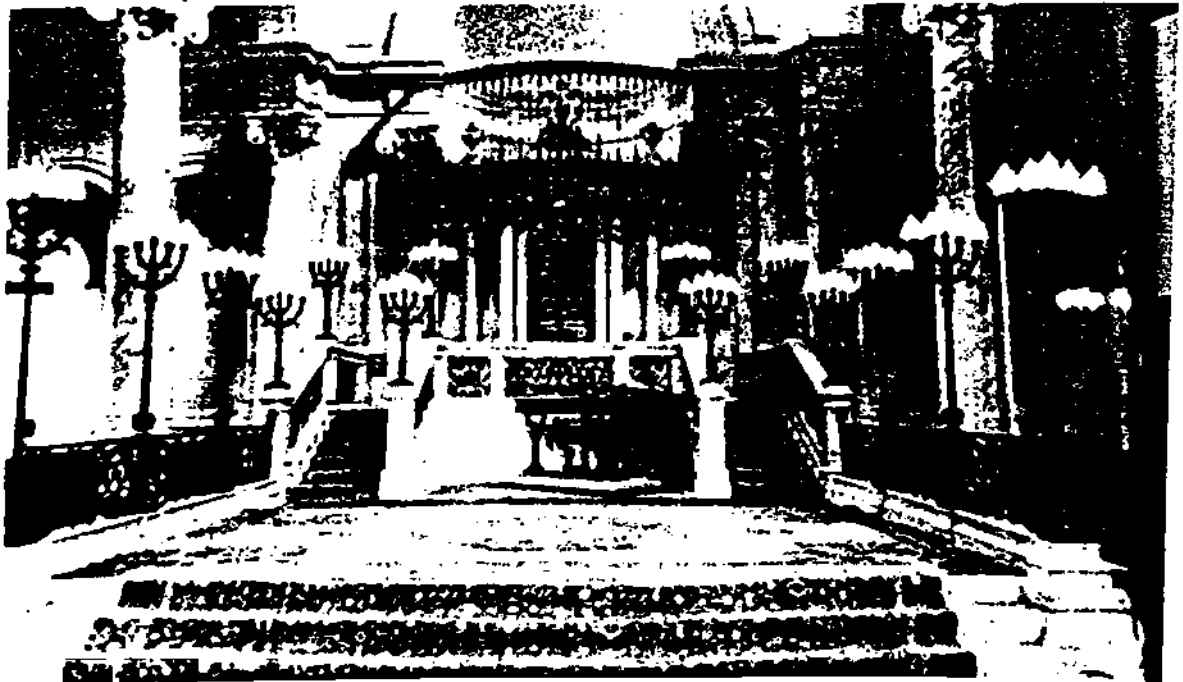


The *Al-Ustad* synagogue in Cairo, one of the oldest and largest synagogues in the Jewish quarter.

Stillman, Norman A: "The Jews of Arab Lands in Modern Times"; The Jewish Publication Society of America – Philadelphia, New York, 1991



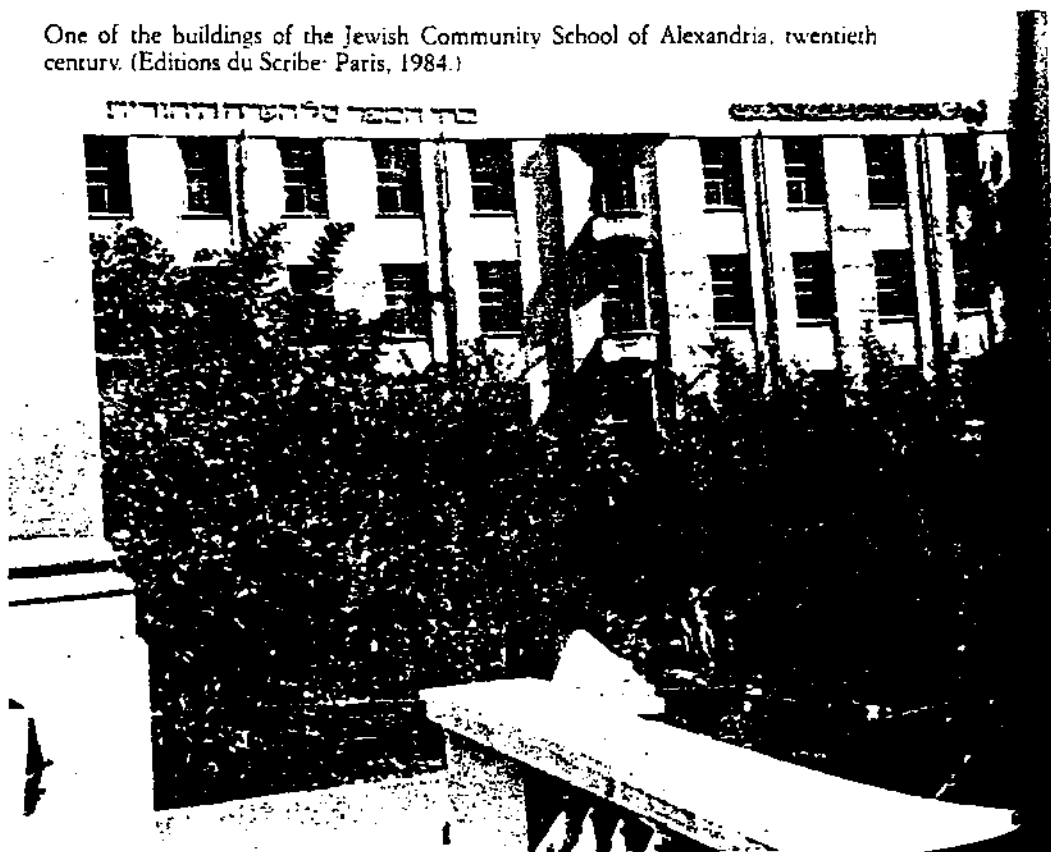
A commercial street with Jewish shops in Cairo's Muski District, alongside the Hārat al-Yahūd (Jewish Quarter), early twentieth century. (*Juifs d'Egypte: Images et Textes*. Editions du Scribe: Paris, 1984, p. 47.)



Interior of the Eliyahu Hannabi Synagogue, looking toward the ark. The building was inaugurated in 1850 and enlarged considerably in 1865. (*Juifs d'Egypte: Images et Textes*. Editions du Scribe: Paris, 1984.)

Stillman, Norman A: "The Jews of Arab Lands in Modern Times"; The Jewish Publication Society of America – Philadelphia, New York, 1991

One of the buildings of the Jewish Community School of Alexandria, twentieth century. (Editions du Scribe: Paris, 1984.)



Stillman, Norman A: "The Jews of Arab Lands in Modern Times"; The Jewish Publication Society of America – Philadelphia, New York, 1991



Portrait of an Egyptian Jewish girl, dressed for a modernist religious initiation ceremony (confirmation), Alexandria, 1927. (*Juifs d'Egypte: Images et Textes*. Editions du Scribe: Paris, 1984.)

Jewish girls' basketball team, Cairo, in the 1930s or 1940s. (*Juifs d'Egypte: Images et Textes*. Editions du Scribe: Paris, 1984.)





ABOVE LEFT: Jacob Cattaoui Bey (1801–1883), patriarch of a dynasty of Egyptian Jewish bankers, courtiers, and communal leaders. (Jacob M. Landau, *Jews in Nineteenth-Century Egypt*. New York University Press: New York and London, 1969, Fig. 18.)

ABOVE RIGHT: Joseph Aslan Cattaoui Pasha (1861–1942), member of the committee that drafted Egypt's first constitution, minister of finance in 1924, and minister of communications in 1925. (*Juifs d'Egypte: Images et Textes*. Editions du Scribe: Paris, 1984.)



Albert Mosseri (1867–1933), founder of the pro-Zionist Egyptian Jewish newspaper, *Israël*. (Jacob M. Landau, *Jews in Nineteenth-Century Egypt*. New York University Press: New York and London, 1969.)

Stillman, Norman A. "The Jews of Arab Lands in Modern Times"; The Jewish Publication Society of America – Philadelphia, New York, 1991

ARQUIVO HISTÓRICO JUDAICO BRASILEIRO
Prof. Dr. Nachman Falbel

FEDERAÇÃO DAS SOCIEDADES
ISRAELITAS BRASILEIRAS DO
ESTADO DE SÃO PAULO

AL. BARÃO DE LIMEIRA, 270
TELEFONE 81-3017
SÃO PAULO

ASSISTENCIA SOCIAL

COMITÊ UNIDO DO EST.S.PAULO PARA
AUXILIO AOS REFUGIADOS

Cf.º 90 /57

São Paulo, 25 de Fevereiro de 1957.

Ac
Ilmo.Snr.
José Campos
Caixa Postal, 4744
Rio de Janeiro



Prezado Senhor

Apráz-nos endereçar a V.Sa. nossos melhores agradecimen-
tos pelo generoso donativo de CR\$4.000,00 (Quatro mil cruzeiros), anexan-
do recibo da mesma importância, que ofertou por intermédio, do Sr.Rabi-
no Menachem Dizendruck, em prol dos judeus aqui refugiados, aos cuidados
do Comitê Unido do Estado de São Paulo.

No ensejo, reiteramos nossos protestos de estima e con-
sideração.

Atenciosamente

Comitê Unido do Estado de São Pau-
lo para Auxílio aos Refugiados.

GRAND-RABBINAT
D'ALEXANDRIE

جامعنا الشكر

הרבנות הראשית
אלכסנדריה

Alexandrie, le 13 Mars 1957

ARQUIVO
NACHMAN FALBEL

Son Eminence

LE GRAND-RABBIN DE SAO-PAULO

SAO-PAULO

BRESIL



Eminence,

Je me permets d'introduire auprès de vous le porteur de la présente Mr. JOSEPH TAMAM qui a l'intention de s'installer au Brésil.

J'espère qu'il sera possible à Votre Eminence de lui accorder toute l'assistance morale et autre dont il aurait besoin pour l'aider à surmonter les difficultés de son installation dans un pays étranger. Je suis sûr qu'il pourra compter sur votre amabilité et en vous remerciant à l'avance, je vous prie d'agréer, Eminence, l'assurance de mes sentiments les plus distingués.

Le Grand-Rabbin d'Alexandrie

Handwritten signature of the Grand Rabbi of Alexandria



GRAND RABBIN
D'ALEXANDRIE

جامعة الاسكندرية

הרבנות הראשית
אלכסנדריה

Alexandrie, le 4 Octobre 1957



Son Eminence
Le Grand-Rabbin de Sao Paulo

Sao Paulo
B R E S I L

Eminence,

J'ai le plaisir à introduire auprès de votre Eminence le porteur de la présente, Mr. Maurice Braunstein et son épouse Mme Fortunée Braunstein, née Rosenberg, qui s'installent au Brésil.

Mr. Maurice Braunstein a servi pendant plusieurs années en tant qu'économiste, le Lycée de l'Union Juive pour l'Enseignement, Institution scolaire qui comptait un millier d'élèves.

Mr. Maurice Braunstein quittant définitivement l'Egypte, nous sommes certain que, grâce à votre bienveillant appui, le précité rencontrera auprès de votre Eminence non seulement un réconfort moral, mais également et surtout une aide qui lui permettrait de trouver du travail. C'est un excellent élément, connu pour son honnêteté, sa probité et ses capacités administratives.

Avec nos vifs remerciements, je vous prie d'agréer, Eminence, l'assurance de ma plus distinguée

LE GRAND RABBIN D'ALEXANDRIE



Aron Angel
(Aron Angel)

UNITED HIAS SERVICE

RUA CONSELHEIRO NEBIAS, 117 - 2.º - Ap. 21/24

SÃO PAULO - BRASIL

Cable Address: UNITEDHIAS

Telefon: 35-8394

World Headquarters
425 Lafayette St.
New York 9, N. Y.



Latin American & Brazil
Headquarters
22, Barão de Flamengo
Rio de Janeiro - Caixa Postal 10

São Paulo, 22 de Julho de 1959

Ilmo. Sr.
Rabino Dr. Menachem Diesendruck
Av. Brig. Luiz Antonio, 1195-5º and, apto. 54
N e s t a

Prezado Rabino Dr. Diesendruck :

Pelo Programa Provável anexo,
V.S. poderá se inteirar de que o tema :

"Inícios da Participação da Comunidade"

foi posto a discussão neste Congresso. Creio que V.S., por causa da sua atividade e interesse acentuados neste setor da Integração dos Imigrantes, está altamente qualificado para apresentar uma tese sobre o assunto. Peço-lhe, pois, por meio desta, de nos apresentar uma palestra de aproximadamente 15 minutos, sobre o que penso que provavelmente mais lhe possa interessar, a saber :

"Inícios do Trabalho para Integração de Imigrantes
em São Paulo"

especialmente nas áreas em que V.S. e a Comunidade Sefaradi co-operaram.

Peço a V.S. fazer a sua palestra, se esta hora lhe for conveniente, por volta das 9hs.30 da manhã. Caso contrário, queira comunicar a melhor hora de sua preferência para Sr. Risk, United Hias Service, tel. 35-8394, afim de avisá-lo se V.S. aceita este encargo.

Na expectativa de sua prezada comunicação a respeito, subscrevo-me

Mui atenciosamente,

Susanna Frank
Presidente,
Congresso Brasileiro
sobre
Integração de Imigrantes



**FONTES PRIMÁRIAS:
MANUSCRITAS, PERIÓDICOS E ORAIS**

1. FONTES PRIMÁRIAS: MANUSCRITAS, PERIÓDICOS E ORAIS

AMERICAN JEWISH ARCHIVES - Cincinnati - Ohio: Seção de Jornais e Periódicos Sefaraditas e Documentos Oraís (entrevistas gravadas - história Oral sobre imigração e imigrantes) e escritos (cartas, história de Congregações sefaraditas, correspondência rabínica e secular sobre questões sefaraditas e sobre problemas de refugiados, etc...) e trabalhos selecionados publicados.

ARQUIVO DO CENTRO HISTÓRICO DO IMIGRANTE, da Secretaria do Trabalho e da Promoção Social do Estado de São Paulo: Fichas dos imigrantes que passaram pela "Casa do Imigrante" e listas de bordo.

ARQUIVO HISTÓRICO JUDAICO BRASILEIRO: cartas do Rabinato de Alexandria ao Rabino Diezendruck de São Paulo, apresentando e pedindo apoio moral para imigrantes; cartas da United HIAS Service, a respeito dos imigrantes do Egito; cartas do Comitê Unido do Estado de São Paulo para Auxílio aos Refugiados do Egito.

BUTTLER LIBRARY DA COLUMBIA UNIVERSITY, New York: Seção de Periódicos sobre o Oriente Médio.

KLAU LIBRARY DO HEBREW UNION COLLEGE - Cincinnati - Ohio: Seção de Periódicos Sefaraditas.

PUBLIC LIBRARY - Jewish Division, New York: Seção de Periódicos Sefaraditas.

SEPHARADIC ARCHIVES (do Sephardic Community Center), New York:
Seção de Periódicos; seção de Biografias Orais (sobre a história dos sírios,
libaneses e egípcios e suas músicas religiosas não litúrgicas) e Seção de fotos
e artefatos que ilustram o "background" de vários grupos regionais do Oriente
Médio.

TEACHERS COLLEGE LIBRARY DA COLUMBIA UNIVERSITY, New York:
Seção de Periódicos sobre o Oriente Médio.

YESHIVA UNIVERSITY LIBRARY, New York: The Sephardic Reference Room,
Seção de Periódicos Sefaraditas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

2.1 Periódicos

"American Jewish Historical Society" (New York, N.Y.).

"American Jewish Yearbook" (New York; Philadelphia).

"ASF News Buletin" (American Sephardi Federation) (New York, N.Y.).

"Escudo" (Caracas).

"haOlam haSfaradi" (O mundo Sefaradita) (New York, N.Y.).

"Hebrew Union College Annual (Cincinnati - Ohio).

"International Journal of Middle East Studies" (New York; London).

"Jewish Social Studies" (New York, N.Y.).

"Journal of Jewish Studies, The" (London).

"Michael-Maasaf le-Toldot há-Yehudim ba-Tfusot" (Coletânea sobre a História dos Judeus na Diáspora) (Universidade de Tel-Aviv, Israel).

"Middle East Annual, The" (boston, Mass.).

"Middle East Contemporary Survey" (Tel-Aviv University, Israel).

"Middle East Record" (Tel-Aviv University, Israel).

"Middle Eastern Studies" (London).

"Midstream" (a monthly Jewish Review. New York, N.Y.).

"Proceedings of the Union of American Hebrew-Congregations" (New York, N.Y.).

"Sefardica" (Buenos Aires).

"Sephardi, The" (New York, N.Y.).

"Sephardic Schoiar, The" (New York, N.Y.).

"Sephardic Views International" (Brooklin, N.Y.).

"Sephardic Voice of America" (New York, N.Y.).

"Sephardic World, The" (New York, N.Y.).

"Yahadut Zmaneinu" (Judaísmo Contemporâneo) Anuário para estudo e pesquisa (Universidade Hebraica de Jerusalém, Israel).

"Yeshiva University Sephardic Bulletin" (New York, N.Y.).

2.2 Livros, Artigos e Teses

**ABDO, Ali Ibrahim & KHAIRIEH, Kasmieh: "Jews of the Arab Countries",
Palestine Liberation Organization (O.L.P.) Research Center, Beirut,
1971.**

**ABEL, Armand: "Le Monde Arabe et Musulman", Edit. Meddeus, Bruxelas,
1968.**

**ALROY, Gil Carl (ed.): "Attitudes Toward Jewish Statehood in the Arab
World", American Academic Association for Peace in the Middle East,
New York, 1971.**

**AL-SHEREIDAH, Mazhar: "Árabes-História-Religion-Ideologia", Edit. Vadell
Hermanos, Valencia, 1982.**

**ANGEL, Marc D. : "Studies in Sephardic Culture: The David N. Barocas
Memorial Volume", Sepher Hermon Press for the Foundation for the
Advancement of Sephardic Studies and Culture, and Sephardic
House at Congregation Shearith Israel, New York, 1980.**

**ASHTOR, Eliyahu: "Toldot ha-Yehudim be-Misrayim ve-Suria Tahat Silton
ha-"Mamlukhim"" (A História dos Judeus no Egito e na Síria sob o
domínio dos Mamelucos), Mossad ha-Rav Kuk, 3 vols., Jerusalém,
1944-70.**

ATIYAH, Edward: "The Arabs", Pelican Books, London, 1955.

**AVNI, Haim: "North American Books on Latin American Jewry", Studies in
Contemporary Jewry, vol. II (ed. Peter Medding) published for the**

**Institute of Contemporary Jewry by Indiana University Press,
Bloomington, 1986.**

**BAER, Gabriel: "A History of Landownership in Modern Egypt, 1800-1950",
Oxford University Press, London, New York, 1962.**

**BAER, Gabriel: "Meqarot le-Toldot há-Mizrah há-Tikhon he-Hadiš"(Fontes
para a História do Oriente Médio Moderno), Mifalim Universitaiyim le-
Hosaa la-Or (Empresas Universitárias de Publicação), Tel Aviv, 1971.**

**BAER, Gabriel: "Population and Society in the Arab East" (translated from
the Hebrew by Hanna Szöke), Praeger, New York, 1964.**

**BAER, Gabriel: "Studies in the Social History of Modern Egypt", University
of Chicago Press, Chicago, 1969.**

**BAR-ASHER, Shalom: "ha-Yehudim be-Africa ha-Sfonit u-ve-Misrayim" (Os
Judeus no Norte da África e no Egito), in: Toldot ha-Yehudim be-
Artzot ha-Islam (A História dos Judeus nos Países Islâmicos), vol. I;
Editor Shmuel Ettinger, publicação do Mercaz Zalman Shazar,
Jerusalem, 1981.**

**BARNETT, Richard David editor: "The Sephardi heritage: essays on the
History and Cultural Contribution of the Jews of Spain and Portugal",
Ktav Pub. House, New York, 2 vols., 1971.**

**BARON, Salo W. e A. KAHAN: "Economic History of the Jews", N. Gross,
New Jersey, 1975.**

**BARON, Salo Wittmayer: "A Social and Religious History of the Jews", The
Jewish Publication Society of America, Philadelphia, 1956.**

- BARON, Salo Wittmayer:** "Ancient & Medieval Jewish History", Rutgers University Press, New Brunswick, N.J., 1972.
- BASTIDE, Roger:** "Introdução a dois estudos sobre a técnica das histórias de vida", in: Sociologia, vol. XV. nº 1, São Paulo, março 1953.
- BATATU, Hanna:** "The Egyptian, Syrian and Iraqi Revolutions", Center for Contemporary Arab Studies, Georgetown University, Washington, D.C., 1983.
- BEINART, Haim:** "La Formación del Mundo Sefardi", Instituto "Arias Montano", Madrid, 1970.
- BEININ, Joel:** "Class Conflict and National Struggle: Labor and Politics in Egypt, 1936-1954", Ph.D., Dissertation, University of Michigan, 1982.
- BELLO, José Maria:** "História da República 1889-1954", Comp. Edit. Nacional, 6ª edição, São Paulo, 1969.
- BEN-AMI, Issachar (Ed.):** "The Sepharadi and Oriental Jewish Heritage" (Studies); The Magnes Press, The Hebrew University, Jerusalem, 1982.
- BERGER, Monroe:** "The Arab World Today", Doubleday & Co., Garden City, N.Y., 1962.
- BERNADETE, Mair José:** Hispanic Culture and Character of Sephardic Jews; Hispanic Institute in the United States, New York, 1953.

- BERQUE, Jacques:** "L'Égypte, Imperialisme et Révolution", Gallimard, Paris, 1967.
- BERQUE, Jacques:** "Les Arabes"(Ed. Refondue et Augmen), Sindbad, Paris, 1973.
- BIGART, Jacques:** "The Alliance Israélite Universelle", in: American Jewish Year Book, 1900-1901 (Edited by Cyrus Adler), The Jewish Publication Society of America, Philadelphia, pags. 45-65.
- BIRMINGHAM, Stephen:** "The Grandees: America's Sephardic Elite", Harper & Row, New York, 1971.
- BOSI, Ecléa:** "Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos", T.A. de Queiroz, São Paulo, 1979.
- BRANN, Ross:** "The Experience of Judaism under the Orbit of Medieval Islam - Occasional Papers of the Near East", number three, copyright The Hagop Kvorkian Center for Near Eastern Studies, New York University, New York, 1985
- BRAUDE, Benjamin e LEWIS, Bernard eds.:** "Christians and Jews in the Ottoman Empire. The Functioning of a Plural Society", 2 vols., Holmes and Meier Publishers, New York and London, 1982.
- BRETH, F.W.:** "Diary, Alexandria, Egypt, my. 17, 1919-yl. 23, 1919", Small Collections (manuscrito).
- BRITON, Jasper Yeates:** "The Mixed Courts of Egypt" (ver. Ed.), Yale University Press, New Haven, 1968.

- BROWN, Lawrence:** "Immigration - Cultural Conflicts and the Social Adjustment", Longmans, New York, 1933.
- CARUSO, Naomi; CUKIER, Golda e FINEGOLD, Ronald:** "Sephardic Jews in Canada" in A Preliminary Guide to the Jewish Canadian Collection, Jewish Public Library, Montreal, 1981.
- CASEY, Edward S.:** "Remembering", Indiana University Press, Bloomington, 1987.
- CHOURAQUI, André, N.:** "Between East and West - A History of the Jews of North Africa", Ed. Atheneum, New York, 1973.
- COHEN, Aharon:** "Israel and the Arab World", Funk & Wagnalls, New York, 1970.
- COHEN, Hayim:** "The Jews of the Middle East 1860-1972", The Hebrew University of Jerusalem, A. Halsted Press Book, John Wiley & Sons, New York, Toronto, Israel Universities Press, Jerusalem, 1973.
- COHEN, Mark R. e UDOVITCH, Abraham L. editores:** "Jews among Arabs - Contacts and Boundaries", The Darwin Press, Inc., Princeton, New Jersey, 1989.
- COMUNIDADES JUDIAS LATINO AMERICANAS.** Oficina Latino Americana del Comité Judio Americano, Instituto de Relaciones Humanas, Buenos Aires, 1966, 1968, 1970, 3 volumes.
- CONNERTON, Paul:** "How Societies Remember", Cambridge University Press, Cambridge, 1989.

- COTIC, Meir:** *Mišpat, Alilá Paraša: ha-Yehudi Zis, Alilat Damesek. Parašat Leo Frank (O Judeu Suess, O Libelo de Sangue de Damasco. O Caso Leo Frank)*; Milo, Tel-Aviv, 1990.
- COULAND, Jacques:** *"El Despertar del Mundo Arabe"*, Arandú, Buenos Aires, 1965.
- DAVID, Suzi:** *"ha-Mitbah ha-Sfaradi" (Khaser) (A Cozinha Sefaradita (alimentos puros))*, Edit. Keter, Jerusalém, 1980.
- DAZIS, Kingsley:** *"Populaciones en Movimiento"*, Ed. Sudamericana, Buenos Aires, 1951.
- DE SOLA POOL, D^{ra}:** *"An Old Faith in a New World: Portrait of Shearith Israel"*, Columbia University Press, New York, 1954.
- DEXTER, Lewis Anthony, ed.:** *"Elite and Specialized Interviewing"*. Evanston: Northwestern University Press, New Chicago, Illinois, 1970.
- DUBNOV, Semen Markovich:** *"Nationalism and History: Essays on old and new judaism"*, (Ed. with an introductory essay by Koppel S. Pinson), Jewish Publication Society of America, Philadelphia, 1958.
- DUNCAN, Hannibal:** *"Imigration and Assimilation"*, Ed. D.C. Heath, New York, 1933.
- ELAZAR, Daniel Judah:** *"Sephardic Jewry in a New world role"*, Council of Jewish Federations, New York, N.Y., 1982.
- ELAZAR, Daniel Judah.** *"The other Jews: The Sephardim Today"*, Basic Books, Inc., Publishers; New York, N.Y., 1989.

ELBAZ, André: "Folktales of the Canadian Sepharadim", Fitzhenry and Whiteside, Toronto, 1982.

ELKIN, Judith Laikin e Gilbert W. Merks (edit): "The Jewish Presence in Latin America", Allen and Union, Boston, 1987.

ELKIN, Laikin Judith: "A Demographic Profile of Latin American Jewry", in: American Jewish Archives, vol. XXXIV, november, 1982, nº 2, pags. 231-248.

ELKINS, Judith Laikin: "Jews of the Latin American Republics", University of North Carolina Press, Chapel Hill, 1980.

ELLIS, Harry B.: "Israel and the Middle East", Ronald Press, New York, 1957

ELNECAVE, Nissim: "Los Hijos de Ibero Franconia, Breviario del Mundo Sefaradi desde las Origenes Hasta Nuestros Dias", Ed. La Luz, Buenos Aires, 1981.

EMANUEL, Yitzhak Moshe: "há-Yahadut há-Sfaradit há-Olamit" (O Judaísmo Sefaradita Mundial), Editora Ami, Holon, Israel, 1971.

ENCYCLOPAEDIA JUDAICA: Copyright by Keter Publishing House Ltd., Jerusalem, 1972.

ENCYCLOPÉDIE DE L'ISLAM: Dictionnaire Geographique, Ethnographique et Biographique des Peuples Musulmans , publié avec les concours des principaux orientalistes, Leyde Librairie et Imprimerie, Alphonse Picard et files, Paris, 1913.

ETHNICITY, PLURALISM AND THE STATE IN THE MIDDLE EAST.

Editores: Milton J. Esman e Itamar Rabinovich; Ithaca, N.Y.; Cornell University Press, in Cooperation with the Dayan Center for Middle Eastern and African Studies at Tel Aviv University, 1988.

ETTINGER, Samuel, ed.: "Jewish Society through the Ages", (edited by H.H. Ben Sasson and S. Ettinger), Vallentine, Mitchel, London, 1971.

ETTINGER, Shmuel: "Toldot Am Israel ba-Et ha-Hadaša" (A história do Povo de Israel na Idade Moderna), Copyright by the Dvir Co. Ltd., Tel Aviv, 1969.

FALBEL, Nachman: "Estudos de História do Povo Judeu na Idade Média", Centro de Estudos Judaicos, São Paulo, 1980.

FALBEL, Nachman: "Estudos sobre a Comunidade Judaica no Brasil", Federação Israelita do Estado de São Paulo, São Paulo, 1984.

FAUR, José: "Reclaiming our Sephardic Heritage", Council of Jewish Federations, New York, N.Y., 1980.

FINKELSTEIN, Louis: "The Jews - their history, culture and religion", Harper & Brother Publishers, New York, 1974.

GHALI, Ibrahim Amin: "Le Monde Arabe et Les Juifs", Éditions Ayas, Paris, 1972.

GIBB, Hamilton, Alexander Rosskeen e HAROLD, Bowen: "Islamic Society and the West: A Study of the Impact of Western Civilization in the Near East", Oxford University Press, London, New York, 1950-57, 2 vols.

- GILBERT, Martin: "The Arab-Israeli Conflict: Its History in Maps", Weidenfeld & Nicolson, London, 1974.
- GILBERT, Martin: "The Jews of Arab Lands - Their History in maps", Merton College, Oxford, March 3, 1976.
- GINZBERG, Eli: "Notes for the Study of the Economic Life of the Jews in the Diaspora. Study Cicle on Diaspora Jewery", The Hebrew University, Jerusalem, 1972.
- GIORDANI, Mario Curtis: "História do Mundo Árabe Medieval", Ed. Vozes, Petrópolis, 1985.
- GITTLER, Joseph Bertram, ed.: "Understanding Minority Groups", John Wiley and Sons, New York, 1956.
- GOITEIN, Shlomo Dov: "A Mediterranean Society; The Jewish Communities of the Arab World as Portrayed in the Documents of the Cairo Geniza", University of California Press, Bekerley, 1967-1983, 4 vols.
- GOITEIN, Sholomo Dov: "Jews and Arabs: Their Contacts through the Ages", Schocken Books, New York, 3^d rev. ed., 1974.
- GORDON, Milton M.: "Assimilation in American Life: The Role of Race, Religion, and National Origins", Oxford University Press, New York, 1964.
- GRAETZ, Heinrich: "History of the Jews", The Jewish Publicarion Society of America, Philadelphia, 1956.

- GRAYZEL, Solomon: "A History of the Jews", Jewish Publication Society of America, Philadelphia, 1965.**
- GRUNWALD, Max: "Tales, songs and folkways of Sephardic Jews: Texts and Studies", edited by Dov Noy, Magness Press, the Hebrew University, Jerusalem, 1982.**
- GUDRUN, Krämer: "The Jews in Modern Egypt, 1914-1952", University of Washington Press, Seattle, U.S.A., 1989.**
- HACOHEN, Devora and Menahem: "One People: The Story of Eastern Jews", (traduzido para o inglês por Israel I. Taslitt) com introdução de Yigal Allon, Sabra Books, Funk and Wagnalls, American Israel Publishing Co. Ltd., New York, 1969.**
- HADDAD, Heskell M.: "Jews of Arab and Islamic Countries", Shen Gold Publishers, inc., New York, N.Y., 1984.**
- HALBWACHS, Maurice: "The Collective Memory" (Trans. F.J.Ditter and V.Y.Ditter), Harper and Row Co., New York, 1980.**
- HANDLIN, Oscar: "The Uprooted", (2d. ed.), Little Brown, Boston, 1973.**
- HARRIS, Murray: "Egypt under the Egyptians", Chapman and Hall, Id, London, 1925.**
- HASSOUN-NADA, Jacques: "Mosaïques Égyptiennes", in Combat pour la Diaspora - Juifs d'Orient et de Méditerranée, n° 3, 2° trimestre, Editons Syros, Paris, 1980, pags. 7-14**

- HENRIQUES, Robert David Quixano: "A Hundred Hours to Suez; an account of Israel's campaign in the Sinai Peninsula", Viking Press, New York, 1957.**
- HERSHLAG, Zvi Yehuda: "The Economic Structure of the Middle East", Brill, Leiden, 1975.**
- HIRSCHBERG H.Z. e BASHAN, A. Edits: "mi-Mizrah umi-Maarav" (Do Oriente e do Ocidente), Kovetz Mehqarim be-Toidot ha-Yehudim ba-Mizrah uve-Magreb (Uma compilação de pesquisa da História dos Judeus do Oriente e do Magreb), Universidade Bar-Ilan, Ramat-Gan, Israel, 1986.**
- HITTI, Philip K.: "History of the Arabs", Sixth Edition, Macrullan and Co. Ltd., Martins Press, New York-London, 1956.**
- HOLT, P.M., ANN, K.S. Lambton e LEWIS, Bernard (editores): "The Cambridge History of Islam", Cambridge University Press, Cambridge, 1970.**
- HOURANI, Albert Habib: "Minorities in the Arab World", Issue under the auspices of the Royal Institute of International Affairs, Oxford University Press, London'New York, 1947.**
- INSTITUTE OF JEWISH AFFAIRS – The Jewish Communities of the world; demography, political and organizational status, religious institutions, education, press; (3^d ver. Ed.) published for the Institute of Jewish Affairs in Association with the Worlds Jewish Congress, Crown Publishers, New York, 1972.**

- ISRAEL, GOVERNMENT OF: "Jews in Arab Lands", Ministry of Foreign Affairs, Information Briefing, Jerusalem, 1973.
- JANKOWSKI, James P.: "Egypt's Young Rebels: Young Egypt, 1933-1952", Hoover Institution Press, Calif., Stanford, 1975.
- JERUSALMI, Isaac: "Sephardic life in Cincinnati, 1906-1976: a synopsis", Sephardic Beth Shalom Congregation, Cincinnati, Ohio, 1976.
- JUDAICA LATINO AMERICANA - "Estudios Histórico-Sociales", editado por Amilat - Editorial Universitaria Magnes, Universidad Hebrea, Jerusalem, 1988.
- JUHASZ, Esther (editora): "Sephardi Jews in the Ottoman Empire: aspects of material culture", The Jerusalem Publishing House, Israel Museum, 1990.
- KAWAI, Takeo: "Italianos e Sírio-Libaneses: uma visão comparativa com os japoneses", in *Presença Japonesa no Brasil*, organizado por Hiroshi Saito, Queiroz e EDUSP, São Paulo, 1980.
- KHADDURI, Majid: "Political Trends in the Arab World. The Role of Ideas and Ideals in Politics", The Johns Hopkins Press, Baltimore, 1970.
- KHALIL, Muhammad: "The Arab States and the Arab League: A Documentary Record", (2 vol.), Khayats, Beirut, 1962.
- KIRK, George: *The Middle East in the War (Survey of International Affairs 1939-1946)* Sec. Ver. Ed., Oxford Univ. Press, 1953.
- KNOWLTON, Clark S.: "Sírios e Libaneses - Mobilidade Social e Espacial", Ed. Anhembi, São Paulo, 1955.

- KRAEMER, Joel C. : "Historic Confrontations between Jew and Arab",
Copyright by Hadassah, The Women's Zionist Organization of
America, Inc. U.S.A., '967.**
- LACOUTURE, Jean and Simonne: "Egypt in Transition", (translated by
Francis Scarfe), Methuen, London, 1958.**
- LANDAU, Jacob M.: "Jews in Nineteenth-Century Egypt", New York
University Press, New York, 1969.**
- LANDAU, Julian J.: "Israel and the Arabs. A Handbook of Basic
Information", Israel Communications, Jerusalem, 1971.**
- LANDAU, Yaakov M. : "Meqrot al ha-Hayim ha-Khalkhaliyim sel yehudei
Misrayim"(Fontes sobre a vida econômica dos Judeus do Egito), in :
Praqim be-Toldot Yehudei ha-Mizrah (Capítulos sobre a História dos
Judeus do Oriente), vol. 2, pag. 93-98, Edit. Marco Cohen, Misrad ha-
Hinukh veHa-Tarbut (Ministério da Educação e Cultura), Jerusalém,
1979.**
- LANDSHUT, Siegfried: "Jewish Communities in the Muslim Countries of the
Middle East - A Survey", The Jewish Chronicle, London, 1950.**
- LANE-POOLE, Stanley: "A History of Egypt in the Middle Ages", Methuen,
London, 1936.**
- LEKHA DODI: SHABBAT STORIES AND SONGS OF THE SEPHARDIM;
produced by the Sephardic House at Shearith Israel; under the
direction of Marc D. Angel, Sephardic House, New York, N.Y., 1984.**

- LESKER, Michael: "há-Yehudim be-Misrayim bi-Šnot há-Šlošim ve-há-Arbaim"(Os Judeus no Egito nas Décadas de Trinta e Quarenta), Moreshet, Biblioteca dos Operários, Tel Aviv, 1987.
- LEWIS, Bernard (editor): "The World of Islam: Faith, People, Culture", Thames and Hudson, London, 1976.
- LEWIS, Bernard: "Islam and History", Library Press, New York, 1973.
- LEWIS, Bernard: "The Arabs in History", Harper & Row, New York, 1967.
- LEWIS, Bernard: "The Jews of Islam", (London: Routledge and Kegan Paul), Princenton University Press, U.S.A., 1984.
- LEWIS, Bernard: "The Middle East and the West", Harper & Row, New York, 1966.
- LILIENTHAL, Alfred M.: "There goes the Middle East", Davin-Adair, New York, 1957.
- LITTMAN, David and BAT YEOR,: "Protected People under Islam", Centre d'Information et de Documentation sur le Moyen-Orient, Suisse, 1976.
- LONGRIGG, Stephen Hemsley: "The Middle East: A Social Geography", (2^d. ed., with revision and incorporating new material by James Jankowski), Aldine Pub. Co., Chicago, 1970.
- MA'OZ, Moshe (ed.): "Eidot U'miutim ba-Mizrah há-Tikhon he-Hadiš" (Grupos Étnicos e Minorias no Oriente Médio Moderno), Hebrew University, Jerusalem, 1972.
- MALAMAT, A.; TADMOR, H.; STERN, M.; SAFRAI, S.; BEN SASSON, H.H.; ETTINGER, S.: "Toldot Am Israel bi-Yemei Kedem"(A História

do Povo de Israel na Antiguidade), Copyright by the Dvir Co.Ltd., Tel Aviv, 1969.

MALAMAT, A.; TADMOR, H.; STERN, M.; SAFRAI, S.; BEN SASSON, H.H.; ETTINGER, S.: "Toldot Am Israel bi-Yemei ha-Beinaym"(A História do Povo de Israel na Idade Média), Copyright by the Dvir Co.Ltd., Tel Aviv, 1969.

MALAMAT, A.; TADMOR, H.; STERN, M.; SAFRAI, S.; BEN SASSON, H.H.; ETTINGER, S.: "Toldot Am Israel ba-Et ha-Hadaša"(A História do Povo Judeu no Período Moderno), Copyright by the Dvir Co.Ltd., Tel Aviv, 1969.

MALKA, Victor: "Les Juifs Sepharades", Presses Universitaires de France, Paris, 1986.

MANN, Arthur: "Attitudes and Policies on Immigration: an opportunity for revision", in Publications of the American Jewish Historical Society, vol. 46 (1956-1957), nº 3, (edit. Moshe Davis and Isidore S. Meyer), by the American Jewish Historical Society, New York, pags. 289-305.

MANN, Jacob: "Jews in Egypt and Palestine under the Fatimid Caliphs", 2 vols. (rev. Ed.), Ktav Pub. House, New York, 1970.

MASRIYA, Yahudia (pseud.): "Les Juifs en Egypte: Aperçu sur 3.000 ans d'Histoire", Ed. L'Avenir, Paris, 1977.

MAZUR, Allan: "The Accuracy of Classic Types of Ethnic Personalities", in: Jewish Social Studies (a quarterly Journal devoted to Contemporary and Historical aspects of Jewish Life), vol. 33, nº 2-3, April-July 1971,

(editor Salo W. Baron), published by the Conference on Jewish Social Studies, New York, N.Y., pags. 187-211.

MC LAURIN, R.D. (editor): "The Political Role of Minority Groups in the Middle East", Praeger Publishers (Praeger Special Studies, Praeger Scientific), New York, N.Y., 1979.

MEMMI, Albert: "Juifs et Arabes", Gallimard, Paris, 1974.

MEMMI, Albert: "Who is an Arab Jew?", Israel Academic Committee on the Middle East, Alpha Press, Jerusalem, February, 1975.

MENDES, Flohr, Paul R., and Reinharz, Jehuda: "The Jew in the Modern World, a Documentary History", Oxford University Press, New York, 1980.

MIHANOVICH, Clement S.: "The American Immigration Policy: A Historical and Critical Evaluations", in Publications of the American Jewish Historical Society, vol. 46 (1956-1957), n° 3, (edit. Moshe Davis and Isidore S. Meyer), by the American Jewish Historical Society, New York, pags. 306-336.

MINISTRY OF INFORMATION (Information Briefing) Israel Information Centre - Jews in Arab Lands, produced by Isratypest, Jerusalem, February 1975.

MIZRAHI, Maurice: "L'Égypte et ses Juifs: Le Temps Revolu (XIX è et XXè siècle)", Avenir S.A., Genebra, 1977.

MOREH, Shmuel: "Bibliography of Arabic Books and Periodicals Published in Israel 1948-1972", Mount Scopus Center, Jerusalem, 1974.

- MORSE, Richard:** "Formação Histórica de São Paulo", Difel, São Paulo, 1970.
- MULTER, Hon. Abraham J.:** "Minorities in the Arab World", Congressional Record - proceedings and Debates of the 83rd Congress, First Session, U.S. Government Printing Office, New York, July, 9, 1953.
- NACHMIAS, Victor:** "El Shams - Iton Ivri be Misraim 1934-1948" (O Sol (árabe) Um jornal judaico no Egito) in: Pe'amim (Estudos na Herança Cultural do Judaísmo Oriental) nº 16, pg. 129-141, publicado pelo Instituto Ben Zvi para a pesquisa das comunidades judaicas no Oriente, publicação trimestral, Jerusalém, 1983.
- NATIONALISM IN THE MIDDLE EAST - The Sixth Annual Conference on Middle East Affairs; (sponsored by the Middle East Institute); published by the Middle East Institute, Washington, D.C., March 21-22, 1952.**
- NECAVE, Nissim El:** "Los Hijos de Ibero Franconia"(Breviário del Mundo Sefardi desde las origenes hasta nuestros dias), Editorial da Luz, Buenos Aires, 1982.
- NEIVA, Arthur Hehl:** "Estudos sobre a Imigração Semita no Brasil", Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945.
- NEMOY, Leon:** "Murad Farag and his Book, the karaites and the rabbanites", in: Revue des Etudes Juives (REJ) nº 135, 1-3, pags. 87-112, Publication Subvencionnée par le Centre National de la Recherche Scientifique e le Fonds Social Juif Unifié, Edicions

- Peeters, Editor N. Gérard Nahon e M. Charles Tonati, Louvain, Belgique, 1976.
- NES-EL, Moshe: "Historia de la Comunidad Israelita Sefaradi de Chile", Edit. Nascimento, Santiago, 1984.
- NINI, Yehuda: "Mi-Mizrah u-mi-Yam – Yehudei Mitsrayim: Hayei Yom Yom ve-Hishtakfutam be-Sifrut há-Sheélot u-Teshuvot" (Do Oriente e do Ocidente – Os Judeus do Egito: a vida quotidiana e seu reflexo na Literatura de Resposta), Universitat Tel Aviv, Tel Aviv, 1979.
- NINI, Yehuda: "Yehudei Agan ha-yam ha-Tikhon Nokhah Hitbolelut ve-Imut im Tarbut ha-Maarav" (Os Judeus da Bacia Mediterrânea frente à assimilação e à confrontação com a Cultura Ocidental), publicação do ha-Hug li-Yediot Am Israel ba-Tfutzot be-Veit Nesi ha-Medina (O Centro de Estudos da Diáspora Judaica na Casa do Presidente de Israel), Livraria Shazar, O Instituto de Judaísmo Contemporâneo, Universidade Hebraica de Jerusalem, 1979.
- O'BALLANCE, Edgar: "The Arab-Israeli War, 1948", Praeger, New York, 1957.
- OWEN, Edward Roger John: "Cotton and the Egyptian Economy - 1820-1914: A Study in Trade and Development", Clarendon P., Oxford, 1969.
- OWEN, Edward Roger John: "The Middle East in the World Economy – 1800-1914", Methuen, New York, 1981.

- PAPO, Joseph M.: "Sephardim in Twentieth Century America: In search of Unity", Pele Yoetz Books, (Judah L. Magnes Museum), Berkeley, Calif., 1987.
- PASTERNAK, Velvel (edited and arranged): "The Sephardic - Oriental Song Book", Cedarhurst, Tara Publications, New York, 1983.
- PATAI, Raphael, ed.: "Encyclopaedia of Zionism and Israel", (2 vols.), Hertz Press, 1971.
- PATAI, Raphael: "On Jewish Folklore", Wayne State University Press, Detroit, 1983.
- PATAI, Raphael: "The seed of Abraham: Jews and Arabs in contact and conflict", University of Utah Press, Salt Lake City, 1986.
- PEOPLE, POWER AND POLITICAL SYSTEMS: PROSPECTS IN THE MIDDLE EAST - The 25th Anniversary Conference of The Middle East Institute, Washington, D.C., October 1-2, 1971.
- PEREZ, Don: "The Middle East Today", (4th ed.) Praeger Publishers, New York, N.Y., 1988.
- "PERSECUTION OF JEWS IN ARAB LANDS", Ministry for Foreign Affairs, Information Division, Jerusalem, 1969.
- PETERS, Joan: From Time Immemorial; The Origins of the Arab-Jewish Conflict over Palestine (trad. Para Hebraico: Aharon, Amir) há-Kibutz há-Meuhad, Ramat Gan, Israel, 1988.
- POOL, David and POOL, Tamar de Sola: "An Old Faith in the New World", in Publications of the American Jewish Historical Society, vol. 46

- (1956-1957), n° 2, (edit. Moshe Davis and Isidore S. Meyer), by the American Jewish Historical Society, New York, pags. 125-131.
- POOL, David de Sola and POOL, Tamar (Hirschensohn), de Sola: "An Old Faith in the New World: Portrait of Shearith Israel, 1654 - 1954", Columbia University Press, New York, 1955.
- PRINZ, Joachim: "The Dilemma of the Modern Jew", Little Brown and Co., Boston, 1962.
- RAPHAEL, Chaim: "The Road from Babylon: the Story of Sephardi and Oriental Jews", 1st^{ed}, Harper and Row, New York, N.Y., 1985.
- RENAN, Ernest: "Histoire du Peuple D'Israel", Calmann Levy, Paris, 1926.
- RIVKIN, Ellis: "The Shaping of Jewish History", Scribner, New York, 1971.
- ROBINSON, Nehemiah: "The Arab Countries of the Near East and their Jewish Communities", Institute of Jewish Affairs, New York, 1951.
- RODRIGUE, Aron: "De l'instruction à l'émancipation (Les Enseignants de l'Alliance israélite universelle et les Juifs d'Orient 1860-1939)", Calmann-Lévy, Paris, 1989.
- ROMANELLI, Samuel Aaron: "Travel in na Arab Land", (translated from the Hebrew with na introduction and notes by Yedida K. Stillman and Norman ^a Stillman), University of Alabama Press, Tuscaloosa, 1989.
- ROSENTHALL, William A : "The Damascus Affair: its impact on the United States of America", Rabbinic Thesis, Hebrew Union College, Cincinnati, Ohio, 1956.

ROTTENBERG, Dan: "Finding Our Fathers", Random House, New York, 1977.

ROUMANI, Maurice M.: "The Case of the Jews from Arab Countries: A neglected issue", World Organization of the Jews from Arab Countries (WOJAC) third printing, produced by Isratypeset, Tel Aviv, 1978.

SACHAR, Abram Leon: "A History of the Jews" 5th ed., Alfred Knopf, New York, 1965.

SACHAR, Howard M.: "The Course of Modern Jewish History", The World Publishing Co., Cleveland and New York, 1958.

SCHATZ, Y. and BAIBER, Y. (eds.): "Metzuketam shel Hayehudim B'artzot Arav" (O Sofrimento dos Judeus nos Países Árabes), Ministry of Education and Culture, Jerusalem, 1971.

SCHECHTMAN, Joseph B.: "Like a tree which bears no fruit. A report on Oriental Jewry", United Palestine Appeal Publication, New York, N.Y., Jun 1951.

SCHECHTMAN, Joseph B.: "The Refugees in the World: Displacement and Integration", A.S. Barnes and Co., New York, 1963.

SCHWARZ W., Leo ed.: "Great Ages and Ideas of the Jewish People", Modern Library, New York, 1956.

SEBESTYEN, Giselle Hendel: "The Sephardic Home: Ethnic Homogeneity and Cultural Traditions in a total institution", Columbia University, Ph.D. New York, 1969.

- SELAVAN, Ida Cohen:** "An Annotated Bibliography of References used in: *By Myself I'm a Book: an oral History of Pittsburg, Jewish Immigrant Adjustment*", (compiled by Selavan), Small Collections – National Council of Jewish Women unpublished, Pittsburg, Pensilvânia, 1970.
- SHAMIR, Shimon, ed.:** "The Jews of Egypt: A Mediterranean Society in Modern Times", Westview Press, Boulder Colo. And London, 1987.
- SHIMONI, Yaakov e LEVIN, Eviatar:** "Lexicon Politi shel ha-Mizrah ha-Tikhon ba-Méa ha-Esrin" (Léxico Político do Oriente Médio no século XX), Edit. Beit ha-Hozáá ha-Jerushalmi Ltd., Jerusalem, 1971-74.
- SILBERMAN, Paul:** "An investigation into the Schools of the Alliance Israélite Universelle: 1862-1940", New York University, N.Y., 1973.
- SITTON, David:** "Hakehilot Hasfaradiot B'yameinu" (As Comunidades Sefaraditas atualmente), The Sephardi Council Press, Jerusalem, 1974.
- SMITH, Judith Ellen:** "Remarking their Lives: Italian and Jewish Immigrant Family, Work and Community in Providence, Rhode Island, 1900-1940", tese de doutorado submetido à Brown University, (catalogado na Biblioteca do Hebrew Union College), 1980.
- SOBEL, Louis H. :** "Jewish Community Life In Latin America", in the *American Jewish Year Book*, 1945-46, vol. 47, prepared by the American Jewish Committee (edit. Harry Schneiderman and Julius B. Maller), The Jewish Publication Society of America, Philadelphia, pag. 119-140.

- SODRÉ, Nelson Werneck:** "Formação Histórica do Brasil", Editora Brasiliense, São Paulo, 1963.
- STILLMAN, Norman A.:** "The Jews of Arab Lands in Modern Times", The Jewish Publication Society of America, Philadelphia, New York, 1991.
- STILLMAN, Norman A.:** "The Jews of Arab Lands", The Jewish Publication Society of America, Philadelphia, 1979.
- STILLMAN, Norman:** "Studies in Judaism and Islam", presented to Shelomo Dov Goitein on the occasion of his eightieth birthday by his students, colleagues, and friends, Edited by Shelomo Morag, Magnes Press, Hebrew University, Jerusalem, 1981.
- TAMMAN, Leon J.:** "Jews of Arab Lands - the Forgotten Refugees", World Organization of Jews from Arab Countries, Washington D.C., 1984.
- THOMPSON, Paul:** "The voice of the Past-Oral History", Oxford University Press, New York, 1978.
- TIGNOR, Robert L.:** "The Egyptian Revolution of 1919: New Directions in the Egyptian Economy", Middle Eastern Studies, vol. XII, nº 1, pags. 41-46 (Editor: Elie Kedourie), Frank Cass & Co. Ltd., London, out. 1976.
- TORROBA BERNARDO DE QUEIROZ, Felipe:** "História de los Sefarditas", Editorial Universitana de Buenos Aires, Buenos Aires, 1968.
- WASBURG, Gabriel R. e GAD, G. Gilbert (editores):** "Studies in the Islamic Society: Contributions in Memory of Gabriel Baer", Haifa University Press, Haifa, (Leiden, Distributed by E.J.Brill), 1984.

WEINRYB, Bernard D.: "Jewish Immigration and Accommodation to America: Research, Facts, Problems", in **Publications of the American Jewish Historical Society, vol. 46 (1956-1957), n° 3, (edit. Moshe Davis and Isidore S. Meyer), by the American Jewish Historical Society, New York, pags. 366-403.**

WOOLFSON, Marion: "Prophets in Babylon - Jews in the Arab World", First Published by **Faber and Faber Limited, London, 1980.**

WORLD JEWISH CONGRESS: "The Treatment of Jews in Egypt and Iraq", **World Jewish Congress, New York, 1948.**

YAHUDIYA, Masriya: "Les Juives en Egypte", **Editions l'Avenir, Geneva, 1971.**

YAHUDIYA, Masriya: "The Dhimmi: Jews and Christians under Islam", (Bat Yeor: with a preface by Jacques Ellul: translated from the French by David Maisel), **Paul Fenton (document section), Fairleigh Dickinson University Press, Associated University Presses, London, 1985.**

YERUSHALMI, Yosef Haim: "Zakhor, Jewish History and Jewish Memory", **Schocken, New York, 1982-1989.**

ZENNEY, Walter: "Jewish Societies in the Middle East: Community, Culture and Authority", (edited by Shlomo Deshen, **Walter P. Zenner**), **University Press of America, Washington, D.C., 1982.**